

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

RAFAEL ZILIO FERNANDES

**REGIONOFILIA LIBERTÁRIA:
DA IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL *GAUCHA* À DIMENSÃO
POLÍTICO-CULTURAL DO PRINCÍPIO FEDERATIVO**

RIO DE JANEIRO
2017

RAFAEL ZILIO FERNANDES

**REGIONOFILIA LIBERTÁRIA:
DA IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL *GAUCHA* À DIMENSÃO
POLÍTICO-CULTURAL DO PRINCÍPIO FEDERATIVO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lopes de Souza

RIO DE JANEIRO

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Z69r Zilio Fernandes, Rafael
 Regionofilia libertária: Da identidade sócio
 espacial gaucha à dimensão político-cultural do
 Princípio Federativo / Rafael Zilio Fernandes. --
 Rio de Janeiro, 2017.
 179 f.

 Orientador: Marcelo Lopes de Souza.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
 de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento
 de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia,
 2017.

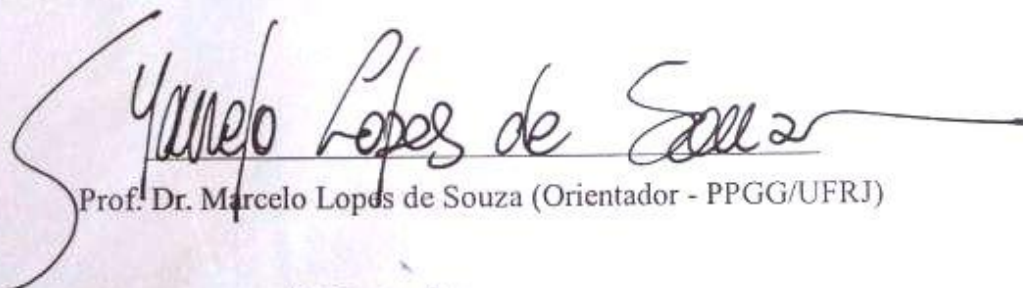
 1. Região. 2. Identidade. 3. Federalismo. 4.
 Anarquismo. 5. Gaucho. I. Lopes de Souza, Marcelo,
 orient. II. Título.

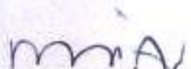
RAFAEL ZILIO FERNANDES


**REGIONOFILIA LIBERTÁRIA:
DA IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL GAUCHA À DIMENSÃO
POLÍTICO-CULTURAL DO PRINCÍPIO FEDERATIVO**

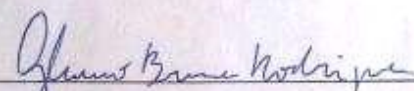
Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia

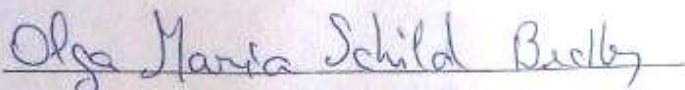
APROVADA EM: 18/12/2017


Prof. Dr. Marcelo Lopes de Souza (Orientador - PPGG/UFRJ)


Prof.ª Dr.ª Adriana Dorfman (POSGEA/UFRGS)


Prof. Dr. Alexandre Samis (História / Colégio Pedro II)


Prof. Dr. Glauco Bruce Rodrigues (PPG/UFF - Campos dos Goytacazes)


Prof.ª Dr.ª Olga Maria Schild Becker (PPGG/UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Uma investigação na grande área das ciências da sociedade nunca é uma tarefa solitária, por isso este trabalho foi realizado com a ajuda de muitas mentes e mãos. Dificilmente poderei agradecer como merecem a todas e todos que contribuíram de alguma maneira para a concretização deste que é mais do que um requisito para se obter uma titulação, é a expressão de diversos anseios pessoais e existenciais combinados na forma de palavras e papel.

Agradeço à minha mãe, ao meu pai (*in memoriam*) e ao Pedro pela parceria e pelo apoio familiar que sempre deram em toda a minha caminhada.

Agradeço os amigos e amigas que fiz no Núcleo de Pesquisas sobre Desenvolvimento Sócio-Espacial e na Rede Reclus-Kropotkin de Estudos Libertários, e que acompanharam mais ou menos perto os percalços dessa caminhada, compartilhando impressões, ideias e afetos. Meu muito obrigado a Amanda, Amir, Anna, Eduardo Knopman, Eduardo Rodrigues, Eduardo Tomazine, Glauco, Marcelo Camara, Marianna, Matheus Barroso, Matheus Grandi, Matheus Pimenta, Rafael Almeida, Rafael Chaves, Renata, Rodolpho, Saullo, Tati, Tiago Boruchovitch, Thiago Roniere e Timo.

Uma menção especial devo fazer ao meu amigo Marcelo, que esteve meu orientador de mestrado e também de doutorado. Quando cheguei no Rio de Janeiro foi o Marcelo quem me acolheu e me mostrou diversos pontos interessantes da cidade. Sempre interessado em saber se eu estava bem ou se tudo estava ok com a minha família, me convidava para almoçar e dividir um cafezinho, me ligava para contar as novidades ou mesmo uma ideia que acabava de ter. Além disso me deu todo o suporte acadêmico para realizar as pesquisas e me estimulou a buscar um nível sempre mais qualificado ao ler corriqueiramente em outras línguas e acompanhar a produção intelectual e as discussões da Geografia mundial nos principais periódicos em inglês. Apesar de muito ocupado, jamais deixou de exercer o papel de orientador - não raras as vezes colocou de lado outras tarefas para me orientar, para ler algo que eu havia produzido ou para conversar comigo. Por isso muitos dos méritos que porventura esta tese tenha se devem à orientação e parceria do Marcelo: para ti um quebra-castela chinchado! Eventuais lapsos e inconsistências são, é claro, de minha responsabilidade.

Os amigos de fora da UFRJ mas de dentro do coração também foram importantes nessa caminhada pelas trocas, discussões, reclamações, críticas, apoios e preocupações. Da

linha fria no horizonte, *gracias* a Chaves, Daniel, Fernandinho, Lucas e Fernanda. Ao norte do trópico de Capricórnio, muito obrigado a Christian, Fernando, Gabriel, Pedro e Thiago.

Aos companheiros e às companheiras das Federações Anarquistas Gaúcha, *Uruguay* e *de Rosario* devo muito por este trabalho e seu caráter acadêmico-político. Os contatos e as *charlas* foram engrandecedores. Às trabalhadoras e aos trabalhadores que não se cansam de *pelear* não só agradeço como me solidarizo frente à perseguição e à criminalização do anarquismo deflagrado pela polícia do estado do Rio Grande do Sul em conluio com grandes corporações de mídia em outubro de 2017. Em especial o meu agradecimento à Federação Anarquista Gaúcha pelo suporte mais próximo. O estudo, a organização e o refinamento político e intelectual dessa gente que vem de baixo são inspiradores. *¡Gracias por todo!*

Os anos de estudo e convívio na Geografia da UFRJ me proporcionaram o contato com professores e professoras que legaram ensinamentos para a carreira e para a vida. Sou grato em especial ao professor Roberto Lobato Corrêa pelas suas excelentes aulas, sua vitalidade e sua dedicação. Agradeço também aos meus alunos da graduação quando tive a oportunidade de estar professor substituto, principalmente aqueles que me acompanharam nas cadeiras de Geografia Regional do Brasil e no Trabalho de Campo em Geografia Regional para o Rio Grande do Sul. Algumas reflexões importantes desta tese são fruto também desse convívio de campo.

Obrigado ao CNPq pelo suporte financeiro e aos funcionários e funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ que possibilitaram a realização das pesquisas de mestrado e doutorado mesmo em condições por vezes adversas.

Por fim, um profundo e enternecido agradecimento à Isis, companheira, amiga, grande geógrafa, baita mulher e revisora desta tese, com quem compartilho os desafios dessa vida tão cigana.

RESUMO

ZILIO, Rafael. *Regionofilia libertária: Da identidade sócio-espacial gaucha à dimensão político-cultural do Princípio Federativo*. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia / UFRJ. Rio de Janeiro, 2017.

A tese versa a respeito das relações entre região, identidade e política, em um plano mais geral, e sobre a relação entre a identidade sócio-espacial *gaucha* e o pensamento libertário, em um plano mais específico. O objetivo foi buscar uma *regionofilia libertária* no que denomino região transnacional *gaucha* - grosso modo, Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul - para servir de ponto de apoio a uma reflexão sobre a dimensão político-cultural do Princípio Federativo na tradição do pensamento e da práxis libertários. Para tanto, recorreu-se aos recursos metodológicos da pesquisa bibliográfica e documental, da história oral e da análise de discurso, com dois trabalhos de campo: um em Porto Alegre, e outro percorrendo Montevideu (Uruguai), Buenos Aires e Rosário (Argentina). No primeiro capítulo, com o intuito de examinar a complexidade da identidade sócio-espacial *gaucha*, apresento uma discussão sobre o conceito de região (e de regionofilia), construo a ferramenta analítica região transnacional *gaucha*, defino um núcleo originário e distingo duas vertentes para a leitura da referida identidade. No segundo capítulo analiso o pensamento e a práxis libertários na região transnacional *gaucha*. Partindo-se do final do século XIX, com a chegada de anarquistas espanhóis e italianos em Buenos Aires e seu encontro com os recém *desplazados* trabalhadores oriundos do campo, destaco apropriações de elementos do universo valorativo *gaucho* por anarquistas em canções, manifestos e periódicos que circularam até a primeira metade do século XX. Para os dias atuais me detive na análise das relações entre as organizações Federação Anarquista Gaúcha (FAG), *Federación Anarquista Uruguaya* (FAU) e *Federación Anarquista de Rosario* (FAR), que constituem um exemplo de ativismo transnacional libertário na região, atentando para os elementos simbólico-culturais que auxiliam e mesmo catalisam tais relações. No terceiro capítulo resgatei a tradição do Federalismo entendendo-o como a projeção espacial do pensamento libertário, uma organização do espaço alternativa à lógica estatal. Destaquei o que os principais autores sobre o assunto entenderam por Federalismo, nação, região e fronteira, ideias-chave para se pensar o Princípio Federativo em sua dimensão político-cultural, uma vez que, em geral, o Federalismo foi pensado em apenas duas frentes: desconcentração econômico-espacial e descentralização territorial; e apontei as noções de *região-lugar* e *fronteiras políticas não-estatais* para dialogar com a regionofilia libertária. Nas considerações finais sintetizo os principais elementos da pesquisa e finalizo com uma reflexão sobre alguns caminhos que a ideia de regionofilia oferece para pensar o papel das identidades sócio-espaciais no processo de livre federação de unidades territoriais sob o prisma da autonomia.

Palavras-chave: Região; Identidade; Federalismo; Anarquismo; *Gaucha*.

RESUMEN

ZILIO, Rafael. *Regionofilia libertária: Da identidade sócio-espacial gaucha à dimensão político-cultural do Princípio Federativo*. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia / UFRJ. Rio de Janeiro, 2017.

La tesis versa a respecto de las relaciones entre región, identidad y política, en un plano más general, y acerca de la relación entre la identidad socio-espacial gaucha y el pensamiento libertario, en un plano más específico. El objetivo fue buscar una *regionofilia libertaria* en lo que llamo región transnacional gaucha - Argentina, Uruguay y Rio Grande do Sul - para servir de punto de apoyo a una reflexión acerca de la dimensión político-cultural del Principio Federativo en la tradición del pensamiento y de la praxis libertarios. Para eso se ha recurrido a los recursos metodológicos de la pesquisa bibliográfica y documental, de la historia oral y de la análisis del discurso, con dos incursiones a campo: una en Porto Alegre (Brasil) y otra recorriendo Montevideo (Uruguay), Buenos Aires y Rosario (Argentina). En el primero capítulo, con el fin de examinar la complejidad de la identidad socio-espacial gaucha, presento una discusión acerca del concepto de región (y de regionofilia), construyo la herramienta analítica región transnacional gaucha, defino el núcleo originario y distingo dos vertientes para la lectura de la referida identidad. En el segundo capítulo analizo el pensamiento y la praxis libertarios en la región transnacional gaucha. A partir del final del siglo XIX, con la llegada de anarquistas españoles e italianos a Buenos Aires y su encuentro con los recién desplazados trabajadores del campo, destaco apropiaciones de elementos del universo valorativo gaucha por anarquistas en canciones, manifiestos y periódicos que circularon hasta la primera mitad del siglo XX. Para los días de hoy me detengo en la análisis de las relaciones entre las organizaciones *Federação Anarquista Gaúcha* (FAG), Federación Anarquista Uruguay (FAU) y Federación Anarquista de Rosario (FAR), que constituyen un ejemplo de activismo transnacional libertario en la región gaucha, atentando para los elementos simbólico-culturales que ayudan y catalizan las relaciones. En el tercero capítulo yo rescaté la tradición del Federalismo entendiéndolo como la proyección espacial del pensamiento libertario, una organización del espacio alternativa à lógica estatal. Yo destaqué lo que los principales autores acerca del asunto entendieron por Federalismo, nación, región y frontera, ideas-clave para pensar el Principio Federativo en su dimensión político-cultural, pues en general el Federalismo fue pensado solamente en dos frentes: desconcentración económico-espacial y descentralización territorial; y apunté las nociones de región-lugar y fronteras políticas no-estatales para dialogar con la regionofilia libertaria. En las consideraciones finales sintetizo los principales elementos de la investigación y finalizo con una reflexión sobre algunos caminos que la idea de regionofilia ofrece para pensar el papel de las identidades socio-espaciales en el proceso de libre federación de unidades territoriales bajo el prisma de la autonomía.

Palabras-clave: Región; Identidad; Federalismo; Anarquismo; Gaucho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: <i>Gauchos</i> no interior do Rio Grande do Sul, 1890.....	6
FIGURA 2: Constelação geográfica de conceitos.....	11
FIGURA 3: Mapa da região transnacional <i>gaucha</i>	21
FIGURA 4: Esquema gráfico do núcleo originário da identidade sócio-espacial <i>gaucha</i>	26
FIGURA 5: Pirâmide social do período farroupilha (1835-1845).....	30
FIGURA 6: Esquema gráfico da vertente tradicionalista da identidade sócio-espacial <i>gaucha</i>	33
FIGURA 7: Esquema gráfico da vertente neogaucha da identidade sócio-espacial <i>gaucha</i>	37
FIGURA 8: Capa de <i>Hachando los Alambrados</i> (Martín Castro e Carlos Molina, 1959).....	48
FIGURA 9: Composição de páginas da Revista Martín Fierro.....	53
FIGURA 10: Esquema gráfico do encontro do anarquismo com a identidade sócio-espacial <i>gaucha</i> em fins do século XIX e início do século XX, simultaneamente à apropriação nacionalista da identidade.....	57
FIGURA 11: Comunicado de solidariedade da FAR com a FAG, outubro de 2017.....	80
FIGURA 12: Mapa do ativismo transnacional libertário na região transnacional <i>gaucha</i>	81
FIGURA 13: Modelo gráfico inspirado nas ideias de Kropotkin.....	100
FIGURA 14: Mapa da região rebelde zapatista.....	113
FIGURA 15: Região rebelde do Curdistão sírio.....	114

LISTA DE CAIXAS E QUADROS

Caixa 1: Fronteira segundo ativistas das Federações Anarquistas.....	67
Caixa 2: Universo valorativo <i>gaucho</i> segundo ativistas das Federações Anarquistas.....	69
Caixa 3: Relações entre a identidade sócio-espacial <i>gaucha</i> , o anarquismo e as lutas sociais segundo ativistas das Federações Anarquistas.....	71
Caixa 4: Ativismo transnacional FAG-FAU-FAR segundo ativistas das Federações Anarquistas.....	76
Quadro: Síntese de ideias selecionadas do anarquismo.....	109

LISTA DE SIGLAS

CAB: Coordenação Anarquista Brasileira
CEDINCI: <i>Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas</i> (Argentina)
CTG: Centro de Tradições Gaúchas
FAG: Federação Anarquista Gaúcha
FAR: <i>Federación Anarquista de Rosario</i>
FAU: <i>Federación Anarquista Uruguaya</i>
FORA: <i>Federación Obrera Regional Argentina</i>
FORU: <i>Federación Obrera Regional Uruguaya</i>
MTG: Movimento Tradicionalista Gaúcho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

EM BUSCA DE UMA REGIONOFILIA LIBERTÁRIA	3
--	----------

CAPÍTULO 1

CONSTRUINDO A REGIÃO TRANSNACIONAL GAUCHA ATRAVÉS DA IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL	10
---	-----------

1.1 Região e regionofilia: apontamentos a partir da "constelação geográfica de conceitos"	11
1.2 A região transnacional <i>gaucha</i> como categoria da prática e como categoria de análise.....	15
1.2.1 Regionofilia: o que eles/nós falam(os) sobre a região?.....	17
1.2.2 O instrumento analítico região transnacional <i>gaucha</i>	20
1.3 A identidade sócio-espacial <i>gaucha</i> em suas vertentes e espacialidades correspondentes	23
1.3.1 Núcleo originário - <i>gaucho</i> clássico.....	23
1.3.2 Vertente tradicionalista.....	27
1.3.3 Vertente <i>neogaucha</i>	33
1.4 Dimensão simbólico-cultural da luta política	38

CAPÍTULO 2

LIBERTÁRIAS E LIBERTÁRIOS NA REGIÃO TRANSNACIONAL GAUCHA.....	40
--	-----------

2.1 Canções e lutas <i>gaucho</i> -anarquistas: sementeiras libertárias na Pampa	42
2.2 Periódicos, manifestos e contos no movimento operário	51
2.3 Federações Anarquistas, ativismo transnacional e regionofilia antinacionalista.....	64

CAPÍTULO 3

REPENSANDO O PRINCÍPIO FEDERATIVO À LUZ DE REGIONOFILIAS E IDENTIDADES SÓCIO-ESPACIAIS	83
---	-----------

3.1 Federalismo, nações, regiões e fronteiras: o que os libertários dizem a respeito? ...	83
3.2 Região-lugar e fronteiras políticas não-estatais	111

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A REGIÃO COMO CONCEITO-CHAVE PARA PENSAR A DIMENSÃO POLÍTICO-CULTURAL DO PRINCÍPIO FEDERATIVO..... 120

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 126

ANEXO I

LOS ANARQUISTAS (1902-1936) - ÁLBUM-COMPILAÇÃO DE CANÇÕES ANARQUISTAS ARGENTINAS..... 134

ANEXO II

ENTREVISTAS EM HISTÓRIA ORAL 143

INTRODUÇÃO

EM BUSCA DE UMA REGIONOFILIA LIBERTÁRIA

Pode soar estranho ouvir ou ler alguém colocar em uma mesma frase os termos *gaucho* e anarquismo, e mais estranho ainda se deparar com uma expressão como "*gaucho-anarquista*". De fato em uma primeira aproximação e em diversas partes do Brasil é possível entender "gaúcho", em português, como um representante da classe patronal rural, como um colonizador ou simplesmente como o habitante do estado mais meridional do país¹. Contudo ao se deter mais longamente sobre os conteúdos históricos, geográficos e políticos que envolvem este agente social da pampa argentina, brasileira e uruguaia, vê-se que há uma complexidade que merece ser melhor explorada para fins muito diferentes destes, inclusive próximos (e mesmo intimamente relacionados) ao pensamento e à práxis libertários.

Este trabalho é uma mirada sobre as relações entre região, identidade e política, em um plano mais geral, e sobre a relação entre a identidade sócio-espacial *gaucha* e o pensamento libertário, em um plano mais específico, através de quatro olhares sucessivos sobre a realidade sócio-espacial: um olhar para a dimensão simbólico-cultural da sociedade como um campo em disputa; um olhar libertário sobre a identidade sócio-espacial *gaucha*; um olhar para as relações entre a identidade e o pensamento libertário; e por fim um olhar para a organização política do espaço alternativa às instituições heterônomas atuais, encarnadas em larga medida pelo Estado territorial e suas fronteiras.

O ponto de partida é uma leitura do universo valorativo *gaucho* que constitui uma identidade espacialmente referenciada transnacional, compartilhada historicamente por Argentina, Uruguai e o estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Tomando o *gaucho*, à luz dos dias atuais, não propriamente como um agente social mas sim como referencial simbólico, um olhar libertário leva a destacar e valorizar significações como insubmissão e não-aceitação da grande propriedade privada rural em forte aproximação com o mundo do trabalhador rural pobre.

¹ Utilizo o termo *gaucho*, em espanhol, para referenciar o agente social próprio da pampa argentina, uruguaia e brasileira, já que o termo "gaúcho", em português, designa atualmente o gentílico do estado do Rio Grande do Sul, estando estreitamente relacionado ao aparelho de Estado. Para além de uma mera tradução, aqui há dois fortes conteúdos políticos diferentes, como veremos ao longo do texto.

As ideias iniciais para a elaboração da pesquisa que resultou nesta tese de doutoramento não são recentes, acompanham minha trajetória como migrante onde três cidades são importantes nesse processo. Em Uruguaiana, meu local de origem na fronteira Brasil-Argentina, a imersão no universo *gaucho* era simples e completa. Apesar de sempre ter morado na cidade, percorri regularmente os campos, frequentei algumas festas campeiras e experimentei a condição fronteira como se fosse um dado natural, como se atravessar uma ponte de um país para outro fosse comum para qualquer pessoa.

Em Porto Alegre, no curso de graduação em Geografia, tive contato com leituras anarquistas e autonomistas em espaços onde percebi certa animosidade ou dificuldade em se tratar das coisas do universo campeiro pois, como veremos adiante, a metrópole sul-riograndense "recebeu" a alcunha de "gaúcha" há aproximadamente cinco décadas, e percebi que muitas pessoas nascidas e formadas na cidade grande identificadas com a esquerda do espectro político tinham sérias ressalvas a elementos simbólicos e culturais advindos do interior por pensarem ser intrinsecamente conservadores (como se o universo de valores campeiros se reduzisse às suas interpretações conservadoras).

No Rio de Janeiro ao longo do mestrado o tema das "cousas" do Rio Grande foram assunto frequente entre meu amigo Marcelo (que esteve meu orientador) e eu, apesar de não terem sido o mote do tema de minha dissertação, mas certamente eram parte do pano de fundo. Foi em uma conversa pós-almoço ao final do mestrado que ele me sugeriu reunir várias de minhas reflexões quase que diárias em uma possível tese de doutorado. Entre estes pensamentos estavam expandir minha visão sobre o "sul" e enxergar uma região transnacional que ia do Rio Grande do Sul, atravessava o Uruguai e chegava à Argentina; e as potencialidades que fenômenos transnacionais apresentam para uma perspectiva libertária de Geografia e de leitura da realidade.

O encontro entre a identidade sócio-espacial *gaucha* e o pensamento libertário, então, se deu em mim, e logo iniciei a busca nessa região transnacional do que foi a principal hipótese da tese: a existência de uma regionofilia libertária em um espaço regional transnacional que desde o século XIX abrigava manifestações e experiências de lutas sociais libertárias. Ao longo do trabalho veremos que essa hipótese foi confirmada, mas não da mesma maneira como foi pensada inicialmente.

Sempre me incomodou uma posição que reduz o *gaucho* a um indivíduo bairrista, orgulhoso de sua história (altamente mistificada), preconceituoso com relação ao diferente, não-misturado e passadista, meio que parado no tempo e seguidor de códigos de conduta extremamente rígidos. Se tomarmos como exemplo a influência "gaúcha" em boa parte do

Brasil na esteira da migração para o Centro-oeste, Norte e Nordeste², veremos que essa posição não é sem motivos pois, apesar de a maior parte dos migrantes "gaúchos" serem pobres, a minoria que migrou capitalizada levou na bagagem significações antagônicas àquelas que formaram o núcleo originário dos elementos da identidade *gaucha* em geral, mais relacionadas a um culto tradicionalista e dominador do território, subjugador de outras culturas e de suas expressões territoriais. O *gaucho* (assim em espanhol) insubordinado, crítico da grande propriedade rural e anti-colonialista foi apagado e substituído por um gaúcho (esse em português) arrogante, colonizador, de mentalidade pretensamente superior, com uma identidade essencialista e fantasiado com vestes que designam uma posição social de classe que os *gauchos* jamais tiveram e sequer almejavam. Isto é em grande medida resultado da associação entre entidades patronais rurais e urbanas, ideologia regionalista/nacionalista e veículos privados de comunicação de massas inicialmente forjada no Rio Grande do Sul.

Minha visão, que seguiu os movimentos por ora tortuosos desta pesquisa, vai de encontro às mais abjetas apropriações conservadoras e elitistas da cultura popular: o *gaucho* é um *peleador* insubmisso a qualquer patrão ou autoridade instituída, trabalhador sazonal, habilidoso no manejo, crítico da divisão da terra em propriedades privadas, como veremos neste trabalho. Mas este *gaucho* de que falo não é um ente místico de sabor metafísico que paira sobre nossas cabeças: foi no passado um agente fundamental para a compreensão da formação social e territorial de uma parte do continente americano e é hoje um referencial simbólico (e político) no amálgama das identidades híbridas. A Figura 1 é uma fotografia de 1890 que registra em grande medida esta imagem.

Nesse sentido esta pesquisa foi também um exercício de autoanálise, de reflexão enquanto sujeito no mundo que mobilizou minha identificação ao mesmo tempo com o universo *gaucho* (em um sentido amplo) e com o pensamento libertário no âmbito da mescla de múltiplas identidades que compõem os sujeitos contemporâneos³. O encontro entre a identidade sócio-espacial *gaucha* e o pensamento libertário se deu em mim também pelo fato de ser geógrafo e enxergar o espaço em tudo e a todo momento, e assim sempre me interessou e me inquietou a projeção espacial do pensamento libertário - o Federalismo -, ou seja, a organização do espaço sob o prisma de significações autonomistas e autogestionárias.

² Ainda que os denominados "gaúchos" sejam por vezes oriundos dos estados do Paraná e de Santa Catarina, e mesmo muitos dos sul-riograndenses migrantes não são necessariamente aqueles frutos da mestiçagem *gaucha* - porém, evidencia-se a importância simbólica do termo "gaúcho".

³ Os diferentes tempos verbais encontrados no texto são reflexo do movimento entre a autoanálise, a análise social e o convite à cumplicidade da/o leitora/o destas páginas.



**Figura 1: *Gauchos* no interior do Rio Grande do Sul, 1890. Autor desconhecido.
Fonte: Facebook (RS - Imagens Históricas).**

Me são muito caros os elementos que uma análise do encontro entre *gauchos* e libertários lega para pensarmos o Federalismo em sua dimensão político-cultural, o "lugar" dos sentimentos de pertencimento a um determinado espaço e o combate a paroquialismos, bairrismos e nacionalismos de todo tipo, pontos que convergem com as inquietações originais supracitadas. Assim, ao contrário do que posições conservadoras colocam, a cultura é dinâmica e pode ser subversiva, e tomando como ponto de apoio um fenômeno de escala regional transnacional, trabalho com o "conceito em construção" regionofilia - por ora basta entender a regionofilia como o sentimento de pertencimento a uma determinada região que pode dar suporte a um regionalismo ou a expressões regionofílicas não-territorialistas.

O que trago para o debate com esta tese é um exercício de imaginação geográfica à luz da história, não limitado pelas aparências do presente: ao sermos educados a aceitar o mapa do mundo recortado por Estados e suas fronteiras temos dificuldade em imaginar o espaço organizado de outra maneira e entender que esta é apenas uma organização política do espaço possível. É com a "fronteira" do pensamento geográfico-político estatista, centralista e heterônomo que este trabalho tensiona. Desse modo, objetivei analisar a regionofilia nessa

região transnacional *gaucha* sob uma perspectiva libertária, atentando para os usos políticos de significações da identidade sócio-espacial *gaucha* para propósitos emancipatórios; e tomei isto como ponto de apoio para contribuir com uma reflexão sobre as relações entre as identidades espacialmente referenciadas e o projeto espacial do Princípio Federativo na tradição do pensamento libertário, ou seja, uma contribuição para se pensar a dimensão político-cultural do Federalismo.

O campo libertário, pensamento e práxis aí colocados, se caracteriza por ser simultaneamente uma oposição ao modelo civilizatório capitalista, seu Estado e suas significações imaginárias sociais, e às alternativas de cunho marxista-leninista, onde se encontra a luta por uma sociedade basicamente não-heterônoma sob os auspícios de ideias como autonomia e autogestão⁴. Admite-se uma multiplicidade de correntes e perspectivas em seu âmago, desde o anarquismo clássico (onde Bakunin, Reclus, Kropotkin e Malatesta são exemplos), até expressões contemporâneas como o neoanarquismo e o autonomismo, do qual nomes como Murray Bookchin e Cornelius Castoriadis, respectivamente, são referências.

Metodologicamente o caminho que trilhei mesclou as técnicas de observação participante, pesquisa bibliográfica e documental, história oral e análise de discurso. O estudo possuiu um significativo caráter exploratório⁵ onde construí um instrumento analítico próprio (a região transnacional *gaucha*) e me utilizei de uma "amostragem" do tipo não-probabilística proposital (KIDDER, 1987, p. 88), também chamada de não-probabilística por conveniência (GIL, 2008, p. 94). Nessa "amostragem" o pesquisador seleciona os elementos por acessibilidade, admitindo que estes possam representar o universo, como é típico de estudos que se aproximam da natureza exploratória.

A observação participante, em linhas gerais, é um tipo de observação em que o pesquisador se insere ou já está inserido no universo a ser investigado⁶. Uma modalidade particular deste tipo é a observação participante natural, onde o pesquisador já é membro do universo pesquisado, como é o meu caso.

⁴ Para maiores detalhes ver Souza (2012a e 2017).

⁵ "As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativa de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas" (GIL, 2008, p. 27).

⁶ "A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo" (GIL, 2008, p. 103).

O recurso da pesquisa histórica documental foi utilizado em duas frentes. A pesquisa histórica bibliográfica foi uma análise de autores que abordaram momentos do passado relevantes para o entendimento da mobilização de elementos simbólicos do universo *gaucho* em determinados episódios. Alguns desses episódios foram o êxodo rural do final do século XIX na Argentina (o que levou a identidade sócio-espacial *gaucha* à cidade); a chegada de anarquistas na Argentina, com a movimentação do operariado em Buenos Aires; e as canções e *payadas* anarquistas no espaço rural latifundiário do interior do país - momentos de apropriação libertária da identidade sócio-espacial *gaucha*. Já a pesquisa histórica documental foi realizada com levantamentos de documentos de natureza variada, como cartas, manifestos e periódicos que circularam da metade do século XIX a meados do século XX e outros documentos relevantes em instituições do tipo arquivo com posterior aplicação da análise de discurso. Muitos dos elementos de maior interesse da tese foram encontrados em um suplemento do periódico *La Protesta Humana* (Buenos Aires) e em manifestos que circularam no interior da Argentina e do Uruguai.

Para a análise dos fenômenos contemporâneos parti das premissas do recurso metodológico da história oral com posterior análise de discurso⁷. Foram realizadas *charlas* (conversas) do tipo *história oral temática* com militantes de significativa expressão ligados às organizações Federação Anarquista Gaúcha (FAG, Porto Alegre), *Federación Anarquista Uruguayana* (FAU, Montevideú) e *Federación Anarquista de Rosario* (FAR). Inicialmente pensei em abordar as organizações na rede urbana Porto Alegre-Montevideú-Buenos Aires, contudo, conforme a pesquisa se desenrolou, notei que a capital portenha muito pouco contribui atualmente para as relações transnacionais entre organizações anarquistas, ao passo que a Federação de Rosario emergiu como o nó de rede argentino que faltava no referencial empírico.

Esta pesquisa contou com dois trabalhos de campo realizados no ano de 2017: um em Porto Alegre, e outro percorrendo Montevideú (Uruguai), Buenos Aires e Rosario (Argentina), ambos com levantamento bibliográfico e documental e entrevistas em história oral. Resultou daí a necessidade de dividir a redação final da tese em três capítulos que contassem a história dessa busca por uma regionofilia libertária, das apropriações libertárias da identidade sócio-espacial *gaucha*, da constituição de um ativismo transnacional libertário na região transnacional *gaucha* e do desenvolvimento das reflexões sobre o Princípio Federativo ao longo da história do pensamento libertário.

⁷ Com base nas propostas encontradas em Joutard (2000), Fiorin (2005), Meihy e Holanda (2007) e Brandão (2012).

O primeiro capítulo, "Construindo a região transnacional *gaucha* através da identidade sócio-espacial", coloca a região e a regionofilia no âmbito da "constelação geográfica de conceitos" e define o instrumento analítico região transnacional *gaucha* que, como veremos, não se resume a uma simples área de ocorrência de uma identidade, mas sim possui fortes conotações políticas. Para demonstrar a complexidade da identidade sócio-espacial *gaucha* e colocá-la no bojo de um campo em disputa, percorro a história desde o século XVIII até os dias atuais apresentando o núcleo originário das hibridações que resultaram no agente social *gaucho* e identifico duas vertentes que se apropriam de modo diferente dos elementos desse núcleo, bem como suas espacialidades: uma vertente tradicionalista e uma vertente *neogaucha*.

Os detalhes da busca por uma regionofilia libertária são contados no Capítulo 2, "Libertárias e libertários na região transnacional *gaucha*". Lá analiso canções, contos, manifestos e periódicos que demonstram apropriações libertárias de elementos do universo *gaucho*. Mostro também as repercussões do encontro da identidade sócio-espacial *gaucha* com o pensamento libertário através da chegada de dois grupos sociais nas periferias de Buenos Aires: os *desplazados* rurais da pampa, e os imigrantes anarquistas espanhóis e italianos. Por fim, a partir principalmente das *charlas* realizadas, examino o ativismo transnacional libertário contemporâneo que se configura com as relações entre as Federações Anarquistas Gaúcha, *Uruguay* e *de Rosario*, exemplo de uma regionofilia antinacionalista e libertária.

O Federalismo é aprofundado no terceiro capítulo intitulado "Repensando o Princípio Federativo à luz de regionofilias e identidades sócio-espaciais". Resgato diversos autores para demonstrar o desenvolvimento do projeto espacial libertário e colho as ideias de nação, região e fronteira desse debate para dialogar com a contribuição à dimensão político-cultural desse Princípio. Após, coloco para a discussão duas noções que podem auxiliar nesse intento: *região-lugar* e *fronteiras políticas não-estatais*.

Finalizando o texto, a Conclusão "A região como conceito-chave para pensar a dimensão político-cultural do Princípio Federativo" traz a região (e a regionofilia) para o centro dos debates sobre o Federalismo libertário resgatando os principais pontos da pesquisa e arrematando com uma proposta de leitura da dimensão político-cultural do Princípio Federativo desde a Geografia.

CAPÍTULO 1

CONSTRUINDO A REGIÃO TRANSNACIONAL GAUCHA ATRAVÉS DA IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL

Las décimas, la milonga, las canciones, las personas... cuanto más uno se acerca de ellas más compleja es su identidad, más llena de matices, de detalles. Entendí que la identidad es infinitamente densa como una serie infinita de números reales, que aunque se acerque mucho y la amplíe, no se acaba nunca (...) Las cosas sólo son puras si uno las mira desde lejos. Es muy importante conocer nuestras raíces, saber de dónde venimos, conocer nuestra historia, pero al mismo tiempo tan importante como saber de dónde somos es entender que todos en el fondo son de ningún lado de todo y de todos lados un poco.
(Jorge Drexler)

No intuito de estabelecer conexões entre a identidade sócio-espacial *gaucha* e o pensamento libertário com o auxílio da ideia de regionofilia, faz-se necessário uma análise mais acurada acerca da complexidade do universo valorativo *gaucho*. É de meu interesse problematizar a referida identidade em suas relações com a política e o espaço geográfico realizando um percurso histórico-espacial sobre o que estou chamando de região transnacional *gaucha* e pincelando alguns usos políticos tanto conservadores como progressistas, quiçá libertários. Nesse sentido, demonstrarei de que maneira as transformações espaciais repercutiram nas nuances da identidade sócio-espacial *gaucha*. Neste Capítulo 1 inicialmente discuto o conceito de região enquanto instrumento conceitual primordial da tese, e alguns desdobramentos como o regionalismo e a regionofilia. Posteriormente, os caminhos que levam à construção da região transnacional *gaucha* enquanto categoria de análise serão abordados sempre relacionados à perspectiva desta região enquanto categoria da prática. O estabelecimento do referencial empírico, então, fornece os alicerces necessários para a apresentação da proposta de leitura da identidade sócio-espacial *gaucha* através de suas vertentes e espacialidades correspondentes.

1.1 Região e regionofilia: apontamentos a partir da "constelação geográfica de conceitos"

Em Haesbaert (2014) encontra-se uma proposta para pensar e organizar os conceitos geográficos de maneira que eles possam dialogar constantemente auxiliando na compreensão da realidade sócio-espacial e apresentando fronteiras bastante fluidas, de modo a possibilitar a combinação de dois ou mais conceitos. Contudo, uma hierarquização entre determinados conceitos é necessária. Para isso, o referido autor propõe uma "constelação geográfica de conceitos" (Figura 2) a partir da ideia de constelação de conceitos em Deleuze e Guattari (1992).

O espaço, ou melhor, o espaço-tempo, é o conceito mais geral mediante o qual orbitam os outros conceitos. O espaço-tempo é a categoria mestre, e o espaço geográfico é a dimensão espacial da sociedade, indissociável de sua relação com a natureza. O espaço geográfico se des-articula conforme três lógicas: zona, rede e/ou aglomerado. Conforme o enfoque que se dá às distintas dimensões espaciais, as relações sociedade-natureza podem ser lidas através do conceito de *ambiente*; as relações de poder, com o *território*; as relações simbólico-culturais do espaço vivido, pelo *lugar*; e as relações simbólico-culturais do espaço enquanto representação, através da *paisagem*.

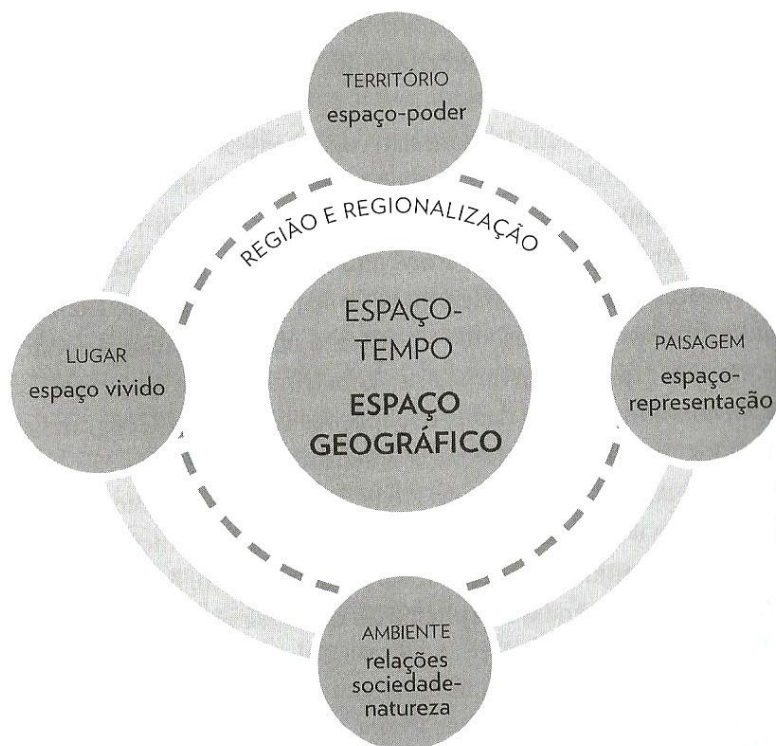


FIGURA 2: Constelação geográfica de conceitos.
Fonte: Haesbaert (2014, p. 34).

Porém, anterior a tais enfoques, há um primeiro "círculo de translação" que diz respeito à grande problemática da diferenciação do espaço: a região. Note-se, portanto, a região em um nível diferente dos conceitos de ambiente, território, lugar e paisagem. Nesse contexto a região "pode ser considerada um conceito envolvido com as distintas i-lógicas de construção do espaço geográfico, seja aquelas de caráter predominantemente zonal ou em área (...), seja as de caráter predominantemente reticular" (HAESBAERT, 2014, pp. 38-39). Região, pois, problematiza a diferenciação espacial de natureza (qualitativa) e grau (quantitativa), podendo seguir os princípios de relativa homogeneidade - com predomínio da lógica espacial zonal - e de coesão funcional e/ou simbólica - predomínio da lógica espacial reticular (*idem*, p. 40). A região (como outros conceitos geográficos) se dá como um ir e vir entre instrumento de análise e evidência empírica (categoria de análise e categoria da prática).

Ao analisar a Figura 2 é possível estabelecer algumas relações úteis para a compreensão da região transnacional *gaucha*. Se tal região define-se primordialmente pela ocorrência de uma identidade sócio-espacial (entendendo identidade no movimento, na transformação e na fluidez, e considerando a hibridização cultural comum na contemporaneidade, já mencionado na Introdução), trabalha-se com uma ideia de região enfocada a partir do espaço vivido (identidade regional - lugar) e dos regionalismos como movimentos políticos - território (*idem*, p. 39). Assim, no âmbito da "constelação geográfica de conceitos" é necessário recorrer à fluida fronteira conceitual região-território⁸-lugar, ou seja, a região transnacional *gaucha* podendo ser lida, ao mesmo tempo, nas perspectivas política e de espaço vivido, considerando a problemática da diferenciação do espaço.

O conceito geográfico que está no centro da problemática da tese é, portanto, o de *região*. Gomes (1995) e Souza (2013, p. 135 e segs.) apontam as principais vertentes que se debruçaram sobre o conceito. Haesbaert (2010) demonstra como diferentes visões de região foram deixadas de lado enquanto outras emergiam em determinados momentos históricos. Paasi (1996), por sua vez, diferencia três ideias de região utilizadas pelos geógrafos ao longo da história da disciplina: uma visão "pré-científica"⁹, uma visão centrada em classificações funcionais de elementos empíricos, e abordagens críticas mais recentes. Tais abordagens são oriundas da chamada "nova geografia regional" (*new regional geography*), incluindo

⁸ Vejo o território enquanto projeção espacial do poder baseando-me nas ideias de Souza (1995 e 2009).

⁹ O conteúdo da visão "pré-científica", segundo Paasi, se aproxima da região como categoria da prática de Haesbaert, a ser exposta mais adiante. Por hora, vejo como mais adequada a expressão de Haesbaert, uma vez que a denominação "pré-científica" suscitaria a ideia de necessidade de evolução em direção ao conhecimento científico (como se a ciência fosse o "saber último") e, também, poderia desqualificar a forma com que homens e mulheres constroem suas visões sobre as regiões.

perspectivas que abordam identidades (como em THRIFT, 1998) ou a região enquanto manifestação da acumulação de capital (a exemplo de MASSEY, 1978). A identidade regional é vista sempre em íntima relação com a política, como também se encontra em Paasi (2003).

Desde a década de 1970, a perspectiva humanista tem legado uma leitura da região como sendo um espaço vivido em que o pesquisador possui uma empatia com este espaço (FRÉMONT, 1980), indo além da ideia de espaço material, considerando valores psicológicos e o sentimento de pertencimento a uma determinada região. Nesse sentido, a região se aproxima do e se entrelaça com o *lugar*, um espaço dotado de significado e simbolismo, constituindo uma *topofilia* de determinado grupo social (TUAN 2012, 2013; RELPH, 1976). O espaço regional se torna, então, uma rede de lugares sem limites fixos, sendo que tal região não necessariamente corresponde a uma divisão feita pelo Estado. Autores que não se filiam à vertente humanista, mas que contribuíram de maneira relevante, como a abordagem marxista de Markusen (1981), atentaram para a intencionalidade dos discursos regionais, podendo estes servir para legitimar a estrutura de poder em uma determinada região, constituindo um *regionalismo*. Os discursos regionalistas, comumente (mas nem sempre) advindos das elites regionais, se utilizam, pois, dos sentimentos de identidade regional para a sua reprodução (LENCIONI, 1999, p. 194). Haesbaert (1988, p. 26) assim define o regionalismo à luz do caso do Rio Grande do Sul:

(...) um processo de criação e sustentação de determinados significados sociais, relacionados sempre a um dado território, através dos quais uma fração de classe, hegemônica ou portadora de alguma bandeira autonomista, procura fazer valer seus interesses - de natureza político-econômica e/ou de identidade cultural (que também não pode ser separada de uma fundamentação política) - frente aos interesses da classe dominante a nível de Estado-nação. São diferentes formas de resistência ou "arranjo" frente à dominação/homogeneização imposta por outros níveis sociais de organização político-territorial (nacional ou supranacional), sem as quais a região não existiria, já que sua delimitação geográfica é dada pela área que aglutina e consolida estes interesses.

Com esta definição considera-se que o regionalismo faz alusão em maior ou menor grau ao Estado, seja para uma classe dominante regional fazer valer seus interesses frente à centralização estatal, seja para transformar o regionalismo em um nacionalismo, implicando no objetivo de criar um novo aparelho de Estado. Então, a classe dominante regional se transmutaria em hegemônica a nível nacional e corroboraria com uma centralização, já que um dos princípios de constituição do Estado é o centralismo político-territorial.

A manipulação das identidades regionais não deve ser confundida com a identidade em si, uma vez que diferentes grupos sociais podem realizar leituras diversas sobre o sentimento de pertencimento à região, como é o caso do presente referencial empírico. Considerando que o processo de investir de significado o espaço acontece ao redor do globo em todas as escalas (CRESSWELL, 2004, p. 12), a região transnacional *gaucha*, apresentando uma topofilia regional, torna-se então uma *região-lugar*, um espaço vivido e experienciado por grupos sociais os mais diversos. Neste referencial, região e lugar combinam-se na experiência regional e na produção de estratégias políticas e espaciais. Em perspectiva semelhante, Paasi (2002) chega a colocar região e lugar tão próximos que não seria possível falar em região sem o lugar - algo potencialmente limitante. Em todo caso, considero que o lugar não corresponde à escala local nem a qualquer escala *a priori*, se manifestando em diversas escalas conforme a construção do problema de pesquisa e/ou da experiência espacial de determinados grupos sociais abordados - no presente caso, uma escala regional transnacional.

Visto isso, dentro de um mesmo universo valorativo é possível encontrar apropriações das identidades que podem servir a objetivos de emancipação (SOUZA, 2001; 2006, p. 364 e segs.). Assim, o mesmo conjunto de significações que constrói e reconstrói a identidade sócio-espacial da região em questão é apreendido por grupos que remetem a valores semelhantes, mas interpretando-os de maneira diferente e mesmo antagônica. Para isso, a regionofilia se apresenta como uma frutífera ideia e um "conceito em construção".

Em diálogo com Frémont (1980), Souza (2013, p. 142) traz a ideia de regionofilia associada à topofilia: "recordando a contribuição de Tuan (...), em Frémont, a região estaria vinculada a sentimentos 'topofílicos' - o que equivale a dizer, desdobrando e especificando a ideia de 'topofilia', que a uma região, na qualidade de espaço vivido, se associaria uma 'regionofilia'". No presente texto o interesse pela regionofilia também recai sobre a filiação de camadas populares e subalternizadas a um espaço regional, apresentando uma identidade regional alternativa ou mesmo antagônica àquela típica de manifestações de caráter regionalista. Mesmo considerando que manifestações regionalistas prescindam de regionofilia, busquei e analisei uma regionofilia não-regionalista.

Para examinar as potencialidades que a regionofilia apresenta a objetivos emancipatórios e, mais especificamente, as possibilidades de apropriação crítica da identidade sócio-espacial *gaucha*, se faz interessante um diálogo com a teoria aberta do desenvolvimento sócio-espacial. Esta teoria constitui um esforço de reflexão para se pensar o desenvolvimento sem rechaçar as contribuições interessantes em torno desta ideia nem rejeitar o próprio termo, entendendo-o como um processo de superação de injustiças e conquista de autonomia, sem

término delimitável (SOUZA, 2006, p. 107). Desse modo, o autor coloca como princípio "norteador" a autonomia individual e coletiva no sentido de Castoriadis (1983 e 1992, entre outros), vendo a autonomia como um princípio ético e político, não definindo um conceito de desenvolvimento, mas oferecendo uma base ao direito de cada coletividade estabelecer o conteúdo concreto do desenvolvimento, em uma concepção antiteleológica (SOUZA, 1996, p. 9). Logo, "'desenvolvimento' não é conquistar 'mais do mesmo' no interior do modelo social capitalista, isto é, mais crescimento e modernização, mas superar a heteronomia e conquistar mais e mais autonomia" (SOUZA, 2006, p. 108). Tem-se, pois, como características do desenvolvimento sócio-espacial (*idem*, p. 113): críticas ao economicismo, ao teleologismo e ao etnocentrismo; ênfase sobre a importância da espacialidade (para uma mudança social é imprescindível, também, uma mudança espacial); afirmação da autonomia como princípio de parâmetro fundamental; e o desenvolvimento sócio-espacial como um processo, um devir, e não um estado.

A incessante busca de superação da heteronomia não é algo que se dê com uma ruptura violenta para um estado-de-coisas melhor, mas sim com ganhos e perdas de autonomia que podem vir com experiências político-pedagógicamente interessantes, cooptações estruturais, fechamentos em direção a um regime ditatorial, aberturas para a liberdade de organização etc. Logo, ganhos e perdas de autonomia ocorrem em diversas escalas espaciais e temporais (*idem*, p. 112). Nesse sentido, se o desenvolvimento sócio-espacial se dá multiescalarmente, a regionofilia pode ser, em escalas regionais, um caminho para se pensar a livre federação de unidades territoriais e ganhos de autonomia. Porém, uma permanente questão deve estar sempre em mente: como fazer com que a regionofilia não sirva de sustentação para o regionalismo?

1.2 A região transnacional *gaucha* como categoria da prática e como categoria de análise

O espaço que compreende aproximadamente Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul nem sempre foi objeto de estudo de maneira integrada. Após os processos de independência das metrópoles coloniais, e até meados da década de 1970, a historiografia (e também a Geografia) esteve comprometida com a ideologia nacionalista que, a despeito da formação econômico-social em comum, fragmentou o espaço através da sobrevalorização do aparelho de Estado e suas fronteiras estatais.

Não foram poucos os autores que investiram na elaboração de uma história própria para cada um dos três subespaços, nacionalizando em demasia uma realidade de formação espacial comum. Como atestam Gutfreind e Reichel (1996, p. 17 e segs.), a base econômico-social do que as autoras chamam de Região Platina se formou no período colonial, possui repercussões nos hábitos e na mentalidade de seus habitantes até hoje, conquanto a historiografia tenha tido um papel de individualizar nacionalmente a região transnacional.

Anterior às atuais fronteiras estatais, e experimentando um intenso movimento de limites territoriais (numa época em que as fronteiras entre os domínios das coroas espanhola e portuguesa eram abertas, com pouca ou nenhuma guarda, e de trânsito fácil entre os diferentes territórios), o espaço aberto da pampa foi berço dos denominados *gauchos*, o agente social central para a presente regionalização. Com a historiografia produzida posteriormente à formação dos atuais Estados, tentou-se buscar elementos originais para cada nacionalidade, afetando em certa medida (mas não eliminando) o universo valorativo *gaucho*. Antes da abordagem da região transnacional *gaucha*, é interessante citar algumas regionalizações que abarcam aproximadamente o mesmo espaço, porém com intuítos diferentes, a título de comparação.

Uma das primeiras regionalizações que vem à tona ao se pensar o referencial empírico é o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), resultante do interesse econômico dos Estados argentino, brasileiro, uruguaio e paraguaio. Implantado a partir de 1992, o MERCOSUL possibilitou acordos multilaterais para a maior circulação de mercadorias e pessoas e, na esteira de sua concretização, eventos promovidos pelos Estados nas zonas de fronteira contribuíram para facilitar a circulação de ideias, como encontros para se discutir a produção cultural musical e literária nos países membros e formas de troca e integração nesse sentido.

Há ideias importantes de regionalizações que remontam pelo menos ao século XIX. Uma das ideias de construção de região que embalsamaram a Revolução Farroupilha em meados dos 1800 foi uma confederação entre Rio Grande do Sul, Uruguai, e as províncias argentinas de Corrientes e Entre Ríos, proposta pelo líder dos farrapos, Bento Gonçalves (SILVA, 2010, p. 72). Já no século XX e mesmo ainda no século XXI existem reverberações do sentimento separatista dos farrapos, ainda que não exatamente com a mesma regionalização de Bento Gonçalves¹⁰.

Outras regionalizações contemporâneas, mas com fortes raízes na história, são aquelas realizadas a partir do rio da Prata. Região Platina (GUTFREIND e REICHEL, 1996;

¹⁰ Ver sobre isso a organização O Sul é Meu País, que defende a separação de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul do restante do Brasil e periodicamente tem realizado plebiscitos informais sem grande sucesso.

SCHEIDT, 2006), Espaço Platino ou Prata (PANITZ, 2010) são exemplos de que os elementos identitários dos chamados países do Prata (Argentina e Uruguai) cruzam a fronteira e chegam ao Brasil, mais especificamente ao Rio Grande do Sul, com destaque para a centralidade de importantes cidades na rede urbana regional: Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre. A Região Platina, com foco no período colonial, é assim delimitada por Gutfreind e Reichel (1996, p. 13):

(...) se estende desde o rio Salado, ao sul de Buenos Aires, delimitando-se a noroeste pelas regiões que ficam ao norte do rio Negro (Uruguai), até o rio Jacuí (RS) ou até defrontarem-se com outras formas de organização social que se desenvolviam junto aos territórios jesuíticos e às áreas centrais de dominação portuguesa (...) Dois fatores naturais caracterizam fortemente a Região. O primeiro deles é a terra fértil, plana, com abundante pasto, além de açudes que favorecem a multiplicação dos rebanhos vacuns e cavalares. O outro é o rio da Prata que, ao ligar o Atlântico à zona de mineração de prata (Potosi), exerceu um papel centralizador para a Região em si, bem como foi capaz de integrá-la às outras áreas circunvizinhas.

As autoras se debruçam aproximadamente sobre o espaço de gênese da identidade sócio-espacial *gaucha*, ou seja, a pampa ou as campanhas de Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul. Contudo, o espaço das reduções jesuíticas contribui fundamentalmente para a constituição do agente social típico do referencial empírico.

1.2.1 Regionofilia: o que eles/nós falamos sobre a região?

Falar/escrever sobre a região transnacional *gaucha* está intimamente relacionado com a dimensão de "autoanálise" da pesquisa mencionada na Introdução. Traçarei uma narrativa sobre alguns pontos importantes em minha trajetória de vida que contribuem decisivamente para a visão que tenho do referencial empírico da tese, inclusive no que resultou em sua escolha, ilustrando a construção da região como categoria da prática.

Nascido em Uruguaiana, cidade-gêmea de Paso de Los Libres (Argentina), a condição fronteiriça sempre esteve presente em meu cotidiano. O som do *castellano* era comum, a presença de *correntinos*¹¹ era corriqueira no centro da cidade, fazendo compras ou mesmo na escola, com os colegas filhos de argentinos buscando um ensino melhor do que na precária cidade vizinha. No ensino básico, o espanhol era matéria obrigatória em qualquer colégio, e as deficiências no ensino da língua eram compensadas pela prática do dia-a-dia. Pouco tempo

¹¹ Alusivo a Corrientes, província argentina que faz divisa com o Rio Grande do Sul. Em Uruguaiana, é mais comum ouvir a denominação "correntino" do que "argentino".

depois conheci a fronteira com o Uruguai, esta muito mais integrada, até em função do substrato espacial material: a presença de algumas conurbações internacionais (passa-se de um país para outro ao apenas atravessar uma rua no centro da cidade) capazes de contribuir para a diluição de qualquer nacionalismo, com destaque para Santana do Livramento-Rivera, maior aglomerado fronteiro da América do Sul, e que viria a ser referencial empírico de minha dissertação. Então notei que o dialeto portunhol, "terceira via" de comunicação entre brasileiros e argentinos ou uruguaios (muitas vezes sendo a "primeira via"), está mais para uma língua "oficial" das relações fronteiriças Brasil-Argentina / Brasil-Uruguai do que um subproduto desta. No mais, os programas regulares comuns e populares na fronteira e na Campanha eram bem presentes: tomar aulas de dança e sapateado, frequentar CTGs, almoçar Churrasco todo o domingo, assistir aos desfiles cívicos de 20 de setembro etc. Tais experiências se deram até a conclusão da escola básica quando, ao ser aprovado no vestibular, fui morar em Porto Alegre.

Chegando à metrópole, pude constatar gradualmente que o fato de ser oriundo da fronteira era como se eu fosse um tipo "portador da cultura", já em si respeitável, uma vez que, conforme será melhor abordado adiante, o lócus de construção discursiva da identidade sócio-espacial *gaucha* foi, na maior parte do tempo, o campo, a pampa e, por isso, muitos dos habitantes metropolitanos bebiam da fonte simbólico-cultural campeira, apropriando-se desta para "dialogar com o mundo" ou simplesmente para se "diferenciar". Posteriormente, após tomar contato com as primeiras leituras do anarquismo, em alguns círculos de discussão que participei, constatei uma grande animosidade ou mesmo um rechaço completo de qualquer elemento advindo do universo valorativo *gaucho* (com a honrosa exceção do mate, que todos e todas compartilhavam). Refletindo sobre isso, comecei a notar que boa parte da dita esquerda, mais especificamente uma esquerda urbano-metropolitana (meios de comunicação de "esquerda" inclusos), no Rio Grande do Sul, tendem a ver o "gaúcho" como um tipo intrinsecamente conservador, reacionário, tradicionalista por excelência e, portanto, a ser combatido. Isto sempre me causou desconforto pois, tendo vivido o interior por muito tempo, conhecia a cultura popular campeira e pude, assim, diferenciar a cultura popular de manipulações conservadoras desta, uma certa complexidade um tanto invisibilizada para os meios progressistas metropolitanos. Porém, ainda não tinha subsídios suficientes para uma argumentação mais consistente além da experiência pessoal (algo não raro reduzido em importância frente a saberes mais "científicos" e "rigorosos").

Na chegada ao Rio de Janeiro para cursar o mestrado, percebi que as questões dessa natureza iam pouco a pouco sendo modificadas em função do distanciamento (que também é

metodológico) do Rio Grande do Sul. Com tempo, reflexão e enriquecedores diálogos com meu orientador, o problema da apropriação política de elementos da identidade sócio-espacial *gaucha* tomou a forma de tema de pesquisa ao passo que foi ampliada minha visão regional, passando eu a tomar em conjunto a Argentina, o Uruguai e o Rio Grande do Sul, transnacionalizando em minha mente a região. Com isso, estavam lançadas as bases para a compreensão da complexidade da identidade *gaucha* em vertentes (a serem abordadas adiante) e da possibilidade de uma regionofilia ser utilizada para fins não-conservadores (afinal, a manipulação conservadora deste universo valorativo é fácil de ser constatada).

Minha forma de ver a região transnacional *gaucha* sofreu alterações à medida que esta pesquisa avançou. Toda vez que chego ao Rio Grande do Sul, ou vou à Argentina ou ao Uruguai, desperta-me um sentimento de "casa", no sentido de "lar", de lugar: um lugar em escala regional transnacional que abriga e agasalha. Mesmo estando fora da região, tendo a pensar o mundo a partir, em primeiro lugar, de Porto Alegre, e em segundo lugar (e em outra escala), a partir desta região. Contudo, em boa parte da caminhada minha visão regional ainda era muito "brasileira", ainda estava muito "do lado de cá" da fronteira estatal. Hoje considero meu olhar um pouco mais platinizado, catalisado pelo contato com abordagens e experiências libertárias que renderam (e ainda rendem) bons frutos no Prata.

A região transnacional *gaucha* existe para muitos e muitas, ainda que, obviamente, não com esses termos. É mais fácil um sul-riograndense se identificar com um argentino ou uruguaio do que com alguém de qualquer outra paragem. Apoiando-me nas ideias de Vitor Ramil (2004), não estamos à margem de um "mundo", mas sim no centro de outro "mundo". É preciso confrontar a visão com a qual somos educados de que o mundo é dividido primordialmente em Estados territoriais. É preciso ir além-fronteiras estatais e, no limite, combatê-las. "Fronteira" não significa apenas separação, tampouco reduz-se às fronteiras do Estado. É preciso, portanto, empreender um esforço intelectual de ressignificação da fronteira como espaço de transição que, é desejável, seja sempre uma espacialidade propiciadora de trocas e elemento espacial importante de uma possível livre federação de unidades territoriais. Essas ideias foram pano de fundo para a construção da região transnacional *gaucha* enquanto categoria de análise.

1.2.2 O instrumento analítico região transnacional *gaucha*

As regionalizações demonstram que os conceitos, e mais especificamente o conceito de região, podem se apresentar como: um constructo intelectual de um pesquisador ou de um burocrata ou técnico de Estado com o intuito de melhor compreender o espaço geográfico ou nele intervir; e um dado empírico, verificável na realidade, geralmente oriundo dos habitantes ou de determinados grupos da região, como se dá com a regionalização de Bento Gonçalves ou com a Região Platina, ainda que esta seja uma construção intelectual de um pesquisador para o entendimento de um fenômeno.

No âmbito dos estudos regionais, Haesbaert (2010, p. 119) propõe analisar a região considerando sua dupla filiação: o campo material das coesões funcionais, produzidas por sujeitos hegemônicos, com ação de longo alcance, como o Estado e as grandes corporações; e o campo ideal das coesões simbólicas, produzidas num jogo de tendências mais complexas, com participação dos grupos subalternos, em suas formas de articulação entre si e com os poderes instituídos. A partir do primeiro campo podemos identificar o Estado na forma dos Impérios ibéricos, no período colonial, atuando na definição de fronteiras estatais e entregando grandes extensões de terra a influentes líderes militares e amigos da Coroa, fatos fundamentais para o entendimento dos desdobramentos da identidade sócio-espacial *gaucha*. Já a partir do segundo campo, uma disputa simbólica entre elites regionais e grupos subalternizados se explicita a partir da submissão do *gaúcho* ao estancieiro, e se estende no conflito de classes patrão-peão, ainda que com variadas nuances, até os dias atuais, quando determinados grupos tentam desmitificar os discursos tradicionalistas sobre a região e a identidade *gauchas*, principalmente no Rio Grande do Sul.

A região como categoria de análise ou como artifício diz respeito a um instrumento, meio ou constructo moldado pelo intelectual ou pesquisador (HAESBAERT, 2010, pp. 92-93). Pensando em se afastar de uma visão binária ou mesmo dicotômica, o autor debate a região não como um simples recorte empírico, uma "categoria do real", nem uma simples forma de interpretação, mera "categoria de análise", acrescentando que todo método, enquanto "mediação" ou "meio-ação", é uma forma de interpretar e de criar - fato e interpretação não devem ser dissociados (*idem*, pp. 115-116). Nesse sentido, têm-se três questões fundamentais a respeito da região e de uma indissociabilidade entre as duas categorias: região como produto-produtora da diferenciação espacial; região como produto-produtora da globalização e fragmentação; região construída pela atuação de diferentes sujeitos sociais em suas lógicas zonal e reticular.

A presente proposta de regionalização parte desta discussão e dos pressupostos a seguir. A compreensão do espaço geográfico como indissociável do tempo histórico oferece o caminho para o entendimento de que a organização espacial é dinâmica e cada espacialidade é dialeticamente influenciada e influencia as relações sociais, mais especificamente as nuances de uma identidade espacialmente referenciada. Além disso, enxergo os sentimentos de pertencimento à região enquanto regionofilia, componente importante desta regionalização.

O que estou chamando de região transnacional *gaucha* traz a ideia de transposição das fronteiras estatais através do termo *transnacional* e os elementos que compõem a identidade sócio-espacial *gaucha* como características principais desta regionalização, expressa no mapa da Figura 3.

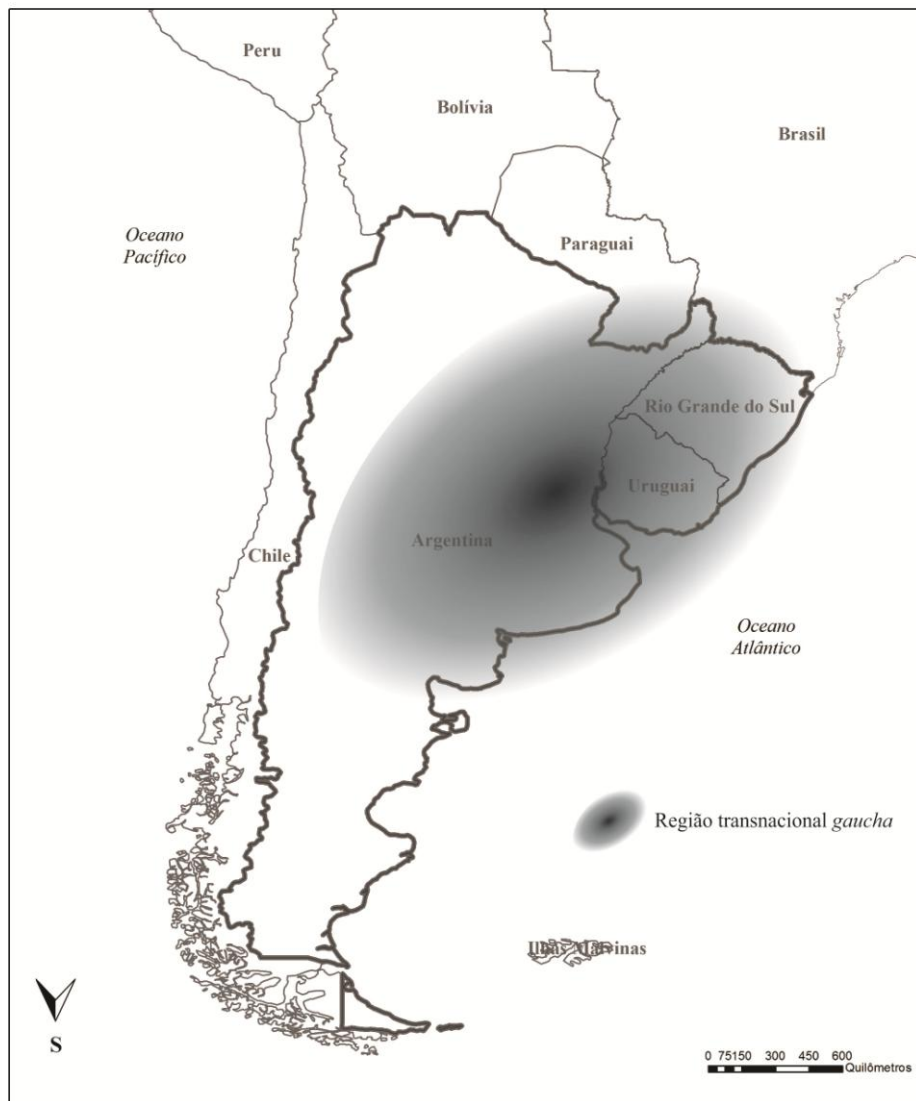


FIGURA 3: Mapa da região transnacional *gaucha*.
Elaboração do autor sobre cartografia de Isis Martins.

Tal região remete apenas grosso modo a Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, uma vez que a Patagônia argentina e a região colonial do Rio Grande do Sul ("serra" gaúcha) contribuem epidermicamente com o desenvolvimento da identidade *gaucha*. A diferenciação entre fronteiras estatais e não-estatais, ou "outras fronteiras", se insere na construção da região transnacional *gaucha*. Destaque-se que este instrumento analítico não se limita a uma simples "área de ocorrência de uma identidade", mas sim trata-se de uma região onde se dá a mobilização de elementos do universo valorativo *gaucho* por grupos de diferentes matizes políticas - a dimensão política é, pois, privilegiada na construção dessa diferenciação espacial. Dialoga-se aqui também com Paasi (2002, p. 807), para o qual as fronteiras não ocorrem apenas no limite de espaços formalizados, mas também dentro destes, em incontáveis práticas e discursos (multiescalarmente falando) que devem ser analisados para tornar visíveis estratégias de poder sedimentadas em narrativas identitárias coletivas. Complementando, para este autor, em outro texto (PAASI, 2003), fronteiras são uma mistura e um borrão, onde relações materiais, simbólicas e de poder são fundidas.

Nesse sentido, e conforme expresso na simbologia da fronteira aproximada da região transnacional *gaucha*, o espaço de referência identitária não é euclidianamente delimitável. O que procurei foi estabelecer uma fronteira aproximada para a região que ao mesmo tempo demonstre seu núcleo e não se feche em si, admitindo influências e expansões, ou seja, um movimento de fronteiras regionais. Note-se que parte do sul do Paraguai é intencionalmente inserida por ser originária dali a *ilex paraguariensis*, a erva-mate, um símbolo importante do universo valorativo *gaucho*. Além disso, como a Patagônia historicamente contribuiu muito pouco com a identidade sócio-espacial *gaucha*, ela se encontra fora da fronteira aproximada. Em todo caso, é importante destacar que se trata de uma regionalização que não segue o aparelho de Estado, que não se guia por fronteiras estatais, estabelecendo, assim, outras fronteiras (que também são políticas).

A título de síntese destaco as características da região transnacional *gaucha*:

- É definida a partir do agente social *gaucho* e da identidade sócio-espacial *gaucha* em constante transformação ao longo do tempo até o presente, ainda que, como veremos, o universo valorativo *gaucho* esteja hoje demasiado transformando nos três países;
- A identidade sócio-espacial *gaucha* enquanto identidade transnacional, possuindo um componente além-fronteiras estatais;
- É berço de uma regionofilia cultivada por diferentes grupos;
- Apresenta a mobilização de elementos do universo valorativo *gaucho* por grupos situados em diferentes pontos do espectro político;

- Forma outras fronteiras, não-estatais, mas que também são políticas.

1.3 A identidade sócio-espacial *gaucha* em suas vertentes e espacialidades correspondentes

Com a discussão a respeito do referencial empírico tornando-se instrumento analítico, analisarei a complexidade da identidade que dá sustentação à região transnacional *gaucha* através da proposição de vertentes com foco nas transformações espaciais que repercutiram na modificação identitária ao longo do tempo, entendendo a dimensão simbólico-cultural da sociedade como dinâmica. As seguintes vertentes não tem a pretensão de serem as únicas possíveis: dependendo dos objetivos do pesquisador, elas poderiam ser outras, ou mesmo uma delas ser desdobrada em "subvertentes". Para tratar das nuances da identidade sócio-espacial *gaucha*, em cada parte ou vertente será feito uma breve contextualização histórico-espacial, seguido do destaque de personagens fictícios e/ou reais para a melhor compreensão de tais vertentes, apresentando modelos gráficos que auxiliam no entendimento da organização dos espaços de referência identitária.

1.3.1 Núcleo originário - *gaucho* clássico

"Sim, os homens que tinham galões, títulos de nobreza, léguas de sesmaria, botas e cavalos falavam alto e grosso, de cabeça erguida.

E havia também os sem títulos nem terras nem galões, que falavam alto e grosso e de cabeça erguida porque tinham armas, botas e cavalos.

Mas os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas, sem nada, os pobres-diabos que andavam molambentos e de mãos vazias, esses só falavam alto e grosso entre os de sua igualha.

Porque ante os bem montados ficavam de olhos baixos e sem voz.

De seu às vezes nem um nome tinham. Donde vinham? Ninguém sabia ao certo nem procurava saber. Alguns haviam nascido de chinas ou bugres que dormiram com tropeiros, ladrões de gado, carreteiros, buscadores de ouro e prata, preadores de índios.

Outros eram sobras de antigas bandeiras,

retirantes da Colônia de Sacramento,

escravos foragidos,

desertores do Regimento de Dragões,

castelhanos vindos do outro lado do Uruguai, das planuras platinas: gente andarenga sem pouso certo, mamelucos, curibocas, cafuzos, portugueses, espanhóis.

Alguns carregavam suas fêmeas e crias, mas em geral andavam sozinhos.

E eram mais miseráveis que os bugres.

Ali vai um desses.

Como é teu nome?

João Caré.

Onde nasceste?

Não sei. Acho que cresci no chão como erva ruim que ninguém plantou.

Tua mãe?

Morreu.

Teu pai?

Nem ela sabia.

Tens pele de mouro, mas donde tiraste esses olhos esverdeados?

Nunca vi meus olhos".

(Érico Veríssimo em *O Continente* - O Tempo e o Vento parte 1 [2004, pp. 190-191])

As origens do agente social próprio da pampa argentina, brasileira e uruguaia nem sempre foram tratadas no conjunto da região transnacional *gaucha*. A historiografia foi elaborada posteriormente à formação das fronteiras estatais e teve forte influência da ideologia nacionalista; assim, a gênese do *gaúcho* apresenta diversas controvérsias. Porém, é possível destacar alguns elementos que hoje são consensuais e de interesse para o presente texto.

A experiência das missões jesuíticas na atual área do noroeste do Rio Grande do Sul é um ponto de partida adequado pois traz o contato relativamente pacificado entre os religiosos espanhóis e os guaranis através da agricultura e da criação do recém chegado gado europeu. Em 1750, o Tratado de Madri concede a Portugal a posse das terras missioneiras em troca da Colônia de Sacramento para a Espanha. O acordo previa o deslocamento em massa de jesuítas e guaranis em direção oeste, margem direita do Rio Uruguai. Com a recusa dos guaranis em deixar suas terras secularmente ocupadas, e contando com o apoio dos religiosos, a chamada Guerra Guaranítica foi travada contra tropas luso-castelhanas entre 1754 e 1755.

Após a dissolução dos Sete Povos das Missões o gado reduzido se espalhou em direção sul pelos campos onde já havia, por outras origens, gado selvagem em certa abundância ao longo de terras pouco ou nada guardadas pelas coroas espanhola e portuguesa. Nesse contexto, aqueles indivíduos filhos do contato (não raro violento) entre europeus, povos originários e africanos escravizados se tornam errantes que vagam pelos campos abertos retirando sua subsistência do gado selvagem, prestando serviços sazonais e se ocupando do contrabando de gado, couro e outras mercadorias de valor na época. Esta é a gênese do agente social *gaúcho* que boa parte dos historiadores adota. O movimento de fronteiras é ilustrado na seguinte passagem de Érico Veríssimo (2004, pp. 91-92) em *O Continente*, na qual Chico

Rodrigues, pai do Capitão Rodrigo, comandava um bando que auxiliava na demarcação de fronteiras para a coroa portuguesa:

"As patas de seus cavalos, suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do Continente do Rio Grande de São Pedro.

Queremos as ricas campinas do oeste e as grandes planícies do sul!

Só caranguejo é que fica na beira da praia papando areia.

Pelos campos do Rio Pardo iam entrando na direção do poente, demandando as Missões. Ou desciam costeando as grandes lagoas, rumo do Prata.

E em todas as direções penetravam na terra dos minuanos, tapes, charruas, guenoas, arachanes, caaguás, guaranis e guaranás.

A fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira".

Zum Felde (1920), uruguaio, aponta o *gaucho* como um tipo social originado da abundância do gado da Banda Oriental no período colonial. O historiador destaca a riqueza da pecuária somada à ausência de propriedade proporcionando ao *gaucho* uma subsistência fácil, associada à vida "livre" e sem trabalho fixo. Sala de Touron, De La Torre e Rodriguez (1967) lembram que *gaucho* era sinônimo de vagabundo, termos que no século XVIII designaram um conjunto de habitantes carentes de propriedades de terras e gado, vinculados à extração do couro, muitas vezes clandestina e que, próximo ao fim da colônia, se procurava submeter ao regime de trabalho fixo em estâncias.

Os mesmos autores afirmam o *gaucho* como um tipo que não respeita a propriedade, pois acostumado ao nomadismo, a trabalhar apenas esporadicamente, e a ser estigmatizado pelas elites da época como um ladrão, um vagabundo, características que posteriormente serão reivindicadas por libertários conforme veremos no Capítulo 2. Gutfreind e Reichel (1996, p. 118) falam do *gaucho* como um trabalhador ocasional cavalgando pelos campos, sendo nativos não cristianizados e mestiços. Os de origem nativa, porque suas tribos haviam sido desintegradas; os mestiços, porque nascidos de relações esporádicas, despossuídos que tinham a oportunidade de trabalhar na caça ao gado. Isto demonstra que, ao mesmo tempo que era estigmatizado, o *gaucho* era valioso para a formação econômico-social colonial por suas habilidades com o manejo do gado (um excelente ginete) e pelo conhecimento do espaço, o que lhe conferia trabalho garantido no sistema de vacarias¹², anterior às estâncias.

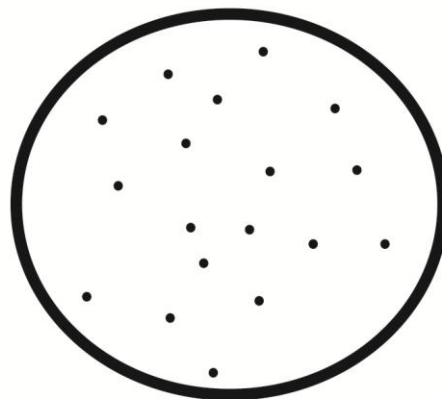
¹² "O sistema de produção denominado de vacarias consistia em atividades rápidas de caça ao gado, nas quais alguns homens, montados em cavalos, formavam um semicírculo, cercando os animais, enquanto outros ocupavam-se em aprisioná-los, cortando, com uma haste, os nervos de suas patas. Depois de mortos, retiravam o sebo e o couro, alimentavam-se de parte da carne e abandonavam o restante pelos campos, onde viviam muitos animais selvagens" (GUTFREIND e REICHEL, 1996, pp. 114-115).

O núcleo originário - *gaucho* clássico - da identidade sócio-espacial *gaucha*, pois, se origina em meados do século XVIII da miscigenação de povos originários, europeus e africanos, indivíduos errantes na pampa sem cercas nem fronteiras estatais. A espacialidade deste núcleo (Figura 4) consiste em um espaço "aberto", sendo que as territorialidades imperiais ibéricas não sobrepujavam ou oprimiam a territorialidade *gaucha* a ponto de esta última desaparecer, apenas operava uma estigmatização ao colocar os *gauchos* à margem das leis dos impérios. Provavelmente devido a tal marginalidade, registros sobre feitos de indivíduos ou grupos *gauchos* foram apagados da historiografia oficial. Contudo, podemos encontrar valiosas referências aos valores, costumes, hábitos etc., enfim, à identidade *gaucha*, na literatura, sendo Martín Fierro (HERNÁNDEZ, 1872 e 1879) e Capitão Rodrigo (VERÍSSIMO, 2004) personagens-símbolo de um *gaucho* clássico. Veríssimo (*idem*, p. 266) nos traz uma passagem onde o padre Lara, vigário do fictício povoado de Santa Fé, enxerga o Capitão Rodrigo como um ateu errante, exemplo dos *gauchos* em geral:

Rodrigo - achava o vigário - representava à maravilha a mentalidade do homem do campo, da guerra e do cavalo, que não teme a Deus nem ao diabo. Aqueles aventureiros habituavam-se a nunca ir à igreja nem respeitar os sacerdotes. Não havia em suas vidas ordem ou método de estabilidade que lhes permitisse dedicarem pelo menos um dia da semana ao culto do Criador. Em alguns lugares da Província os homens nem chegavam a saber quando era domingo. Por outro lado, como podiam eles humilhar-se diante de Deus se sabiam que Deus era um homem, e um homem macho - segundo o rude código continentino - nunca baixa a cabeça nem ajoelha diante de outro homem? Habitados a guerras, asperezas e violências, confiavam mais em seus cavalos, suas armas e sua coragem do que em santos, rezas, sacerdotes ou igrejas.

Núcleo originário - *gaucho* clássico

XVIII - XX



• *Gauchos* dispersos, "livres"

Personagens:

Capitão Rodrigo e Martín Fierro

**FIGURA 4: Esquema gráfico do núcleo originário da identidade sócio-espacial *gaucha*.
Elaboração do autor.**

O *gaucho* "livre" na Figura 4 não significa que esse grupo social não sofria exploração, estigmatização e dominação, apenas que seu modo de vida era menos enclausurado do que uma relação assalariada fixa.

Com as guerras de fronteira e delimitação das fronteiras dos Estados brasileiro, argentino e uruguaio, associado à paulatina implementação do sistema de criação de gado encerrado em estâncias, a pampa passa a apresentar cercas e limites bem definidos pelo poder heterônimo na época: os campos de topografia levemente ondulada (as coxilhas), com a linha do horizonte sempre visível, são divididos em grandes propriedades rurais concedidas a militares e outros indivíduos de significativa influência nas Coroas ou com altos cargos nestas. Essa substancial transformação no espaço pampiano leva a um embate que, ao longo da história, mostra-se fundamental para o entendimento das nuances da identidade sócio-espacial *gaucha*. O *gaucho*, pois, possui uma espécie de “conflito original”, através da luta de classes expressa na dualidade patrão-peão: o patrão estancieiro protegido pelas coroas portuguesa e espanhola; e o *gaucho* peão, que resistiu à submissão a patrões, à divisão do espaço em latifúndios, e era tido pelas elites da época como um ladrão. Nesse contexto, na tentativa de justificar e, posteriormente, naturalizar a propriedade privada da terra, é que surge uma vertente conservadora, chamada aqui de *tradicionalista*.

1.3.2 Vertente tradicionalista

A partir do final do século XVIII e, principalmente, ao longo do século XIX, o espaço pampiano sofre transformações que repercutem significativamente na identidade sócio-espacial *gaucha*. Para melhor assegurar a guarnição das fronteiras, cada vez mais terras em áreas de litígio eram entregues a militares e outras pessoas com influência nas coroas espanhola e portuguesa. Isto aumentou gradativamente a privatização da propriedade da terra, com estâncias ocupando grandes extensões que deram origem aos contemporâneos latifúndios. Uma passagem que ilustra essa mudança na organização espacial é a de Veríssimo (2004, pp. 125-126), onde é mostrada uma reflexão de Maneco Terra, pai de Ana Terra e dono de uma pequena propriedade, sobre a divisão das terras do Continente de São Pedro para pouca gente:

Maneco ouvira muitas histórias. Pelo que contavam, todo o Continente ia sendo aos poucos dividido em sesmarias. Isso seria muito bom se houvesse justiça e decência. Mas não havia. Em vez de muitos homens ganharem

sesmarias pequenas, poucos homens ganhavam campos demais, tanta terra que a vista nem alcançava. Tinham lhe explicado que o governo fazia tudo que os grandes estancieros pediam porque precisava deles. Como não podia manter no Continente guarnições muito grandes de soldados profissionais, precisava contar com esses fazendeiros, aos quais apelava em caso de guerra. Assim, transformados em coronéis e generais, eles vinham com seus peões e escravos para engrossar o exército da Coroa, que até pouco tempo era ali no Continente constituído dum único regimento de dragões. E, como recompensa de seus serviços, esses senhores de grandes sesmarias ganhavam às vezes títulos de nobreza, privilégios, terras, terras e mais terras. Era claro que, quando havia uma questão entre esses graúdos e um pobre-diabo, era sempre o ricoço quem tinha razão.

A pampa como espaço aberto passou a ser cercada e o *gaucho* foi dissuadido a mudar seu modo de vida em direção a um regime de trabalho fixo. Segundo Zum Felde (1920), o *gaucho* mudou seu comportamento quando as condições sociais no campo sofreram alterações devido ao implemento da propriedade privada. A partir disso, restaram dois caminhos: fixação como peão de estância - algo que aconteceu em parte, pois o modo de vida do *gaucho* não se modificou totalmente, constituindo uma forma de "submissão menos submissa" - ou sua transformação em *matrero*, em fora-da-lei, que, não acostumado com a propriedade privada, reagia em defesa do campo para uso comum. Tendo em vista isso, foi elaborado um aparato repressivo e coercitivo para tentar disciplinar o *gaucho* ao trabalho nas estâncias, prevendo penalidades para supostos "vagabundos" que vagavam sem o trabalho fixo (GUTFREIND e REICHEL, 1996, p. 186). Nesse período abundam os conflitos entre o *gaucho* indisciplinado e as coroas ibéricas num primeiro momento, e com forças imperiais pós-independências em momento posterior, como atestam as autoras:

Acostumados a uma vida independente e andarilha, de cavaleiros itinerantes, os gaúchos representaram uma classe rebelde, autora de crime social para os proprietários das terras e do gado. Sob o seu ponto de vista, entretanto, pretendiam apenas manter o modo de vida que acreditavam estar em harmonia com o pampa e com seus abundantes rebanhos (*idem*, pp. 184-185).

Foi nessa época que teve início o processo de apropriação conservadora/elitista da identidade sócio-espacial *gaucha*. Pode-se indicar como precursor desse fenômeno o governador de Buenos Aires entre 1835 e 1852 Juan Manuel de Rosas. Este governou a província de maneira despótica através da utilização do mesmo linguajar e dos mesmos trajes dos *gauchos* - o que lhe conferiu popularidade e assegurou o exercício ditatorial do poder. Em passagem por Buenos Aires, Darwin (1942, p. 113) comenta as atitudes de Rosas: "por esses meios, e adotando as roupas e os costumes dos gaúchos, obteve uma ilimitada popularidade na região e, em consequência, um poder despótico". Contudo, é na parte brasileira do

referencial empírico que se dá a mais consistente e duradoura apropriação conservadora da identidade *gaucha*, uma vez que na Argentina e no Uruguai, além de ser um "tipo nacional", o *gaucho* é simplesmente o habitante popular do campo.

A primeira metade do século XIX presencia, na parte brasileira da região transnacional *gaucha*, uma guerra civil que posteriormente ficaria conhecida como Revolução Farroupilha. Em linhas gerais, tratou-se de uma revolta de parte da elite agrária da chamada Campanha Gaúcha contra os altos impostos do Império brasileiro sobre determinados produtos, sobretudo o charque, como mostra, entre tantos outros autores, Pesavento (1985). Durante aproximadamente 10 anos (1835-1845), a então província do Rio Grande do Sul, através da referida elite, tentou se separar do Império e criar um Estado independente. Contudo, apenas para os próprios "rebeldes" a província estava independente, uma vez que nem os Estados vizinhos (Argentina e Uruguai) tampouco o Estado brasileiro reconheceu oficialmente tal separação. Para Silva (2010, p. 147):

A revolução farroupilha foi um movimento conservador de uma elite disposta a ampliar sua autonomia em relação ao conservadorismo do Império. Nas questões sociais determinantes, como a escravidão, só aconteceram manobras estratégicas e utilitárias com o objetivo de atrair negros para as forças rebeldes (farroupilhas), mas sem uma real intenção dominante de pôr fim à mais ignominiosa de todas as formas de organização do trabalho.

Muitos são os indícios históricos que demonstram o caráter conservador da Revolução Farroupilha, sendo algumas de suas principais características a manutenção constitucional do latifúndio (e da ordem sócio-espacial estabelecida), da estrutura de classes e do regime escravocrata, denotando a não-sintonia com os movimentos abolicionistas da época na maior parte da América Latina. A figura 5 mostra a estrutura social no período farroupilha (1835-1845).

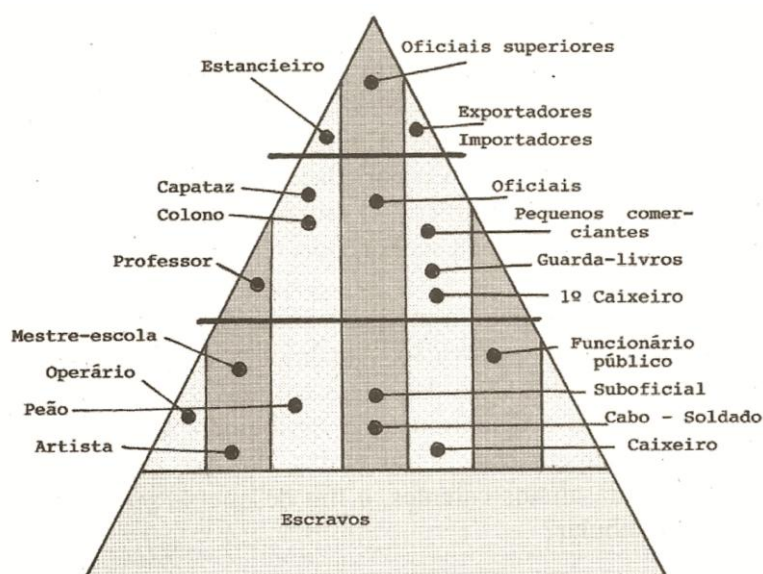


Figura 5: Pirâmide social do período farroupilha (1835-1845).
Fonte: FLORES (2010, p. 15).

Findo o conflito com um acordo entre os farrapos e o Império brasileiro (para muitos historiadores uma derrota dos revoltosos da província gaúcha), algumas décadas se passaram até que um grupo formado por remanescentes da revolução e outros saudosos daquela década iniciassem a mitificação deste acontecimento, com o destaque para o caráter supostamente “progressista” da elite latifundiária e o estabelecimento de alicerces sólidos o bastante para a criação de um “mito fundador” de uma identidade gaúcha. No entanto, constata-se uma diferenciação neste episódio em relação à identidade sócio-espacial: a inserção de um imaginário elitista, proveniente do patronato, do latifundiário, no conjunto de significações da identidade *gaucha*. Tal apropriação seria posteriormente chamada de tradicionalismo.

No conflito de classes expresso na dualidade patrão-peão, a Revolução Farroupilha (ou melhor, o discurso sobre este acontecimento) tornou-se marco da apropriação conservadora da cultura *gaucha* na parte brasileira do referencial empírico, reflexo da atuação do patrão na utilização de determinados símbolos desta identidade. Conforme destaca Silva (2010, p. 14), a Revolução Farroupilha é “o acontecimento mais reconstruído e mitificado da história brasileira, a ponto de história e mito acharem-se atualmente quase inteiramente confundidos, com ampla vantagem para a idealização”.

Por sua vez, na Argentina e no Uruguai, o *gaucho* tornou-se a figura folclórica nacional na esteira da ideologização nacionalista, além de ter se tornado um tipo bem recebido tanto no campo quanto nas grandes cidades, como mostram Archetti (2003) e Heugerot (2007). O estigma do *gaucho* ladrão, fora-da-lei, foi minimizado ou mesmo desapareceu dos

imaginários argentino e uruguaio. Isto não significa, porém, que nesses países não houve/não há apropriação conservadora desembocando no tradicionalismo, apenas que na parte brasileira este fenômeno aparece melhor documentado e mais explícito.

Ao longo do século XX, como demonstram, entre outros, Gutfreind (1992), Jacks (1999) e Silva (2010), a apropriação conservadora da identidade sócio-espacial *gaucha* no estado do Rio Grande do Sul desenvolveu-se com a expansão do tradicionalismo e do culto aos supostamente heróicos feitos dos farrapos durante a supracitada revolta do século XIX. Isto foi alimentado, entre outros fatores, pelos nacionalismos e pela tomada das fronteiras nacionais como separadoras de povos tidos como diferentes.

A negação da platinidade do *gaúcho* brasileiro tomou força com historiadores da primeira metade do século XX, conforme discutido em Gutfreind (1992) e Gutfreind e Reichel (1996), na tentativa de criação de um tipo gaúcho claramente diferenciado dos *gauchos* argentinos e uruguaios. No Rio Grande do Sul essa onda tradicionalista desenvolve-se, sobretudo, com um grupo de jovens estudantes oriundos do Colégio Julio de Castilhos (Porto Alegre) que, ao terem concluído a escola básica, percorreram boa parte do interior do estado inventariando hábitos, músicas, danças, vestimentas etc. Disto produziu-se significativo material até então muito pouco conhecido na capital estadual, conhecimento este que, chegado ao referido centro urbano, difunde-se para distantes paragens e, também, volta para o interior do estado ligeiramente transformado (LESSA, 1985).

Contudo, o conjunto de símbolos referentes à identidade sócio-espacial que chegou a Porto Alegre naquela época foi, primordialmente, aquele oriundo do processo de apropriação conservadora na esteira da transposição da identidade da Campanha para todo o estado do Rio Grande do Sul:

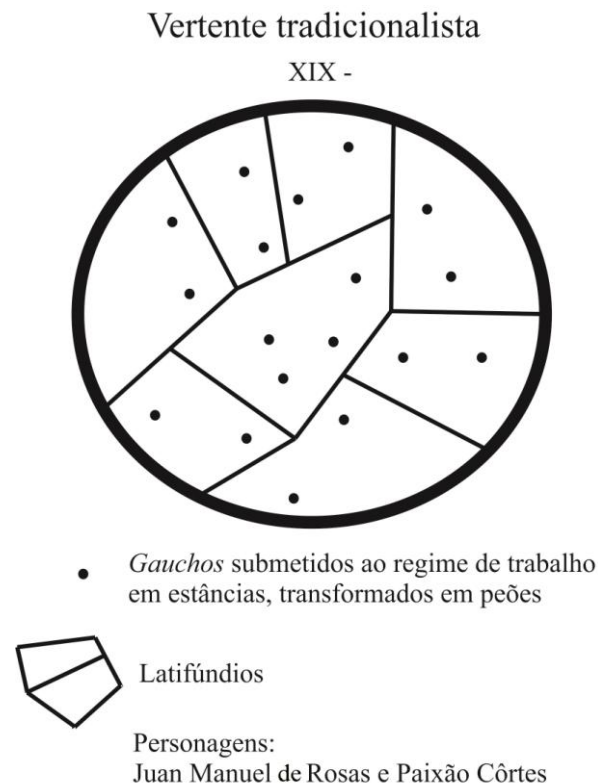
(...) a transposição da identidade gaúcha do espaço tradicional da Campanha para o território do Rio Grande do Sul como um todo parece ser, mais que “um curioso fenômeno de mutação histórica”, um processo de reapropriação ideológica que consegue moldar, hoje, as bases de um novo espaço regional no extremo-sul brasileiro (HAESBAERT, 1988, p. 78).

Algumas das características passíveis de destaque aqui são a naturalização da subordinação do peão ao patrão, da propriedade privada rural e da estrutura de poder típica da organização espacial latifundiária, bem como uma concepção estática/imutável de identidade e cultura. Nesse sentido, a criação dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e a união destes em torno da organização Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) são emblemáticas, uma vez que reúnem e institucionalizam as supracitadas características. Assim, Canclini versa a respeito dos tradicionalismos da seguinte maneira:

Um dos traços distintivos da cultura tradicionalista é ‘naturalizar’ a barreira entre incluídos e excluídos. Desconhece a arbitrariedade de diferenciar esse território daquele, determinar esse repertório de saberes para ensiná-lo na escola ou essa coleção de bens para exibir em um museu, e legitima solenemente, mediante uma ritualização indiscutível, a separação entre os que têm acesso e os que não conseguem. O ritual sanciona então, no mundo simbólico, as distinções estabelecidas pela desigualdade social. Todo ato de instituir simula, através da encenação cultural, que uma organização social arbitrária é assim e não pode ser de outra maneira (CANCLINI, 2003, p. 193).

Logo, a legitimação do discurso do patrão, com a naturalização da estrutura espacial e de poder do latifúndio, pretende ser tomada como única, como a “verdadeira”, pelo MTG e pelos CTGs, em consonância com a crítica ao tradicionalismo gaúcho e à ideologia do gauchismo realizada por Golin (1983 e 2004).

A legitimação ou naturalização da heteronomia instituída na relação patrão-peão, o discurso separatista (ainda que nem sempre em direção a uma aliança com Argentina ou Uruguai), e a visão estática, imutável, de cultura (os contemporâneos devem pagar tributo de alguma maneira a supostos heróis do passado) são as principais características da vertente tradicionalista da identidade sócio-espacial *gaucha*. A espacialidade da vertente tradicionalista (Figura 6) se funda na pampa dividida em latifúndios e com o estancieiro/patrão submetendo os *gauchos* a um regime de trabalho subserviente (oposto às atividades dos *gauchos* "clássicos"). Como personagem símbolo menciono Juan Manuel de Rosas por ter sido pioneiro na apropriação elitista da identidade *gaucha*. Além disso, o outro personagem, Paixão Côrtes, figura no panteão tradicionalista como integrante do supracitado grupo de jovens de Porto Alegre e como modelo para o principal monumento do Rio Grande do Sul, a estátua do Laçador.



**FIGURA 6: Esquema gráfico da vertente tradicionalista da identidade sócio-espacial *gaucha*.
Elaboração do autor.**

Cabe ressaltar ainda a importância crescente das fronteiras estatais no recorte espacial e sua relação com a região: pela primeira vez a região *gaucha* se torna transnacional, pois há fronteiras definidas com a independência dos Estados e um grupo brasileiro que, valendo-se da vertente tradicionalista, define sua regionalidade em apenas uma parcela do espaço regional, se valendo do regionalismo para seus intentos político-econômicos, como se fosse operada uma espécie de "des-regionalização" do referencial empírico.

1.3.3 Vertente neogaucha

A partir do final dos anos 1980, com o fim dos regimes ditatoriais na Argentina, no Brasil e no Uruguai, a fronteira enquanto entidade espacial limitante, altamente securitizada e fator de separação, passa a ser vista como símbolo de integração econômica entre os Estados em questão. A circulação de mercadorias e de pessoas ganha fôlego e as relações fronteiriças desenvolvem-se significativamente, onde as cidades de Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre têm papel de destaque na difusão de ideias que se transnacionalizam. A partir de meados da década de 1990 e, principalmente, de 2000, tece-se uma rede de artistas e

intelectuais que se debruçam sobre as aproximações, similitudes e identidade(s) que unem Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul. Suas características são, entre outras, a reflexão sobre a região *gaucha* e a produção cultural em torno desta temática, não se atendo a apenas um resgate histórico dos elementos formadores da identidade sócio-espacial (o que caracterizaria um tratamento “museológico”), mas sim estabelecendo alicerces para uma produção cultural e de ideias *a partir* de tal resgate, conforme estudo de Panitz (2016) e também abordado em Coelho (2013).

Duas das expressões cunhadas na esteira desse processo foram a *Estética do Frio*, pelo escritor e músico brasileiro Vitor Ramil (2004), e *Templadismo*, pelo músico uruguaio Daniel Drexler. Ambas possuem diferenças mínimas, convergindo pelo fato de serem propostas musicais geografizantes, sendo que a paisagem da pampa tem papel fundamental juntamente com a *milonga* enquanto ritmo musical colado a essa paisagem, considerando a paisagem e o clima, a diversidade étnica e cultural das populações platinas e o papel das fronteiras, tomando o espaço geográfico enquanto núcleo central das representações sociais (PANITZ, 2010, p. 106).

A *Estética do Frio* e o *Templadismo* constituem leituras contemporâneas da identidade sócio-espacial *gaucha* a partir de grandes centros urbanos difusores de cultura e informação. Muito além de concepções estatais de integração da região, artistas trabalham com uma convergência identitária do sul da América do Sul, transfronteirizando suas ideias e sua produção. Temos em curso, portanto, a construção de uma leitura revigorada da identidade sócio-espacial na região transnacional *gaucha*, densa de geograficidade e expondo o problema da divisão do espaço em Estados. Disso, depreende-se a (re)emergência da tomada de consciência de uma regionofilia *gaucha* na contemporaneidade. Drexler (2006) comenta essa retomada em que a contestação das fronteiras políticas (estatais) é um componente importante:

Não nos regeremos por fronteiras políticas nos parece outro denominador comum. A distribuição geográfica da milonga (para dar um exemplo que nos toca intimamente) transborda as fronteiras da Argentina, do Uruguai e do sul do Brasil. A cultura é um ser vivo e as flores do campo não gostam de cercas.

Nesse contexto reproduzo duas letras de canções. A primeira, de autoria de Daniel Drexler, demonstra a "geograficidade" com que é construída a milonga contemporânea no âmbito do *templadismo*. A segunda, de Vitor Ramil e Fogaça (e magistralmente interpretada por Mercedes Sosa), apropria-se de ritmo e linguajar próprios da pampa para falar sobre a

esperança de liberdade ante uma futura reforma agrária e sobre a minimização da importância das fronteiras estatais para povos tidos como companheiros.

RINCONCITO

Daniel Drexler (2009)

*Rinconcito suavemente ondulado,
manto verde de mis sueños,
balconcito sobre el mar.
El reflejo de la luz en tu pradera
dibujando un horizonte que parece respirar
Voy volando sobre cuchillas y lomas
del Cuarey al Uruguay
vuelvo al Río de la Plata como vuelve el agua al mar.
Esquinita donde se juntan los ríos,
ilusión del horizonte que parece palpar,
agua dulce, agua tan amarronada,
la memoria de la tierra en la canción del Paraná.
Nohecita de comienzo del verano,
siesta del jacarandá, alborada en la pradera,
el sol cayendo en el mar.
Rinconcito suavemente ondulado,
manto verde de mis sueños, balconcito sobre el mar.
En el eco de tus cuchillas y lomas se entreveran tres idiomas,
se entremezclan al hablar.
Con la misma fuerza con que te abandono siento que la gravedad
me devuelve a tu regazo como vuelve el agua al mar.
Esquinita donde se juntan dos ríos ilusión de un horizonte que parece palpar.
Rinconcito suavemente ondulado,
manto verde sobre el mar.*

SEMEADURA

Vitor Ramil e Fogaça (1980)

*Nós vamos prosseguir, companheiro
Medo não há
No rumo certo da estrada
Unidos vamos crescer e andar
Nós vamos repartir, companheiro
O campo e o mar
O pão da vida, meu braço, meu peito
Feito pra amar*

*Americana Pátria, morena
Quiero tener
Guitarra y canto libre
En tu amanecer
No pampa, meu pala a voar*

*Esteira de vento e luar
Vento e luar*

*Nós vamos semear, companheiro
No coração
Manhãs e frutos e sonhos
Pr'um dia acabar com esta escuridão
Nós vamos preparar, companheiro
Sem ilusão
Um novo tempo, em que a paz e a fartura
Brotem das mãos*

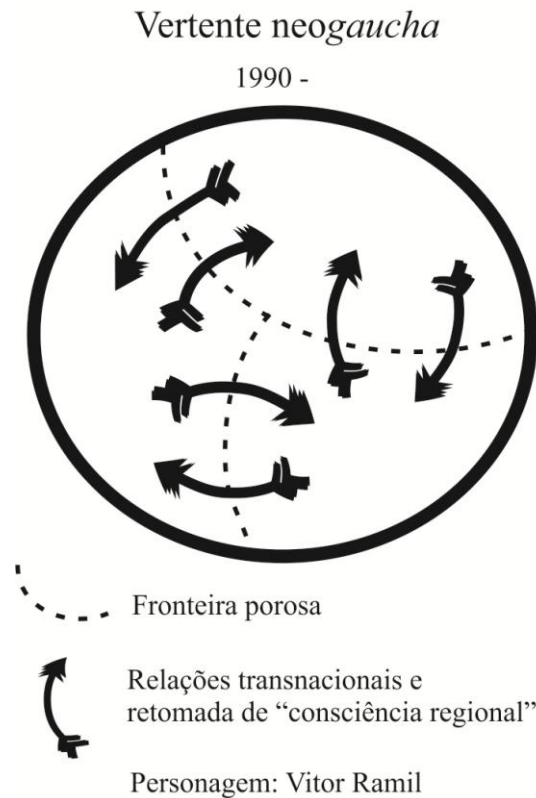
*Americana Pátria, morena
Quiero tener
Guitarra y canto libre
En tu amanecer
No pampa, meu pala a voar
Esteira de vento e luar
Vento e luar*

*Minha guitarra, companheiro
Fala o idioma das águas, das pedras
Dos cárceres, do medo, do fogo, do sal
Minha guitarra
Tem os demônios da ternura e da tempestade
É como um cavalo
Que rasga o ventre da noite
Beija o relâmpago
E desafia os senhores da vida e da morte
Minha guitarra é minha terra, companheiro
É meu arado semeando na escuridão
Um tempo de claridade
Minha guitarra é meu povo, companheiro*

*Americana Pátria, morena
Quiero tener
Guitarra y canto libre
En tu amanecer
No pampa, meu pala a voar
Esteira de vento e luar
Vento e luar.*

O que chamo de vertente *neogaucha* diz respeito, então, à retomada de consciência regional propiciada pelo fim dos regimes ditatoriais nos três países e a aceleração de determinados processos via MERCOSUL. A rede de artistas e intelectuais demonstra um esforço de (re)aproximação regional baseando-se da apropriação de elementos culturais os mais diversos para dialogar com o mundo a partir do espaço urbano. A espacialidade da vertente *neogaucha* (Figura 7), portanto, se dá primordialmente na passagem do lócus de construção discursiva: do rural para o urbano. O personagem selecionado para ilustrar tal vertente é Vitor Ramil, escritor e músico de Pelotas que foi o primeiro a colocar suas

reflexões sobre o assunto no papel e também nas letras de suas canções, tendo se proposto a buscar uma Estética do Frio (RAMIL, 2004) para melhor compreender a identidade (sócio-espacial) situando-se não à margem de um "mundo" (Brasil), mas sim no centro de outro "mundo" (a região transnacional *gaucha*).



**FIGURA 7: Esquema gráfico da vertente neogaucha da identidade sócio-espacial *gaucha*.
Elaboração do autor.**

Com essa retomada de consciência regional as fronteiras estatais tornam-se porosas e os vetores de troca se intensificam. Essa retomada faz uso de elementos do universo valorativo *gaucho* semelhantes àqueles mobilizados pela vertente tradicionalista, porém apresentando um cunho diferente. A (re)construção da região como categoria da prática no âmbito das vertentes tradicionalista e *neogaucha* demonstra que a diferenciação espacial está longe de ser sinônimo de regionalismo ou paroquialismo, como observa Haesbaert (2010, p. 72):

A própria "região", enquanto lócus da produção da diferença, e não simplesmente no sentido do "regionalismo reacionário", também pode, dependendo do emaranhado de poder em que estiver enredada, estimular a constante re-produção do novo – ou seja, ela nem sempre é produzida apenas pelo "regionalismo anacrônico e reacionário" hegemônico, o que pode ser constatado ao reconhecermos a própria natureza, sempre ambivalente, de sua (re)criação simbólica.

A rede adquire fundamental importância para a compreensão da vertente neogaucha. A construção da região nesse contexto se dá a partir de importantes cidades da rede urbana da região transnacional gaucha (Buenos Aires, Montevideu, Porto Alegre e Pelotas), demonstrando que "articulações regionais do espaço podem manifestar-se não apenas na tradicional forma zonal, geralmente contínua, mas também em redes, inseridas numa lógica descontínua de articulação reticular" (HAESBAERT, 2010: 121). O mesmo autor lembra que é importante em qualquer estudo geográfico considerar a relação entre lógica de dominância zonal e lógica de dominância reticular na construção do espaço, sendo a rede uma constituinte indissociável da zona ou área, pois sem rede não há controle ou apropriação de uma área (HAESBAERT, 2014, p. 39). Assim, considero que no núcleo originário e na vertente tradicionalista há uma dominância da lógica zonal na construção do espaço regional, enquanto na vertente neogaucha há dominância da lógica reticular.

1.4 Dimensão simbólico-cultural da luta política

As vertentes da identidade sócio-espacial gaucha poderiam ser desdobradas em tantas outras, ou mesmo alguma delas suprimida em função de outra. Esta proposta contribui para o entendimento de uma identidade sócio-espacial complexa e contraditória, mote de conflitos e de apropriações para intentos políticos os mais diversos, por grupos situados em diferentes pontos do espectro político. O instrumento analítico região transnacional gaucha e a noção de regionofilia, pano de fundo da análise, conferem fronteiras não-estatais a uma identidade que guarda a transnacionalidade com uma de suas características fundamentais.

A despeito de determinados autores ou correntes do pensamento histórico e político que rechaçam a ideia de permanência da identidade gaucha na contemporaneidade, haja visto a dominância do modelo civilizatório capitalista sobre um universo de valores que seria passadista ou simplesmente conservador (como se a vertente tradicionalista contemplasse toda a identidade sócio-espacial em questão), alguns elementos do universo valorativo gauchista podem (e devem) ser (re)apropriados popularmente e por lutadores(as) sociais progressistas. É importante não esquecer dos componentes de liberdade e insubordinação ao capitalismo que a identidade gaucha guarda há muito. A seguinte passagem de Veríssimo (2004, pp. 307-308) é emblemática quanto a isso, mostrando o diálogo do padre Lara com um Capitão Rodrigo antirracista, abolicionista e a favor da reforma agrária:

"- Se vosmecê fosse o criador do mundo, como é que fazia as coisas e as pessoas?"

Rodrigo apanhou um seixo, fez pontaria numa árvore e arremessou-o, errando o alvo.

- Se eu fosse o dono do mundo, fazia algumas mudanças...

- Por exemplo... - pediu o padre.

- Acabava com essa história de trabalhar...

- Sim, e depois?

- Fazia os filhos virem ao mundo de outro jeito. Eu vi o que a Bibiana sofreu. É medonho.

O vigário sorria. Aquelas palavras, partidas dum egoísta, não deixavam de ter seu valor.

- E depois?

- Dividia essas grandes sesmarias de homens como o coronel Amaral.

- Dividia? Como? Pra quê?

- Dividia e dava um pedaço pra cada peão, pra cada índio, pra cada negro.

- Não vá me dizer que ia libertar os escravos...

- E por que não? Acabava com a escravatura imediatamente".

O *gaucho*, seja como agente social ou como habitante do imaginário social, traz significações imaginárias (nas palavras de Castoriadis) de resistência à expansão geográfica e subjetiva do capitalismo¹³. A visão que defendo e que percorre os próximos capítulos é de uma reapropriação crítica de elementos do universo valorativo *gaucho* por homens e mulheres com vistas à dimensão político-cultural das lutas anticapitalistas. Assim posto, na relação entre região, identidade e política, uma "regionofilia *gaucha*" pode ser um frutífero caminho de retomada e (re)apropriação política da identidade sócio-espacial. Porém, como veremos nos capítulos seguintes, esta (re)apropriação dá lugar a outras formas de identificação entre organizações libertárias presentes na região transnacional *gaucha*.

¹³ Poder-se-ia dizer, inclusive, que o *gaucho* tem um "espírito libertário". Aqui, o personagem Capitão Rodrigo, exemplo do *gaucho* clássico, dialoga com um amigo, demonstrando sua propensão "anárquica", ainda que um tanto ingênua (VERÍSSIMO, 2004, p. 216):

"- Eu sempre digo, se é contra o governo podem contar comigo.

- Mas o governo às vezes pode ter razão.

- Mesmo que tenha, isso não vem ao caso. Governo é governo e sempre é divertido ser contra".

CAPÍTULO 2

LIBERTÁRIAS E LIBERTÁRIOS NA REGIÃO TRANSNACIONAL GAUCHA

El gaucha debe morir en su lay; peliando con l'autoridá; si no, no es un gaucha: es una mulita que la mata cualquier perro.
(Juan Crusao)

A formação social e territorial do que hoje conhecemos por Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai tem no encontro, por vezes violento, entre imigrantes europeus, povos originários, africanos escravizados e mestiços um amálgama cultural singular, onde o conflito e a guerra sempre estiveram presentes em variadas formas ao longo dos tempos. Significações como insubmissão, anticlericarismo e rebeldia não chegaram com os imigrantes anarquistas, mas certamente a partir destes tais significações puderam repercutir em organizações e práticas espaciais insurgentes as mais diversas.

As mobilizações de elementos do universo valorativo *gaucha* por parte de libertárias e libertários, notadamente anarquistas, são bem documentadas e analisadas na Argentina pois, como veremos, foi nesse país que durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX deram-se as mais significativas apropriações libertárias da identidade sócio-espacial *gaucha*, o encontro entre o anarquismo e o *gaucha*. Em quais circunstâncias históricas e geográficas esse encontro se deu? Que repercussões tiveram no campo simbólico-cultural? O que foi produzido em termos de música, literatura e manifestos a partir desse encontro?

O presente capítulo procura responder a tais questionamentos atentando, sempre que possível, para o fato de que esse encontro não se deu sem contradições ou resistências por parte de *gauchos* e de anarquistas, contudo, resultou em um tipo que podemos chamar de "*gaucha-anarquista*", ou um "anarquismo à moda campeira".

Nas últimas décadas do século XIX ocorre na Argentina um grande processo de mobilidade populacional via *desplazamiento*¹⁴ de populações rurais em função do avanço da grande propriedade de terra e dos investimentos do governo nacional concentrados na província de Buenos Aires em vias de urbanização. Nesse período não foram poucas as

¹⁴ Termo recorrente na literatura acadêmica argentina para designar os pobres expulsos do campo.

insurgências populares e por parte de caudilhos interioranos contra o centralismo do recente Estado argentino, haja visto que em muitas passagens da historiografia e da literatura o interior, o campo, as populações rurais eram vistos como "esquecidos" pelos governantes e, em alguns casos, chegou-se a vislumbrar o separatismo de certas províncias do norte argentino e da *pampa húmeda*¹⁵. O contexto foi de êxodo rural de populações grandemente identificadas com o universo valorativo *gaucho* para cidades em rápido crescimento, como Rosario, mas principalmente para a capital nacional - em 1869 Buenos Aires possuía cerca de 180 mil habitantes, ao passo que em 1915 a população superou a marca dos 1.500.000, cerca de dois terços destes nascidos fora da Argentina (BETHELL, 2008). Essa des-territorialização contribuiu para uma rápida disseminação dos hábitos de vida campeira no contexto citadino formando um dinâmico e singular caráter urbano (PRIETO, 1988), principalmente nos arrabaldes (periferias), criando-se uma heterogeneidade de tipos suburbanos - é nos arrabaldes onde se nota os maiores autoritarismos da modernização urbana (DELGADO, 2012) e onde as *gentes* do campo encontrarão os imigrantes anarquistas.

O anarquismo chega à região transnacional *gaucha* com o fluxo migratório de espanhóis e italianos, em maior grau, e franceses e suíços, em menor grau, para Argentina e Uruguai; e de italianos para o Rio Grande do Sul. Apesar disso, foi em terras argentinas que o pensamento libertário apresentou maior capilaridade no passado. Os primeiros sindicatos argentinos foram fundados pelos estrangeiros recém-chegados e, dentre estes, a corrente política que mais se destacava era o anarquismo, mas outras correntes socialistas também somaram-se nesse processo. Disso, formam-se círculos libertários e começa-se a publicar e distribuir folhetins, e logo outras formas de comunicação e propaganda são elaboradas, como peças teatrais, poemas e revistas literárias e culturais que desde já apresentavam uma linguagem compreensível para os *desplazados* do campo, além, é claro, dos tradicionais periódicos *obrerros*. O começo do século XX em Buenos Aires e arredores se dá com a efervescência de produção de materiais da classe trabalhadora que abordavam os mais variados temas, desde a primordial contradição capital-trabalho até novas ou alternativas formas de sociabilidade e entendimento do mundo a partir do lugar, do cotidiano e das experiências anteriores das *gentes* periféricas. Contudo, o anarquismo não se limitou a

¹⁵ *Pampa húmeda* e *pampa seca* são denominações mais correntes na Argentina. A primeira distingue-se da segunda por seu regime pluviométrico superior a 500mm/ano e corresponde aproximadamente às províncias argentinas de Buenos Aires, Santa Fe e Entre Ríos, estendendo-se ao Uruguai a ao sul e sudoeste do Rio Grande do Sul. Já a *pampa seca*, ou pampa ocidental, encontra-se em terras mais áridas à oeste até o sopé da Cordilheira dos Andes.

influenciar as lutas dos trabalhadores urbanos, e é parte da capilaridade do pensamento libertário no meio rural (ou a partir deste) que examinarei agora.

2.1 Canções e lutas *gaucho*-anarquistas: sementeiras libertárias na Pampa

O espaço rural argentino experimentou até meados do século XX diversas manifestações e lutas onde a típica figura da pampa, o *gaucho*, foi proeminente. A chegada de imigrantes anarquistas no campo não foi o único modo de imbricação do anarquismo com a identidade sócio-espacial *gaucha*: muitos escritores associam o *gaucho*, ou ao menos os elementos do núcleo originário (*gaucho* clássico), a um espírito libertário "por natureza". Características como a liberdade, a insubmissão, a luta contra a grande propriedade rural e a expropriação fizeram com que nos *gauchos* fosse identificado um *ethos* libertário, e isto possibilitou a confluência e mesmo certas hibridizações entre a identidade *gaucha* e uma identidade anarquista, de modo que teríamos uma perspectiva libertária mais ou menos própria dos grupos sociais da pampa, e não simplesmente uma assimilação de valores e ideias importados da Europa. Tais argumentos serão pormenorizados a partir de canções e *payadas* anarquistas, seguindo-se de algumas lutas sociais históricas onde os *gauchos* foram importantes ou mesmo protagonistas.

Uma das experiências que mais claramente associa a identidade sócio-espacial *gaucha* às ideias libertárias são as canções e *payadas* anarquistas. Sucintamente, a *payada* é uma poesia declamada com acompanhamento musical, onde a temática geralmente gira em torno do cotidiano campeiro e também da visão de *gauchos* sobre a política, a economia e a cultura. No início do século XX a *payada* foi utilizada por anarquistas não em grandes centros urbanos, mas sim em plena pampa. Considerando o conflito patrão-peão, os libertários compuseram canções que dialogam diretamente com o peão, incitando reflexão e insurgência contra os latifúndios através da mobilização de elementos da identidade sócio-espacial *gaucha*, e é com a cultura política do caudilhismo que primeiramente os valores libertários se chocam na dualidade heroísmo dos anarquistas X covardia dos militares repressores.

Em geral, estes *payadores* não queriam ter patrão nem caudilho, defendiam a abolição da propriedade privada e das fronteiras e eram ateus anticlericais, internalizando um caráter de habitante do campo pobre, um sujeito de existência nômade que vive de pago em pago levando sua guitarra e seus versos. Muitas *payadas* demonstravam a ruralofilia/urbanofobia contra os chamados centralistas de Buenos Aires, exaltando os valores do campo e

defendendo que era na pampa aberta onde a liberdade e a igualdade poderiam florescer. De três assuntos importantes do universo *gaucho* os *payadores* anarquistas se apropriaram: uma utopia da pampa sem cerca nem fronteiras estatais; o ataque a militares, ao governo, à igreja e à burguesia; e a desmistificação da suposta igualdade *gaucho*-caudilho.

Porém no conjunto destas canções encontramos contradições de posicionamentos quanto à ideia de pátria: a primeira geração de *payadores* anarquistas, nos primeiros anos do século XX, tinha a pátria e a bandeira nacional como uma espécie de pano de fundo, não criticando a pátria em si mas sim os "falsos patriotas" (HAGEMEYER, 2002). No entanto, na década de 1920 surge Martín Castro, mais conhecido como *El Payador Rojo*, um anarquista que não fazia concessões ao patriotismo e aos caudilhos, tendo deixado uma obra onde os elementos do pensamento libertário até então se faziam coerentemente presentes. Na compilação *Los Anarquistas (1902-1936)*¹⁶, cuja transcrição das letras encontra-se no **Anexo I**, temos um apanhado de canções elaboradas por anônimos ou por conhecidos declamadores e *cantautores* da classe trabalhadora na Argentina, inclusive Castro. Uma das mais emblemáticas *payadas* dessa época é a *Milonga Social del Payador Libertario*, de 1902:

MILONGA SOCIAL DEL PAYADOR LIBERTARIO

Anônimo (1902)

cantado:

*Grato auditorio que escuchas,
grato auditorio que escuchas
al payador anarquista
no háganse a un lado la vista
con cierta expresión de horror,
que si al decirte quien somos
vuelve a tu faz la alegría
en nombre de la anarquía
te saludo con amor.*

*Somos los que defendemos,
somos los que defendemos
un ideal de justicia
que no encierre en sí codicia
ni egoísmo ni ambición
el ideal tan cantado
por Reclus y los Graves
los Salvoechea y los Faures
los Kropotkin y los Tudor.*

¹⁶ Para ouvir na íntegra, acessar <<https://www.youtube.com/watch?v=maSDrJJA5ew>>

*Somos los que despreciamos,
somos los que despreciamos
las religiones farsantes
por ser ellas las causantes
de la ignorancia mundial
sus ministros son ladrones
sus dioses son una mentira
y todos comen de arriba
en nombre de la moral.*

*Somos esos anarquistas,
somos esos anarquistas
que nos llaman asesinos
porque al obrero inducimos
a buscar la libertad,
porque cuando nos oprimen
golpeamos a los tiranos
y siempre nos rebelamos
contra toda autoridad.*

No início, como é corrente em diversas *payadas*, o *cantante* pede permissão para o público, se apresenta e prepara-o para as ideias que irá compartilhar, entendendo de antemão que sua platéia a princípio teria receio ou medo de um anarquista. A canção traz elementos comuns ao anarquismo como um ideal amplo de justiça, posicionamento anticlerical, políticos e todos os *de arriba*, inclusive citando nomes como Reclus e Kropotkin. Nesta canção vemos que o autor apresenta uma identidade anarquista a partir da diferenciação e contraposição com aquilo de que são chamados pelas autoridades (*nos llaman asesinos/ porque al obrero inducimos / a buscar la libertad*) e, à medida em que se coloca ao lado dos trabalhadores, quer deles sua simpatia e sua confiança para juntos se rebelarem contra tiranos e autoridades. Outra canção de apresentação e de afirmação da identidade é *Milonga Anarquista*, de 1906:

MILONGA ANARQUISTA

Anônimo (1906)

recitado:

*Sí, ya a principios de siglo
las ideas anarquistas han hecho pie
bien tierra adentro
y las cantan payadores criollos.*

cantado:

*Soy un nuevo payador
del territorio argentino
y voy buscando el camino
de nueva felicidad.*

*Solamente la verdad
es el arma que yo entono
y con mi canto pregono
el sol de la libertad.*

*Abajo los usureros
mueran todos los rentistas
todos los capitalistas
y la religión impía.*

*Que ya se aproxima el día
de la paz universal
y del concierto social
bajo el sol de la anarquía.*

Aqui o autor, também anônimo, destaca a recente chegada no território argentino de um *payador* libertário, esclarece quem são seus inimigos (usurários, rentistas, capitalistas e a religião) e que com esperança uma época de paz nos campos se dará sob as ideias anarquistas.

Já *Guitarra Roja* (1928), d'*El Payador Rojo* Martín Castro, entoa um grito de combate aos *de arriba* tendo seu instrumento musical como principal arma contra os opressores, principalmente os frontalmente atacados caudilhos:

GUITARRA ROJA

Martín Castro (1928)

recitado:

*En esos años
aparecerá el gran cultor
de la payada libertaria;
será el payador rojo
Martín Castro.*

cantado:

*Ven guitarra libertaria
libertaria y redentora
del que sufre
del que llora
del delincuente y el paria.
Tu acorde no es plegaria*

*el servilismo indecente
el bardo altivo y valiente
cuando te pulsen sus manos
ante todos los tiranos
sabe atacarlos de frente.*

*Guitarra que entre mis manos
vibras y ruges conmigo
fiel amiga de este amigo
pregón de versos humanos
y en tus trinos soberanos
del libertario cantor
se inspira en versos de amor
de rebelión y templanza
augurando una esperanza
en los hijos del dolor.*

*Guitarra, los payadores
hicieron de tu cordaje
palenque del caudillaje
para amasar electores
rutinarios, corruptores
en vez de hacerte valer
te hicieron envilecer
con caudillo de partido
guitarra, guitarra te han corrompido
como una débil mujer.*

*Guitarra, si en mi vejez
llegara a serte profano
quisiera ser un insano
sin vista y en la mudez
si pierdo la rigidez
del convencido varón
antes de hacerte un baldón
coyunda para tus notas
quiero, quiero ver tus cuerdas rotas
quebrado tu diapasón.*

Muitas dessas canções eram entoadas em festas e reuniões de trabalhadores / peões em momentos de pausa na lida dentro dos galpões destinados a estes ou em festas campeiras. Várias das *payadas* anarquistas se espalharam pelo boca-a-boca em boa parte da pampa argentina, algumas até tendo reconhecido sucesso e chegando a serem gravadas, como é o caso destas canções em *Los Anarquistas*. A respeito das apropriações libertárias de elementos

do universo valorativo *gaucho* nas canções anarquistas, Hagemeyer (2002, pp. 103-104) assim coloca:

Misturado com os antigos valores da pampa, o anarquismo parecia ganhar um novo significado, qual seja, o do retorno à antiga pampa livre, do tempo em que não havia fronteiras, em que o gado xucro andava solto pelos campos, em que a autoridade ultramarina ainda não impunha suas ordens. No tempo em que o *gaucho* não era obrigado a abrigar-se sob a autoridade do grande estancieiro, nem seguir a liderança política desses caudilhos.

Alguns limites destas *payadas* merecem, no entanto, ser destacados. O passadismo com que os *cantautores* tratavam o espaço rural pode limitar a compreensão das transformações sócio-espaciais, dificultando a elaboração de estratégias de luta e resistência e, associando-se à ruralofilia/urbanofobia, podem se tornar um perigo por defender o campo como único lugar onde se possa concretizar a emancipação social. Isto, contudo, é compreensível em um contexto em que o Estado centralista argentino apostava todas as suas fichas no desenvolvimento urbano-industrial de Buenos Aires, provocando um forte conflito entre o campo e a cidade-capital.

A mescla entre as significações libertárias e a identidade sócio-espacial *gaucha* não se limita ao passado. Da segunda metade do século XX até hoje temos músicos que cantaram as coisas de seu pago e do mundo por meio de *payadas*, milongas, *chacareras* etc. com fortes conotações libertárias, denominando-se anarquistas ou não. Três destes são os uruguaios Carlos Molina (1927-1998), Daniel Viglietti (1939-2017) e Chito de Mello (1947-). O primeiro, próximo à *Federación Anarquista Uruguaya*, é considerado o maior *payador* do século XX. O segundo é um dos maiores expoentes do canto popular uruguaio e reconhecido internacionalmente. O terceiro é uma figura conhecida na fronteira Brasil-Uruguaio (Santana do Livramento-Rivera) por, dentre outras razões, valorizar o portunhol em suas canções. A Figura 8 mostra a capa do livro *Hachando los Alambrados* (Cortando as Cercas) com versos de Martín Castro e Carlos Molina, onde se vê do lado esquerdo o rosto de um *gaucho* e do lado direito o *gaucho* passando por cima ou destruindo o alambrado, marco espacial da propriedade privada da terra.

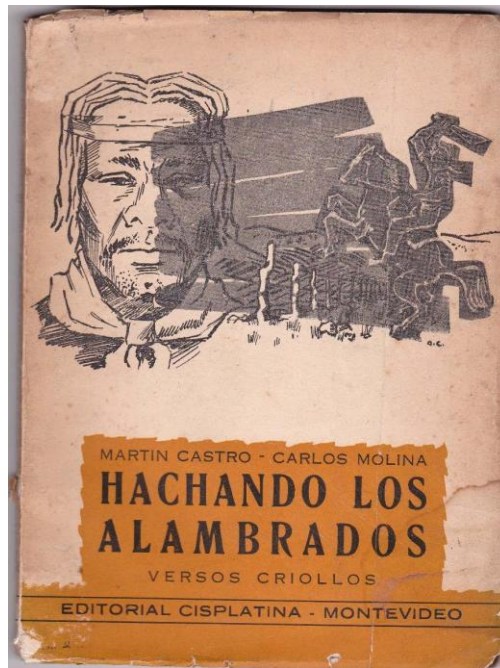


FIGURA 8: Capa de *Hachando los Alambrados* (Martín Castro e Carlos Molina, 1959).
Fonte: CEDINCI

Algumas passagens emblemáticas das obras musicais de Viglietti e Mello são:

A DESALAMBRAR

Daniel Viglietti (1973)

*Yo pregunto a los presentes
Si no se han puesto a pensar
Que la tierra es de nosotros
Y no del que tiene mas.*

*Yo pregunto si en la tierra
Nunca habria pensado usted
Que si las manos son nuestras
Es nuestro lo que nos den.*

*A desalambrar a desalambrar
Que la tierra es mia tuya y de aquel
De pedro maria de juan y jose.*

*Si molesto con mi canto
A alguno que ande por ahi
Le aseguro que es un gringo
O dueño del uruguay.*

*A desalambrar a desalambrar
Que la tierra es mia tuya y de aquel*

De pedro maria de juan y jose.

Nesta canção de Viglietti temos a luta pela terra como foco e a autodeterminação do trabalhador rural com a coletivização da terra como um objetivo. Assim como os *payadores* do passado, Viglietti dialoga com os trabalhadores (seu público-alvo) em uma linguagem direta e acessível, com um raciocínio simples que provoca a reflexão sobre a posse da terra.

Em *Yo Soy del Asentamiento*, Chito de Mello utiliza o portunhol para se colocar como humilde morador de um assentamento rural, que apesar da pobreza e das mazelas não cai na conversa de políticos profissionais e segue trabalhando arduamente no cerro, lutando por outras vias como pregava o citado músico Alfredo Zitarrosa. Termina entoando uma máxima muito cara para os anarquistas contemporâneos - *se vota por los de arriba o se lucha por los de abajo*.

YO SOY DEL ASENTAMIENTO

Chito de Mello (2003)

*Yo soy del asentamiento
Pa que sepas compañero
Yo soy del asentamiento
Pa que sepas compañero*

*Y dependo de mis brazos
Pra ganar mi puchero
Y dependo de mis brazos
Pra ganar mi puchero*

*Mi casa de trace rustico
Martillo, clavo y tenaza
P'alguno sera una choza
Pero pa mi es una casa*

*Yo'xisto con la mujer, los gurises y los perros
Yo'xisto con la mujer, los gurises y los perros
Aguantando la tacada en la cacunda del cerro
Aguantando la tacada en la cacunda del cerro*

*La pobreza me da rabia y de caliente me empedo
La pobreza me da rabia y de caliente me empedo
E ya meto por pelear como pensaba Alfredo
E ya meto por pelear como pensaba Alfredo*

*Que el político me usa hace rato que lo noto
Que el político me usa hace rato que lo noto*

*Este sólo me visita cuando precisa mi voto
Este sólo me visita cuando precisa mi voto*

*De tanto errar he aprendido esas verdades carajo
De tanto errar he aprendido esas verdades carajo
Se vota por los de arriba o se lucha por los de abajo
Se vota por los de arriba o se lucha por los de abajo*

Não apenas em músicas e poemas encontra-se a mobilização da identidade sócio-espacial *gaucha* com caráter libertário. Alguns episódios históricos ocorridos no interior argentino retratam bem a luta de *gauchos* contra variadas opressões e se tornaram míticos no imaginário social. Conforme já mencionado neste trabalho, os *gauchos* foram muitas vezes associados ao banditismo e à vagabundagem pelas autoridades da época. Na Argentina durante fins do século XIX e a primeira metade do século XX os chamados *bandidos rurales* povoaram o campo e a imaginação das populações rurais, tornando-se conhecidos pela destreza com o cavalo, com as armas brancas e de fogo, a luta contra autoridades e o caráter de expropriação de suas ações - em geral, assaltos a trens, bancos e instalações militares. Nomes como Vairoletto "*El protetor de los pobres*", *Mate Cocido*, os irmãos Izidro e Carlos Velázquez ("*Los vengadores*") e Antonio "*El Gauchito*" Gil¹⁷ foram símbolos de transgressão e representantes, por assim dizer, dos "últimos" *gauchos* clássicos, nômades foras-da-lei com um código de honra próprio. Em um contexto histórico e geográfico em que o habitante do campo era obrigado a solicitar aos senhores, caudilhos, proprietários e aparato repressor do Estado a permissão para simplesmente ir de um local para outro, os *bandidos rurales* desafiaram autoridades ao mesmo tempo em que encorajaram muitos atos de resistência por parte das populações *desplazadas* do campo, e são reivindicados por anarquistas até hoje¹⁸.

Outra experiência de luta de *gauchos* no campo argentino foram as chamadas *montoneras gauchas*. As *montoneras* caracterizaram-se ao longo do século XIX por serem formações militares irregulares de populações de um determinado local, semelhante a milícias, geralmente sob a liderança de um caudilho e surgidas a partir das guerras contra a colonização espanhola. Considera-se as *montonerias* fundamentais para se entender a formação social e territorial dos campos argentinos, notoriamente os espaços ao norte de Buenos Aires até o *chaco* paraguaio (ALABART, 2015). Nesse âmbito algumas *montoneras* apresentavam

¹⁷ Hoje o *Gauchito Gil* é um santo popular argentino e uma das figuras históricas mais conhecidas e devotadas do país.

¹⁸ A canção *Bandidos Rurales* de Leon Gieco detalha os feitos destes *gauchos*. Diz ela "*Bandidos rurales, difícil de atraparles / Jinetes rebeldes por vientos salvajes (...) Igual que alambrar estrellas en tierra de nadie (...) Bandidos populares de leyenda y corazón / Queridos por anarcos, pobres y pupilas de bordel / Todos fuera de la ley*".

uma estrutura tal que os *gauchos* em geral decidiam os rumos destas organizações e o comandante *montonero* apenas os liderava militarmente, como ocorre em certas guerrilhas. A chamada *Guerra Gaucha*, uma série de batalhas no norte argentino pela independência, contaram com as *montoneras* como base estratégica de suas ações, ainda que, por questão de honestidade intelectual, não possa ser chamada de um episódio emancipatório. A seguir veremos algumas repercussões urbanas do encontro entre a identidade sócio-espacial *gaucha* e o pensamento libertário.

2.2 Periódicos, manifestos e contos no movimento operário

O anarquismo enquanto corrente política e conjunto de ideias chega à região transnacional *gaucha* junto aos milhares de imigrantes vindos principalmente da Itália e da Espanha, como já foi mencionado. A maior parte dos trabalhadores na grande Buenos Aires em fins do século XIX, por exemplo, era de origem estrangeira, alijados de sua terra natal e de suas tradições onde nem Estado nem Igreja representavam suporte a estes (SURIANO, 2000, p. 294).

Buenos Aires e Rosario foram os dois centros urbanos onde as ideias libertárias melhor tomaram forma, porém, conforme visto, o projeto libertário era "integral" e se espalhou pelo campo e por cidades menores nos âmbitos político, econômico ou cultural (*idem*, p. 301). Os primeiros círculos anarquistas de importância começaram na década de 1880 na capital federal e ganharam força com a chegada de uma figura da envergadura de Errico Malatesta, um dos maiores nomes do anarquismo clássico. Malatesta funda em 1885 o Círculo Comunista Anárquico e anima outras organizações em variados arrabaldes portenhos. O anarquista italiano regressa à Europa em 1889, porém deixa um legado organizacional fundamental para o desenvolvimento posterior do campo libertário na Argentina.

A última década do século XIX e as primeiras quatro décadas do século XX foram efervescentes com a fundação do famoso periódico operário *La Protesta Humana* (1897-), a constituição da *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA, 1901-) - que durante uma década (1905-1915) recomendou em seu programa a adoção do comunismo anarquista - e a publicação e divulgação de diversos produtos culturais como revistas, poemas, canções e peças de teatro com pano de fundo libertário. Para se ter uma ideia da difusão do anarquismo no meio operário, em 1904 contou-se uma tiragem de 8.000 exemplares de *La Protesta Humana* contra 3.300 exemplares de *La Vanguardia*, publicação do Partido Socialista

(MINGUZZI, 2016). Nomes como Alberto Ghirardo, Florencio Sanchez (estes dois na primeira década do século XX) e Diego Abád de Santillán¹⁹ (na segunda década do século XX) tornaram-se referências na difusão de ideias advindas da Europa e também na reelaboração de tais ideias para a realidade argentina.

No contexto de surgimento dos tipos suburbanos em um espaço periférico e precarizado compartilhado por imigrantes pobres e campeiros *desplazados* mesclam-se elementos do universo *gaucho* e do anarquismo, e os *Centros Criollos* surgem nos arrabaldes como espaços de socialização desses grupos. Ali eram encenadas peças teatrais de dramaturgos anarquistas (o mais conhecido deles foi Florencio Sanchez), entoados cantos e improvisadas *payadas* que contavam a luta e o cotidiano *gaucho* sob um ponto de vista libertário, entre outras atividades recreativas e políticas. Disso reconstitui-se parte do universo *gaucho* em direção à valorização dos elementos que convergem com um espírito insurgente, insubmisso e revolucionário. Contudo, como aconteceu no Rio Grande do Sul, essa época presenciou o advento da ideologia nacionalista, onde a figura do *gaucho* foi também apropriada por aqueles que objetivavam construir um sentimento de pátria e de pertencimento nacional - aqui vemos como a identidade sócio-espacial *gaucha* no âmbito da dimensão simbólico-cultural da sociedade foi objeto de disputa por campos opostos do espectro político.

Alberto Ghirardo (1875-1946), escritor e produtor cultural, fundou e editou *Martín Fierro - Revista popular e ilustrada de crítica y arte*²⁰ entre março de 1904 e fevereiro de 1905, que teve 48 números sendo que a partir do 31º tornou-se suplemento de *La Protesta Humana*, quando Ghirardo também foi diretor do periódico (DÍAZ, 1991). *Martín Fierro* foi uma revista de caráter político-cultural que buscava uma interpretação alternativa à da ideologia nacionalista quanto ao mundo *gaucho*/campeiro e um diálogo com os recém-chegados trabalhadores rurais, por isso era uma revista de muitas figuras, poemas e textos curtos sobre o cotidiano, o universo rural, as dificuldades de se exercer os hábitos e costumes interioranos na cidade grande e, também, sobre a importância da solidariedade para com os imigrantes europeus pobres. A Figura 9 traz uma composição com quatro páginas de números diversos que ilustram seu conteúdo.

¹⁹ O anarquista espanhol Santillán (1897-1983) migrou com 8 anos de idade para a Argentina onde realizou seus estudos até a adolescência. Voltou à Espanha com 15 anos e, posteriormente, regressou à Argentina em 1918, tendo atuado como sindicalista na FORA e editor de *La Protesta Humana*.

²⁰ A revista encontra-se digitalizada e disponível na íntegra em <<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/martin-fierro/>>



Precio 10 CENTAVOS



Regeneradores políticos

—¡Inocentes! a mi edad no gritarán: ¡viva Pedro! ¡viva Juan! Entonces sabrán lo que son estos hombres puros, especies de Canes que se pelean por roer un hueso ó tragarse un «Almirante Brown» por más acorazado que sea.



Melancolías pampeanas

Esta gente, que los peses que te desmenuza el alma, como en sus diálogos, Repetición es la Pampa.
 Esta gente, que al estilo Tristram de los diálogos, «en sus liras las angustias desentran como de oro».
 Esta, esta, que le son Armonías y las longanizas Llena cisterna y adormida Como un alma negra.
 Esta, esta, que sostiene Luchamos huyendo guiados En la insonante pampeana.
 FARIAS CRUZ.

CLÁSICOS CRIOLLOS



Los consejos del viejo Vienneta

Se acude convida de curra, Hace los que hace el rano— Conservarte es el viento. En que empezó la memoria— Vaya que cambia querevata, Se atrasa en la parición.”
 Y mendazando los trapos Aquel virajo como perro— “No olvidés, me decía, Fierro Que el hombre no debe creer, En la memoria del perro. Si en la respuesta del perro.
 “Lo que no debes olvidar Aunque el mundo se despiere— Lo que más premia el hombre, Tener, según yo pienso, En la memoria del perro. Que como olvidó todo cosa.
 “Diga que saltó el burro El dueño del zorrillo— Lo que es ya, nunca me olvide Y a todos me hago el señor— El señor vive su vida Y se come hasta los hijos.
 “El burro que ya se corrió Desde lejos la alianza— No se apure quien desea, Hacer lo que la aprobación— La rana que más rama En la que da mejor leche.
 “El que gana su comida Desde su que es aliento como Asina, vos al por bromo Querés llevar la almoneda— Tomen como el cianuro Si despara por la lana.
 “Yo voy desde me comienza Y jama se demoró, Liviano el ejemplo mio Y llevarlo la herida, Aprendá de los torcazas. No vas a no mejor vicio.”
 “A nadie tengas envidia, De may los el envite, Cuando vas a otro ganar A atorharte en te torca— Cada torca en su torca En el modo de manar.
 “El hombre, hasta el que se averbó, Con sus espigas que un tacho— Añaja andado en la mala Y en la mala como manar, Hasta la bastarda bagueta Cal al jaguet en la sea.”

“Si nunca vieré tempestad Dedicado a cultivar— Mas si te quere manar, Con esta advertencia sea, Que se may difícil guardar Fierro que otros coltura.
 “En su vida la mujer Que yo aquí no la desato, — Siempre quiere el hombre, gogho, Mas fíjate en la elección, Porque como el corralón Como barriga de sapo.
 “Los que no saben guardar Sus pulcos siempre trabaja— Nunca por más que se sienten Se liberata del diablo, Al que hace barrigón En el fondo que te paga.”
 “Desde los vientos me llevas Allí estoy como en el centro— Cuando una vieta me encuentro Tomen un trapo ya aligrares; A mí me gusta molinar Por ajetas y por alajato.
 “Fue con pullo, y te enseñaron Todas estas ramona, Mis consejos y lecciones No es más en el olvido— En las ritas lo aprendido A no pillar así pagaron.
 Y gurguen con la trampa, Me sea desde “partido, Antes se agota el corralón Mas se lo dice un torcazo, No desate que hombre siempre Te gana el las del castillo.
 “Las almas son memorias Para salir más cuando; Nunca al señor postado, Y de donde sales todo, Debe llevarlo de modo Que al salir, saiga corriendo.
 Con estos consejos y otros Que yo en mi memoria encuentro, Etendálos como espigas— Hasta que al fin se deranta Molando sobre los perros.
 Así se alientan muchos Mientras los pulcos lo pagó— Como el condere hay quien lo haga En la parición no sigue— Pero otros como el torcazo Toda entera en su bagueta.
 José Hernández.
 Abajo de G. de C.

MARTIN FIERRO

REVISTA POPULAR ILUSTRADA DE CRÍTICA Y ARTE
 OFICINAS: CALLE LINA N.º 437 DIRECTOR: ALBERTO GHIRALDO
 AÑO I BUENOS AIRES, 3 DE MARZO DE 1904 N.º 1

Queremos

ENCENTRAR el modo en que debe vaciarse el arte para hacer llegar al pueblo la verdad y la belleza;
 Exteriorizar la vida y la libertad verdadera que surgen del ejercicio consciente de todas las energías cuando una orientación hacia la luz es guía de los actos del hombre;
 Hacer comprender a los pobres, a los humildes, a todos los tristes que andaban llevando odios y rencores dentro del pecho subterráneo por las injusticias, que una nueva aurora luce el esplendor de sus colores en el horizonte humano, porque ya es un hecho la comprobación de una fuerza desconocida hasta ayer: la fuerza de la soledad;
 Incutir en el ánimo de los poderosos, por medio del razonamiento y de la crítica, la necesidad de ir, sinceramente, hacia el pueblo, y esto en nombre de la armonía de todos;
 Ser gesto y acción convencidos de que no es posible reducir la lucha, base de la existencia, realizando así la tarea educadora que nuestra cultura nos depura;
 Propalar ideas, encarneradas de las verdades alcanzadas hasta el presente, buscando, en todo momento, la mejor forma de hacerlas llegar a las mayorías;
 Descalificar la injuria y el insulto como contraproducentes para el logro de grandes ideales, por encima siempre de toda pasión personal y como tal incapaces;
 Ofrecer una tribuna libre donde puedan ventilarse, con absoluta amplitud de criterio, todos los problemas políticos, sociológicos e intelectuales que afectan a la colectividad;
 Ser amenes y amables como el tipo de filósofo, de ese símbolo del alma popular cuyo nombre nos sirve de bandera;
 Tener como el la trébol, la serenidad y la fuerza de la lógica, bellas armas de combate cuya misión es la de ir abriendo veredas fecundas en campos yerrosos y estériles;
 Poner de relieve el adelanto, el grado de evolución a que ha llegado nuestro pueblo en su estructura mental, en sus costumbres y en su modo de sentir, de comprender la vida;
 Levantar el arte como un pabellón de luz a cuyas proyecciones iremos haciendo nos mejores, más sanos, más fuertes, más libres, más libres, porque su influencia nos hará más aptos para percibir la verdad y la belleza,—almas del mundo.

Eso queremos a eso venimos

MARTIN FIERRO será la concreción más genuina de las aspiraciones del pueblo que sufre, ama y produce; y que buscando en un poco de equidad y alivio en las fatigas y lú, luz plena para su cerebro.
 Abrimos nuestras columnas al pensamiento nacional, entendiendo que el pueblo de aportar su concurso todo el que habite en esta tierra.

LA DIRECCIÓN.

FIGURA 9: Composição de páginas da Revista Martín Fierro. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Número 1, capa; Número 2, p. 11; Número 4 p. 4; Número 1 p. 3. Fonte: CEDINCI.

Corriqueira é a figura do *gaucho/criollo* em diferentes situações no campo e na cidade: ora aparece como o centauro da pampa, absoluto em seu cavalo, sua determinação e sua bravura; ora aparece com um mendigo na cidade grande; ora também aparece ironizando clérigos e poderosos; e ora aparece mirando o horizonte como metáfora de seu futuro. A respeito da capa do número 1, que se repete até o número 3, Minguzzi (2016, p. 5) comenta:

Emblemática resulta la figura del gaucho que aparece en el número 1 y que se repite en otros. Su serena postura y su forma de otear el soleado horizonte reflejan en la caracterización de esta figura que se hace en el manifiesto del número inicial en donde se habla de lo ameno, amable y sereno que resulta el personaje de Hernández, con su postura irónica y filosófica.

É importante destacar que, como muitas das publicações operárias da época, Martín Fierro reflete uma multiplicidade de correntes críticas em suas páginas mas, apesar de alguns reformistas, partidários e socialistas moderados terem publicado textos e imagens anticlericais, antimilitaristas e contra o Estado opressor e centralista, a maior parte de seus colaboradores e o espírito central da revista são claramente libertários.

O estilo de Ghiraldo e sua sensibilidade estética refletem em um estilo apaixonado e sem grandes preocupações com referências teóricas (outros periódicos já faziam isso), pois seu intento é, antes de tudo, tocar os leitores e inspirá-los a seguir cultivando ideias libertárias de solidariedade e luta contra a heteronomia em suas variadas formas.

De este modo, en la revista de Ghiraldo se advierte que la mayoría de las cuestiones referidas a la problemática del anarquismo son planteadas desde una lógica que podríamos llamar del "sentido común" y que a ella se apelará para la transformación de la sociedad. Ghiraldo, especialmente, es quien más utiliza esta forma discursiva, poniendo en ese "sentido común", apasionado, sentimental y justiciero, la clave del cambio individual y social. Nunca mejor que en sus artículos se transparenta la fuerza de la individualidad anarquista que, transformándose a sí misma, motoriza el cambio de la sociedad (REY, 2004, pp. 26-27).

Os contos de Alberto Ghiraldo publicados na Martín Fierro foram posteriormente reunidos em *Carne Doliente* (GHIRALDO, 1907). A ordem com que o autor sistematiza os contos é sugestiva: os primeiros se passam numa *llanura* aberta onde o meio telúrico é central e, por vezes, certo determinismo ambiental também aparece. Ao longo dos contos percebe-se as transformações do campo, o aumento das opressões e do autoritarismo, até chegar ao final do livro no espaço urbano, onde o *gaucho* se vê obrigado a desenraizar-se e a moldar-se com tipos tão diferentes. Na reterritorialização na cidade o indivíduo começaria seu processo de alienação pois tirado de sua terra, de seu espaço-abrigo original. Vejamos alguns trechos da

obra como exemplo da maneira pela qual um anarquista retrata o *gaucho* (a grafia original foi mantida).

A concretar las aspiraciones de los que ya se consideraban poseedores y dueños detentados, vienen después los cerebros de hábiles políticos constituyendo ellos la luz, el foco revolucionario que había de irradiar á poco con resplandores de incendio por todo un continente.

Producto mestizo de español y de indígena tenía el criollo tanto del empuje y la soberbia del primero cuanto de la astucia y felinidad del segundo.

En el territorio ocupado por el virreinato del Río de la Plata se agrupaba un pueblo productor, ganadero por excelencia, pero cuya organización económica y costumbres sociales íbanse, naturalmente, amoldando á las introducidas por el español. Un día sintióse fuerte, capaz de bastarse á sí mismo y entonces sin pretender cambiar de hábitos quiso no tener tutela, es decir emanciparse del poder explotador. Una coyuntura histórica le favoreció. El tutor atacado constreñido por un enemigo audaz, necesitaba de su más grande esfuerzo para resistirle. Y habló la astucia; el criollo desplegó su bandera, hizo un nuevo símbolo con diferentes colores y se lanzó á la guerra.

Vino ésta con todos sus horrores. El español residente, empecinado en sostener su dominación, llevó al extremo su actitud intransigente y la lucha adquirió los contornos de las tragedias más luctuosas de la historia. Fué la noche de América (La Independencia, GHIRALDO, 1907, pp. 18-19)

Aqui Ghirardo mostra a formação étnica do *gaucho* (*criollo mestizo de español y de indigena*), suas principais ocupações (*ganadero por excelencia*), e a tomada de consciência de sua condição subalterna (*quiso no tener tutela, es decir emanciparse del poder explotador*). As características pelo autor colocadas são aquelas que mais aproximam o *gaucho* do ideário anarquista, vendo na figura do mestiço campeiro um potencial revolucionário. A rebeldia também é demonstrada no seguinte trecho do mesmo conto:

El rebelde aquel era un símbolo. Había batallado ofreciéndose, entero, en holocausto á un principio. El era el abanderado de la libertad; peleaba en los campos de América contra el poder español hoy reinante porque ese era el obstáculo presente, la piedra inmediata cuyo derrumbe se hacía necesario para que el río de agua dulce y fecunda se esparciese en el mundo. Hoy el español, cruel y retrógrado, empecinado en sostener dogmas falsos, era el enemigo. Mañana lo sería el criollo estanciero y logrero, ese á quien se aludía con frase agresiva y mordaz (*idem*, p. 23)

A insurgência dos *gauchos* contra os dominadores espanhóis é tema recorrente da literatura em geral e anarquista em particular, porém Ghirardo procura diferenciar a luta do *gaucho* contra seu opressor imediato de uma luta patriótica ou nacionalista: apensar de reconhecer o papel daquele no processo de expulsão dos espanhóis, não vê o *gaucho* com um objetivo independentista. Estratégias de resistência anticlerical dão as caras em *Postrer Fulgor*, em um contexto de guerra onde os recursos escassos não são obstáculo suficiente para frear os *gauchos*.

Indios y gauchos alzados ocupaban la Pampa. Perseguidos á muerte por el cristiano tenaz y bárbaro, civilizador y salvaje, habíanse diseminado en grupos, fuertes y ágiles, con el fin de distraer al enemigo, obligándole á desunirse también haciendo una guerra de recursos, sin contar con las facilidades de concentración y desbande inmediato con que cada día asombraban ellos, los hijos del cardal y las pajas bravas (Postrer Fulgor, GHIRALDO, 1907, p. 33).

Com o personagem *El Matrero Ibañez* em *La Traición*, Ghiraldo glorifica a figura do *gaucho* utilizando-se de símbolos presentes no imaginário anarquista, como a bandeira negra:

La melena flotando á los vientos como una negra bandera llena de pliegues, la mirada intensa y fija, con reflejos de lanza nueva, clavada en el grupo armado, el ademán sereno, resuelto del que ha jugado su vida y sólo teme al cautiverio, dábale al gaucho todo el aire de un héroe legendario digno de ser cantado por un homérica ó esculpido en mármoles valientes (La Traición, GHIRALDO, 1907, p. 85).

Pode-se considerar a obra de Alberto Ghiraldo a principal expoente do que poderíamos chamar de uma "literatura gauchesca libertária", pois demonstra de maneira profunda e sensível o encontro simbólico e concreto entre o anarquismo e a identidade sócio-espacial *gaucha*, além de ter influenciado toda uma gama de escritores e músicos libertários ao longo do século XX.

Sintetizando o encontro do anarquismo com o universo *gaucho* nas periferias portenhas, a Figura 10 traz um esquema com o intuito de facilitar a compreensão dos desdobramentos dessa mestiçagem simbólico-cultural.

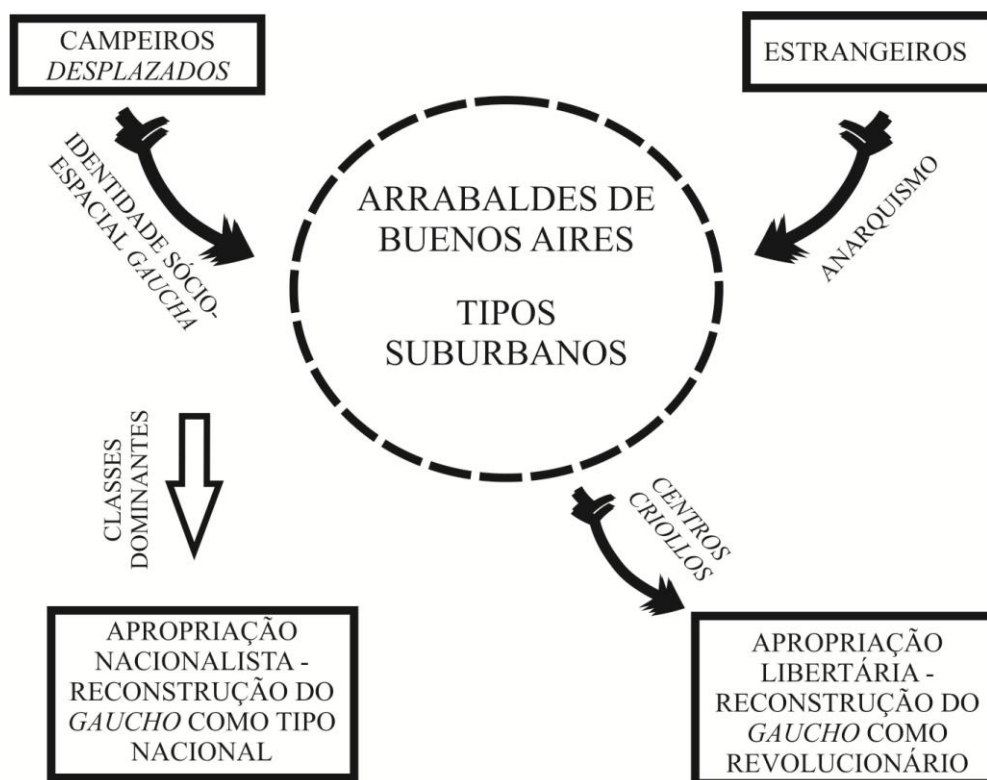


FIGURA 10: Esquema gráfico do encontro do anarquismo com a identidade sócio-espacial *gaucha* em fins do século XIX e início do século XX, simultaneamente à apropriação nacionalista da identidade.
Elaboração do autor.

Posteriormente aos primeiros anos da mescla "*gaucho-anarquista*", vários textos entre cartas e manifestos surgiram influenciados pela reconstrução do *gaucho* como um potencial revolucionário. Um texto fundamental para a compreensão dessa mescla é o manifesto *La Carta Gaucha*, escrito em 1928 por Juan Crusao, pseudônimo de Luis Woollands, um trabalhador sazonal do campo profundamente imerso e conhecedor por experiência do universo *gaucho*. *La Carta Gaucha* é um dos textos mais reivindicados, resgatados e estudados do campo libertário do Prata. Por sua importância, principalmente pela rápida disseminação entre os trabalhadores rurais nas décadas de 1930 e 1940 na pampa argentina e uruguaia, resgato a seguir diversos trechos emblemáticos de um manifesto escrito em dialeto *gaucho*, de maneira objetiva e "sem os floreiros dos literatos" como diz o próprio autor. O objetivo geral do texto é incitar os *gauchos* a refletirem sobre sua condição de subalterno, de trabalhador superexplorado que está longe de receber o que merece pelo seu trabalho, destacando a luta contra os estancieros, políticos profissionais e poderosos em geral, ao mesmo tempo em que semeia a solidariedade com os imigrantes pobres recentes e, junto destes, insurgem-se e lançem-se à revolução. O autor, em um "prefácio" de sua carta, assim comenta a recepção do texto por parte dos anarquistas e o intento do manifesto:

A mis amigos los anarquistas se les puso que la carta tiene cosas muy buenas y muy útiles para instruir a los gauchos. Ser'asi. Ellos saben mejor que yo las cosas. Yo no me pong'orgullosa por ello. Lo que sí, me gustaría que mis paisanos la leyeran con cariño y cuidasen bien el librito; y que cuando vayan a pasiar a'lguna casa e gente criolla, lo saquen y lo lean, pa que todos se den cuenta de lo que deben haser pa que los campos argentinos vuelvan a ser de los pobres, como han sido en otros tiempos, y que l'hasienda gorda no se la coman los frigoríficos, sino los trabajadores, y pa que del trigo argentino se haga pan pa los hijos del país y no que se lo lleven pa Uropa, como están hasiendo.

Todas estas cosas se deben remediar con la revolusión que tenemos que haser prontito. Es por eso que se presisa saber q'es y cómo se hace la revolusión, y la CARTA GAUCHA les dice clarito a los gauchos lo q'está bien, como pa q'elijan. El que no comprenda con eso, es porque tiene agua en la cabeza o alma de milico. Los demás todos l'han d'entender (CRUSAO, s/d, p. 6).

Logo no início o autor convida os leitores a aproximarem-se dos "gringos" pobres pois os subalternizados de todas as nações merecem respeito e solidariedade, colocando os habitantes da pampa em posição de inferioridade intelectual e organizativa perto dos estrangeiros pobres que teriam muito o que ensinar:

¡Amigos! Cuando me acuerdo de aquellos hombres, me da vergüenza llamarles gringos... D'ellos aprendí que los verdaderos gringos somos los pobres de cualquier nación, y que los argentinos d'inorantes que somos los despreciamos. ¡Somos bárbaros los hijos d'esta tierra, y atrasaos! Nos creemos saber todo y somos más redondos que argoll'elaso; no tenemos más que mala boca pa insultar a los trabajadores y pa ráirnos de lo que no sabemos. Y somos más desgrasiasos q'ellos, porq'ellos siquiera se defienden de las picardías de los ricos y nosotros ¡ni eso! (CRUSAO, 1928, não paginado)

O tema da superexploração do trabalho é recorrente na carta. Aqui Crusao exalta as habilidades do *gaucho* e que este não pode se sujeitar a patrões e estancieros que se apropriam das riquezas geradas no trabalho para, no final das contas, continuar pobre e manter a riqueza dos proprietários.

Les diré que en esta vida he trabajao en todo lo que se diera vuelta, como hijos e pobres y por no haber nasido con estancia, como algunos tísicos d'este p'ais; he domao potros, h'esquilao y acarriao hasienda, he trabajao en las trillas, en las aradas y he cortao y emparvao pasto. En todas partes he regao elsuelo con mi sudor. Y voy llegando a viejo y siempre pobre. Resien comprendo que mi trabajo ha servido pa enriquecer a otros, y que yo he quedao con el orgullo del sonso; con el cuento de que he trabajao mucho y no tengo en que cáirme muerto. Porque así es la suerte del que trabaja...Y así como yo, andan por ay muchos criollos que no pueden con el peso de su pobreza (*idem*).

As desigualdades de acesso aos mantimentos de subsistência consequentes da apropriação da riqueza produzida é explicada de maneira simples mostrando como o trabalhador é alienado de sua produção:

Yo h'estao en muchas estancias en donde se voltiaban pa los piones las vacas enfermas de la garganta; y estos infelises de mis paisanos se las comían sin protestar siquiera. L'hasienda gorda y sana la vendían los patrones p'al frigorífico, y se daban corte que habían sacao tanto y tanto ¡como si tal cosa!...; no se acordaban de que los que habían cuidao es'hasienda se habían alimentao con las que s'estaban muriendo de peste. (...) Y después que los pobres revientan sinchando pa llenar miles de bolsas de trigo, se pasan todo el año con galleta dura, y eso cuando tienen; del pan no hay que acordarse, porq' esta tan caro que los pobres no se le ponen ni en buenas. Los patrones mirando trabajar a sus esclavos, comen de lo mejor y nunca se les pega la camisa con el sudor (CRUSAO, 1928, não paginado).

Após a abordagem do trabalho, Crusao conta o momento em que encontrou alguns trabalhadores estrangeiros (espanhóis e italianos) e como esse encontro o marcou, o fez ver que os "gringos" poderiam ensiná-lo muito sobre justiça, liberdade e revolução.

¡Amigo!... pero no siento el haberme quedao. Jui a vivir a la carpa d'esos extranjeros que les digo. Eran españoles los más y un italiano. ¡Alegadores! (...) Sabian lo que desian. Pero lo que más me gustaba era cuando hablaban de revolución. ¡Qué lindas cosas desian! Yo me quedaba con la boc'abierta. Allí he abierto los ojos yo, mejor que si hubiera ido a la escuela toda la vida, ¡Amigo! Desían que los pobres no debíamos aguantarles más a los ricos y que ha llegao el momento que los ricos trabajen como nosotros si quieren comer; que todos somos iguales, porque no porq'ellos sean más istruídos que nosotros han de valer más; si ellos tienen la istruición, nosotros tenemos los brazos hechos al trabajo y ellos no; que los ricos, sin nosotros que hasemos todo, no podrían vivir y que nosotros pa vivir no presisamos d'ellos (*idem*).

Outra advertência recorrente para os *gauchos* é não confiar nos políticos profissionais ainda que se vistam como trabalhadores (apropriem-se de seus símbolos) ou que se chamem socialistas ou comunistas.

Pero son como todos los demás, igualitos. Todo lo arreglan con palabras; charla, eso sí, no les falta: pa prometer son como hachaso, pero todas esas posturas las hasen pa conseguir votos. En eso son más diestros que los otros. Hasta se visten de trabajadores a veces y se llaman socialistas o comunistas para parecer mejores. Y según disen los que saben, donde gobiernan ellos se llevan todo por delante; ¡hast'han llegao a fusilar a los trabajadores! Así son todos los políticos. Ni con colgarlos pagarían todo el daño que hasen (*idem*).

O serviço militar obrigatório é um dos problemas que mais preocupa Crusao em seu escrito. Para ele, os jovens pobres, filhos dos *gauchos*, eram submetidos a um regime praticamente escravo e altamente disciplinatório que deturpava e mesmo fazia com que os

valores de liberdade fossem perdidos. Nesse sentido, o antimilitarismo de Crusao se dava na recusa em se alistar no exército, porém pegar em armas para se preparar a revolução.

Y la cosa es bien sencilla: ellos están pa cuidar los bienes de los ricos, pa que los pobres que tienen hambre no se puedan apropiarse de lo que les sobra a los ricos. De este modo están en contra nuestra, y en contra d'ellos mismos, que son tan pelagatos como los trabajadores. ¡Y estos animales de milicos no se dan cuenta!

¡Criollos, paisanos míos: no manchen la memoria de sus padres vistiéndose con la ropa de la polisia, y en lugar de agarrar esas armas pa servir con ellas a los ricos, agarrenlas pa'hacer la revolución! (CRUSAO, 1928, não paginado).

No encontro com os "gringos" o autor relata que foi estimulado a ler e escrever, pois praticamente um analfabeto, e que era preciso estudo e reflexão (muitos livros) se quisesse enxergar melhor as injustiças e as formas de superá-las para emancipar-se.

Entonse jué cuando aquellos hombres me aconsejaron que liera y escribiera. Con ellos aprendí a formar las letras, porque yo era un redondo p'estas cosas. ¡Y hay que ver la pasensia que tenían! Como eran tan entendidos en todo, daba gusto como l'enseñaban a uno. Al mes ya léia de corrido y escribi'algo, después a juersa de costansia y afisión m'hise un escribano, hecho y derecho. Todas las noches, con lus, meta pluma y meta ler. ¡Y tenían cada libro!... Ah, pero les voy a l'vertir: aquellos hombres que tanto me enseñaron y que m'hisieron el mayor servicio qu'he resibido, eran anarquistas (*idem*).

E continua explicando que também tivera no começo preconceitos contra anarquistas, mas que com o contato percebeu que se tratavam de companheiros, ao ponto de Crusao também denominar-se anarquista.

Yo al principio les desconfiaba. ¡Se desían tantas barbaridades de los anarquistas!... Pero después, ¡qué diablos! si eran los hombres más buenos nos que había conosido en mi vida. En la carpa d'ellos todo lo que había era de todos, era del COMUNISMO como ellos desían; no había que pedir permiso p'agarrarlo y no les gustaba tampoco que uno anduviese con cumplidos. Por eso les créa más, porque lo qu'ellos desían que harían después de la revolución, lo hasían allí mismo, ¡no había tutía! Eran hombres de una sola piesa y sin revés. Desd'entonse yo no tengo a menos de llamarme anarquista y hasta teng'orgullo e serlo. Y también digo que después de saber todo lo que les cuento, únicamente los sinvergüenzas y los ricos pueden hablar mal de los anarquistas, porque es claro, no les conviene que los pobres abran los ojos. Si no, el día que los trabajadores se hagan anarquistas y les griten: ¡Aquí estamos!, ese día los cogotudos van a tener qu'hinchar el lomo si quieren comer, porque nadie v'a ser tan sonso pa seguir manteniendo a sárganos (*idem*).

Após ter esclarecido que seus amigos estrangeiros eram anarquistas e que os preconceitos contra eles não tinham cabimento, Crusao explica o que seria uma sociedade

futura sob o ideário libertário e que não era preciso ter medo de uma sociedade "sem governo" pois todos teriam a capacidade de se autogovernar.

Los anarquistas, amigo, no quieren tener gobierno; porque disen que cada cual debe gobernarse a su gusto y que nadie tiene derecho a mandar a los demás; porque los hombres todos somos iguales, es decir, somos hombres lo mismo uno que los otros. Y eso se ve bien claro: nadies presisa del gobierno para poder comer y haser las demás nesesidades; lo que sabe uno desde que nase. Por falta de gobierno no vamos a dejar de comer y vestirnos, ¡no hay miedo! Y tan lindo que andamos, con gobierno y todo, los pobres: desnudos y muertos de hambre. Así es qu'el día que falten esos señores, no los vamos a estrañar mucho. Que nos dejen d'historias esa manga de sinvergüenzas, que se pasan la vida gorda con el cuento de que hay que gobernar al páis porque si no, se acabaría el mundo; que hay que respetar el orden, las leyes, la religión de los curas y ¡qué sé yo! El caso es qu'ellos, con esas matufias tienen todo embarullao y viven del sudor de los que trabajan. (...) el gobierno quiere que los pobres guarden el orden y respeten la propiedá e los ricos; mientras tanto él no respeta ni siquiera la vida de los trabajadores, y por cualquier cosa, basta que los trabajadores se junten en la calle, pa que les haga cáir con su milicada, que no anda con chicas cuando la mandan dar palos o tirar tiros a los pobres (CRUSAO, 1928, não paginado).

E menciona o problema da propriedade resultando em que quem trabalha nada tem e quem não trabalha tudo tem:

¿Y qu'es la propiedá e los ricos?... Es todo lo que han conseguido sin trabajar, robando con el cuento susio del negocio. Porqu'es así: los que han trabajaon toda su vida no tienen nada; y los que no han hecho nunca más que rascarse y mandar, esos son los que lo tienen todo, todo: más ovejas y vacas que buenas intensiones y campos más grandes que la misma mar. Y eso no es justo aunqu'el gobierno lo apruebe; lo justo sería que los trabajan pudieran comer un poco mejor (*idem*).

Em um raciocínio estratégico, Crusao defende a solidariedade entre os trabalhadores para isolar os ricos e expropriá-los:

Los hombres debemos d'irnos uniendo hasta llegar a formar una cadena tan juerte que no la puedan romper y tan larga que no la puedan arrollar. Despúes, con esa cadena haremos serco a los ricos, como se hasía antes con las avestruses, y una ves que estén adentro s'empiesa la "desplumada": qu'entriegue cada cual lo que tenga y venga a reunirse con los pobres, aumentando los eslabones de la cadena. D'ese modo, este páis tan grande y que tiene tanto campo lindo pa sembrar y haciendas y montes a patadas, dejará de ser un infierno pa los pobres; cada gaucho podrá tener su casa y su familia; y como la tierra ni los animales no tendrán dueño, cada uno sembrará donde le guste y podrá carnar sin fijarse la marca (*idem*).

Crusao busca persuadir seus leitores de que os estrangeiros não são um problema em si, mas sim aqueles do andar de cima da sociedade de classes, ou seja, é preciso focar o olhar na luta de classes entre pobres *gauchos* e "gringos" contra ricos argentinos e estrangeiros.

Los criollos creen que los gringos son culpables de qu'este país se háiga echao a perder; y no es así, qu'esperansa! El mal consiste en que los ricos se han adueñado de todo y mesquinan hasta l'agua. No son los gringos pobres, entonse, los que han arruinao el país, sino los gringos y los argentinos ricos, que son todos igual en lo pijoteros. No hay más que ver las estancias donde antes un gaucha podía parar el tiempo que quisiera; no l'iba faltar que comer pa él y su tropilla. Hoy lo echan de la tranquera y si se descuida lo mandan preso por vago. ¿Y qué culpa tienen d'esto los extranjeros pobres? Debemos ponernos en razón y que cargue con la culpa el que la tenga. Debemos comprender que los ricos, sean criollos o gringos, son los verdaderos enemigos de los pobres, y comprendiendo eso debemos unirnos toditos los pobres de todas las naciones y rasas p'haser la revolusión que se presisa y cortarles el pico a los chimangos que nos están sacando los ojos (CRUSAO, 1928, não paginado).

Objeto geográfico fundamental para a manutenção da propriedade da terra, a estância e seu alambrado são inimigos dos *gauchos* e devem ser destruídos para que os caminhos voltem a ser livres:

¡Y qu'estancia mácu: todo el p'ais de los argentinos no será más que un solo potrero! Porque lo primero que hay que haser es meterle hach'a los alambras pa que las haciendas se mesturen; que las vacas y ovejas d'esta provincia se vayan pa la Pampa, y de la Pampa se crusen pa Córdoba, y las de allá pa la provinsia d'Entre Rios

(...)

Los alambras también son enemigos de los gauchos; los inventaron los ricos pa que no les pisemos el campo y pa mesquinarnos el pasto. Causa d'eso tenemos que galopiar leguas y leguas pa dir allí serquita. Es claro, ellos s'evitan con eso de que nos arrimemos a sus estancias y les pidamos permiso pa desensillar. En eso nomás se puede ver lo que son de patriotas todos esos generales, coroneles y diputados dueños d'estancias; y se puede ver también lo que les importa de los demás hijos de la patria que no tenemos estancia. La patria d'ellos es un campo bien alambrado, y pa los pobres la calle (*idem*).

Crusao vislumbra um futuro melhor para o *gaucho* semelhante àquele onde a organização do espaço rural não conhecia propriedades e latifúndios, em que qualquer um podia cruzar os campos livremente, numa visão um tanto mistificadora do passado.

Volverá el tiempo, paisanos en qu'en cada rancho se hasía una romería y mesturaos con las paisanitas se amanesían bailando los gauchos, y al llegar el día, después de unos buenos asaos, s'iba cada cual a su trabajo, contento y satisfecho de la jornada. Se trabajará a gusto, sin capatás que lo reprimda ni patrón que le dé las cuentas si a uno le sale mal una cosa; y uno hará más de lo que deba porqu'el trabajo será una diversión y no un castigo como es hoy. Y así, entre bailes, trabajo y churrasquiadas, la vida del pobre será una delisia; nadies se matar'hasiendo juersa, porque los hombres no tendrán que sinchar como burros, ni nadies tendrá que dormir tirao com'un perro, ni se comerán esas comidas pa chanchos que les dan en algunas partes a los trabajadores (*idem*).

O autor finaliza a carta convidando os companheiros trabalhadores a prepararem-se para o conflito que levaria à revolução anarquista e à liberdade dos *gauchos*:

¡Gauchos, paisanos míos, compañeros de desdichas: preparen los facones q'va empesar la yerra! No se me quede ninguno. Hagan coraje si no quieren que los tratemos de mulitas y les cortemos las orejas. Vamos a la revolución, aunque sea con una lansa el que no tenga otr'arma.
 ¡Adelante!, que los gringos nos darán una manito.
 ¡Viva la revolución!
 ¡Viva la revolución anarquista y la libertá de los gauchos! (CRUSAO, 1928, não paginado).

Vê-se que na Argentina, em maior grau, e no Uruguai, em menor grau, o encontro do anarquismo com a identidade sócio-espacial *gaucha* rendeu muitos frutos até meados do século XX via dois processos de mobilidade populacional: imigrantes espanhóis e italianos de um lado e trabalhadores desterritorializados da pampa e reterritorializados nas periferias das grandes cidades. No entanto, no Rio Grande do Sul esse encontro demorou para se dar e, quando ocorreu, foi de maneira extremamente rarefeita. Isso pode ser compreendido pela formação social e territorial distinta da parte brasileira da região onde a pampa, território e lugar de *gauchos*, restringe-se à fronteira-oeste, à fronteira-sul e à Campanha, ao passo que as principais cidades e áreas de destino de imigrantes europeus encontram-se fora da pampa. Em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, alguns periódicos e certas mobilizações operárias tiveram influência do anarquismo vindo com os estrangeiros. Examinando o periódico A Luta (Porto Alegre, 1906-1907) e as contribuições de Aravanis (1996), Loner (2010) e Poletto (2010 e 2014), não encontrei menções ao universo valorativo *gaucho* na imprensa anarquista sul-riograndense da primeira metade do século XX. Isso deve ao fato de que a identidade sócio-espacial *gaucha* até aquela época era restrita à zona da pampa fronteira com Argentina e Uruguai. O processo denominado por Haesbaert (1988) de transposição da identidade da Campanha para o resto do estado, visto no tópico 1.3.2, se deu com o avanço do movimento tradicionalista a partir dos anos 1960, quando a influência anarquista nas lutas operárias do Rio Grande do Sul já havia quase desaparecido. À época, fins do século XIX e primeira metade do século XX, a ideologia e a historiografia nacionalistas e suas apropriações conservadoras da identidade sócio-espacial *gaucha* exerceram grande papel na construção de um ideário de pátria nos dois países do Prata transformando o *gaucho* em "tipo nacional amistoso" e pouco ou nada rebelde, enquanto na parte brasileira o *gaucho* clássico foi sendo apagado pelo tempo e transformado em representante de todos os agentes do campo (inclusive padrões), num primeiro momento, e figura regional reivindicada por habitantes de outras partes do estado, posteriormente. Soma-se a isso as rarefeitas comunicações no início do

século passado entre Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai, a despeito de suas proximidades fronteiriças, para que o quadro argentino de influência mútua e mescla entre anarquismo e identidade sócio-espacial *gaucha* não pudesse reverberar significativamente para outras paragens da região transnacional *gaucha*. Contemporaneamente o quadro é um pouco diferente: o próximo tópico traz à luz uma experiência de ativismo transnacional libertário capitaneado por Federações Anarquistas que apresentam uma regionofilia antinacionalista e se valem das modernas tecnologias de comunicação e informação para reforçar seus laços além-fronteiras estatais.

2.3 Federações Anarquistas, ativismo transnacional e regionofilia antinacionalista

A retomada do pensamento e da práxis libertários por movimentos sociais emancipatórios e por intelectuais em diversas partes do globo na segunda metade do século XX deparou-se com desafios que na época do anarquismo clássico ou estavam em fase embrionária ou simplesmente inexistiam. Os limites geográficos do internacionalismo, no passado, apresentaram-se na medida em que os militantes e pensadores europeus se limitaram em grande parte a pensar apenas uma Europa federada. Com a mobilidade populacional intercontinental, não somente as significações imaginárias capitalistas chegam às Américas mas também as significações anticapitalistas libertárias que terão capilaridade no tecido social de norte a sul do continente em maior ou menor grau. O resgate de formas organizacionais e valores anticapitalistas nas lutas sociais latinoamericanas a partir da década de 1980 na esteira da decadência dos modelos inspirados no marxismo-leninismo deu-se em um mundo em processo de globalização, onde os avanços técnicos repercutidos nos meios de transporte e de comunicação conformaram a base para a expansão geográfica do capitalismo concomitantemente às possibilidades de utilização dessa técnica por lutadores e lutadoras em distantes paragens. Apesar de os contextos geográficos e culturais serem diferentes, as contradições do capitalismo, em especial a relação capital-trabalho, são as mesmas, a despeito de outras pautas terem emergido ao longo das últimas décadas, como é o caso da autodeterminação dos povos indígenas, para nos atermos a um exemplo do nosso continente.

No Uruguai, país onde o pensamento libertário encontrou abrigo no campo e na cidade ao longo do século XX, a classe trabalhadora experimentou um crescimento considerável em número e em capacidade organizacional a partir da década de 1940, momento de forte êxodo rural com a chegada de trabalhadores rurais de tradição bipartidária (*Blancos* ou *Colorados*) e

paternalista. Isto foi um desafio às organizações de trabalhadores urbanas que contavam com uma quantidade expressiva de imigrantes de tendência libertária e com experiência organizacional há décadas. A concepção anarcossindicalista dominante na *Federación Obrera Regional Uruguaya* (FORU), assim como na FORA, entendia o sindicato como espaço primordial de organização da classe trabalhadora e de gestação de uma nova sociedade, sendo a busca do "comunismo libertário" recomendada em seu estatuto (ALVES, 2016). Contudo, apenas um quase inexpressivo número de trabalhadores estava filiado à FORU, enquanto outras entidades mais reformistas cresciam. Nesse contexto alguns militantes começaram a montar "sindicatos autônomos", núcleos anarquistas onde emergiu o debate sobre a criação de organizações especificamente anarquistas, sem a necessidade de atrelamento visceral com qualquer outro tipo de organização como sindicatos, sob inspiração de escritos principalmente de Bakunin e Malatesta. Com o passar dos anos diversas greves e lutas operárias ocorreram no Uruguai sem o devido apoio da principal união sindical uruguaia, de tendência comunista, mais empenhada em pleitear cargos em eleições e dar apoio à URSS (*idem*), e microorganizações pulularam para dar conta da solidariedade classista necessária naquele momento. O território dissidente *Ateneo Cerro-La Teja* destacou-se nos anos 1950 por, além de promover debates e articular lutas, oferecer formação educacional e cultural para seus participantes, onde nomes como Alfredo Zitarrosa e Carlos Molina se apresentaram.

O acúmulo de experiência da militância anarquista uruguaia, bem como as discussões sobre a necessidade de fundação de uma organização anarquista específica, resultou na fundação da *Federación Anarquista Uruguaya* (FAU) em outubro de 1956, com sede no referido *Ateneo* durante os primeiros anos de existência, até ser posta em clandestinidade pelo governo Pacheco Areco (1967-1972), considerado uma ditadura constitucional pré-regime militar. Das lutas anteriores à sua fundação até a consolidação estrutural surge o *anarquismo especificista*, ou simplesmente *especificismo*, uma estratégia de organização que visa a criação de organizações especificamente anarquistas para potencializar a inserção nos movimentos sociais. Corrêa (2013) destaca dois eixos de constituição da estratégia: organização e inserção a nível político e social em Bakunin e a organização específica anarquista em Malatesta. Sabe-se que o anarquismo apresenta diversas correntes em seu interior, entre elas algumas individualistas e que não primam pela organização social, por isso a carta de princípios da FAU destaca a necessidade organizativa:

Nuestra crítica y nuestro proyecto no se agotan en el levantamiento, la protesta y la rebelión sino que maduran en un modelo de sociedad libertaria

inconfundiblemente socialista, en una estrategia de ruptura revolucionaria y en un estilo militante combativo y de agitación permanente en dirección a las transformaciones sociales en gran escala. Este proyecto se canaliza a través de la organización revolucionaria específica y es por tanto, lucha organizada (FEDERACIÓN ANARQUISTA URUGUAYA, 1993, não paginado).

Não é meu intuito pormenorizar o especificismo aqui, apenas apresentá-lo em linhas gerais uma vez que esta estratégia será comum no ativismo transnacional abordado neste tópico. Interessa, pois, saber que a FAU expandiu grandemente sua influência nos meios libertários da América do Sul a partir da segunda metade do século XX. Hoje existem inúmeras organizações anarquistas especificistas em alguns países vizinhos e também em diversos estados brasileiros, do Rio Grande do Sul ao Pará²¹, estes federados em torno da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB).

As relações entre FAU-Montevideú, FAG-Porto Alegre, e FAR-Rosario são centrais para se entender a transnacionalidade do pensamento e da práxis libertários atualmente na região transnacional *gaucha*. Conforme relatado na introdução da tese, procedeu-se pela abordagem de ativistas das três organizações via recurso da história oral com posterior análise dos discursos dos mesmos, uma vez que vários elementos importantes para a pesquisa jamais foram documentados, apenas aparecem na oralidade daqueles e daquelas que participam das Federações. O roteiro e a transcrição das entrevistas encontram-se no **Anexo II**. Para destacar as falas e as ideias dos ativistas foram elaboradas caixas com quatro assuntos principais nessa ordem:

- Fronteira;
- Universo valorativo *gaucho*;
- Relações entre a identidade sócio-espacial *gaucha*, o anarquismo e as lutas sociais;
- E o ativismo transnacional FAG-FAU-FAR.

A fronteira (Caixa 1), referencial espacial muito presente no universo valorativo *gaucho* e também historicamente alvo de críticas dos libertários, é vista ao mesmo tempo como limitadora e como potencializadora de sociabilidades entre sujeitos oficialmente tidos pelo Estado como pertencentes a territórios diferentes. Na fronteira tem-se um "laboratório de formação cultural" e, para além de uma ideia de encontro, forma-se um "sujeito diferenciado"

²¹ Exemplos: Federação Anarquista Cabana (FACA-Belém), Federação Anarquista dos Palmares (FARPA-Maceió), Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ), Coletivo Mineiro Popular Anarquista (COMPAN-Belo Horizonte), Coletivo Anarquista Bandeira Negra (CABN-Florianópolis).

- o fronteiriço - em um contexto *peleado*, visto por *outsiders*²² como embrutecido e rude ("briguento"). A fronteira torna-se um espaço de convivência entre pessoas pretensamente separadas por uma linha imaginária e que guarda muitos elementos que combatem sociocentrismos como o nacionalismo. É uma *região-lugar* dentro da região transnacional *gaucha* ("Pra mim a fronteira sempre foi um pedaço de casa"). Sendo assim, contesta-se a divisão territorial do Estado na zona fronteiriça questionando-se "quem estabeleceu esse limite?" e os motivos pelos quais as pessoas que vivem tão próximas possuem nacionalidades diferentes. Por outro lado, a fronteira também é limitação, disciplinarização e controle dos corpos e das mentes, tornando-se inadequada sua naturalização ("*un tanto institucionalizados, naturalizadas, cerca de la noción de límite como herramienta disciplinadora de las mientes*"), enxergando-se as fronteiras como invenções dos Estados e mais problemáticas ainda no contexto da América Latina. As fortes interações entre as populações fronteiriças, nesse sentido, demonstram a virtualidade das bordas dos Estados territoriais ("Sempre notei que existem muitos pontos em comum entre as populações das fronteiras, e em caso de latinoamerica as fronteiras [...] são inventos dos Estados locais").

FRONTEIRA

"Pra mim é meio que um laboratório da minha formação cultural. Essa coisa da família misturada - um pedaço no Brasil, um pedaço no Uruguai. A fronteira pra mim sempre foi uma espécie de visita das famílias. 'Vou lá ver a minha família do Uruguai, depois vou lá ver minha família do Brasil'. Pra mim sempre foi muito divertida a fronteira, nunca associei a esse tipo de coisa. E sem falar que a linguagem da fronteira é muito específica, e como se identificam alguns códigos culturais muito fortes e marcantes. Em termos gerais claro, a gente vai fazer uma crítica grande às necessidades das fronteiras, também pensando um pouco da ideia da crítica da Geografia relacionada a isso. Mas pensar também nessa mistura toda tão específica do que ela proporciona eu acho um negócio muito fantástico. E não só pelo aspecto cultural, acho que é muito mais do que isso porque forma um sujeito diferenciado, esse sujeito da fronteira que cresceu em torno de um contexto peleado, muita briga...então 'ah o pessoal da fronteira é meio briguento'. Eu acho que até é briguento sim mas também têm os seus códigos de fraternidade que são muito importantes. Pra mim a fronteira sempre foi um pedaço de casa. Estar de um lado, estar de outro...eu me senti um pouco privilegiada com isso"

MILITANTE DA FAG 1

"...de repente veio a coisa do encontro. Nós não temos essa barreira aqui. E eu acho muito massa. E lá, e ao natural, já sai tentando falar em espanhol (...) Como que pode um espaço, não é uma fronteira, é um espaço em que aqui eu me comporto desse jeito e a partir daqui eu me comporto de outro? Como é que se estabeleceu esse limite? Como é que isso acontece? Que

²² Elias e Scotson (2000).

decreto é esse que consegue repartir? Só que ali tu consegue ver uma mistura, não é tão 'aqui acaba, ali começa'. Acho que por uma concepção de ver essas proximidades, essa necessidade de encontrar".

MILITANTE DA FAG 2

"Son límites administrativos que se ponen a repartir un pedazo de tierra, un tanto institucionalizados, naturalizadas, cerca de la noción de límite como herramienta disciplinadora de las mientes"

MILITANTE DA FAU

"Sempre notei que existem muitos pontos em comum entre as populações das fronteiras, e em caso de latinoamerica as fronteiras são muito mais virtuais que na Europa, são inventos dos Estados locais, das classes dominantes locais, são muito jovens as fronteiras cá em latinoamerica"

MILITANTE DA FAR

Caixa 1: Fronteira segundo ativistas das Federações Anarquistas.

Fonte: Trabalho de campo.

Da fronteira como um referencial espacial temos a abordagem da identidade sócio-espacial (Caixa 2). O universo valorativo *gaucho* é visto pelos ativistas das Federações Anarquistas como algo que pode ser reivindicado em uma perspectiva libertária. No Rio Grande do Sul o problema da apropriação conservadora da identidade remete ao movimento tradicionalista e os ativistas buscam separar as referências da cultura popular da massificação e elitização dos símbolos *gauchos* ("Eu tenho a crítica a essa cultura do tradicionalismo, porque eu acho que formaram, forjaram a ideia de um gaúcho fictício, digamos assim. Essa coisa de vestimenta, a gente vê isso acontecer em 20 de setembro, se fantasiam de gaúcho, esse tipo de coisa"). O gaúcho reverberado pelos meios de comunicação de massas não é aquele trabalhador pobre do campo, mas sim do estancieiro, do latifundiário.

A força da mitificação conservadora/elitista no Rio Grande do Sul é tamanha que em determinado momento o indivíduo se acha em conflito ao nutrir sentimentos por um universo de valores por vezes confuso entre elementos populares e elementos de massa. Já no Uruguai e na Argentina o *gaucho* é visto pelos ativistas primordialmente como uma figura rebelde pertencente à classe trabalhadora rural, a despeito da apropriação conservadora da identidade realizada pelo nacionalismo ao longo do século XX ("*creo que a nivel popular se honra la palabra gaucha*"). Valores como rebeldia, resistência às imposições "civilizadoras" e ao cercamento da pampa e uma imagem muito próxima à pobreza do campo são constantes nas falas dos platinos; porém, atualmente faz-se ressalvas à reivindicação do *gaucho* pela ideologização nacionalista de sua figura ("Mas a identidade gaucha hoje tem relação direta

com uma identidade inventada pela historiografia oficial dos fundadores do Estado Nacional, dos fundadores da pátria, de ideologia nacionalista, tradição").

UNIVERSO VALORATIVO GAUCHO

"Eu tenho a crítica a essa cultura do tradicionalismo, porque eu acho que formaram, forjaram a ideia de um gaúcho fictício, digamos assim. Essa coisa de vestimenta, a gente vê isso acontecer em 20 de setembro, se fantasiam de gaúcho, esse tipo de coisa. Então tem toda uma construção social em torno do que é ser gaúcho, que tá vendendo os "Tche Music" da vida, que tá vendendo altas coisas, e com isso eu não corroboro nem um pouquinho. Mas eu acho que ser um gaúcho está na constituição social desse sujeito misturado com índio, misturado com negro, misturado com essas peleias que foram marcando a história desse povo todo. Eu não acho que é ruim a gente se reivindicar gaúcho. O que é ruim é aquilo que construíram em torno dessa ideia do tradicionalismo, do CTG, dos fazendeiros, donos de terra...sou bem contra".

MILITANTE DA FAG 1

"É uma mescla de sentimentos, confronto, repulsa na época em que se vivia e ter afeto com o lugar quando tu volta. Uma sensação curiosa, tu fica com dois corações, mas também de se perguntar. (...)Estou fazendo um curso de dança de salão de fandango - olha só onde eu me meti. Mas desprezo a cultura tradicionalista, desprezo assim porque é uma estupidez, é manutenção de uma cultura conservadora, machista, homofóbica, opressora, exploradora. Todos os conceitos, os valores talvez que reúnem o capitalismo estão ali. Só que a coisa tu voltar no passado e como que tu distingue a vida do campeiro, que vive no campo mesmo, e a cultura do tradicionalismo? O gaúcho que trabalha lá, que eu conheci, que eu vi de perto, que eu ajudei, que eu conversei no trabalho, não é arrogante como o patrão, o fazendeiro. Mal fala. Aqui o gaúcho é aquele gritão, que se impõe. Eu me lembro que tinha um peão lá no tio Juvelino, ele mal falava, ele só concordava, atendia, era de uma educação absurda. E aí o tradicionalismo prega esse 'ah eu sou do tempo...' (...) É legal a bailanta, o ritmo pra dançar, a gente têm se divertido nesse negócio. Eu volto a essa atmosfera mesmo repudiando os valores que o tradicionalismo produz. É uma estupidez. Mas é legal várias coisas. Tanto é que os ritmos que é da mescla, o chamamé, a milonga, esses aí me tocam mais do que aqueles que são de influência...tem a polca, o xote, que são mais europeus. A milonga é uma palavra africana. E o chamamé é do norte da Argentina, Corrientes".

MILITANTE DA FAG 2

"...creo que a nivel popular se honra la palabra gaucha. 'Hacer una gauchada' es hacer un favor de buena fe, de voluntad, no porque lo piden, no porque otra persona lo está debiendo. Creo que es una homenaje a la idea y la representación de lo que significa gaucha (...)El gaucha como formación, como sujeto si se quieres (...) se forma con las vertientes del lo criollo, de los indios, de los negros - de pueblos esclavos, mejor dicho - y daí se hace el sujeto de resistencia a todo el orden civilizatorio que se hacía luego, el orden de disciplinamiento de los cuerpos en el campo en general y a través de la obligatoriedad de la escuela pública y del alambramiento de los campos, cosas que en buena medida buscaran destrozr la cultura del gaucha. La cultura del gaucha era una cultura retobada (...)el indio comienza a vincularse en el rodeo animal con el gaucha para trabajar en un campo que no estaba alambrado, que el gado era cimarrón, andaba

suelto por el campo (...)existen rastros de manejo ganadle y de identidades culturales de producción en ganadería con el conocimiento mesclado de la relación del gaucha con el indio".

MILITANTE DA FAU

"Aqui Uruguai, Rio Grande do Sul e a pampa húmeda argentina tiveram as mesmas formas de produção, de trabalho no campo, as mesmas culturas do trabalho, a mesma troca da produção...en ese sentido sim, há identidade, inclusive com el gaucha, a figura da identidade agrária, da identidade cultural do campo (...)Originariamente o gaucha não era um camponês, era um trabalhador que trabalhava para alguns senhores ou não. No século XIX e no princípio do século XX alguns colonos vindos da Europa, Itália, Espanha, França e outros países, haviam vindo para trabalhar a terra com promessas dos governos locais de prosperidade, de melhor vida do que na Europa. Então alguns desses colonos assimilaram certos costumes da população gaucha local. Mas a identidade gaucha hoje tem relação direta com uma identidade inventada pela historiografia oficial dos fundadores do Estado Nacional, dos fundadores da pátria, de ideologia nacionalista, tradição. (...) Mas essa concepção, essa identidade gaucha o Estado centralista que ganhou as brigas internas impuso outra identidade gaucha que é muito superficial, que tem muito que ver com a pessoa que tem vacas, tem campo, se veste de uma maneira muito particular, o dono dos meios de produção digamos assim".

MILITANTE DA FAR

Caixa 2: Universo valorativo *gaucha* segundo ativistas das Federações Anarquistas.

Fonte: Trabalho de campo.

Ao serem questionados a respeito das pontes possíveis entre a identidade sócio-espacial *gaucha*, o anarquismo e as lutas sociais (Caixa 3), os ativistas dos três países convergem no destaque das características de mestiçagem, rebeldia e insubordinação do *gaucha* e na importância de se debater a dimensão simbólico-cultural das lutas sociais. A importância de se resgatar à luz da história esse *gaucha desde abajo* é ponto de partida para a identificação das pontes existentes e para a construção de novas pontes ("Porque a história do gaúcho infelizmente ainda é contada pelos de cima, pela vitória dos de cima, pelos fazendeiros, pelos CTGs. Contar a história a partir do de baixo, desse sujeito mal quisto, pé sujo mesmo, grosso, a gente não vê com muita facilidade"). Os valores e as visões de mundo compartilhados por homens e mulheres trabalhadores rurais ao longo dos tempos precisam ser destacadas e afirmadas em seu aspecto "ingovernável" ("Acho que tem um encontro cultural aí e elementos de comportamento que nos servem como anarquistas como *sujeto ingobernable*, que não vai aceitar imposição. O gaúcho é fruto do estupro, e o guasca que vivia trabalhando sem patrão e vivia do contrabando, e às vezes do roubo e do assassinato [...]o universo da luta simbólica é fundamental. Tu criar a tua aldeia e essa aldeia gritar pra fora dos muros") e de busca de autonomia contra a burocratização e a oficialização heterônoma da vida ("Acho que a cultura gauchesca ou *gaucha* pode se aproximar de algo que

não tem tutela, que não tem certificado. Isso é próximo do anarquismo. O que não é uma criação estatal, um decreto, uma medida provisória, um documento autorizado por uma pessoa. Acho que isso é interessante, a quebra da burocracia entre as pessoas. São similaridades que acho que dá pra aproximar esses dois universos, da política anarquista e da cultura nativista, *criolla*, mestiça"). Os vínculos entre a identidade sócio-espacial *gaucha* e o anarquismo se estreitam no rechaço à ordem estabelecida, à autoridade dominante e, em uma perspectiva latinoamericana, anti-colonialista/descolonial ("*Hay en eso, claro, un vínculo local, un rechazo de un orden que ha sido impuso, una negación de la autoridad disciplinadora y esclavista, una idea si se quiera anti-colonialista*"). Apesar da falta de menções mais explícitas nos documentos das Federações em geral, o universo valorativo gaúcho é bem recebido e comentado pelos anarquistas do Prata ("*por la idea que se tiene del gaúcho, una idea rebelde, es un asunto un tanto común*"). Além disso, as experiências históricas concretas das lutas *gauchas* são inspiração para as lutas contemporâneas, conforme o ativista da FAR enumera diversos episódios já colocados neste trabalho como as *montoneras gauchas* e seu "federalismo igualitário", abordagens libertárias da obra Martín Fierro, os *bandidos rurales* e *La Carta Gaucha*.

RELAÇÃO IDENTIDADE GAUCHA - ANARQUISMO E LUTAS SOCIAIS

"...acho que não só o gaúcho mas tantos outros povos também tem essa marca da peleia cotidiana, talvez um pouco do que constitui esse sujeito brasileiro que não desiste nunca, ou do gaúcho de 'não podemos se entregar pros homem, e não tá morto quem peleia', é mais ou menos por aí a coisa. (...) Se tu fores pegar por exemplo a própria declaração de princípios da organização ela vai trazer elementos do que é o sujeito gaúcho, vai separar o joio do trigo, digamos assim. Porque a história do gaúcho infelizmente ainda é contada pelos de cima, pela vitória dos de cima, pelos fazendeiros, pelos CTGs. Contar a história a partir do de baixo, desse sujeito mal quisto, pé sujo mesmo, grosso, a gente não vê com muita facilidade. Mas ele é fundamental, eu acho super importante (...) O que constitui esse povo gaúcho? O que leva esse traçado de elementos culturais que vai desde aquilo que se compartiu e se comparte ainda da cultura indígena e negra que é muito forte no nosso território pra dizer "ah, aqui nós temos uma cultura gaúcha"? Tem muita coisa importante pra tratar quando a gente ta falando de cultura, ideologia, esses elementos do imaginário social. Eu acho que de certa forma a gente se esforça bastante pra que isso não seja algo à parte, ao contrário, seja constitutivo daquilo que a gente quer estudar. E essas esferas se cruzam, tanto a esfera econômica, jurídica, política, ideológica, social...elas estão em constante interdependência. Em alguns momentos uma vai ser mais determinante que a outra. Não temos como negar que hoje a gente vive em um sistema capitalista, onde o dinheiro é determinante pra muitas coisas, mas tem outras relações que leva isso a ser determinante. A grande ferramenta de dominação do meio de comunicação, por exemplo...por que ela é tão poderosa? O poder simbólico assim... Mas que bom, a gente quer

tratar dessa cultura como algo importante pra constituir a organização política, os elementos de debate".

MILITANTE DA FAG 1

"Acho que tem um encontro cultural aí e elementos de comportamento que nos servem como anarquistas como *sujeto ingobernable*, que não vai aceitar imposição. O gaúcho é fruto do estupro, e o guasca que vivia trabalhando sem patrão e vivia do contrabando, e às vezes do roubo e do assassinato (...) Eu não tenho esse domínio da informação histórica mas eu trago essa coisa de colocar essa sensação de que parece que isto é uma luta importante. Até por ser das Artes, o universo da luta simbólica é fundamental. Tu criar a tua aldeia e essa aldeia gritar pra fora dos muros. Então eu acho que isso dá pra aproximar com a coisa do sujeito que não ta preso a uma demanda política, sabe (...) Eu não dependo dum limite político pra me solidarizar ou não com um sujeito humano que ta ali do outro lado da fronteira que até falar parecido comigo fala (...)Acho que a cultura gauchesca ou *gaucha* pode se aproximar de algo que não tem tutela, que não tem certificado. Isso é próximo do anarquismo. O que não é uma criação estatal, um decreto, uma medida provisória, um documento autorizado por uma pessoa. Acho que isso é interessante, a quebra da burocracia entre as pessoas. São similaridades que acho que dá pra aproximar esses dois universos, da política anarquista e da cultura nativista, *criolla*, mestiça (...)Aí eu penso 'anarquista gaúcho': pra cá não me afirmo, mas pra fora sim, a identidade gaúcha é ilegal. A que eu resgato, a que eu levo lá na bandeira da organização que eu to vinculado, ela resgata um outro sujeito que não é o que tá no Galpão Crioulo, é outro. É um muito mais rasteiro. Fico naquele conflito nostálgico e de origem. Na origem tu combate e no externo ou em lembrar tu resgata aquilo que te conforta. Talvez pela coisa urbana, eu gosto da cidade, de ter me misturado com a coisa do grafite, da pichação, eu gosto dessa selva, é interessante desbravar ela".

MILITANTE DA FAG 2

"Algunas cosas, seguramente algunos vínculos deben existir (...)hay muchos puntos de contacto con la poética anarquista y libertaria como los que están reflejados en las canciones de Carlos Molina y también en el arte de Chito de Mello a Rivera, es un artista de primera categoría cuanto a calidad de su canto y de su arte en la frontera de Uruguay con Brasil. Hay en eso, claro, un vínculo local, un rechazo de un orden que ha sido impuso, una negación de la autoridad disciplinadora y esclavista, una idea si se quiera anti-colonialista, porque en todos los pueblos de América los "gauchos" de cada lugar, los "gauchos" de Venezuela, los "gauchos" de Colombia, lucharan contra los españoles. Entonces vínculos con el anarquismo...yo creo que sí, de hecho. Las luchas obreras de Tucumán de 1920 liderados por la FORA anarco-sindicalista en Argentina tiene algo que ver con la resistencia de los pueblos originarios, muy cercano al chaco, donde hay el gaucho, tiene El Gauchito Gil, un montón de gauchos en Paraná, en Corrientes. Otra cuestión es que sí, cuando hablamos del gaucho hablamos del gaucho sin pensar en las barreras concretas de Argentina-Brasil o de Argentina-Uruguay o de Uruguay-Brasil (...)yo soy anarquista y reivindico a Martín Aquino, El Último Matrero Uruguayo, lo reivindico por matrero, por rebelde, por su astucia...yo pongo eso con rudimentario conocimiento pero debe existir mucho más que no se conoce de rebeldía en el campo...Y CHARLAN SOBRE ESO EN LA FAU? Sí, por la idea que se tiene del gaucho, una idea rebelde, es un asunto un tanto común".

MILITANTE DA FAU

"Existiu no século XIX até o meio do século XX uma identidade gaucha vinculada às montoneras federalistas, federalismo dos povos das províncias, um federalismo de baixo, um tipo de federalismo, como dizer, mais igualitário. A identidade gaucha tinha essa relação com as montoneras gauchas, chamadas assim: montoneras gauchas. Ejemplo disso é a experiência histórica das montoneras das províncias de La Rioja, Catamarca, Santa Fe, Entre Ríos, que tinham figuras como Chacho Peñaloza, Felipe Varela, Facundo Quiroga, Pancho Ramirez, López Jordan, Estanislao López... Alguns deles tinham muita identidade com as pessoas do campo, com os gauchos (...) No meio do século XX um escritor anarquista, Ezequiel Martínez Estrada, publicou um livro com a reinterpretação do Martín Fierro e uma análise das questões que estavam nas entrelinhas da análise de Hernández, é muito interessante esse material. Ele é um intelectual que vem do anarquismo. E também existiu uma confluência da cultura gaucha tradicional e os trabalhadores rurais que vieram da Europa, que formou uma nova identidade, inclusive com o anarquismo. Tiveram muita relação com alguns processos e hechos históricos que aconteceram por ejemplo na Patagônia rebelde. Os trabalhadores rurais que foram assassinados pelo Estado tinham muita identificação com os gauchos. Mira a película La Patagonia Rebelde e vê o personagem Facón Grande que era um gaucho nascido em Entre Ríos - ele existiu de verdade. Muitos migraram do centro do país e da pampa húmeda, e também de Chile, para a Patagônia (...) Também teve relação com os bandidos rurais. Teve muita identificação a identidade anarquista com o ladrão gaucho. Houve muitos ladrões que foram influenciados pela ideologia anarquista, como Vairoletto, Mate Cocido e outros ladrões do campo, expropriadores. Acá se llamaran historicamente cuatrerros, porque roubavam ganados. Também anarquistas escreveram algumas coisas em referência ao gaucho que quedó desempregado no princípio da industrialização argentina. Com o gaucho desempregado alguns anarquistas se identificaram, e um escritor produziu La Carta Gaucha que teve esse ponto de contato com a identidade gaucha".

MILITANTE DA FAR

Caixa 3: Relações entre a identidade sócio-espacial *gaucha*, o anarquismo e as lutas sociais segundo ativistas das Federações Anarquistas.

Fonte: Trabalho de campo.

Vejamos agora a experiência das relações entre as três Federações em questão (Caixa 4). A mais antiga delas, FAU, fomentou a fundação das outras duas organizações (FAG em 1995 e FAR em 2008, mas apenas desde 2014 com esse nome). Apesar de menções a uma cultura política que aproxima Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina ("Tem uma cultura política que facilita as coisas com o Uruguai e com a Argentina. Tem uma proximidade muito grande, aquelas coisas que depois a gente foi transformando ou adaptando"), o âmago das interações transnacionais está no compartilhamento de uma forma organizacional e da estratégia especificista; assim, na fala dos ativistas, nota-se a importância dos estudos e das trocas teóricas e de formação política - materiais de estudo e de opinião política - entre as organizações.

Apesar de a FAG filiar-se à Coordenação Anarquista Brasileira, o contato com os *hermanos* argentinos e uruguaios é maior ("Nós temos um terreno de articulação muito fértil

entre Uruguai, Argentina, principalmente pela questão territorial, a proximidade. As organizações aqui do sul têm mais contato com Uruguai e com Argentina do que as organizações mais pra cima"). As relações umbilicais FAU-FAG expressam-se, então, em dois níveis de articulação transnacional: o nível ideológico, que envolve estudos teóricos e formação; e o político-social, com opiniões compartilhadas, análises de conjuntura, e solidariedade além-fronteiras estatais quando uma das organizações ou seus ativistas encontram-se ameaçados pelas forças repressoras do Estado.

Os ativistas da FAG não poupam palavras para expressar a importância do suporte da FAU ao longo de seus mais de 20 anos de existência, destacando que as organizações encontram-se em momentos distintos dada a grande diferença de "idade" entre elas ("É uma organização extremamente importante pra nós, então os vínculos que a gente mantém são de muita fraternidade, de muita responsabilidade de uma organização com a outra. A gente se visita regularmente, a gente compartilha nossos materiais de estudo, nossos materiais de opinião política, a gente faz reuniões em conjunto. Somos praticamente a mesma organização só que em territórios diferentes. Claro, eles com uma bagagem diferenciada da nossa. A FAU tem um diferencial com relação a nós porque ela cultiva os velhinhos ainda, então tem vários militantes com oitenta e poucos anos e uma militância mais nova. Os nossos militantes mais velhos têm uns 37, 38 anos. Não se compara"). A formação política é compartilhada e em cada lugar ganha novos contornos dada as diferentes demandas e realidades concretas com que os ativistas se deparam ("No nível político, a formação é um dos elementos importantes porque uma das tarefas de qualquer organização política é sempre atualizar a formação e pensar desde onde ta atuando, porque nenhuma organização tem capacidade de ser efetiva numa conjuntura política se não estudar bem a conjuntura política que está vivendo...o sujeito social que ta trabalhando, qual é a constituição desse país, quais são as culturas com as quais estamos mexendo, o que levou essas culturas a serem formadas... São aspectos importantes de câmbio entre essas organizações [...] Esse intercâmbio da formação política e ideológica é uma das coisas fundamentais"), como por exemplo o apoio da FAG à luta dos quilombolas no Rio Grande do Sul e o compartilhamento dessa experiência com as outras Federações (*La naturaleza de las relaciones con la FAG son de una propuesta específica y concreta de una organización anarquista, que en varios momentos fue cobrando diferentes formas y propuestas para llegar a la FAG, donde yo tengo el placer de conocer a varios compañeros, compañeros queridísimos que fueron con seguridad y con contundencia ideológica armar una propuesta seria, una propuesta que no era una aventura ni una ocurrencia elaborada para el momento si no formar una organización que dé respuestas a las injusticias del*

momento y que tenga la capacidad de producir alternativas y colocarse a la altura de las circunstancias que está viviendo el pueblo trabajador, trabajadores y trabajadoras, desocupados y desocupadas, los pobladores y pobladoras quilombolas de Porto Alegre y del estado de Rio Grande do Sul, y a su vez extender eso a otra propuesta reconociendo y dándole valor a otras propuestas que tenemos en este continente llamado Brasil).

As trocas ideológicas e teóricas são tamanhas que tocam os ativistas em sua identidade, como se uma identidade comum emergisse das relações transnacionais e assegurasse a existência e a reprodução das Federações ("Com a FAU já é uma troca de construção teórica (...) é uma questão identitária mesmo, de tu se sentir continuador e participe daquela ação, daquele movimento. Isso eu acho que é um patrimônio que a gente conseguiu ter com os companheiros da FAU. O outro é importar um modelo de organização, que eu acho que foi a fortaleza da FAG durante esses anos, que é estarmos federados, nucleados. Organização de assembleia privilegia carisma - quem fala mais alto, quem fala bonito, quem consegue elaborar... e a FAU nos ensinou que tem que sermos nucleados, grupos pequenos, onde todos possam participar, onde eu não me constranjo em defender algo, garantir a voz do companheiro. Fazer isso acho que foi o que garantiu a existência da FAG").

Notou-se, no entanto, que as interações FAU-FAG, por exemplo, são de intensidade distinta das interações FAU-FAR ou FAG-FAR. A relação entre brasileiros e uruguaios é mais intensa e duradoura enquanto as relações entre brasileiros e argentinos é menos intensa devido, entre outras coisas, ao menor tempo de existência da FAR e também de diversas organizações anarquistas argentinas possuírem caráter efêmero e sectário, segundo os ativistas abordados ("A relação com os uruguaios é mais regular, mais intensa. Com o Uruguai atravessou aquela coisa orgânica e virou um grau de afetividade extremamente grande, então isso ajuda também a fortalecer. Sempre se teve contato com os argentinos, mas os argentinos têm uma característica de, não sei se é cultural ou da personalidade, eles racham, acabaram com organizações muito sistematicamente durante esses anos. Agora a gente de novo tem relação com uma organização que é a FAR, de Rosário, com estabilidade. Uma relação que se assentou. Inclusive tem antigos militantes anarquistas de outras organizações que estão ali, e se teve muita relação com companheiros argentinos, mas sempre teve isso - eles se dissolviam com muita facilidade. Então quebrava a continuidade de contato").

Atenta o militante da FAU para a natureza distinta de tais relações ("Es otro relacionamiento, importante, pero con una raíz y una naturaleza distinta de la FAG, por el tiempo, porque tienen otro tiempo de lectura, por el estilo y las tradiciones concretas, formación social distinta. De Rosario lo conocíamos algunas experiencias de colectivos

anteriores y que tuvieran vínculo con FAU, vínculo riquísimo (...) los compañeros nos anuncian que van armar una propuesta de Federación Anarquista a Rosario y nos invitan a participar, y ahí comienza otro relacionamiento") e para o risco de se enxergar uma inexistente homogeneidade de interações ("...tienen etapas, historia e trayectorias distintas que la de la FAG, y por eso que eso de hablar de las relaciones FAU-FAG-FAR me parece una pseudoigualdad dónde no lo existe. Y no quiero con eso nivelar o hacer cosas como un segundo, tercer o cuarto nivel, si no simplemente ser justo, sin quitar el merito y sí rindiéndole honor"). Em todo caso, o Encontro Latinoamericano de Organizações Populares Autônomas (ELAOPA), realizado a cada 2 anos, é um importante reflexo da construção desse ativismo transnacional.

ATIVISMO TRANSNACIONAL FAG-FAU-FAR

"Tem uma cultura política que facilita as coisas com o Uruguai e com a Argentina. Tem uma proximidade muito grande, aquelas coisas que depois a gente foi transformando ou adaptando (...) A formação da FAG tem um peso muito grande da FAU, é uma organização co-fundadora da nossa - a FAU já tem mais de 60 anos, a FAG mais de 20. É uma organização extremamente importante pra nós, então os vínculos que a gente mantém são de muita fraternidade, de muita responsabilidade de uma organização com a outra. A gente se visita regularmente, a gente compartilha nossos materiais de estudo, nossos materiais de opinião política, a gente faz reuniões em conjunto. Somos praticamente a mesma organização só que em territórios diferentes. Claro, eles com uma bagagem diferenciada da nossa. A FAU tem um diferencial com relação a nós porque ela cultiva os velhinhos ainda, então tem vários militantes com oitenta e poucos anos e uma militância mais nova. Os nossos militantes mais velhos têm uns 37, 38 anos. Não se compara. Com a Argentina também é uma relação super fraterna e boa politicamente com várias organizações, principalmente com Rosário, onde foi fundada a Federação Anarquista de Rosário. É uma organização também irmã por conta da linha do especificismo. Tem outras organizações que são parceiras nossa na Argentina também, super solidárias, mas não necessariamente especificista. Nós temos um terreno de articulação muito fértil entre Uruguai, Argentina, principalmente pela questão territorial, a proximidade. As organizações aqui do sul têm mais contato com Uruguai e com Argentina do que as organizações mais pra cima. Nós fazemos parte da CAB, Coordenação Anarquista Brasileira (...) No nível político, a formação é um dos elementos importantes porque uma das tarefas de qualquer organização política é sempre atualizar a formação e pensar desde onde ta atuando, porque nenhuma organização tem capacidade de ser efetiva numa conjuntura política se não estudar bem a conjuntura política que está vivendo...o sujeito social que ta trabalhando, qual é a constituição desse país, quais são as culturas com as quais estamos mexendo, o que levou essas culturas a serem formadas... São aspectos importantes de câmbio entre essas organizações. Então, a formação política e ideológica, no âmbito político, dos elementos mais do núcleo duro da organização do nosso marco teórico que demanda trabalho, demanda compromisso e militância. Esse intercâmbio da formação política e ideológica é uma das coisas fundamentais. No campo social, uma das ferramentas de articulação nossa e entre essas organizações é o ELAOPA que a gente constrói a cada dois anos. O último foi em Montevidéu, lá no bairro

Cerro, reuniu delegações de diferentes países, e é um encontro bom pra marcar solidariedade com diferentes setores, marcar linha de atuação sindical, estudantil, comunitário".

MILITANTE DA FAG 1

"...essa foi uma liga que foi pra além, e aí é o sentido de tu te sentir um continuador. Coloca o elemento político-histórico do que se fez, da importância e da ousadia que eles tiveram no país deles, como fizeram. A questão do estudo, do pau-pra-toda-obra. Um pouco nos atrapalhou isso, porque a gente exigia de uma forma da gente, que tinha que ser pau-ferro, é assim, é assim, senão não. Não tinha essa coisa contrarrevolucionária marxistóide, a gente não era apegado a uma determinada terminologia que condenava o outro, mas dum comportamento que imprimia uma cultura meio familiar, tamo junto e fechado. Quem não ta nessa vamo pro pau. Tinha um certo sectarismo. Muita agressividade ao se colocar em relação a outras forças políticas. Em compensação deu essa identidade muito forte inter-fronteiras, gaudéria e latina (...)A relação com os uruguaios é mais regular, mais intensa. Com o Uruguai atravessou aquela coisa orgânica e virou um grau de afetividade extremamente grande, então isso ajuda também a fortalecer. Sempre se teve contato com os argentinos, mas os argentinos têm uma característica de, não sei se é cultural ou da personalidade, eles racham, acabaram com organizações muito sistematicamente durante esses anos. Agora a gente de novo tem relação com uma organização que é a FAR, de Rosário, com estabilidade. Uma relação que se assentou. Inclusive tem antigos militantes anarquistas de outras organizações que estão ali, e se teve muita relação com companheiros argentinos, mas sempre teve isso - eles se dissolviam com muita facilidade. Então quebrava a continuidade de contato (...)Se desenvolveu principalmente nos níveis sociais dentro do ELAOPA. A gente conseguia coordenar algumas datas de ação em conjunto, conseguia tirar vários momentos de intervenção coordenada em algumas *fechas*, e pra além disso em algum momento a gente sentava com as organizações específicas e discutia, fazia um balanço, uma análise conjuntural, como estava a vida orgânica, trocava umas figurinhas, sempre no sentido de troca. Com a FAU já é uma troca de construção teórica (...)é uma questão identitária mesmo, de tu se sentir continuador e partícipe daquela ação, daquele movimento. Isso eu acho que é um patrimônio que a gente conseguiu ter com os companheiros da FAU. O outro é importar um modelo de organização, que eu acho que foi a fortaleza da FAG durante esses anos, que é estarmos federados, nucleados. Organização de assembleia privilegia carisma - quem fala mais alto, quem fala bonito, quem consegue elaborar... e a FAU nos ensinou que tem que sermos nucleados, grupos pequenos, onde todos possam participar, onde eu não me constraño em defender algo, garantir a voz do companheiro. Fazer isso acho que foi o que garantiu a existência da FAG, passar esses anos, superar os problemas que qualquer organização vai ter, de combater a coisa da vaidade, de combater o status "ah aquele ali escreve e esse aqui imprime cartaz, e aquele ali milita no bairro e aquele puxa carrinho de catador". É combater, fazer um franco enfrentamento a essas cristalizações. E isso até hoje existe na FAU, eles combatem isso (...)a epistemologia do nosso anarquismo, esse conhecimento que a gente vem desenvolvendo. Colaboração teórica, leitura de realidade. E isso dá em pessoas que nem são anarquistas a contribuição que elas podem ter pra elaborar a teoria política. E isso pra mim a cultura do Uruguai me ensinou muito: a busca do estudo permanente, garantir o estudo que é tarefa do educador. Tem que ler o resto da vida, tem que se preparar".

MILITANTE DA FAG 2

"Siempre tenemos en la FAU un relacionamiento que se quiere ser mundial, con organizaciones de todos los cantos. Los vínculos son esfuerzos de interpretar al máximo lo que

se suceden en los lugares donde hay propuestas rebeldes que no se reivindicaban anarquistas pero son propuestas de emancipación, de lucha de clases, ojalá son anarquistas no de la misma manera nuestra pero sí ramos de un árbol, y eso te obliga alegremente a llamarlos de compañeros porque efectivamente son compañeros. La naturaleza de las relaciones con la FAG son de una propuesta específica y concreta de una organización anarquista, que en varios momentos fue cobrando diferentes formas y propuestas para llegar a la FAG, donde yo tengo el placer de conocer a varios compañeros, compañeros queridísimos que fueron con seguridad y con contundencia ideológica armar una propuesta seria, una propuesta que no era una aventura ni una ocurrencia elaborada para el momento si no formar una organización que dé respuestas a las injusticias del momento y que tenga la capacidad de producir alternativas y colocarse a la altura de las circunstancias que está viviendo el pueblo trabajador, trabajadores y trabajadoras, desocupados y desocupadas, los pobladores y pobladoras quilombolas de Porto Alegre y del estado de Rio Grande do Sul, y a su vez extender eso a otra propuesta reconociendo y dándole valor a otras propuestas que tenemos en este continente llamado Brasil (...) Hay todo un tiempo y muchas vivencias que han producido una interacción muy grande con la FAG. Van para 25 años. Seguramente se están incorporando a la FAG compañeros y compañeras que no tienen 25 años, que tienen menos, qué importancia esta otra generación! Eso es una cosa que debería ser anotada, las relaciones FAU-FAG, que propuesta, lo que acabó, lo que se llevó adelante... Acá nosotros sabríamos que pasaba algo con FAG y en 15 minutos estábamos en Brasil, sin problema. Con la FAG se arma una idea que luego son de las organizaciones sociales, y luego se construyó la propuesta de ELAOPA, primero una instancia dentro del Forum Social Mundial de Porto Alegre (...) Y así surge el vínculo con la Columna Libertaria Joaquín Penina [Rosario]. Es otro relacionamiento, importante, pero con una raíz y una naturaleza distinta de la FAG, por el tiempo, porque tienen otro tiempo de lectura, por el estilo y las tradiciones concretas, formación social distinta. De Rosario lo conocíamos algunas experiencias de colectivos anteriores y que tuvieran vínculo con FAU, vínculo riquísimo (...) los compañeros nos anuncian que van a armar una propuesta de Federación Anarquista a Rosario y nos invitan a participar, y ahí comienza otro relacionamiento. Bueno, tienen etapas, historia e trayectorias distintas que la de la FAG, y por eso que eso de hablar de las relaciones FAU-FAG-FAR me parece una pseudoigualdad donde no lo existe. Y no quiero con eso nivelar o hacer cosas como un segundo, tercero o cuarto nivel, si no simplemente ser justo, sin quitar el mérito y sí rindiéndole honor".

MILITANTE DA FAU

"Em princípio tem muita relação com o planejamento do anarquismo especificista. O anarquismo especificista tem a particularidade de que se fortalece através do crescimento dos diferentes lugares, através do nascimento das organizações especificistas, das federações, e se debilita se não existem outras organizações em outros lugares do cone sul. O desenvolvimento do anarquismo especificista tem muita relação com o planejamento da FAU, da FAG, das outras organizações da CAB, e sua influência em outras organizações na Argentina e em outros países como Chile, Paraguai, Colômbia, Peru, está intimamente ligado com o desenvolvimento em outros países. As travas, as dificuldades, tem que ver muito com as barreiras culturais dos idiomas e com os diferentes níveis do desenvolvimento das organizações, diferentes momentos, diferentes anos de vida. A FAR tem 10 anos mas constituída como FAR, com esse nome, tem quase 3 anos. Mas é importante falar que a estratégia do especificismo tem relação direta com o desenvolvimento de organizações em diferentes países. Não existe centralidade da estratégia. Está muito ligada ao federalismo (...) a estratégia do especificismo que tem por um lado os

encontros como ELAOPA, os demais encontros das organizações anarquistas do Cone Sul. Tem muito que ver com estar periodicamente em encontros - a estratégia do especificismo se fortalece com os encontros bilaterales ou multilaterales. Ambos os encontros e a multilateralidade. Acho que daqui pro futuro as lutas nas diferentes regiões vão ter que contar com uma solidariedade próxima entre as organizações. Você tem que ver que a FAG com Rosario tem pouco mais de mil quilômetros. Também tem uns 800 ou 900 quilômetros entre Porto Alegre e Montevideo. Também entre Montevideo e Rosario tem 600 quilômetros. Hay que aproveitar a cercanía da região pra edificar e construir esse anarquismo na região. Dentro do Cone Sul é perto para desenvolver o anarquismo, e isto estamos fazendo agora".

MILITANTE DA FAR

**Caixa 4: Ativismo transnacional FAG-FAU-FAR segundo ativistas das Federações Anarquistas.
Fonte: Trabalho de campo.**

A solidariedade transnacional se faz presente em momentos de ameaça, perseguição e opressão por parte do Estado. Exemplo disso são os momentos em que a FAG foi ameaçada e invadida pelas polícias civil e militar do Rio Grande do Sul, a contar quatro vezes desde 2009²³. A última investida contra a Federação Anarquista Gaúcha ocorreu em outubro de 2017 quando foi deflagrada uma investigação criminal contra mais de 30 pessoas denominadas pela polícia como "anarquistas" e acusadas de promover ações terroristas em Porto Alegre, numa tentativa de enquadrar o anarquismo na Lei Antiterrorismo. A batida policial se deu na sede de outra organização, porém oficialmente o mandado de busca e apreensão continha o nome FAG. Nesse contexto, diversas organizações (libertárias ou não) solidarizaram-se, dentre elas a FAR, como mostra a Figura 11.

²³ Ver a respeito o artigo "Quarta investida sobre a FAG em menos de 10 anos", disponível em <https://federacaoanarquistagaucha.wordpress.com/2017/10/26/quarta-investida-repressiva-sobre-a-fag-em-menos-de-10-anos/>, acessado em 28 de outubro de 2017.

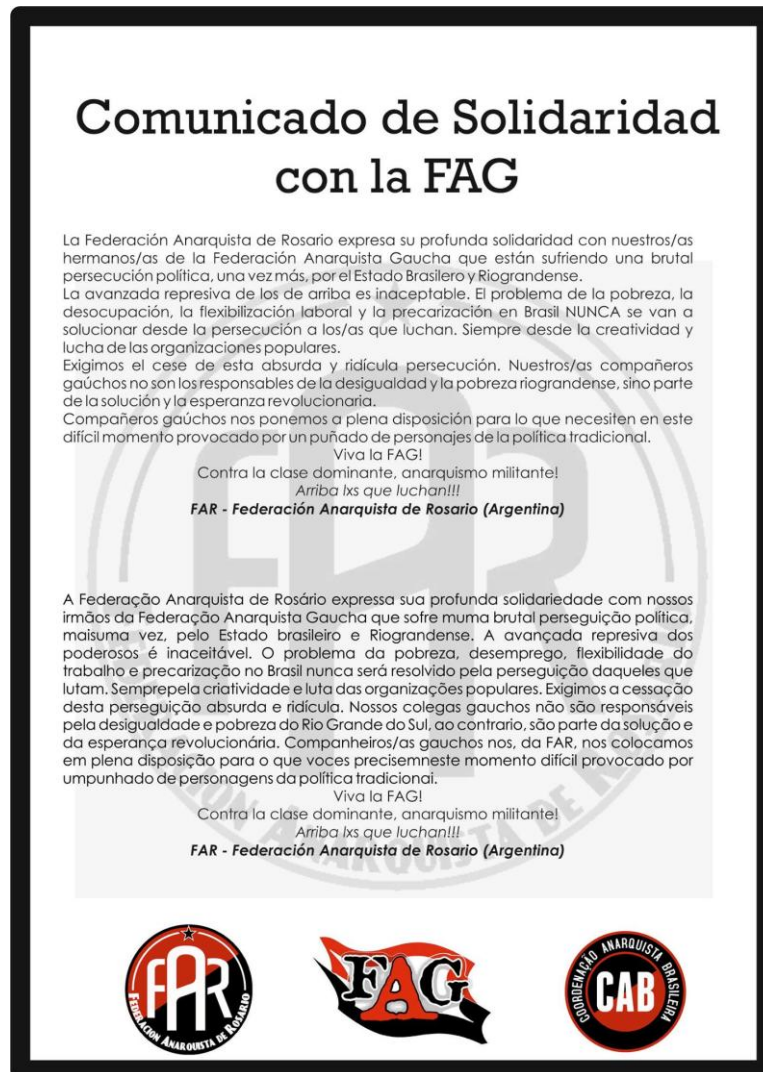
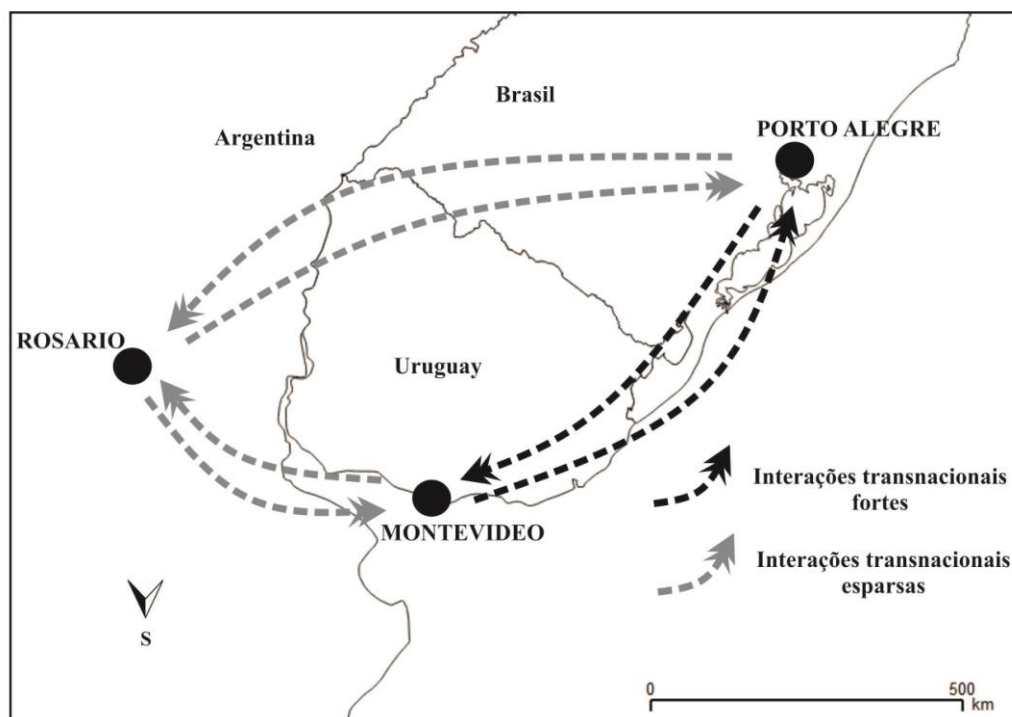


FIGURA 11: Comunicado de solidariedade da FAR com a FAG, outubro de 2017.
Fonte: Facebook.

A partir dos trabalhos de campo realizados, principalmente no que se refere aos discursos dos ativistas, identifiquei a existência de um ativismo transnacional libertário na região transnacional *gaucha*. Esse ativismo transnacional tem por base as Federações Anarquistas de caráter especificistas e não se dá de forma homogênea, conforme expresso no mapa da Figura 12.



**FIGURA 12: Mapa do ativismo transnacional libertário na região transnacional *gaucha*.
Elaboração do autor sobre cartografia de Isis Martins.**

Existem interações transnacionais fortes (caso FAU-FAG) e interações transnacionais com menos força ou esparsas (casos FAU-FAR e FAG-FAR) devido aos motivos expostos pelos ativistas. Disso depende-se um *particularismo militante anarquista*²⁴ desde Montevideu até diversas organizações anarquistas especificistas de outros países sul-americanos e, especialmente no caso da região transnacional *gaucha*, tal particularismo é notável. A territorialização de certos espaços como Centros Sociais e Ateneus (sedes das Federações) dão o suporte material para a construção de territórios dissidentes conectados multiescalarmente por redes espaciais que, por sua vez, promovem a transnacionalidade do ativismo. As práticas espaciais insurgentes de construção de territórios dissidentes e de redes espaciais, a partir da tipologia em Souza (2012b), seguem uma política na qual as seguintes escalas são particularmente mobilizadas no ativismo transnacional libertário:

- Escala local: sedes-referência (territórios dissidentes) das Federações Anarquistas, formação política, grupos de estudos, eventos públicos políticos e culturais, inserção nas lutas estudantis, sindicais, comunitárias e de trabalhadores nas mais diversas esferas;

²⁴ Particularismo militante é uma expressão de Raymond Williams (1989) assim sintetizada em Souza (2017, p. 223, nota 126): "partindo-se de identidades, mobilizações e agendas particulares (local ou regionalmente enraizadas), chegar a perceber questões de interesse bastante geral, o que dá ensejo ao enfrentamento decidido de processos e problemas atinentes a forças cujo alcance geográfico é bastante abrangente (...) É a capacidade de um grupo social em conseguir conferir conscientemente uma dimensão 'universal' à sua luta, conquanto tendo como ponto de partida questões e tendo motivações imediatas específicas/locais".

- Escala regional transnacional: fundação de novas organizações, compartilhamento de experiências, ideias, estudos e análises de conjuntura com solidariedade transnacional em épocas de repressão por parte do Estado²⁵. Leva à escala nacional do Brasil com a construção da Coordenação Anarquista Brasileira.

As Federações Anarquistas abordadas na região transnacional *gaucha* estão muito mais ligados pela estratégia especificista do que pelo universo valorativo *gaucho*, sendo este um mero pano de fundo para algumas de suas ações, aparecendo de maneira bastante secundária. No entanto, é notória a existência de uma *regionofilia libertária* na região, e um dos suportes político-culturais do ativismo transnacional libertário certamente é tal regionofilia. O sentimento de pertencimento e de afeição a uma região, no presente caso, não deu suporte para um territorialismo na forma de regionalismo; pelo contrário, fez emergir uma regionofilia antinacionalista, uma regionofilia libertária.

²⁵ Durante o segundo trabalho de campo tive a oportunidade de levar materiais de Porto Alegre para Montevideu e Rosario, e trazer para o Brasil materiais do Prata, tendo de fato experimentado essa rede transnacional das Federações.

CAPÍTULO 3

REPENSANDO O PRINCÍPIO FEDERATIVO À LUZ DE REGIONOFILIAS E IDENTIDADES SÓCIO-ESPACIAIS

*A sociedade, sempre já instituída, é autocriação
e capacidade de autoalteração.*
(Cornelius Castoriadis)

Pensar o Princípio Federativo à luz do desafio representado pelas regionofilias e identidades sócio-espaciais é uma tarefa que poucos autores ao longo da história do pensamento libertário dedicaram atenção. Meu intuito de discutir a dimensão político-cultural do federalismo com base no estudo de uma regionofilia libertária prescinde de um resgate da tradição e do desenvolvimento do federalismo libertário ao longo dos últimos dois séculos e, lançando mão do olhar de geógrafo, destaco o que os autores entenderam por nação, região e fronteira. Na segunda parte do capítulo aprofundo duas noções que considero importantes para a livre federação hoje - *região-lugar* e *fronteiras políticas não-estatais* - dialogando também com o federalismo contemporâneo dos zapatistas e de parte dos curdos por constituírem exemplos de mobilizações emancipatórias em escala regional que formam suas próprias fronteiras.

3.1 Federalismo, nações, regiões e fronteiras: o que os libertários dizem a respeito?

Conforme já explicitado anteriormente neste trabalho, sinteticamente o Federalismo (ou Princípio Federativo) pode ser entendido como a projeção espacial do pensamento e da práxis libertários. De um ponto de vista desde a Geografia, é lícito falar, inclusive, que o Federalismo encarna uma geopolítica alternativa à lógica do Estado moderno. Diversos pensadores, acadêmicos ou não, contribuíram para as reflexões e o desenvolvimento desse projeto político-espacial, sempre tendo como pilares as lutas sociais e as práticas espaciais insurgentes de homens e mulheres concretos. A organização política do espaço alternativa ao Estado em geral (não somente o capitalista) na esteira da constituição de uma sociedade com maior justiça social e qualidade de vida, propiciadoras de um desenvolvimento sócio-espacial,

e em busca de uma sociedade basicamente autônoma, foram e são objetivos daquelas e daqueles que se empenharam na concretização, ainda que parcialmente, do Federalismo Libertário. Uma leitura apressada da geografia (política) histórica das lutas sociais embebida de um olhar conservador e/ou enviesado poderia alegar a impossibilidade de aplicação dos princípios que serão neste tópico apresentados e analisados; porém, diga-se já que os seminários escritos federalistas de anarquistas clássicos como Bakunin e Kropotkin são em parte inspirados na realidade das cidades europeias na chamada baixa Idade Média, e em experiências de escalas espaciais e temporais diversas tais princípios tornaram-se práticas espaciais²⁶. Logo, compreende-se que o Federalismo Libertário possui uma tradição de pensamento e ação que remete aproximadamente aos últimos duzentos anos, e é um panorama geral dessa tradição que será abordado no presente subcapítulo à luz das reflexões realizadas até agora. Duas formas de territorialismo são importantes para se ter em mente ao analisar esta tradição: o regionalismo e o nacionalismo.

O termo regionalismo não foi encontrado na revisão bibliográfica sobre federalismo realizada, porém, com o auxílio de um olhar geográfico é possível depreender que alguns autores se remetem ao que em nosso campo de conhecimento é entendido como região. Na maior parte dos escritos, com importantes exceções, as regiões seriam aglomerados de unidades territoriais que corresponderiam a uma escala menor do que a nação ou país, muito próximo da convencional acepção de região como uma escala intermediária entre o local e o nacional. Já nacionalismo (e nação) foi abordado mais profundamente e de maneira controversa entre os libertários. Encontram-se abordagens *biologizantes* (a nação é natural ao ser humano, ou seja, toda sociedade humana se estabelece através de nações), posturas *naturalizantes* ou acrílicas (a nação é algo dado, resta refletir sobre o que fazer com ela), posicionamentos de crítica extrema (nação e nacionalismo são intrinsecamente conservadores e reacionários, logo é preciso combater tais ideias), e visões um pouco mais elaboradas (a nação é diferente do aparelho de Estado e legítima componente das sociedades, já o nacionalismo remete à defesa do aparelho de Estado e, portanto, algo a ser combatido).

Diante disso, Grauer (1994) distingue três posturas dos anarquistas clássicos quanto à nação e ao nacionalismo: absoluta rejeição (casos de Proudhon e Bakunin); importância gradual em face a determinadas conjunturas, uma vez que a manutenção de uma "nação-Estado" seria interessante para garantir a não-subjugação de um povo por outro, comum em

²⁶ O Federalismo foi colocado em prática em diversos momentos da história e com resultados mais ou menos exitosos. A respeito de dois destes momentos, a Comuna de Paris e a Revolução durante a Guerra Civil Espanhola, consulte-se Samis (2011) e Rodrigues (2016).

guerras (caso de Kropotkin); e reconhecimento da legitimidade da nação (não confundindo-a com Estado) enquanto espaço de referência identitária e base de organização social de um grupo humano ou povo (caso dos anarquistas judeus que pensaram os kibutzim na Palestina antes do estabelecimento do Estado de Israel), o que curiosamente levou a autora a chamá-los de "anarco-nacionalistas".

A seguir é oferecido um breve panorama do federalismo na tradição libertária, desde alguns referenciais empíricos anteriores ao século XIX, passando pelo anarquismo clássico e chegando a ideias recentes no campo libertário. De modo algum é meu intuito realizar uma análise pormenorizada de cada ideia ou prática espacial relacionada ao federalismo (o que por si só demanda uma pesquisa única), mas sim levantar algumas obras e elementos que podem oferecer subsídios para se pensar a dimensão político-cultural do Princípio Federativo.

O advento do Estado territorial moderno se deu de forma desigual e com enormes resistências em seu "berço", o continente europeu. Ao final da Idade Média e durante o período renascentista, a Europa comportava ao menos dois padrões espaciais (BOOKCHIN, 1995): aquele mais conhecido, os feudos, e outro conhecido porém não tão destacado, o das cidades livremente associadas. Este segundo padrão espacial comportava um grande número de cidades comerciais que, ao se federarem, apresentavam um mercado não-capitalista. Nesse contexto, populações tiveram que se identificar com uma "nacionalidade", onde a noção de cidadania, longamente enraizada na cidade e seu corpo público, foi dissipada em direção a uma grande entidade territorial - a "nação". Houve, então, profissionalização do poder com o Estado e suas instituições (*idem*, p. 159).

Rocker (1933) vai um pouco mais longe na história e afirma que com a queda de Roma diversos povos considerados "bárbaros" começaram a se insurgir contra reis e diversas outras autoridades. Com isso, entre os séc. V e XV muitas cidades tiveram sua própria constituição, onde suas insuficiências eram supridas através de acordos com outras cidades (comunas medievais). O poder dos soberanos, reis, clérigos etc., era relativamente limitado ao mundo medieval não-urbano.

William Godwin (1756-1836), filósofo e pastor britânico, considerado por Woodcock (2002, p. 70) como um dos precursores do anarquismo, pensou uma rede de paróquias independentes, sem governantes, como estrutura espacial basilar para uma futura sociedade libertária. Sob influência de um pensamento religioso, conforme comentado por Rocker (1933, p. 93) Godwin considera que a encarnação do mal seria o Estado em sua essência, por isso não concordou em ver o Estado reduzido ao mínimo, mas sim em eliminá-lo, assim como qualquer outra instituição autoritária. O pensador britânico chegou à ideia de sociedade sem

Estado, onde o homem não mais estaria sujeito à compulsão física e mental de uma Providência terrena, mas encontraria abrigo no desenvolvimento sem entraves de suas capacidades naturais, e ele mesmo geriria todas as suas relações com outros homens pelo método do livre acordo para suprir necessidades mútuas. Assim, Godwin ofereceu certa antecipação do Federalismo e do que Kropotkin mais tarde chamaria de Apoio Mútuo, contudo embebido em ruralofilia/urbanofobia (para o bom desenvolvimento das capacidades humanas é preciso um grande contato com a natureza longe de grandes aglomerados urbanos) e em tradições religiosas pastorais (o que para os anarquistas é algo, no mínimo, visto com sérias ressalvas).

O primeiro militante/pensador a se declarar (e também considerado o primeiro autor) anarquista, Pierre-Joseph Proudhon, deixou diversas reflexões e assentou as bases para o futuro desenvolvimento do federalismo libertário. Ele desenvolve suas ideias na contracorrente da época, momento em que a Itália tentava se unificar de forma centralista e os Estados Unidos de uma forma federalista criticada por ele. O único modelo interessante seria o suíço, que ainda assim deveria ser complementado. Sua obra *Du Principe Fédératif*, de 1863²⁷, fornece uma síntese de seu pensamento a respeito da supressão do Estado com a livre federação de unidades territoriais, diferenciando desde então o federalismo propriamente libertário do federalismo administrativo estatal ensinado nos manuais de direito constitucional²⁸.

O pensamento de Proudhon, a partir das considerações feitas por Aníbal D'Auria no prefácio à edição argentina da referida obra, pode ser considerado dialético, porém não uma dialética ao estilo hegeliano idealista nem ao estilo marxiano materialista: uma dialética dualista e simplificadora, onde a síntese é o equilíbrio entre os polos, e não um produto da contradição entre pares. O principal par dialético movido por Proudhon é o Autoridade-Liberdade: o primeiro corresponde à esfera propriamente familiar²⁹ que, quando extrapolado para o plano social mais amplo, constitui-se autoritarismo a ser combatido; já o segundo seria a esfera do social, onde o Estado encarnaria a ameaça à Liberdade. O problema do sistema político hegemônico filosoficamente falando, para Proudhon, é que o polo da Autoridade provocou um desarranjo das coisas públicas ao minar a liberdade de associação dos grupos sociais, e o princípio federativo serviria para equilibrar os polos.

²⁷ Para o presente trabalho consultei a edição argentina *El Principio Federativo*, publicada em Buenos Aires em 2008.

²⁸ E que inspirou a formação dos Estados Unidos da América, entre outros aparelhos de Estado federativos.

²⁹ Proudhon entende que a família é um núcleo de autoridade que não prescinde de críticas, o que os anarquistas posteriores a ele irão condenar veementemente.

A partir do par Autoridade-Liberdade, Proudhon (2008, p. 11) classifica os sistemas políticos ou formas de governo num plano ideal e admite que na realidade todo e qualquer sistema sempre será híbrido. Ei-los:

I. Formas puras ou ideais (*a priori*):

1. Autoritárias (sem divisão do poder, com base na autoridade):
 - 1.a. Monarquia (um sobre todos);
 - 1.b. Comunismo (todos sobre todos).
2. Liberais (com distribuição do poder, fundadas na liberdade e contratualmente):
 - 2.a. Democracia (cada um sobre todos);
 - 2.b. Anarquia (cada um sobre si mesmo).

II. Formas mistas ou empíricas:

1. Centralismo governativo (instável e injusto):
 - 1.a. Monarquia constitucional;
 - 1.b. Centralismo democrático.
2. Confederação progressiva, agrícola-industrial (verdadeira solução para o problema político).

Notamos aí que, para Proudhon, a anarquia remete mais ao plano das ideias e possui relação com o princípio de "cada um por si", em verdade somente proclamado pelos chamados individualistas da verve de Max Stirner. Já a federação (ou confederação progressiva) combinaria anarquia e democracia (complementares para Proudhon) e também agricultura e indústria (o que Kropotkin anos mais tarde irá aprofundar). A esfera da produção é a privilegiada na análise proudhoniana, e as unidades territoriais assim formariam a dita confederação progressiva: comuna agrícola-industrial - federação de comunas - confederação (Estado) - federação de Estados. O trecho a seguir explicita tal pensamento:

una federación tiene por objeto garantizar a los Estados confederados su soberanía, su territorio y la libertad de sus ciudadanos, regular además sus diferendos y proveer, por medidas generales, a todo lo que haga a la seguridad y la prosperidad común; pero a pesar de la magnitud de intereses comprometidos, el contrato de federación es esencialmente restringido. La autoridad encargada de su ejecución jamás puede prevalecer sobre sus constituyentes; quiero decir: las atribuciones federales jamás pueden exceder en número y en realidad a las de las autoridades comunales o provinciales, ni éstas pueden exceder los derechos y las prerrogativas del hombre y del ciudadano. Si fuera de otra manera, la comuna sería una comunidad, la federación volvería a ser una centralización monárquica y la autoridad federal, en lugar de simple mandataria y subalterna, sería preponderante; en

vez de limitarse a un servicio especial, tendería a abarcar toda actividad y toda iniciativa; los Estados confederados se convertirían en prefecturas, intendencias, sucursales o concesiones. El cuerpo político, así transformado, podría llamarse república, democracia o como quieran, pero ya no sería un Estado constituido en la plenitud de sus autonomías, o sea, una confederación (PROUDHON, 2008, p. 64).

Em seguida, completa:

En resumen: el sistema federativo es lo opuesto de la jerarquía o centralización administrativa y gubernamental que caracteriza, *ex aequo*, a las democracias imperiales, las monarquías constitucionales y las repúblicas unitarias. Su ley fundamental y característica es ésta: a medida que la Confederación se desarrolla incorporando nuevos Estados, los atributos de la autoridad central más se especifican y se acotan, disminuyen en número, en inmediatez y, me atrevo a decir, en intensidad. Por el contrario, en los gobiernos centralizados los atributos del poder supremo se multiplican y se extienden sin intermediación en razón directa de la superficie territorial y de la cifra de población, porque competen al príncipe los asuntos de las provincias, comunas, corporaciones y particulares. Ese atropello hace desaparecer toda libertad, no sólo comunal y provincial, sino también individual y nacional (PROUDHON, 2008, p. 65).

Nesse caminho, Proudhon (2008, pp. 71-72) oferece uma espécie de "passo-a-passo" para o processo federativo:

- 1º) Formar grupos pequenos, cada um soberano, e uni-los por um pacto de federação;
- 2º) Em cada Estado federado organizar o governo segundo a lei de separação de órgãos; separar no poder tudo o que seja separável, definir tudo o que seja definível e distribuir entre órgãos ou funcionários distintos tudo o que foi separado e definido; rodear a administração pública de todas as condições de publicidade e controle (transparência);
- 3º) Em vez de absorver sob uma autoridade central os Estados federados ou autoridades provinciais, reduzir as atribuições daquela ao simples rol de iniciativa geral, de garantia mútua e de vigilância: que seus decretos só possam executar-se com vênua dos governos confederados e por seus próprios agentes, como faz a monarquia constitucional com toda ordem do rei que requer referendo de um ministro para executar-se.

O autor, então, sintetiza suas ideias-chave:

Todas mis ideas económicas de hace veinte años a hoy se resumen en tres palabras: *Federación agrícola-industrial*;
 Todas mis miras políticas se reducen a una fórmula parecida: *Federación política o Descentralización*.
 Y como no hago de mis ideas un instrumento de partido ni de ambición personal, todas mis esperanzas sobre la actualidad y el porvenir se expresan en un tercer término, corolario de los otros dos: *Federación progresiva* (PROUDHON, 2008, p. 94).

No contexto dessa federação progressiva, nações e regiões remetem a escalas apriorísticas. Proudhon vê nação e Estado como complementares, a nação sendo algo dado e natural da organização social humana e o Estado uma expressão dessa organização, podendo este ser o aparelho de Estado como é conhecido ou um Estado-confederação de federações comunais - curiosamente ele não abandona o termo Estado, encaixando-o em seu projeto. O nacionalismo, por outro lado, funcionaria como um motor propulsor do expansionismo dos Estados, devendo ser combatido.

Quanto a regiões, o pensador francês não menciona explicitamente este termo, porém da leitura de sua obra depreende-se que uma região seria um agrupamento de federações em uma escala intermediária entre o local e o "nacional", ou seja, não muito diferente do que é concebido até hoje, ao menos em compreensões leigas. Por sua vez, as fronteiras em seu projeto, implicitamente, seriam as divisões entre as nações, marcando o território de soberania e de "autonomia interna" de um Estado-confederação. Além disso, deixa claro que fronteiras naturais não existem pois

la idea de *frontera natural* es una ficción, o mejor dicho, una superchería política; los ríos, las montañas y los mares son considerados, no ya como límites territoriales, sino como obstáculos que la libertad del soberano y de la nación deben vencer. Y la razón del principio lo quiere así: la facultad de poseer, de acumular, de mandar y de explotar es indefinida, no tiene otros límites que el universo. El más famoso ejemplo de este acaparamiento de territorios y poblaciones, sin considerar montañas, ríos, bosques, mares y desiertos, fue el Imperio romano, con centro y capital en una península en medio de un vasto mar, con sus provincias alrededor, tan distantes como pudieran llegar los ejércitos y los agentes del fisco (PROUDHON, 2008, p. 74).

É válido lembrar que Proudhon foi também um político profissional (chegou a ser senador da república francesa) e seu vocabulário está impregnado de termos da organização estatal (Estados, prefeituras, intendências etc.), chegando a admitir a possibilidade de um "*presidente federal*" (*idem*, p. 234). Assim, compreende-se em parte a contradição entre a investidura em uma organização política do espaço alternativa aos Estados e o vocabulário (e também a permanência de certos conteúdos administrativos da burocracia estatal) empregado no processo de confederação progressiva - seu pensamento, pois, não se emancipou por completo da lógica estatal.

O mais conhecido militante do anarquismo clássico, o russo Mikhail Bakunin, nos legou escritos programáticos, panfletos e cartas³⁰ nos quais elabora um programa em direção a

³⁰ Para a presente pesquisa foi consultado majoritariamente o livro Mikhail Bakunin: Obras escolhidas, organizado por Plínio Augusto Coelho e publicado pelas editoras HEDRA e Imaginário em 2015.

uma federação europeia e, após, universal, inspirando-se e avançando em determinados aspectos ao pensamento de Proudhon. O militante russo, bastante simpático ao tipo de federalismo praticado então na Suíça e no norte dos Estados Unidos, almejava a construção do que ele chamou de Estados Unidos da Europa. Para isso propõe 13 princípios para o Federalismo (BAKUNIN, 2015 [1867-1868]), similarmente encontrados em seu "Catecismo Revolucionário", de 1886.

Sinteticamente, os primeiros princípios defendem que os Estados Unidos da Europa não se formariam a partir dos Estados pré-existentes, nem com uma confederação de monarquias, tampouco com uma confederação de Estados centralizados, ainda que se chamem "República". O quinto princípio nos mostra o que poderíamos denominar uma "política de escalas" no pensamento bakuniniano, revelando, pois, sua sensibilidade espacial:

Esforçar-se para reconstituir suas respectivas pátrias, a fim de nelas substituir a antiga organização fundada, de cima para baixo, sobre a violência e sobre o princípio da autoridade, por uma organização nova, tendo por base somente os interesses, as necessidades e as atrações naturais das populações, e por princípio somente a federação livre dos indivíduos nas comunas, das comunas nas províncias, das províncias nas nações e, enfim, destas nos Estados Unidos da Europa inicialmente, e mais tarde no mundo inteiro (BAKUNIN, 2015, p. 22).

O sexto princípio remete à concepção de fronteiras apenas associadas a fronteiras estatais, com absoluta rejeição destas, sejam "naturais" ou não:

abandono absoluto de tudo que se chama de direito histórico dos Estados, todas as questões relativas às fronteiras naturais, políticas, estratégicas, comerciais, deverão ser consideradas doravante como pertencentes à história antiga e rejeitadas com energia por todos os aderentes da Liga (BAKUNIN, 2015, p. 22).

Ainda sobre fronteiras, em "Catecismo Revolucionário" Bakunin reforça a necessidade de se abolir as fronteiras (estatais) em direção à construção de uma federação internacional de países: "Abolição das fronteiras, dos passaportes e das alfândegas. Cada cidadão de um país federado deve desfrutar de todos os direitos políticos em todos os outros países pertencentes à mesma federação" (BAKUNIN, 2015, p. 163).

O sétimo princípio do Federalismo bakuniniano mostra que a nação, para o autor, é um legítimo e natural aglomerado de pessoas em torno de uma história e de uma cultura (e de um espaço) comuns, e o respeito às nações relaciona-se com a manutenção da autonomia interna e, portanto, da autodeterminação de um povo:

Reconhecimento do direito absoluto de cada nação, grande ou pequena, de cada povo, fraco ou forte, de cada província, de cada comuna, a uma completa autonomia, desde que sua constituição interior não seja uma

ameaça e um perigo para a autonomia e para a liberdade dos países vizinhos (BAKUNIN, 2015, pp. 22-23).

Além do reconhecimento da nação enquanto entidade social legítima, uma interessante distinção faz Bakunin entre país e Estado no oitavo princípio - o fato de um país ter feito parte de um Estado não implica em obrigação de permanecer nesse Estado; depreendendo-se que, para ele, nação e país seriam sinônimos, porém numa concepção diferenciada da lógica estatal: "a nação não deve ser nada além de uma federação de províncias autônomas" (BAKUNIN, 2015, p. 161). O décimo princípio traz uma advertência crítica de possíveis processos separatistas ("Apoio a toda insurreição contra qualquer opressão, desde que não tenha como objetivo fundar um novo Estado" [p. 23]). No décimo segundo princípio encontra-se um maior detalhamento da perspectiva de nação e nacionalidade de Bakunin, o que ele chama de direito de nacionalidade intimamente relacionado ao direito à liberdade:

A Liga reconhecerá a *nacionalidade* como um fato natural; tendo incontestavelmente o direito a uma existência e a um desenvolvimento livres, mas não como um princípio, todo princípio deve apresentar o caráter da universalidade, e a nacionalidade é, ao contrário, um fato exclusivo, separado. Este pretensão *princípio de nacionalidade*, tal como foi formulado em nossos dias pelos governos da França, da Rússia e da Prússia, e até mesmo por muitos patriotas alemães, poloneses, italianos e húngaros, nada mais é do que um derivativo oposto pela reação ao espírito da revolução: no fundo, eminentemente aristocrático, a ponto de desprezar os dialetos das populações não letradas, negando implicitamente a liberdade das províncias e a autonomia real das comunas, e apoiado em todos os países não pelas massas populares, das quais ele sacrifica sistematicamente os interesses reais a um, assim dito, bem público, que não outro senão o das classes privilegiadas, este princípio não exprime senão os pretensos direitos históricos e a ambição dos Estados. O direito de nacionalidade nunca poderá ser considerado pela Liga a não ser como consequência natural do princípio supremo da liberdade, cessando de ser um direito no momento em que se coloca, quer contra a liberdade, quer simplesmente fora da liberdade (BAKUNIN, 2015, pp. 23-24, grifos no original).

Em outro escrito, este uma carta endereçada a Jules Barni, de 1867, Bakunin assim discorre a respeito da nacionalidade:

Devemos colocar a justiça humana, universal, acima de todos os interesses nacionais e abandonar, de uma vez por todas, esse falso princípio de nacionalidade que não foi inventado nesses últimos anos pelos déspotas da França, da Rússia e da Prússia senão para sufocar o princípio supremo da liberdade. A nacionalidade não é absolutamente um princípio, é um ser natural, legítimo como a individualidade é um outro. Cada nacionalidade, pequena ou grande, tem o direito incontestável de ser ela própria, viver segundo sua própria natureza: esse direito é uma consequência do princípio universal da liberdade (BAKUNIN, 2015, pp. 109-110).

Sintomático do século XIX sob a égide do positivismo e do naturalismo, a naturalização da nação por parte de Bakunin (e também por parte da maioria dos anarquistas da época) é um elemento que, sob a luz do século XXI, deve ser criticado em uma tentativa de atualização do papel das nações no processo de federação de unidades territoriais. Necessário, pois, é desbiologizar e desnaturalizar a nação do anarquismo (clássico) e pensar as possibilidades e os obstáculos que a ideia de nação (entendida enquanto agrupamento social historicamente constituído de pessoas que compartilham universos valorativos, lugares etc.) resguarda quando refletimos sobre a dimensão político-cultural do Princípio Federativo.

Um autor que merece menção é o espanhol Francisco Pi Y Margall, que teve uma aproximação e uma contribuição relevante para as ideias federalistas, mas não foi propriamente um libertário. Influenciado pela obra de Proudhon, refletiu a respeito do federalismo na Espanha como alternativa à monarquia e à garantia de relativa autonomia das diferentes nações espanholas, chegando, pois, ao que viria a ser conhecido como República Federativa. Teve uma carreira de político institucional pródiga, tendo sido deputado e também o segundo presidente da república espanhola. Não desejava a abolição do Estado, mas sim sua reestruturação. Aproximou-se do começo do movimento libertário na Espanha, tendo dialogado com nomes que seriam importantes para o anarquismo espanhol. Sua principal obra sobre o assunto é *Las Nacionalidades*, de 1877. Nessa obra, Pi Y Margall propõe critérios para a definição de nações, como tamanho (preferia nações de pequena dimensão), língua comum, fronteiras diferentes das então estabelecidas mas mais próximas possível de fronteiras "naturais", critérios históricos, critérios de "raças" etc., tudo isso em direção ao que chamou de "equilíbrio europeu", com a combinação desses diversos critérios. Para ele,

La federación es un sistema por el cual los diversos grupos humanos, sin perder su autonomía en lo que les es peculiar y propio, se asocian y subordinan al conjunto de los de su especie para todos los fines que les son comunes. Es aplicable (...) a todos los grupos y a todas las formas de gobierno. Establece la unidad sin destruir la variedad, u puede llegar a reunir en un cuerpo la humanidad toda sin que se menoscabe la independencia ni se altere el carácter de las naciones, provincias ni pueblos. Por esto, al paso que la monarquía universal ha sido siempre un sueño, van preparando sin cesar la federación universal la razón y la Historia (PI Y MARGALL, 1877, p. 113).

Como é perceptível, o autor espanhol acreditava na inevitabilidade ou, ao menos, em um caminhar da história em direção ao federalismo, muito embebido nas ideias de progresso e evolução típicas do século XIX. A nação, segundo ele, seria um produto histórico da violência. Na Europa, o que se chama "nação" são Estados muito recentes que não deveriam receber essa denominação (Estado-nação), e tais Estados pela violência nasceram e pela

violência se mantém (PI Y MARGALL, 1877, p. 40). O autor dá como exemplos bem sucedidos de federação a Suíça, os Estados Unidos da América, e alguns outros Estados, sendo que em nenhum momento Pi Y Margall vê a federação como forma de suprimir o aparelho de Estado, mas sim de melhor unir os Estados em prol de "interesses universais".

O geógrafo anarquista Élisée Reclus, na esteira do pensamento naturalista e evolucionista típicos do século XIX (apesar de apresentar raciocínio dialético não raras vezes), nos legou reflexões mais profundas acerca do tema das nações / nacionalidades e das fronteiras, conquanto seu pensamento sobre o Federalismo esteja longe de ser ausente de sua obra. Para Reclus a federação de comunas só seria atingida através de uma melhora ou harmonização das relações sociedade-natureza, com o ser humano adaptando-se às mais variadas condições colocadas pelo espaço "natural". Comentando o geógrafo francês, Souza (2017, p. 132) afirma que

A busca da fraternidade entre os homens não era incompatível, a seu ver, com uma organização sócio-espacial em que as comunas livres se ajustassem o mais possível às peculiaridades do espaço "natural". Todavia, essa fraternidade, que igualmente pressupunha intercâmbios de todos os tipos, não apenas convidava a pensar nas federações livres como complemento necessário das comunas, como também, para além de quaisquer distinções culturais e político-geográficas legítimas entre povos, levava a acreditar na conveniência de ferramentas que facilitassem o diálogo intercultural.

Podemos dizer que Reclus, nesse sentido, era um pensador da fraternidade universal entre os seres humanos, entre as *gentes* de diferentes matrizes culturais³¹, onde o que chamaríamos hoje de hibridação cultural seria um elementantíssimo no processo federativo.

Examinando sua obra-prima, *L'homme et la Terre*³² (1905-1908), constata-se a profundidade e sofisticação, para a época, com que Reclus tratava de temas como nações e fronteiras. A pátria, para ele, remetia à extrapolação da significação imaginária da propriedade privada, onde se constitui um território ao redor do qual todos os outros são potenciais inimigos, como se vê nas duas passagens a seguir:

Tal es la palabra 'patria', que significa el lugar donde se despierta á la vida en los brazos del padre, y que se comprende también como el territorio cerrado en cuyo rededor todos los hombres son enemigos (RECLUS, 1906-1909, v. 5, p. 326).

³¹ Ainda que aqui e acolá Reclus tenha sido um tanto condescendente com uma espécie de "colonialismo humanitário" em algumas colônias de povoamento, resvalando em etnocentrismo. Ver, sobre isso, Badouin (2009) e Souza (2017, p. 123).

³² Na presente pesquisa foi consultada a tradução para o espanhol *El Hombre y La Tierra*, publicada em Barcelona entre 1906 e 1909.

Esta ilusão de proprietário explica hasta cierto punto la pretensión que tiene el patriota de amar su país con amor excesivo; pero á esa causa se unen otras que son execrables. Si en toda nación se encuentran individuos que trabajan por desembarazarse de toda preocupación, de todo impulso irracional, de toda idea puramente tradicional, la nación misma en su conjunto se halla todavía en la moral primitiva de la fuerza; complácese en asolar, arrebatar, matar y cantar victoria sobre los cadáveres insepultos; se glorifica con todo el daño- que sus antepasados hicieron á otros pueblos; se entusiasma, enloquece celebrando en verso, en prosa, en representaciones triunfales todas las abominaciones cometidas por los suyos en país extranjero, y hasta invita solemnemente á su dios á participar en la embriaguez popular. Y no se limita á ponderar las matanzas antiguas, sino que se complace en preparar otras nuevas, no sólo contra países límitrofes, sino, lo que es más incomprensible, contra tierras lejanas cuyos habitantes ni siquiera han oído hablar de sus invasores. Al amor del suelo y de la lengua natal, que se alaba siempre cándidamente como fuente de patriotismo, se mezclan la avidez del pillaje y el odio al extranjero para hacer que florezca esa flor híbrida que suele celebrarse como la más bella (RECLUS, 1906-1909, v.5, p. 327).

As pátrias e os nacionalismos assim se colocam como inimigas da fraternidade universal ao mobilizarem elementos do universo de valores e símbolos de um povo (língua, sentimentos de pertencimento a lugares e regiões etc.), onde as fronteiras estatais (muitas vezes travestidas de "naturais") cumprem o papel de separação e de zona de controle (a crítica às fronteiras naturalizadas pode ser encontrada em diversas passagens da obra de Reclus). O interessante é notar que o geógrafo francês já tinha em mente a grande artificialidade e as inúmeras limitações de se tomar o mapa do mundo dividido em Estados e fronteiras estatais, um raciocínio muito caro para um olhar libertário. Sobre o problema das pátrias ainda:

Las patrias, tal como cada hombre de Estado tiene el 'deber' de levantar sobre las demás naciones, sólo dan lugar á razonamientos falsos y á complicaciones funesta?. Ante todo, lo que los diplomáticos repiten acerca de las 'fronteras naturales' que separan los Estados en virtud de una especie de predestinación geográfica, carece de razón. No hay fronteras naturales en el sentido que les dan los patriotas (RECLUS, 1906-1909, v. 5, p. 330)

Assim chega-se ao problema da divisão do espaço em Estados e suas fronteiras estatais:

El planeta esta recortado políticamente por una red de fronteras que dividen las diversas partes de la Tierra declaradas propiedad imperial, real ó nacional, y se ha de realizar toda una revolución de pensamiento antes de modificar á este aspecto las convenciones tradicionales (RECLUS, 1906-1909, v. 5, p. 326).

Ao invocar a necessidade de uma revolução de pensamento para se modificar as convenções tradicionais de separação do globo em Estados ou Impérios (ou mais apropriadamente: em estruturas territoriais heterônomas), identificamos o embrião de uma

linha de raciocínio que chegaria à segunda metade do século XX com o libertário Castoriadis e com outros autores muito próximos do pensamento libertário, como Deleuze e Guattari³³, ainda que não façam menção a Reclus: o Estado enquanto estrutura territorial heterônoma de governo de homens e mulheres e historicamente datado utiliza-se de significações imaginárias que permitem a internalização/"aceitação" e "naturalização" de sua existência (impacto na subjetividade) sem a necessidade, muitas vezes, de justificativas mais claras ou racionais (o Estado é consequência natural da evolução da sociedade, todos os homens e mulheres devem possuir nacionalidade sob pena de não se encaixarem na sociedade - caso não só de apátridas mas também de todas e todos aquelas[es] excluídos do ou precariamente incluídos no modelo civilizatório hegemônico, ou que não possuem sua "cidadania" efetivada). Por isso a instituição do Estado também se dá no âmbito da psique³⁴. Logo, a superação da lógica estatal não reside apenas em uma simples destruição do Estado (como diria Bakunin), mas também na modificação das significações imaginárias sociais na esteira de inúmeras revoluções moleculares³⁵, ou seja, mudanças não somente nas relações sociais e no espaço, mas também na psique. Isso não esquecendo que, para Reclus, a evolução e a revolução caminham juntas, sendo a última um momento de evolução mais rápido. Em um contexto de luta de classes, a evolução aparente de uma nação esconde evoluções paralelas, marginalizadas, que emergem em momentos de revolução:

Al funcionamiento social en diferentes naciones, separadas por fronteras y bajo la dominación de individuos y de clases que se tienen por superiores á los otros hombres, se entremezcla y se sobrepone, de una manera cada vez más regular y decisiva, otro modo de evolución general, el de la acción directa por la voluntad libremente expresada de los hombres que se asocian para una obra determinada, sin preocupación de fronteras entre las clases y los países (RECLUS, 1906-1909, v. 6, p. 233).

Ainda sobre as fronteiras estatais, Reclus parece relativizar um pouco a ideia de se colocar uma fronteira sobre um elemento do espaço "natural", como um rio ou uma cadeia de montanhas, uma vez que, independente de Estados, tais feições naturais contribuem para certa diferenciação e divisão do espaço:

El río es todavía la frontera menos nefasta de todas, porque la atracción ejercida por los suelos fértiles del valle y el comercio que por él circula, se opone á la tendencia que tiene la frontera á despoblar sus inmediaciones,

³³ A respeito das repercussões das estruturas heterônomas na subjetividade dos sujeitos, consulte-se, entre outras obras, Guattari (1987) e Deleuze e Guattari (1995).

³⁴ Tendo em mente o tripé psique - relações sociais - espaço: "a sociedade concreta só existe com esse três 'componentes' *ao mesmo tempo* porque cada um deles é *relacional* e, assim, só pode ser concebido, no plano concreto, *em relação com os demais e incorporando, de certo modo, os demais* (SOUZA, 2017, p. 46, grifos do original).

³⁵ Mais sobre revolução molecular em Guattari (1987).

mientras que en la montaña esta última acción se une á la de la altura, cuyo efecto normal es rarificar la población (RECLUS, 1906-1909, v. 5, p. 331).

O geógrafo francês vai ainda mais fundo na análise das bordas dos Estados ao problematizar a securitização das fronteiras, um debate bastante contemporâneo, e que para ele, há mais de cem anos, já era objeto de reflexão. Interessante é constatar na seguinte passagem que Reclus relaciona muito bem a psique com as relações sociais e com a espacialidade ao falar do "hipnotismo" que as fronteiras causam nos agentes de segurança nacional:

En nuestros días los Estados obran de otro modo, y hasta con resultados más funestos, porque la línea de frontera ejerce como una especie de hipnotismo sobre los soldados, los gendarmes y los carabineros encargados del cuidado de conservar los límites y los postes. En todas partes por donde se ha tolerado la existencia de un sendero, de un canal ó de un ferrocarril, cada pasajero va seguido de una mirada inquisidora; si parece sospechoso se le interroga, se le registra, se le encarcela, perteneciendo como una cosa al sargento- de la patrulla. Por ambos lados y á lo largo de los caminos algo frecuentados se elevan cuarteles, y todos los pasajes considerados como de valor estratégico hállanse obstruidos por fortificaciones (RECLUS, 1906-1909, v. 5, p. 332).

Além do controle da mobilidade populacional em um espaço altamente securitizado, as fronteiras (estatais) acabam se justificando pela invocação do nacionalismo, delimitando, inclusive, o "fim" de um modo de organização social e o "início" de outro. Reclus atenta para a mobilidade de pessoas em regiões fronteiriças, e que as divisões estatais não seriam capazes de tolher as trocas entre comunidades a não ser pela privação de liberdade com os dispositivos de segurança fronteiriços:

Para justificar la existencia de las fronteras, cuyo absurdo salta á la vista, se saca argumento de las nacionalidades, como si las agrupaciones políticas tuvieran todas una constitución normal y existiera superposición real entre el territorio delimitado y el conjunto de la población consciente de su vida colectiva. Es indudable que cada individuo tiene el derecho de agruparse y de asociarse con otros según sus afinidades, entre las cuales la comunidad de costumbres, de lengua y de historia es la primera en importancia, pero esa misma libertad de agrupación individual implica la movilidad de la frontera; ¡cuán poco de acuerdo está la franca voluntad de los habitantes con los convencionalismos oficiales! (RECLUS, 1906-1909, v. 5, p. 341).

Nesse contexto, Reclus vislumbra uma tendência à extrapolação das fronteiras (que mudam com frequência, pois historicamente datadas) e uma migração cada vez mais acentuada, uma vez que as ligações dos indivíduos com seu torrão natal se fariam mais frágeis. Não seria, este, um raciocínio precursor de ideias que contemporaneamente associamos ao fenômeno da globalização e seus reflexos culturais e identitários?

A pesar de la obstinada persistencia con que los espíritus atrasados se empeñan en conservar y aun en bañar en sangre los límites de la frontera — límites que ni siquiera tienen el mérito de la duración, puesto que cambian con frecuencia, — las cadenas que unen el individuo al suelo natal se han hecho más frágiles, por decirlo así, y los atractivos' especiales de cada comarca ejercen menos presión para retener á los hombres. La población tiende cada vez más á repartirse sobre el planeta, según las ventajas de toda clase que presentan las diversas comarcas desde el punto de vista del clima, de los recursos para el trabajo, de las facilidades de la vida y hasta de las bellezas de los paisajes. Gracias á este acuerdo cada vez más acentuado entre el hombre y el globo, puesto que cada individuo puede ya prever, anticipar y hasta vivir el día en que se establece sobre un suelo de elección, sobre una tierra que se había 'prometido' á sí mismo, se hace una distribución normal de los hombres en las diversas partes de la Tierra en proporción de sus elementos de acomodación (RECLUS, 1906-1909, v. 5, pp. 348-349).

Considerando que fronteiras "naturais" seriam invenções conjunturais fruto da constituição dos Estados, o intercâmbio cultural livre passaria necessariamente por federações de comunas livres. Nesse sentido, pode-se afirmar que, a partir do pensamento de Reclus, as fronteiras "legítimas" de um ponto de vista anti-heterônomo seriam aquelas advindas da transição entre uma região (enquanto espaço vivido) e outra, aproximando-se da noção de "fronteiras culturais". Reclus, pois, era um entusiasta da crescente mobilidade (livre) de pessoas, valores, ideias...enfim, de culturas e de visões de mundo, fazendo com que as fronteiras se tornassem cada vez mais o que deveriam ser em um projeto federalista libertário: regiões de transição fluidas e móveis entre gentes e suas ideias, valores e modos de ser, estar e experimentar o espaço.

Outro geógrafo anarquista muito importante no desenvolvimento do Federalismo Libertário é o russo Piotr Kropotkin, que foi responsável por espacializar e refinar o acúmulo de ideias a respeito do Princípio Federativo até então. A obra em que podemos encontrar seus mais profundos *insights* sobre a organização espacial federalista é *Fields, Factories and Workshops*, cuja primeira edição data de 1898³⁶. Nela, Kropotkin vislumbra duas dimensões básicas do projeto federalista: a *desconcentração econômico-espacial* e a *descentralização territorial*. Com uma combinação entre a agricultura e indústria, por um lado, e com a superação da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, por outro, ter-se-ia o caminho para a primeira dimensão. Já o estabelecimento de comunas livres e redes multiescalares de federação entre as comunas corresponderia à segunda dimensão.

No primeiro capítulo da obra Kropotkin (1901, p. I e segs.) aborda a descentralização das indústrias começando com uma crítica a Adam Smith, cujo "lema" é a divisão do trabalho,

³⁶ Para a pesquisa consultou-se a segunda edição do livro, publicada em 1901.

na qual o geógrafo defende que a divisão e subdivisão do trabalho divide a humanidade em castas quase tão firmemente estabelecidas quanto as castas indianas. Uma primeira divisão é aquela entre produtores e consumidores: nos moldes da sociedade vigente tem-se pequenos produtores que consomem de um lado e pequenos consumidores que produzem de outro.

Desta feita, então, tem-se mais subdivisões, como: o trabalhador manual e o trabalhador intelectual; os trabalhadores rurais e os trabalhadores industriais (uma total separação entre as tarefas produtivas do campo e da cidade) etc. - já nessa época Kropotkin critica a superespecialização do trabalho que, como sabemos, ao longo do século XX (principalmente a partir dos anos 1970) cresceu enormemente. Para além, ele refuta os pensadores da divisão do trabalho que sustentam que cada país teria uma "vocação" para fornecer determinados produtos e, nesse sentido, deveriam se especializar. Com seu pensamento federalista, Kropotkin enxerga na federação de comunas uma estratégia alternativa à lógica tanto da superespecialização setorial quanto da superespecialização espacial. Para tanto, a divisão de tarefas deve ser sempre temporária, de modo que cada indivíduo possa buscar sua realização pessoal de diferentes maneiras através de trabalhos manuais, intelectuais, artísticos etc., de acordo com as mais variadas capacidades e potencialidades de cada grupo humano.

Com essa divisão temporária do trabalho seria possível, então, chegar à desejada integração do labor. A sociedade ideal, pois, é a sociedade de trabalho combinado e integrado, uma sociedade onde cada indivíduo é produtor de trabalho manual e intelectual, onde cada indivíduo apto é um trabalhador, e cada trabalhador atua tanto no campo como na indústria - onde cada nação ou região que dispõe de uma certa gama de recursos produz e consome muitos de seus próprios produtos agrícolas e industriais.

Desse modo, enquanto a sociedade continuar organizada de modo a permitir que os proprietários de terra e capital, sob a proteção do Estado, se apropriem da mais-valia da produção humana, tais mudanças não serão atingidas (KROPOTKIN, 1901, p. 5). O senso de educador de Kropotkin aparece ao afirmar que uma sociedade reorganizada, para abandonar a falácia das nações especializadas na produção de determinados produtos agrícolas ou industriais, deve vir acompanhada de uma "educação integrada", ou seja, o ensino concomitante de ciências e de ofícios manuais desde a infância para dar à sociedade homens e mulheres de que ela realmente precisará (*idem*, p. 6).

Ao se debruçar sobre o tema a agricultura (*idem*, p. 40 e segs.), Kropotkin explana as possibilidades de cultivo com alta produtividade sem a necessidade de grandes extensões de terra e, por conseguinte, sem grandes proprietários. A valorização da técnica e a crença no

progresso são motores de sua reflexão, associando-se a uma redistribuição populacional (concentração em comunas), como pode ser observado no seguinte raciocínio (*idem*, p. 71):

- Uma população concentrada é condição necessária para permitir ao ser humano aumentar a capacidade produtiva do seu trabalho;

- Um trabalho altamente produtivo é impossível enquanto homens estiverem espalhados, em pouco número, em territórios muito grandes, e são assim incapazes de combinar as maiores conquistas da civilização;

- Sabe-se o quanto de trabalho é necessário para se trabalhar o solo com ferramentas primitivas, e o quanto menos custa com o emprego da maquinaria moderna.

Nesse sentido, para Kropotkin, é impossível prever os limites populacionais para uma determinada área de terra e a diversidade de produtos que poderão ser retirados ou produzidos em cada latitude uma vez que a cada dia se ampliam os limites tecnológicos anteriores e abrem-se novos horizontes. Vê-se, portanto, que ele é favorável a uma significativa concentração populacional em unidades territoriais não muito grandes, pois para o geógrafo russo uma população densa, um alto desenvolvimento industrial e um alto desenvolvimento da agricultura são inseparáveis.

Tais elementos não estão infensos à crença de Kropotkin no progresso. Sua mente de naturalista e positivista forjada no século XIX o direcionava a pensar o que seria um progresso diferente daquele que era (é) alardeado como justificativa da expansão geográfica do capitalismo e da contradição entre capital e trabalho. Ele vislumbrou a expansão industrial para outros pontos do globo que não a Europa juntamente com as formas de dominação, exploração e expropriação que viriam na esteira desse processo - sob a presente divisão entre capitalistas e trabalhadores, proprietários e massas assalariadas, a expansão industrial é sempre acompanhada das mesmas formas de exploração e opressão. Nesse sentido, o progresso precisa ser visto de outra forma: produção basicamente para consumo próprio, sendo que a população de um território/unidade territorial precisa ser a principal consumidora da produção de suas fábricas e lavouras.

No Federalismo de Kropotkin a dimensão econômica tem um peso significativo, como depreende-se dos elementos até agora destacados. Adepto do chamado anarco-comunismo (sintetizado na máxima "de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades"), o geógrafo russo concebia como inseparável o econômico das esferas de decisão política em assembleias locais e em federações para dar cabo de assuntos em escalas supralocais. Conforme vemos na Figura 13 o pensamento espacial kropotkiniano abarca uma

multiescalaridade que, porém, confere a primazia para a escala local - a escala da produção e do consumo propriamente ditos.

Desconcentração econômico-espacial e descentralização territorial em Kropotkin

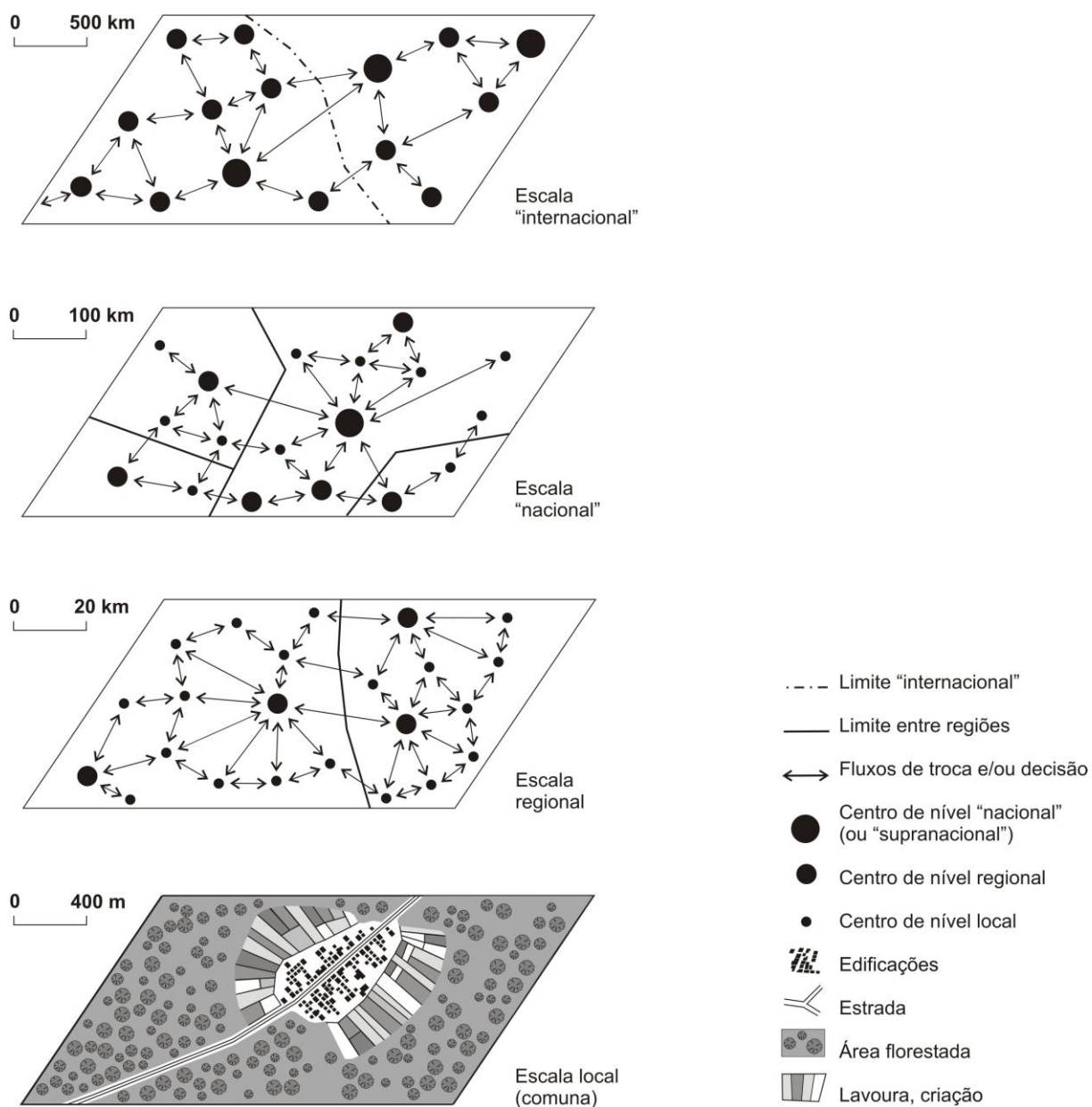


FIGURA 13: Modelo gráfico inspirado nas ideias de Kropotkin.

Fonte: Souza (2017, p. 174).

O verbete Anarquismo da Enciclopédia Britânica publicada em 1910, escrito por Kropotkin, sumariza seu projeto federalista, resumindo as reflexões libertárias até então acumuladas e também avançando em determinados aspectos. Eis alguns trechos:

ANARQUISMO (...) nome dado a um princípio ou teoria de vida e conduta sob o qual a sociedade é concebida sem governo - harmonia em uma tal sociedade sendo obtida não pela submissão à lei ou pela obediência a qualquer autoridade, mas sim pelos acordos livres celebrados entre os vários grupos, territoriais e profissionais, livremente constituídos pelo bem da produção e do consumo, assim como para a satisfação de uma infinita variedade de necessidades e aspirações de uma criatura civilizada. Em uma sociedade desenvolvida de acordo com essas linhas, as associações voluntárias que já agora começam a recobrir todos os campos de atividade humana conheceriam uma expansão ainda maior, ao ponto de substituir o Estado em todas as suas funções. Elas representariam uma rede composta por uma infinita variedade de grupos e federações de todos os tamanhos e graus, local, regional, nacional e internacional, ou mais ou menos permanente, para todos os propósitos possíveis: produção, consumo e troca, comunicações, providências sanitárias, educação, proteção mútua, defesa do território, e assim sucessivamente; e, por outro lado, para a satisfação de um crescente número de necessidades científicas, artísticas, literárias e sociais.

(...)

Os anarquistas consideram, portanto, que entregar ao Estado todas as fontes principais da vida econômica - a terra, as minas, as ferrovias, os bancos, seguros etc. -, bem como a gestão de todos os principais ramos da indústria, adicionalmente a todas as funções já acumuladas em suas mãos (educação, religiões apoiadas pelo Estado, defesa do território etc.), seria criar um novo instrumento de tirania. O capitalismo de Estado iria apenas incrementar os poderes da burocracia e do capitalismo. O verdadeiro progresso reside na direção da descentralização, tanto territorial quanto funcional, no desenvolvimento do espírito de iniciativa local e pessoal, e na livre federação do simples para o complexo, em vez da presente hierarquia do centro para a periferia.

(...)

Períodos de rápidas mudanças seguir-se-ão a períodos de lenta evolução, e é preciso tirar vantagem desses períodos - não para aumentar e ampliar os poderes do Estado, mas sim para reduzi-los, através da organização, em cada distrito ou comuna, dos grupos locais de produtores e consumidores, bem como das federações regionais e eventualmente internacionais desses grupos.

(...)

Repudiando toda legislação, mesmo quando originada do sufrágio universal, Bakunin exigiu, para cada nação, cada região e cada comuna, plena autonomia, desde que isso não se constitua em uma ameaça para os seus vizinhos, e plena independência para o indivíduo, acrescentando que só é possível tornar-se realmente livre quando e na medida em que todos os outros forem livres, Federações livres de comunas constituiriam nações livres (KROPOTKIN, 1910 *apud* SOUZA, 2017, pp. 175-176).

A nação, para Kropotkin, conforme adiantado na menção à Grauer (1994, p. 3), é um agrupamento legítimo de pessoas em torno de sentimentos, valores e espaços comuns. A autora destaca que Kropotkin e seus seguidores apresentaram uma abordagem gradualista

quanto à nação: nacionalismo e internacionalismo serviriam a dois propósitos diferentes em tempos diferentes no desenvolvimento histórico da ordem social ideal. O nacionalismo é visto como força necessária para livrar as pessoas da dominação externa/estrangeira. Depois que a independência nacional fosse atingida, as pessoas poderiam canalizar seus recursos e motivações e lutar por uma nova ordem mundial de acordo com princípios internacionalistas. O geógrafo russo considerou interessante o papel dos movimentos de libertação nacional em geral, sendo isto uma força positiva no processo de destruição da sociedade capitalista (GRAUER, 1994, p. 6) - o que remete à aproximação dele com os anarquistas judeus próximos ao movimento sionista. Logo, Kropotkin não via o nacionalismo (ou, melhor, um tipo de nacionalismo) e o internacionalismo como teses conflitantes, mas sim complementares. A verdadeira harmonia entre nações seria atingida se cada nação tivesse a oportunidade de se desenvolver livremente, sem opressões estrangeiras. O completo desenvolvimento de cada nação asseguraria a existência harmônica da humanidade (*idem*, p. 17). Sinteticamente, tendo em mente a crítica à superespecialização espacial:

Nações, também, recusam-se a ser especializadas. Cada nação é um agregado composto de gostos e inclinações, de vontades e recursos, de capacidades e poderes criativos. O território ocupado por cada nação é, por sua vez, uma tessitura muito variada de solos e climas, de montes e vales, de caminhos que conduzem a uma variedade ainda maior de territórios e raças (KROPOTKIN, 1901, p. 4 *apud* SOUZA, 2017, p. 152).

Considerando esta passagem e o verbete enciclopédico supracitado, vemos que Kropotkin entendia a região como uma escala intermediária entre o local e o nacional, uma primeira e mais imediata escala de associação de unidades territoriais (comunas). As fronteiras, no entanto, não são explicitamente mencionadas nem debatidas de maneira mais profunda, somente sendo invocadas para se fazer menção às bordas dos Estados ou à divisão entre nações.

Inspirado em muito no pensamento de Kropotkin, o anarquista alemão Gustav Landauer legou-nos refinamento das reflexões sobre nação, Estado e comunidade, entre outros elementos. Uma primeira e importante contribuição é a ideia, mais além da de Kropotkin, de que o Estado, em sua natureza, não é uma instituição que possa ser destruída por uma revolução. O Estado é uma relação social, um condicionante do comportamento social; nós o eliminamos construindo outras sociabilidades, valorizando a vida comunitária (que sempre esteve presente na história da humanidade) até que as relações comunitárias

fortaleçam-se a ponto de suprimir o Estado, conforme encontra-se em diversos escritos de Landauer (2010)³⁷, e é também destacado por Buber (1949, pp. 46 e 49).

Landauer distingue epistemologicamente a nação do Estado - o Estado é uma estrutura política artificial nascida de determinados processos históricos mais do que fruto da experiência natural das pessoas; já a nação seria próxima da noção de *volk* (povo), uma entidade de desenvolvimento "orgânico" que sempre existe independente de aparelho de Estado. Ambos são constructos sociais, porém a nação se distingue ao encorajar a autodeterminação dos povos (*volks*) e o ativismo social enquanto o Estado traz autoritarismo, escravidão e passividade (cf. GRAUER, 1994, p. 7).

Para além das ideias de nação, Estado e comunidade, Landauer desenvolve uma terceira "entidade", o Espírito (*Geist*), que não está presente no Estado, enquanto o *volk* possui um "Espírito" que liga cada indivíduo à comunidade, uma espécie de legitimidade comunitária. O *volk*, pois, é uma unidade cultural e espiritual, não uma estrutura política ou econômica, nem uma entidade biológica determinada por laços de sangue fixos e inalteráveis (cf. GRAUER, 1994, p. 8). Esclarecendo o "Espírito" em Landauer, Buber (1949, p. 51) explica que o *geist* não é mero produto ou reflexo do mundo material, mera "consciência" determinada pelo ser social e explicado em termos de relações técnico-econômicas. É mais um dado *sui generis* do indivíduo em relação ao ser social, o que possui algumas conexões com o imaginário em Castoriadis, construindo-se uma ponte entre libertários de diferentes épocas.

Contrastando com Bakunin, que via a rejeição da nacionalidade como pré-requisito para o universalismo, Landauer via a nacionalidade como parte essencial da existência. Em carta endereçada a Max Nettlau, datada de 1911 (LANDAUER, 2010, p. 309 e segs.), Landauer define sua identidade individual como uma sobreposição de identidades que remetem a diferentes níveis biológicos e espaciais: ele se descreve primeiramente como um animal, depois um homem, após um judeu, um alemão, um sul-alemão e, finalmente, um Eu - tais níveis sendo interdependentes e não-conflitantes.

É interessante destacar a sensibilidade para com a questão das identidades (também sócio-espaciais) de Gustav Landauer enquanto um anarquista: antes que uma leitura superficial possa sugerir que o anarquismo, em específico, e o pensamento e a práxis libertários, em geral, possam menosprezar uma análise e valorização da dimensão simbólico-cultural da sociedade, ele, dentre outros, tomaram essa dimensão como fundamental. De fato,

³⁷ Compilação de escritos que datam das primeiras duas décadas do século XX.

ainda que algumas reparações e atualizações possam e devam ser realizadas (como o fato de que o pano de fundo espacial de Landauer é em muito um espaço rural, não possuindo reflexões mais profundas a respeito do espaço urbano), trata-se de um caminho frutífero para se pensar a dimensão político-cultural do Princípio Federativo.

Um último elemento de destaque é o que Landauer chamou de comunidade regional (cf. BUBER, 1949, p. 49). Primeiramente, para ele, a comunidade sempre esteve presente na história humana - já mencionado aqui. O que o socialismo libertário faz é destacá-la e colocá-la à frente de qualquer Estado. No momento em que as relações comunitárias fortes suprimem o Estado e a nacionalidade permanece mesmo quanto o Estado é eliminado, a comunidade regional torna-se uma entidade geográfica fundamental para o estabelecimento do Federalismo. A escala regional é valorizada por ser o que poderíamos chamar de um espaço vivido e experienciado, um espaço de construção de sociabilidades, sendo que cada comunidade regional deve estabelecer suas próprias fronteiras em negociação livre com outras comunidades regionais. Assim, da comunidade singular à nação, temos uma federação de comunidades em escala regional (entre o local e o nacional).

O filósofo, professor e militante anarquista italiano Camilo Berneri nos legou alguns escritos interessantes³⁸ sobre as ideias federalistas até a década de 1930, quando de seu assassinato em 1937 pelas forças estalinistas durante a Guerra Civil Espanhola. Berneri (2011) levanta o problema de experiências de descentralização em algumas partes do mundo e que não necessariamente caminhavam em direção a um Federalismo Libertário. Os casos da Suíça e dos Estados Unidos da América, para ele, em nada poderiam inspirar um projeto federalista (ao contrário do que aventou Bakunin, entre outros) uma vez que a descentralização não foi acompanhada da desestatização, sendo, logo, uma descentralização conservadora (BERNERI, 2011, p. 41).

Ideias-chave no pensamento de Berneri são autodemocracia e autonomia: a primeira corresponde à crítica ao sistema representativo e às "democracias" liberais do ocidente, remetendo à negação do princípio da representação nas decisões sobre os negócios públicos; a autonomia, por sua vez, é um objetivo das ações coordenadas libertárias e requisito básico para a concretização do Federalismo. Outro termo utilizado bastante por Berneri é *comunalismo*³⁹ (*idem*, p. 61 e segs.). Refletindo sobre os limites da escala local e a necessidade de não se cair em um localismo/parroquialismo, o filósofo se debruça sobre a importância das

³⁸ Consultou-se a coletânea *Il Federalismo Libertario* (edição eletrônica de 2011 da publicação impressa original italiana de 1992), compilação de escritos e intervenções dos anos 1920 e 1930.

³⁹ Curiosamente trata-se do mesmo termo utilizado décadas mais tarde por Murray Bookchin para definir seu projeto federalista.

trocas e das escalas supralocais para a manutenção da própria autonomia das comunas ou unidades territoriais - o que chamaríamos de territorialismo, para ele, era um grande risco para a concretização do Princípio Federativo.

Um dos escritores que mais profundamente se debruçou sobre o tema do nacionalismo no âmbito do anarquismo clássico foi o alemão Rudolf Rocker. Historiador, propagandista e anarcossindicalista, defendia que a nação não é naturalizável nem tampouco um agrupamento necessariamente legítimo como uma família ou uma tribo - o indivíduo não nasce "nacional", ele precisa ter a nação internalizada no processo de socialização em determinado contexto cultural. Em sua obra *Nationalism and Culture*, Rocker (1933)⁴⁰ traça o desenvolvimento da ideia de nação do princípio da história humana aos tempos modernos, concluindo que os sentimentos nacionais não são nem inerentes nem naturais. Um indivíduo não é ligado naturalmente à nação como é à família ou à tribo, ele precisa ser treinado para pensar que é parte de uma nação de maneira similar a como se fosse parte de uma Igreja.

A consciência nacional é mais um constructo artificial que não emerge das pessoas, e sim precisa ser imposto. Grauer (1994, p. 8) comentando Rocker, destaca a distinção entre *folk* e Estado utilizada por ele na análise do nacionalismo e do desenvolvimento histórico, onde o *folk* é o resultado da união social externo (independente) ao Estado. No capítulo 4 de seu texto de 1933 (p. 45 e segs.), Rocker restringe o poder ao Estado e opõe poder e cultura. Para ele todo poder pressupõe alguma forma de escravidão humana e a divisão da sociedade em classes é uma das primeiras condições de sua existência. A separação dos seres humanos em castas, ordens e classes ocorre em toda estrutura de poder e corresponde a uma necessidade inerente de separação de privilegiados do povo, sendo que lendas e tradições contribuem para a inevitabilidade da separação estrutural entre dirigentes e dirigidos. Desse modo um poder novo e crescente poderá findar com a dominação de velhas classes privilegiadas apenas criando imediatamente uma nova classe privilegiada - Rocker traz o exemplo dos fundadores da "ditadura do proletariado" tornando-se membros de uma nova aristocracia.

Contrapondo o Estado ("poder") e a cultura, para ele nada é mais errôneo do que associar o Estado ao progresso cultural da humanidade. O Estado foi desde o início a força impeditiva do desenvolvimento de qualquer forma cultural de maior expressão; sendo assim, Estados não criam cultura, e poder (Estado) e cultura são no final opostos e irreconciliáveis.

⁴⁰ Rocker finalizou e quase publicou *Nationalism and Culture* em 1933 na Alemanha, mas a ascensão de Hitler fez com que o autor migrasse, e a obra somente foi publicada em 1937 por Diego Abad de Santillán e sua editora *Tierra y Libertad*. A versão consultada foi digitalizada pela organização *The Anarchist Library* (<http://theanarchistlibrary.org>) e traz como ano de publicação 1933.

Um aparelho estatal poderoso é o maior obstáculo para qualquer desenvolvimento cultural: onde os Estados estão morrendo ou onde seu poder é bastante limitado a cultura floresce melhor (ROCKER, 1933, p. 46).

Em suma, ao oferecer a problemática oposição Poder X Cultura, reduzindo o poder a algo negativo e ao aparelho de Estado (comum no anarquismo clássico), Rocker restringe as potencialidades que uma abordagem libertária da cultura poderia apresentar; as nações de fato são construções sociais e não naturais (nisso o autor avança sobre o pensamento de anarquistas anteriores), mas confundir o poder com o Estado e tomá-lo com apenas destrutivo ofusca uma visão que entende a cultura, ou melhor, a dimensão simbólico-cultural da sociedade, como fundamental para o desenvolvimento das lutas sociais em geral, tornando-a dimensão político-cultural.

O Federalismo é uma necessidade de organização social em seu pensamento através do consenso, das uniões voluntárias e da unidade de objetivos, uma unidade de forças de comunidades livres:

Para um movimento autenticamente libertário, o federalismo é a única forma de organização possível; longe de significar o esmigalhamento das forças e de opor-se a uma ação unificada, ele é, ao contrário, unidade das forças, mas que se apoia sobre a ação voluntária e livre de cada grupo particular, sobre a solidariedade viva de sua comunidade. Para ele, a independência do pensamento e da ação é o fundamento de todo ato unitário. Ele não busca alcançar seus fins pela uniformidade de decretos elaborados na cúpula, mas pela reunião planejada e livremente consentida de todas as forças existentes perseguindo o mesmo objetivo (ROCKER, 2007, pp. 133-134).

Regiões e fronteiras não são termos correntes em seus escritos uma vez que o espaço é poucas vezes mencionado. Assim como em Bakunin, a região está nas entrelinhas, aproximando-se do princípio ontológico da diferenciação do espaço; já as fronteiras são simplesmente as bordas dos Estados e, portanto, devem ser destruídas.

Décadas após a queda dos anarquistas na Guerra Civil Espanhola, momento tido como o fim do anarquismo clássico, o estadunidense Murray Bookchin renova e refina o pensamento libertário com uma sensibilidade espacial profunda, onde o Princípio Federativo ganha novos contornos com suas propostas de municipalismo libertário⁴¹ e de confederalismo. O municipalismo libertário traz a valorização político-pedagógica da escala local enquanto escala humana de estabelecimentos de assembleias em situação de co-presença mesmo nos grandes centros urbanos globais.

⁴¹ Para Bookchin o município de sua proposta não corresponde à divisão administrativa estatal mas sim à escala local, à unidade territorial que na tradição do pensamento libertário foi chamada de comuna.

A combinação entre luta institucional e ação direta, a despeito de ter gerado acalorados debates nos meios libertários, apreço como uma renovação das ideias federalistas ao não reduzir noções como poder (não necessariamente ruim), governo (qualquer associação ou institucionalidade relacionada aos negócios públicos) e lei (necessária em qualquer organização social, assim como pensava Castoriadis), entendendo o Estado como uma instância complexificada em que certas brechas de determinadas conjunturas podem ser aproveitadas para fins de ganhos de autonomia, tomando a ação direta como necessidade e a luta institucional como possibilidade⁴². Com isso a práxis libertária deve lidar com as próprias contradições do Estado aproveitando instâncias para retomar a riqueza socialmente produzida e municipalizar a economia, devolvendo à cidade o seu caráter efetivamente público de debates e de tomada de decisões coletivas.

Assim, o municipalismo não é um esforço simplesmente para "tomar" câmaras municipais para a construção de uma forma de governo da cidade ambientalmente mais adequada. Esses adeptos - ou adversários - do municipalismo libertário, de fato, olham para as estruturas cívicas que existem diante de seus olhos agora e, essencialmente (a despeito de toda a retórica em contrário), os tomam tal como eles existem. *O municipalismo, pelo contrário, é um esforço para transformar e democratizar os governos municipais, para enraizá-los em assembleias populares, para costurá-los uns aos outros em conformidade com linhas confederais, para apropriar-se de uma economia regional segundo linhas confederais e municipais.*

Na verdade, o municipalismo libertário ganha a sua vida e sua integridade precisamente da tensão *dialética que propõe entre o Estado-nação e a confederação municipal*. Sua "lei da vida", para usar um termo antigo marxista, consiste precisamente em sua luta com o Estado. Desse modo, a tensão entre confederações municipais e o Estado deve ser clara e inflexível. *Uma vez que essas confederações existiriam principalmente em oposição ao estatismo, que não podem ser comprometidas pelo Estado ou por eleições provinciais ou nacionais, e muito menos alcançadas por esses meios.* O municipalismo é forjado em sua luta com o Estado, é fortalecido por essa luta e, de fato, é definido por essa luta. Despojado dessa tensão dialética com o Estado, dessa dualidade de poder que deve finalmente ser concretizada em uma "Comuna de comunas", o municipalismo torna-se pouco mais que um socialismo reformista (BOOKCHIN, 2002, não paginado *apud* e grifado por SOUZA, 2017, p. 277).

Como se vê, ao contrário das propostas de alguns anarquistas clássicos, o Federalismo de Bookchin é primordialmente espacial, e não setorial, sendo que a sensibilidade espacial de Bookchin não se esgota na escala local. Ele entende o processo federativo em sua multiescalaridade, colocando uma agenda supralocal para além da agenda municipal (BOOKCHIN, 1995, p. 244): a substituição do Estado por uma rede confederada de assembleias municipais onde todas as formas de propriedade social fossem absorvidas por

⁴² Mais sobre a questão da luta institucional e da ação direta em uma perspectiva libertária encontra-se em Souza (2015, p. 55 e segs.).

uma economia política em que municipalidades, interagindo entre si economicamente e politicamente, solucionariam seus problemas materiais como cidadão em assembleias abertas (e não apenas como profissionais setoriais), as municipalidades aí colocadas em escala humana e descentralizadas fisicamente.

Para além, Bookchin (2002) vislumbra uma unidade territorial em escala regional fundamental para o seu municipalismo: a *township*. Sob inspiração de uma divisão administrativa presente em algumas partes dos Estados Unidos, a *township* seria uma região dentro de outras regiões maiores que transcenderia a oposição campo-cidade, com um espaço urbano como núcleo de sua produção rural e dos vilarejos dos arredores, de modo semelhante ao imaginado por Kropotkin. A visão escalar de Bookchin se expressa também ao tratar sua proposta confederalista de modo a evitar territorialismos ou paroquialismos através da interdependência de regiões com controle público.

Enquanto uma medida razoável de autossuficiência é desejável para cada localidade e região, o Confederalismo é um meio para evitar o provincianismo local, por um lado, e uma extravagante divisão nacional e global do trabalho, por outro. (...) O Confederalismo é, assim, uma forma de perpetuar a interdependência entre as comunidades e regiões - na verdade, ele é uma forma de democratizar essa interdependência sem abdicar do princípio do controle social (BOOKCHIN, 2002 *apud* SOUZA 2017, p. 287).

Bookchin menciona poucas vezes o termo nação, majoritariamente associando-o ao Estado (Estado-nação) e a uma escala (nacional); o nacionalismo é simplesmente um movimento reacionário (BOOKCHIN, 2002). Por sua vez, não foram encontradas menções a fronteiras nas obras consultadas, apenas rápidas referências às bordas dos Estados.

O Quadro a seguir oferece uma síntese das ideias-chave analisadas neste tópico (Federalismo, nação, região e fronteira) cruzadas com seus respectivos autores.

	FEDERALISMO	NAÇÃO	REGIÃO	FRONTEIRA
PROUDHON	Expressão do equilíbrio entre Autoridade e Liberdade; Federação agrícola-industrial (esfera da produção). "Estados" são confederações de federações comunais.	Nação é algo dado, natural da organização das sociedades humanas. Nação e povo são sinônimos. Nacionalismo é motor do expansionismo dos Estados.	Agrupamento de federações em uma escala intermediária entre o local e o nacional.	Implícitas entre "Estados" federados / confederações. Não existem fronteiras naturais, somente fronteiras políticas.
BAKUNIN	Coletivismo; "a cada um segundo o seu trabalho"; política de escalas na construção dos Estados Unidos da Europa.	Nação não deve ser nada além de uma federação de províncias autônomas. Nacionalidade é natural e um direito universal que corresponde à autodeterminação dos povos.	Não mencionada diretamente, lê-se nas entrelinhas. Próxima do princípio ontológico da diferenciação do espaço.	Rejeição do "direito histórico" do Estado quanto a fronteiras naturais, políticas, estratégicas etc. Supressão das fronteiras.
RECLUS	Alcançado com a supressão da ordem estatal, com a harmonização da relação sociedade-natureza e com o "progresso". Comunas livres ajustadas o mais possível ao espaço "natural"	Nação é um agrupamento identitário legítimo. Nacionalidade e nacionalismo justificam as fronteiras (estatais), dificultando a fraternidade entre os povos, e devem ser combatidos.	Porção do espaço diferenciada sob algum critério, próximo do princípio ontológico da diferenciação do espaço.	Invenções humanas conjunturais e móveis (historicidade da fronteira) justificadas pelas nacionalidades.
KROPOTKIN	Anarco-comunismo; combinação entre agricultura e indústria; "de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades". Desconcentração econômico-espacial + descentralização territorial.	Nações podem ter caráter legítimo e identificam um povo com seu espaço; Nacionalismo relaciona-se a Estados e deve ser combatido.	Agrupamento de comunas livremente federadas em uma escala intermediária entre o local e o "nacional".	Implicitamente, divisões entre Estados ou entre nações.
LANDAUER	Livre associação entre comunidades regionais, nível entre a comunidade local e a nação.	Nação e nacionalidade são elementos identitários legítimos em qualquer sociedade e podem existir independentes de Estado.	Comunidade regional: sentimento de pertencimento a uma comunidade em escala regional. Região é espaço vivido, experienciado e de socialização.	Zonas entre comunidades regionais livremente negociadas entre as partes.

ROCKER	Unidade de forças de comunidades livres.	Nações são produtos de socializações autoritárias e devem ser combatidas, não naturalizadas.	Não mencionada diretamente, lê-se nas entrelinhas. Próxima do princípio ontológico da diferenciação do espaço (como Bakunin).	Bordas dos Estados que devem ser destruídas.
BOOKCHIN	Municipalismo libertário; luta institucional e ação direta; primazia da escala local e de situações de co-presença (assembleias espacialmente - e não setorialmente - referenciadas)	Nação é próximo de Estado. Nacional refere-se a uma escala. Nacionalismo é um movimento reacionário.	<i>Township</i> : transcende a oposição campo-cidade; uma região em que a entidade urbana é o núcleo de sua agricultura e dos vilarejos próximos.	Implicitamente, as bordas dos Estados.

QUADRO: Síntese de ideias selecionadas do anarquismo.
Elaboração do autor.

Ao pensarmos o mundo contemporâneo, altamente globalizado para o fluxo de capitais e de (algumas) pessoas, diversos avanços, atualizações e correções devem ser feitos para lidarmos com a realidade e não termos em mãos e mentes um projeto anacrônico. Tomando por base a tradição do Federalismo no pensamento libertário, Souza (2006) defende uma organização espacial compatível com a autonomia que não resvale em territorialismos ou paroquialismos que uma democracia de escala local poderia acarretar. A descentralização territorial radical deve ser acompanhada por uma *ciberdemocracia* e por refuncionalizações e reestruturações espaciais que democratizem as modernas tecnologias de comunicação e informação e combatam a "ditadura dos grandes números"; longe de um retorno bucólico e ingênuo a um passado mitificado rural e "puro", é necessário lidar com um espaço densamente habitado por milhões de pessoas:

Não se tratará (...) de edificar uma organização espacial compatível com a construção de uma democracia direta de pequena escala, em uma *pólis* com apenas não muitos milhares de cidadãos reconhecidos como tais e partícipes dos processos decisórios. O desafio é o de desenvolver relações sociais e uma organização espacial compatíveis com a realidade de grandes cidades e regiões inteiras, abrigando populações de milhões e milhões de habitantes. Será inevitável, diante dessa realidade espacial e demográfica herdada, recorrer a experiências tais como a *delegação* e a *descentralização territorial* das decisões. Além disso, as modernas tecnologias de comunicação e informação poderiam colaborar decisivamente para descentralizar a tomada de decisões, uma vez democratizado o seu acesso e formatadas para servirem a essa nobre finalidade (SOUZA, 2006, p. 126)

Não se trata, pois, de um pensamento teleologista ou etapista, mas sim um exercício de imaginação geográfica com a elaboração de cenários futuros baseados nas lutas concretas do passado e do presente, já que seria um equívoco "querer antecipar teoricamente algo que compete à história decidir: os formatos institucionais concretos de uma hipotética sociedade do futuro, basicamente não-heterônoma" (SOUZA, 2006, pp. 551-552).

A análise e síntese do pensamento sobre uma organização espacial alternativa à lógica estatal sob a luz das ideias de nação/nacionalismo, região e fronteira demonstram que as dimensões econômica e político-territorial do federalismo (desconcentração econômica e descentralização territorial) foram as mais abordadas pelos libertários ao longo dos últimos dois séculos. A questão da cultura e das identidades espacialmente referenciadas poucas vezes foram focadas a despeito de interessantes exceções. Esse apanhado fornece uma base sólida para a reflexão a respeito das lacunas a serem preenchidas no que se refere à dimensão político-cultural do Princípio Federativo, e duas noções a serem discutidas no próximo tópico podem auxiliar nessa caminhada: *região-lugar* e *fronteiras políticas não-estatais*.

3.2 Região-lugar e fronteiras políticas não-estatais

A identidade sócio-espacial é um dado fundamental para o entendimento de diversas lutas sociais que se dão em múltiplas escalas, desde aquelas enimesmadas em pequenos territórios até as que se transnacionalizam, apesar de arraigadas em determinados espaços, como se dá com o particularismo militante. Assim como territórios podem aparecer em diferentes escalas espaciais e temporais, lugares (identidades sociais espacialmente referenciadas) também aparecem para muito além da escala local e com duração temporal diversa. No âmbito da Geografia das lutas sociais, duas referências empíricas contemporâneas expressam uma identidade regional antinacionalista e em permanente tensão dialética com o Estado e suas fronteiras: o zapatismo ao sul do México e o Curdistão sírio. Não é meu intuito detalhar tais experiências, apenas realizar pinceladas de pontos importantes para tomá-las como exemplo de movimentos de caráter libertário com identidade regional e que formam suas próprias fronteiras. Contudo, uma brevíssima abordagem sobre fronteira faz-se necessária para melhor ler os exemplos e desenvolver a argumentação posterior.

A polissemia do termo fronteira é sabidamente ampla e abrange um rol de significados que vão desde alusões a fenômenos estáticos ou dinâmico-processuais até separações ou transições, sendo estas espaciais ou não. O que tenho em mente são fenômenos espaciais

partindo do entendimento da fronteira enquanto entidade espacial dinâmica, dotada de historicidade e intencionalidades as mais diversas, vista em sua dimensão propriamente política, que indica um espaço de transição - espaço este que ora se mostra através de uma lógica zonal, ora através de uma lógica reticular.

Apesar de as fronteiras estatais (uma expressão espacial da heteronomia instituída) terem uma importância cabal para o entendimento da geografia política do mundo contemporâneo, o foco são *fronteiras políticas não-estatais em uma perspectiva libertária*. Newman (2003), como muitos outros, critica o mito do "mundo sem fronteiras". Para este autor, a ideia do limite enquanto separação e divisão não se coloca para determinadas fronteiras ao promover-se contato e cooperação entre culturas dos dois lados da linha. A ideia da *região de fronteira* cabe melhor com as interações transnacionais, substituindo o confronto e a exclusão pela cooperação, integração e inclusão. Krishna (2003), sob uma visão "pós-colonial" e em diálogo com Wallerstein (1991), afirma que fronteiras são invenções conjunturais. Na relação Estado-fronteira estatal, as fronteiras expressam uma "razão de Estado" e, em face a uma suposta "ameaça à soberania" (soberania do próprio aparelho de Estado), pulverizam-se identidades em uma construção histórico-social, a "nação-Estado" (como se a cada Estado correspondesse uma nação, povo, etnia ou macrogrupo identitário).

Tais concepções, centralistas e cujo advento data do final da Idade Média europeia em reação à livre associação de cidades comerciais que não obedeciam a lógica feudal (visto no tópico anterior), mostram-se mais problemáticas quando nos debruçamos sobre territórios impostos sob a égide do colonialismo, como é o caso dos Estados da América Latina. Com o advento do modelo Estado territorial moderno e suas fronteiras estabelecidas ora por acordos ora pela força, fronteiras de territórios não-estatais foram marginalizadas e, em certos casos, podemos identificar regiões e suas fronteiras que não correspondem àquelas dos Estados, como é o caso dos zapatistas ao sul do México e dos insurgentes do Curdistão sírio (Rojava) no Oriente Médio.

O levante zapatista ocorrido em 1994 reorganizou o espaço e os setores de produção e de vida social com base em ideias que em muito se assimilam à tradição do Princípio Federativo, tendo propiciado ganhos de autonomia tais que o aparelho de Estado acabou sendo expulso do território ocupado pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional e pelos povos originários rebeldes, constituindo assim ao longo dos anos vários territórios dissidentes federados entre si e com uma abrangência regional sob os auspícios de ideias como autonomia

e autogoverno com contornos bastante originais⁴³. A região rebelde zapatista é descontínua, como demonstra a Figura 14, e dentre os pilares de sustentação desse movimento emancipatório encontra-se uma identidade sócio-espacial regional fortemente enraizada e secular advinda das cosmovisões dos povos originários⁴⁴. Tem-se então uma região-lugar ocupada pelo movimento social que ao contestar as divisões administrativas na esteira da dominação territorial do Estado instituem outras fronteiras, porém fronteiras não-estatais.

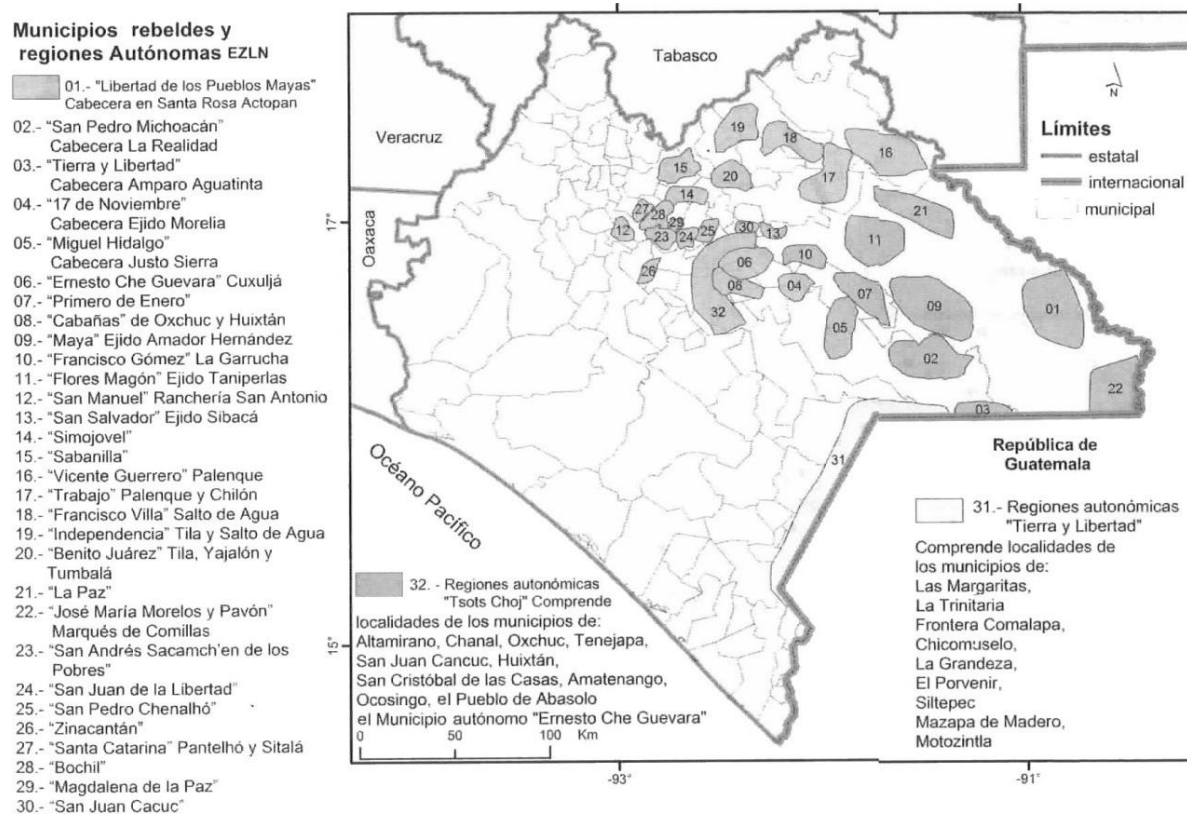


FIGURA 14: Mapa da região rebelde zapatista.
 Fonte: Cal y Mayor (2002).

A partir do levante de Rojava em 2013 no âmbito da Guerra Civil, o norte da Síria apresenta um movimento emancipatório com reorganização espacial e setorial baseada no chamado *Confederalismo Democrático*, que tem em Abdullah Öcalan (2016) seu principal sistematizador e divulgador, sob forte inspiração no Confederalismo de Bookchin e no movimento zapatista. O Confederalismo Democrático curdo, outra expressão contemporânea das práticas espaciais de um Federalismo Libertário, assenta-se em um pano de fundo étnico (com identidade sócio-espacial historicamente referenciada no acúmulo de experiências de um povo), na ecologia social (Bookchin), no feminismo e na estratégia de autodefesa contra

⁴³ Consulte-se por exemplo Subcomandante Insurgente Marcos (2004) e Brancaleone (2015).

⁴⁴ Consulte-se Subcomandante Insurgente Marcos (2008).

ameaças externas que, no fundo, é uma autodefesa da própria sociedade. A autodeterminação do povo curdo passa necessariamente pelo Confederalismo, e não por uma luta nacionalista, uma tentativa de construção de um novo aparelho de Estado (ÖCALAN, 2016). Assim, como se vê na Figura 15, a região rebelde curda (identificada pelos cantões Efrin, Kobani e Cizir) também é uma região-lugar descontínua com territórios dissidentes federados que instituem suas próprias fronteiras políticas não-estatais.

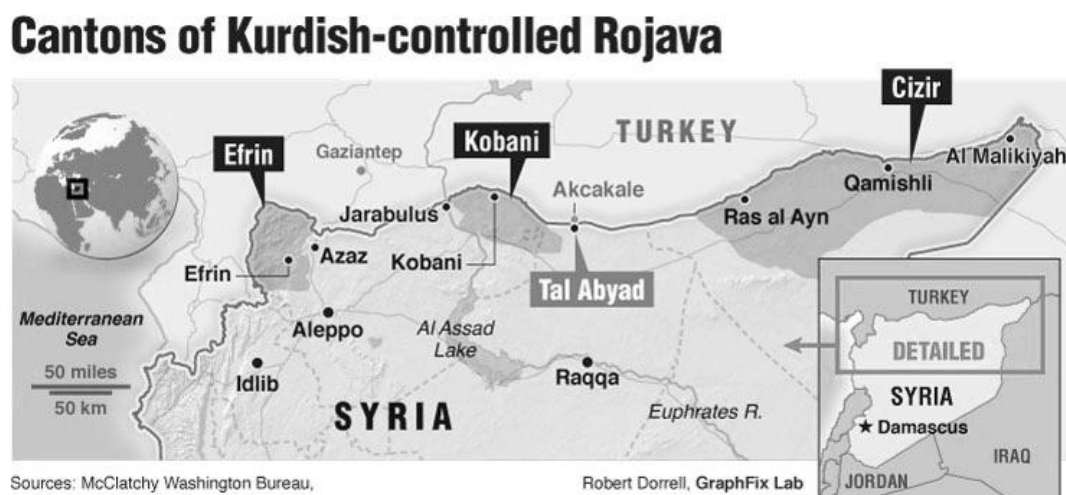


FIGURA 15: Região rebelde do Curdistão sírio.
Fonte: Washington Post.

A conexão com apoiadores e movimentos sociais nas mais diferentes escalas é um traço comum entre as duas experiências. O primeiro encontro público entre curdos e zapatistas, ocorrido em 2015 na região zapatista, demonstra a identificação e a solidariedade transnacionais nessa fala de um delegado curdo:

Saudamos vocês, povos da selva, povos maias, nós, povos da montanha, somos também um povo índio sem nenhum Estado, vindo da Mesopotâmia, nossas lutas caminham lado a lado... Em tempos de tormenta provocada pela “hidra capitalista”, os outros mundos vividos por curdos e zapatistas nos mostram que a barbárie não é dos povos ditos não-civilizados, mas dos Estados e suas destruições em massa de povos e do próprio planeta (MOREL, 2016, p. 8).

A região-lugar, conforme mencionado no Capítulo 1, remete ao espaço referencial de sentimento de pertencimento a uma determinada região apoiada em uma regionofilia. Apresenta-se em uma escala primordial para o Federalismo ao ser a escala de intersecção entre o local e o global, a primeira onde se tecem relações entre unidades territoriais livremente federadas. A regionofilia nesse sentido atua em duas frentes, a da autonomia interna e a da autonomia externa: na primeira dá coesão e catalisa a solidariedade entre comunidades próximas; na segunda permite o encontro com outras regionofilias (e, portanto,

encontra-se em permanente mudança), tomando o diferente como potencial parceiro, e não como desigual, e configurando associações e solidariedades em escalas supralocais (suprarregionais). Isto relaciona-se intimamente com a reflexão sobre uma organização espacial compatível com a autonomia: "nas escalas supralocais, será necessário promover o desenvolvimento regional na base da cooperação e da integração de mútuo interesse entre regiões, resguardadas a autonomia e a defesa das identidades culturais próprias" (SOUZA, 2006, p. 125). Nesse processo, ao destacar as relações de poder constituídas nas federações, vejo a formação de fronteiras políticas associadas a espaços de encontro e de hibridação político-cultural.

Na leitura da realidade sócio-espacial do presente, a distinção entre fronteiras políticas estatais e não-estatais é importante na medida em que permite a leitura das territorializações de diversos grupos organizados em movimentos sociais. Nas primeiras identifico uma fratura sociopolítico-espacial internacional⁴⁵, uma ruptura heterônoma e exacerbada na normatização espacial, enquanto nas não-estatais é possível observar questionamentos com relação à primeira, onde grupos e movimentos sociais se organizam tensionando e combatendo as fronteiras estatais.

Assim como fomos educados e habituados, na modernidade, a ver o espaço dividido em Estados territoriais supostamente soberanos com suas fronteiras indicando a separação entre uma soberania e outra, podemos compreender territórios - e suas fronteiras - em sua multidimensionalidade, ou seja, existem muito mais divisões e fragmentações espaciais do que uma cartografia simples nos apresenta. A projeção espacial de relações de poder operada por movimentos sociais emancipatórios, tal como zapatistas no México e uma parcela dos curdos em Rojava demonstra a existência de fronteiras políticas não-estatais que questionam diretamente as fronteiras estatais e dão subsídios para a reflexão a respeito das imbricações entre os conceitos de região, lugar e território (e suas fronteiras), pontes úteis para se pensar a dimensão político-cultural do Princípio Federativo.

Logo, não podemos reduzir, em uma abordagem geográfica, fronteiras a simplesmente as fronteiras entre Estados. A importância da distinção de fronteiras políticas estatais de não-

⁴⁵ *Fratura sociopolítico-espacial* é uma noção desenvolvida em minha dissertação de mestrado (ZILIO, 2012) para a leitura do planejamento urbano em cidades conurbanas internacionalmente. Trata-se, numa primeira aproximação, da fratura institucional e espacial colocada pelo Estado através de suas divisões administrativas para se planejar e gerir os espaços de maneira fragmentada ("dividir para melhor controlar"), comum em regiões metropolitanas. Ao tomarmos uma fronteira com cidades conurbadas como referência, temos uma *fratura sociopolítico-espacial internacional*, uma exacerbada da ruptura institucional provocada pela dominação territorial do Estado sobre um tecido urbano atravessado por uma linha imaginária, fazendo com que o planejamento de cidades fronteiriças conurbadas promovido pelo Estado ocorra apenas "pela metade", até o marco fronteiriço.

estatais se dá pela compreensão do fenômeno político e suas implicações espaciais, de maneira multidimensional (multiescalar inclusa).

As contribuições para se pensar a dimensão político-cultural do Federalismo apareceram esparsamente ao longo do século XX, e nomes como Reclus, Landauer e Rocker servem de inspiração para lidarmos com a importância que as identidades e as regionofílias possuem no mundo contemporâneo. Recentemente encontramos em Souza (2006) diversas passagens que auxiliam nessa empreitada, evidenciando ao mesmo tempo o espaço e as identidades na projeção espacial do pensamento libertário, como o desafio de uma coletividade conquistar e preservar a autonomia interna (a liberdade efetiva no interior do coletivo) sem deixar de lado os intercâmbios econômicos e culturais com o exterior; e a harmonização da autonomia interna com a insubmissão a nada ou ninguém, respeitando a autonomia externa própria e a autonomia externa alheia - tanto no sentido de soberania e independência quanto no sentido de identidade sócio-espacial (SOUZA, 2006, p. 552).

Nesse sentido, as identidades espacialmente referenciadas não podem se transformar em "corporativismos territoriais" que prejudicam a solidariedade e conferem mais importância à competição do que à cooperação (*idem*). As escalas, por sua vez, obedecem a uma lógica hierárquica apenas no sentido de níveis de grandeza, mas nunca cristalizadas sob a forma de escalas subordinantes e subordinadas institucionalmente, a exemplo do que ocorre com a organização espacial do Estado, onde as escalas local e regional são subordinadas à escala nacional:

Diversamente do que ocorre na democracia representativa, as escalas local e regional não serão subordinadas a uma escala "nacional", como se fossem meros "subconjuntos funcionais". As lealdades e os compromissos, decorrentes da integração, não se traduzirão por uma hierarquia ossificada. Descentralização com articulação de unidades espaciais: as escalas políticas supralocais não como superposições verticais (níveis de governo 'superiores' no âmbito do Estado-nação), em que pese a maior ou menor autonomia dos níveis local e regional (variável conforme o país), mas sim como justaposições horizontais (federações de unidades espaciais locais e regionais), em que pesem as obrigações eventualmente decorrentes da articulação para a realização de serviços de interesse comum (*idem*, p. 554).

Encontram-se experiências de reconfiguração escalar em alguns movimentos emancipatórios contemporâneos. Além dos já mencionados zapatistas e curdos, o caso do ativismo transnacional libertário na região transnacional *gaucha* e sua repercussão na formação da Coordenação Anarquista Brasileira mostra a importância da inserção nas lutas sociais na escala local ao mesmo tempo em que articulam-se ações e análises de conjuntura

em escalas supralocais, lógica escalar institucional diversa daquela encarnada pelo aparelho de Estado.

As identidades, manifestando-se de forma legítima, sem conflitar com a liberdade de outros grupos, podem fazer referência aos mesmos espaços, como uma sobreposição de lugares e mesmo de regiões-lugares, no momento em que as escalas reconfiguradas propiciam contatos e influências mútuas as mais diversas. Isto rompe com a lógica ainda forte do Estado-"nação" e sua invenção de identidades nacionais que seguem seu traçado de soberania em contraposição com identidades estrangeiras e potencialmente conflitantes, quando não motivadoras de guerras. Desse modo,

é lícito (...) supor que as identidades de grupos, desde que legítimas (isto é, que não atentem para a liberdade de outrem), deverão ter ampla liberdade para se manifestar, inclusive territorialmente, sem cerceamentos de cima para baixo. Afinal, não se trata de cristalizações alienantes e autoritárias, como os territórios e as fronteiras dos Estados-nação, garantidos por um poder heterônomo.

(...)

Dentro do mais autêntico espírito do federalismo, se lealdades não são mutuamente excludentes de modo rígido (típico das territorialidades heterônomas do gênero "modelo nacionalista"), até mesmo certos tipos de pertencimento territorial (territórios-rede e mesmo territórios contínuos) poderão ser, na mesma escala, concomitantes, com superposições complexas de diversas malhas, dando testemunho da coexistência de múltiplas identidades, sejam elas propriamente territoriais ou "territorializantes" (SOUZA, 2006, p. 553).

A escala local ao longo do desenvolvimento do Federalismo pode ter sido alvo de leituras localistas rasas, como em experiências que desembocaram no estabelecimento de colônias anarquistas relativamente fechadas ao mundo exterior; porém, muitos foram aqueles que demonstraram que a escala local, apesar de sua enorme importância no que se refere ao encontro de pessoas, não possui o privilégio de ser a escala de organização federativa por excelência, assim como nenhuma outra escala possui (no caso da ordem estatal contemporânea, a escala nacional possui a primazia organizativa frente às demais).

O Federalismo, com um olhar desde a Geografia, é um projeto político-espacial que lida com a multiplicidade das formas de organização espacial, seja aquelas que seguem primordialmente uma lógica zonal, seja aquelas que tendem a uma lógica reticular, e também enfrenta a problemática escalar ao não eleger a primazia de uma escala sobre a outra, mas sim reconhecendo a importância de cada escala no processo de livre federação de unidades territoriais.

A teoria embutida no princípio federativo e todo o espírito anarquista sempre apontaram para um primado, isso sim, do nível local, a verdadeira célula-máter dos processos decisórios e da paideia. E esse espírito pode ser

estendido ao pensamento libertário em geral, se bem que seja razoável, especialmente em nossa quadra da história, advertir que, no fundo, a preponderância política da escala local necessita ser encarada com bom senso. Afinal de contas, a compreensão dos males acarretados pelo paroquialismo econômico e cultural e a percepção de que determinadas discussões e decisões exigirão interações e entendimentos supralocais tornam evidente que o privilégio político da escala local jamais poderia ser outra coisa que não relativo, e jamais absoluto (SOUZA, 2017, pp. 204-205)

O papel da região e das fronteiras em uma espacialidade alternativa à lógica estatal consoante com os princípios do Federalismo Libertário e que abrigue instituições que garantam a autonomia individual e coletiva no plano interno e no plano externo, à luz de um mundo globalizado onde as identidades sócio-espaciais tornam-se cada vez mais mutáveis, devem ser ressignificados. A região, definida ontologicamente pelo princípio da diferenciação do espaço, e a fronteira, limite ou transição/encontro entre um território em qualquer escala e outro, são dados da organização do espaço humano que por vezes foram relegados a segundo plano, esquecidos ou mesmo rechaçados no campo libertário. Reelaborar os conceitos espaciais é tarefa que a Geografia se coloca e no pensamento e na práxis libertários definitivamente o espaço tem um "lugar" primordial⁴⁶.

A "comunidade regional" de Landauer, deveras ruralófila e em parte inadequada para se pensar o mundo contemporâneo e seus enormes aglomerados urbanos, somente faria sentido se focarmos nas centralidades que qualquer organização do espaço apresenta, em que pese o fato de que os centros urbanos exerceriam centralidade, estabeleceriam suas zonas de influência, mesmo em uma sociedade basicamente autônoma e federada, afinal, centralidade não é sinônimo de centralismo⁴⁷. Na escala local a *comuna* de Kropotkin, na esteira de uma superação da dicotomia campo-cidade, encontra uma efetiva atualização no *município* de Bookchin (demonstrando a influência exercida sobre este por parte do geógrafo russo), e na escala regional a *township* de Bookchin é uma contribuição contemporânea com a qual relaciono a uma diferenciação do espaço, no âmbito do Princípio Federativo, com base em regiões vividas e experimentadas politicamente e afetivamente e, assim, catalisadoras de solidariedade e de espírito verdadeiramente público.

⁴⁶ Souza (2017, p. 283), a respeito do embate entre o "setorial" e o "espacial" no federalismo, coloca que "por mais que uma tensão produtiva entre o 'setorial' e o 'espacial' possa sempre subsistir, é o vetor espacial, por definição mais amplo, que deve subordinar, em última instância, o vetor setorial, e não o inverso".

⁴⁷ Bookchin é um excelente exemplo de libertário que pensou o federalismo considerando os grandes centros urbanos. Por sua vez, Souza (2017, p. 173) adverte que hierarquias urbanas (que não equivalem a hierarquias políticas entre espaços e escalas) e centralidades são fatores que mostram que o espaço não é homogêneo e são perfeitamente cabíveis em um projeto federalista.

Com isso não faria mais sentido tomar a região como uma escala intermediária entre o local e o nacional, mas sim como particularidade que liga o singular local ao geral global. Entendendo que na realidade as dimensões política, econômica, cultural etc. não são separáveis (por isso mesmo são dimensões da realidade), a região no Federalismo, seja ela descontínua ou não, seja ela sobreposta a outras regiões ou ela mesma uma sobreposição, é ao mesmo tempo um lugar (região-lugar) e um território; assim, apresenta suas próprias fronteiras (também possivelmente sobrepostas). Nesse sentido, o movimento e a flexibilidade de regiões e fronteiras caminham juntos para a configuração de uma espacialidade sem qualquer tipo de centralismo.

Reclus, um dos maiores geógrafos de todos os tempos, entendeu a fronteira em seu movimento (fronteiras móveis), inserida no próprio movimento da sociedade e, em uma sociedade basicamente heterônoma, a fronteira de modo geral corresponde a uma expressão da dominação territorial de uma classe dominante, historicamente contextualizada em seus interesses e artimanhas para controlar um território e disciplinar e controlar corpos e mentes. A fronteira é "naturalizada" não por ser vista como dado da natureza, mas sim por ser internalizada de tal modo através de uma ideologia nacionalista-estatista que um exercício de imaginação geográfica de redefinição profunda de fronteiras torna-se um desafio árduo (assim como somos acostumados a ver o mapa-múndi recortado por Estados e suas fronteiras), mas que muitos libertários não deixaram de encarar. Pensar a fronteira em uma perspectiva libertária é enxergar a beleza do encontro entre diferentes não-desiguais, entre *insiders* e *outsiders*, é identificar espaços ricos de transição e de hibridação que produzem "anticorpos" contra qualquer tipo de territorialismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A REGIÃO COMO CONCEITO-CHAVE PARA PENSAR A DIMENSÃO POLÍTICO-CULTURAL DO PRINCÍPIO FEDERATIVO

A busca de uma regionofilia libertária a fim de pensar a dimensão político-cultural do Princípio Federativo partiu do encontro entre a identidade *gaucha* e o pensamento libertário em mim para após trilhar um caminho que percorreu as nuances da complexidade da identidade sócio-espacial em uma escala regional transnacional, onde pude "descobrir" (*descobrir*) no referencial empírico este encontro com contornos de hibridação entre *gauchos* e anarquistas no passado e um ativismo transnacional libertário no presente. Esse *descobrimento* serviu como ponto de apoio para analisar a tradição do Federalismo Libertário com foco em ideias selecionadas. Agora farei um arremate das principais questões levantadas com vistas a encerrar uma caminhada abrindo novas trilhas de reflexão, debate e proposições.

Um primeiro ponto que suscitaria discussão é a permanência da adjetivação *gaucha* no instrumento analítico região transnacional *gaucha* visto que, contemporaneamente, o ativismo abordado não se utiliza primordialmente do universo valorativo *gaucho* em sua configuração e suas ações. Creio que para os propósitos desta pesquisa, que sempre teve como pano de fundo esse universo, a região transnacional *gaucha* se mantém por ter na figura do agente social *gaucho* um referencial comum em escala regional ainda que com contornos diferentes entre o Rio Grande do Sul e os países do Prata. Mesmo os ativistas platinos referenciam o *gaucho* ora para denunciar apropriações nacionalistas ora para reivindicar a pertinência de certo "espírito libertário" à luz da história. A transnacionalidade e a formação de outras fronteiras que não as estatais também contribuem nesse sentido.

A complexidade da identidade sócio-espacial *gaucha* foi demonstrada com a proposição de duas vertentes e suas espacialidades que se apropriam dos elementos do núcleo original - "*gaucho* clássico" - para diferentes propósitos, compreendendo a mobilização de elementos desse universo valorativo por grupos situados em diferentes pontos do espectro político. Para além, é interessante que essa proposição de leitura da identidade *gaucha* seja complementada e colocada de outras maneiras, pois objetivos que não a busca de uma regionofilia libertária provavelmente demandariam uma leitura diversa da realizada.

A parte da caminhada que levou ao entendimento das apropriações libertárias da identidade sócio-espacial *gaucha* apresentou uma perspectiva que acredito ser pouco comum em abordagens do universo *gaucho*: suas conexões com um "espírito libertário" e com o anarquismo especificamente. O tal "espírito" é resgatável por libertários pelo fato de que o *gaucho* encarna um sujeito ingovernável, *peleador* e contestador de uma ordem heterônoma, características que apropriações conservadoras e/ou nacionalistas marginalizam. Ademais, o encontro entre a identidade e o pensamento libertário propiciado, por um lado, pelo *desplazamiento* de populações rurais do interior argentino e, por outro, pela chegada de imigrantes espanhóis e italianos, conferiu formas mais nítidas de relação e mesmo de hibridação entre *gauchos* e anarquistas. Espreados pela pampa, anarquistas se utilizaram da produção cultural, principalmente música e literatura, para dialogar com os pobres rurais, peões e trabalhadores (super)explorados em geral que compartilhavam do universo valorativo *gaucho*, onde as *payadas* anarquistas, os contos de Ghiraldo e o manifesto *La Carta Gaucha* são destaques.

O olhar libertário sobre a região transnacional *gaucha* na contemporaneidade me levou a identificar e analisar a rede de relações entre três Federações Anarquistas que são umbilicalmente ligadas pela estratégia especificista. As ações e a influência além-fronteiras da *Federación Anarquista Uruguay* legaram uma forma de organização libertária que chega ao Brasil via Porto Alegre e se espalha até a Amazônia, constituindo a Coordenação Anarquista Brasileira. As *charlas* com militantes das Federações possibilitaram uma melhor compreensão da visão de libertários sobre o universo valorativo *gaucho*, as aproximações deste com o pensamento libertário e as nuances do ativismo transnacional, além da riqueza de entendimentos sobre a fronteira. O *particularismo militante anarquista* na região mobiliza diferentes escalas, notadamente a escala local (territórios dissidentes com formação política, grupos de estudos e inserção pública em lutas sociais diversas) e a escala regional transnacional (fundação de novas organizações, compartilhamento de ideias e experiências e solidariedade transnacional).

A regionofilia libertária vislumbrada no início da pesquisa foi, então, encontrada, sendo sustentada primordialmente pela estratégia especificista em comum muito mais do que pela identidade sócio-espacial *gaucha*. O desenvolvimento do ativismo transnacional libertário não passa, então, pelo universo *gaucho*; ainda assim, trata-se de interessante base empírica para uma reflexão mais aprofundada sobre o papel das identidades e das regionofilias no processo de livre federação de unidades territoriais.

Para o resgate do Princípio Federativo na tradição do pensamento libertário desde o século XIX até os dias atuais, lancei um olhar desde a Geografia selecionando e destacando as ideias de nação/nacionalismo, região e fronteira, além da óbvia espacialidade federalista em si. Os autores trazidos para o debate foram aqueles que ao mesmo tempo são notórios no campo libertário e apresentaram grande sensibilidade espacial; com isso foi traçada uma linha de refinamento conceitual que desembocou no quadro de ideias selecionadas. Constatei algumas limitações por fatores relacionados a contextos históricos e geográficos diversos além de *insights* que, com a devida atualização e re-contextualização no tempo e no espaço, servem de inspiração para o Federalismo contemporâneo.

Exemplo disso são os geógrafos Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, que contribuíram profundamente para uma "Geografia Política anti-heterônoma" ao verem a nação, a fronteira, e a desconcentração econômico-espacial associada à descentralização territorial de maneira muito diferente do que nos trazem os tradicionais manuais de Geografia Política; e Gustav Landauer, que soube ver no Estado uma estrutura que também se sustenta mediante a internalização subjetiva nos indivíduos.

Da proposta de regionalização e leitura da identidade no primeiro capítulo, da análise das imbricações da identidade com o anarquismo no segundo capítulo, e do resgate do Princípio Federativo na primeira parte do terceiro capítulo, aponte duas noções que podem contribuir para se pensar o Federalismo - *região-lugar* e *fronteiras políticas não-estatais* - trazendo para dialogar as experiências federalistas atuais do zapatismo e do Curdistão sírio. Nestes casos destaquei a associação entre região, identidade em política construindo regiões rebeldes descontínuas fruto da federação de territórios dissidentes que, apesar da distância topométrica, se aproximam em muito em seu espírito libertário.

O conceito de região tomado ontologicamente pelo princípio fundamental da diferenciação espacial potencializa uma vasta gama de caminhos, entre os quais encontram-se as mediações entre o singular e o geral transmutados em fenômenos que se dão multiescalarmente e podem ser abordados de modo distinto dependendo da escala da análise. Nesse contexto, o desdobramento da região em *regionofilia* aponta para um "conceito em construção", por um lado, e para um fenômeno social que pode contrapor-se aos regionalismos (territorialismos), expressando uma topofilia em escala regional que está intimamente relacionada à dimensão política (ativismos sociais, no caso desta pesquisa); a região-lugar sendo expressão da regionofilia.

A "comunidade regional" de Landauer e a *township* de Bookchin são inspirações em diferentes graus para pensar a região no âmbito do Federalismo. As posições dos dois autores

quanto aos espaços urbanos e rurais são díspares, e é de bom tom imaginar que uma espacialidade organizada sob os auspícios da autonomia não prestaria exagerados tributos ao mundo rural nem supervalorizaria as grandes cidades de dezenas de milhões de habitantes, lembrando o que Bookchin (1995) chamou de *urbanização sem cidades*⁴⁸. A "comunidade regional" de Landauer prescinde das ressignificações da região colocadas por Bookchin e sua *township* com relação à superação da dicotomia campo-cidade sem ruralofobias ou urbanofobias, e mesmo sem a primazia setorial sobre a espacial.

A descentralização não é apenas rica em valores geográficos e políticos – é eminentemente um valor cultural e espiritual que liga o reempoderamento da comunidade ao reempoderamento do indivíduo (BOOKCHIN, 1995, p. 203); logo uma perspectiva anticentralista (anticapitalista e anti-heterônoma) não passa apenas pela esfera da produção, por exemplo, mas também internaliza-se nos indivíduos e desafia as significações imaginárias sociais herdadas, abrindo caminho para o desenvolvimento sócio-espacial considerando a indissociabilidade psique-relações sociais-espço.

A regionofilia libertária atua concomitantemente em duas frentes - autonomia interna e autonomia externa - conferindo associações e solidariedades multiescalares ao mesmo tempo em que garante a coesão interna das decisões na esfera pública. É interessante não tomar a região como uma escala intermediária entre o local e o nacional, mas sim como particularidade que liga o singular local ao geral global, pois pensar uma espacialidade sem qualquer tipo de centralismo instituído é enxergar além do mapa recortado em Estados.

A região no Federalismo, seja uma região configurada a partir de uma lógica zonal ou articulada através de uma lógica reticular de organização espacial, é intimamente ligada ao território e ao lugar. Ela é simultaneamente uma projeção espacial do poder em escala regional e um espaço de referência identitária regional (identidade regional). Assim vista, a região apresenta suas próprias fronteiras: as fronteiras políticas não-estatais que servem também como mediação e institucionalidade projetada no espaço mantenedora e defensora das autonomias interna e externa de uma região.

Entendo as fronteiras políticas não-estatais, ou simplesmente as fronteiras, como espaços de encontro, transição e hibridação e, de certa maneira (e para remeter à etimologia

⁴⁸ Para Bookchin, o advento do binômio Estado+capitalismo deslocou a política da cidade (uma arena pública por excelência) para a escala de um aparelho centralizador, desempoderando o cidadão enquanto protagonista político e fazendo do urbano uma entidade espacial vazia de sentido público. Houve “um declínio histórico da cidade como uma autêntica arena de vida política (que já presenciou certo equilíbrio com a natureza) e, não menos significativo, o declínio da noção de cidadania” (BOOKCHIN, 1995, p. 15). Com a emergência do aparelho de Estado e do nacionalismo, o Estado assume proeminência ideológica em detrimento da cidade (*idem*, pp. 57-58). Nesse sentido, a urbanização altera a cidade não apenas em sua forma, mas também em sua função de arena civilizante para a humanidade (*idem*, p. 199).

do termo), como espécies de "*fronts*" do desenvolvimento sócio-espacial. Elaborar intelectualmente uma regionalização que não segue o aparelho de Estado, não se guia por fronteiras estatais e estabelece outras fronteiras auxiliou na empreitada para melhor compreender a polissemia e a flexibilidade da fronteira, bem como sua potencialidade para fins emancipatórios - muito distante da acepção de fronteira como limitadora e controladora de corpos e mentes. Algumas fronteiras atuais são de fato um laboratório de formação cultural, um espaço de convivência entre pessoas separadas por uma linha imposta pelo centralismo estatal, e produtoras de "anticorpos" contra nacionalismos. Mas é preciso ir além se quisermos pensar em uma geopolítica alternativa à lógica do Estado.

A mobilidade das fronteiras colocada por Reclus é um ponto de partida epistemológico interessante para garantir sua não-naturalização e colocá-las em seus devidos contextos históricos e geográficos, no bojo das relações de poder heterônomas que as constituíram. É possível compreender a fronteira no âmbito de relações de poder não heterônomas pois, considerando o princípio fundamental da diferenciação espacial, nada indica que o espaço geográfico não possa comportar fronteiras (e regiões) instituídas sob a égide de uma sociedade basicamente autônoma. Nos casos zapatista e curdo, suas fronteiras políticas não-estatais se apresentam, de fato, como *fronts* do desenvolvimento sócio-espacial e seus ganhos de autonomia conquistados frente às opressões externas prescindem de suas fronteiras para garantir a autonomia interna.

As fronteiras sob uma perspectiva libertária e embebidas do Princípio Federativo são regiões de transição fluidas e móveis entre *gentes* e ideias, valores, símbolos, modos de ser, estar e experienciar o espaço, pontos de convergência e de valorização da alteridade, regiões estas negociadas livremente entre os diferentes aglomerados de unidades territoriais. As fronteiras como *fronts* da autonomia possuem, pois, papel fundamental no combate aos territorialismos de qualquer natureza. Regiões e fronteiras, assim, transmutam-se em ferramentas conceituais para o desenvolvimento do Federalismo.

A dimensão político-cultural do Princípio Federativo passa pelo entendimento da cultura como um campo em disputa. A *desbiologização* e *desnaturalização* da "nação" confere ao *lugar* em geral (multiescalarmente falando) e à regionofilia em particular possíveis sustentáculos ou apoios das lutas sociais. Desse modo, coloquei a região-lugar e a fronteira política não-estatal como duas das inúmeras e potenciais referências para a organização espacial libertária.

Visto a partir de sua dimensão político-cultural, o Federalismo passa também pela compreensão deste como uma estratégia geopolítica alternativa à lógica do Estado moderno

(capitalista ou não), uma geopolítica anti-heterônoma que auxilia na leitura das práticas espaciais insurgentes do passado e do presente, e também fomenta a construção de cenários, como uma espécie de "*devir espacial emancipatório*" que tensiona a ordem sócio-espacial vigente em um sentido amplo e profundo, atentando sempre para a indissociabilidade psique-relações sociais-espço. O campo libertário como proponente, e não apenas como um negador, oferece uma mirada, uma reflexão para a ação, uma práxis orientada em direção à autonomia. As regionofilias entendidas nessa perspectiva são móveis e sobrepostas, são regionofilias libertárias, e as fronteiras são *fronts* de um incessante processo de superação da heteronomia e de busca pela autonomia.

A partir dos muitos caminhos que se abrem com o fechamento desta pesquisa, dois retornos desejo realizar futuramente. O primeiro é um retorno ao pensamento social desde a Geografia e sob uma perspectiva libertária que contribua: com os debates sobre regionalismo/nacionalismo e regionofilias não-territorialistas; para analisar mobilizações de elementos simbólico-culturais por parte de movimentos sociais emancipatórios; e para se pensar o Princípio Federativo em sua dimensão político-cultural.

O segundo é um retorno às parceiras desta pesquisa, as Federações Anarquistas, com a elaboração de um documento-síntese da tese sem os jargões acadêmicos e em uma linguagem acessível às/aos trabalhadoras/es e militantes, acompanhado de *charlas* abertas nas sedes das organizações. Em um momento de perseguição e repressão ao anarquismo e a práxis emancipatórias em geral, me parece que as ideias voltaram a ser perigosas (ao menos para os *de arriba*), e afirmar a autonomia como princípio e como parâmetro de nossas ações é enxergar em cada prática espacial de sem-teto, de sem-terra, de quilombolas, de povos originários...enfim, em cada prática espacial *desde abajo*, muito mais do que uma territorialização de resistência, a semeadura de um devir espacial emancipatório.

PORTO ALEGRE, PRIMAVERA DE 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABART, Monica. Gauchos, montoneras y caudillos: una interpretación a través de la historieta *El Chumbiao*, de Fermín Chavez y Juan Arancio. *Folia Historica del Nordeste*. nº24. Resistencia: CONICET/UNNE, 2015. P. 11-34.

ALVES, Daniel Augusto de Almeida. *Arriba los que luchan!* Sindicalismo revolucionário e luta armada. A trajetória da Federação Anarquista Uruguiaia: 1963-1973. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História-UFRGS, 2016.

ARAVANIS, Evangelia. A utopia anarquista em Porto Alegre nos anos de 1906 e 1907 - os anarquistas porto-alegrenses do periódico A Luta e sua tentativa de mudar o rumo local da história. In: *Estudos Ibero-Americanos*. V. 22, nº 2. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

ARCHETTI, Eduardo. O “gaucho”, o tango, primitivismo e poder na formação da identidade nacional argentina. In: *Mana*. n.º 1. Vol. 9. Rio de Janeiro: PPGAS-Museu Nacional UFRJ, 2003. P. 9-29.

BADOUIN, Alex. Reclus: a colonialist? In: *Cybergeo - European Journal of Geography*. Artigo 239. 2009. Disponível em <http://cybergeo.revues.org/4004#text>. Acessado em 07/11/2017.

BAKUNIN, Mikhail. *Obras escolhidas*. São Paulo: Hedra e Imaginário, 2015.

BERNERI, Camilo. *Il Federalismo Libertario*. Ragusa: Liberliber, 2011 (1992).

BETHELL, Leslie. *Historia de América Latina*. Tomo 8 - Cultura y Sociedad (1830-1930). Barcelona: Crítica, 2008.

BOOKCHIN, Murray. *From Urbanization to Cities: Toward a New Politics of Citizenship*. New York: Cassell, 1995.

_____. *Libertarian Municipalism: The New Municipal Agenda*. 2002. Disponível em <http://dwardmac.pitzer.edu/bookchin/libmuni.html>. Acessado em 20/05/2014.

BRANCALEONE, Cassio. *Teoria social, democracia e autonomia: uma interpretação da experiência de autogoverno zapatista*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012 (1990).

BUBER, Martin. *Paths in Utopia*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1949.

CAL Y MAYOR, Araceli Burguete. Procesos de autonomías de facto en Chiapas: Nuevas jurisdicciones y gobiernos paralelos en rebeldía. In: MATTIACE, Shannan; HERNANDEZ,

Rosalva; RUS, Jan (orgs.). *Tierra, libertad y autonomía: impactos regionales del zapatismo en Chiapas*. México/Dinamarca: CIESAS/IWGIA, 2002.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003 (1989). 4ª ed.

CASTORIADIS, Cornelius. Introdução: socialismo e sociedade autônoma. In: *Socialismo ou barbárie: o conteúdo do socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983 (1979).

_____. Poder, política, autonomia. In: *As encruzilhadas do labirinto III – O mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992 (1990).

COELHO, Luciano. *A linha fria do horizonte*. Vídeo - Documentário. 2013.

CORREIA, Felipe. *Anarquismo especificista*. Rio de Janeiro: FARJ, 2013. Disponível em <https://anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/teoria-e-debate/anarquismo-especificista-felipe-correa/>. Acessado em 01/09/2017.

CRESSWELL, Tim. *Place: a short introduction*. Oxford: Blackwell, 2004.

CRUSAO, Juan. *La Carta Gaucha*. Manifiesto. 1928.

DARWIN, Charles. *Viaje de un naturalista alrededor del mundo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1942.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. Introdução: rizoma. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol 1. São Paulo: Ed. 34, 1995 (1980).

DELGADO, Leandro. Criollismo y anarquismo: de la deconstrucción del gaucho al descubrimiento del arrabal. In: *Culturales*. V. 8, nº 16. Mexicali, 2012.

DÍAZ, Hernán. *Alberto Ghirardo: Anarquismo y cultura*. Buenos Aires: CEAL, 1991.

DREXLER, Daniel. *Una parte de la entrevista sobre el templadismo*. 2006. Disponível em <<http://danieldrexler.blogspot.com>> Acessado em 15/05/2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000 (1994).

GRAUER, Mina. Anarcho-nationalism: Anarchist Attitudes Towards Jewish Nationalism and Zionism. In: *Modern Judaism: A Journal of Jewish Ideas and Experience*. nº 14. 1994. pp. 1-20.

FEDERACIÓN ANARQUISTA URUGUAYA. *Declaración de Principios*. Montevidéo: 1993.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2005 (1989).

FLORES, Moacyr. *Negros na Revolução Farroupilha: Traição em Porongos e farsa em Ponche Verde*. Porto Alegre: EST, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1971 (1969).

FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980 (1976).

GHIRALDO, Alberto. *Carne Doliente (Cuentos Argentinos)*. Buenos Aires: 1907.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008 (1987).

GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. Porto Alegre: Tchê, 1983.

_____. *Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo*. Passo Fundo: Clio e Méritos, 2004.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia: Conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GRAUER, Mina. Anarcho-nationalism: attitudes towards jewish nationalism and zionism. In: *Modern Judaism*. Vol.14, nº1. Oxford: Oxford University Press, 1994.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987 (1980).

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa Jochims. *As raízes históricas do Mercosul: a Região Platina colonial*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1996.

HAGEMMEYER, Rafael Rosa. *El gaucho sin patria: a canção anarquista na Argentina*. In: *Anos 90*. n.º 15. Porto Alegre: 2002. P. 93-118.

HAESBAERT, Rogério. *RS: Latifúndio e identidade regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HERNÁNDEZ, José. *El gaucho Martín Fierro*. Buenos Aires: Imprenta de La Pampa, 1872.

_____. *La vuelta de Martín Fierro*. Buenos Aires: Librería del Plata, 1879.

HEUGEROT, Cristina. Uruguay: identidad y nación en construcción. In: *Estudios Ibero-Americanos*. n.º 2. Porto Alegre: PUCRS, 2007. P. 76-89.

JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes et al (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ e FGV, 2000.

KIDDER, Louise. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1987

KRISHNA, Sankaran. Boundaries in question. In: AGNEW, John; MITCHELL, Katharyne; TOAL, Gerard (orgs.). *A Companion to Political Geography*. Oxford: Blackwell, 2003.

KROPOTKIN, Petr Alekseevich. *Fields, factories and workshops. Or Industry Combined with Agriculture and Brain Work with Manual Work*. 2ª ed. Londres: Swan Sonnenschein & Co., 1901.

_____. Anarchism. In: *The Encyclopaedia Britannica*. Londres: 1910.

LANDAUER, Gustav. *Revolution and Other Writings. A Political Reader*. Oakland: PM Press, 2010.

LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: EdUSP, 1999.

LESSA, Luis Carlos Barbosa. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

LONER, Beatriz Ana. O projeto das ligas operárias no Rio Grande do Sul no início da República. In: *Anos 90*. V. 17, nº 31. Porto Alegre: 2010. pp. 111-143.

MAFUD, Julio. *Psicología de la Viveza Criolla*. Buenos Aires: Americalee, 1965.

_____. *Sociología del Peronismo*. Buenos Aires: Americalee, 1972.

_____. *La Clase Obrera Argentina*. Buenos Aires: Distal, 1988.

MARKUSEN, Ann. Região e regionalismo: Um enfoque marxista. In: *Espaço & Debates*. nº 01. 1981. p. 61-99.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. *Muerte y Transfiguración de Martín Fierro: ensayo de interpretación de la vida argentina*. Cidade do México: Editorial Fondo de Cultura Económica, 1948.

MASSEY, Dorren. Regionalism: some current issues. *Capital and Class*. nº 6. 1978. pp. 106-126

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MINGUZZI, Armando. *La Revista Martín Fierro de Alberto Ghirardo (1904-1905): pasiones y controversias de una publicación libertaria*. Buenos Aires: CEDINCI, 2016.

MOREL, Ana Paula Massadar. Prólogo - O povo curdo e a autonomia. In: ÖCALAN, Abdullah. *Confederalismo democrático*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2016.

NETTLAU, Max. *História da anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008 (1931).

NEWMAN, David. Boundaries. In: AGNEW, John; MITCHELL, Katharyne; TOAL, Gerard (orgs.). *A Companion to Political Geography*. Oxford: Blackwell, 2003.

ÖCALAN, Abdullah. *Confederalismo democrático*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2016.

PAASI, Anssi. Regions as social and cultural constructs: reflections on recent geographical debates. In: Idvall, M. and Salomonsson, A (eds.). *Att skapa en region: om identitet och territorium*, Copenhagen: NordRefo, 1996.

_____. Place and region: regional worlds and words. In: *Progress in Human Geography*. n° 26. 2002. pp. 802-811.

_____. Region and place: regional identity in question. In: *Progress in Human Geography*. n° 27. 2003. pp. 475-485.

PANITZ, Lucas Manassi. *Por uma Geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina*. Dissertação de mestrado em Geografia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

_____. Práticas musicais, representações e transterritorialidades em rede entre Argentina, Brasil e Uruguai. In: DOZENA, Alessandro (org.). *Geografia e Música: Diálogos*. Natal: EDUFRN, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PI Y MARGALL, Francisco. *Las Nacionalidades*. Madri: Librería Bergua, 1877.

POLETTI, Caroline. Imigrantes e anarquistas: contornos da imprensa libertária de Porto Alegre e de Buenos Aires (1897-1916). In: *Métis: história & cultura*. Vol. 9. n.º 5. Caxias do Sul: UCS, 2010. P. 27-42.

_____. Por uma história transnacional da imprensa anarquista e anticlerical: a repercussão do caso Ferrer pelas páginas subversivas argentinas, brasileiras e espanholas (1909-1916). In: *I Encontro de Pesquisas Históricas - PUCRS*. Porto Alegre: 2014.

PRIETO, Aldo. *El Discurso Criollista en la Formación de la Argentina Moderna*. Buenos Aires: Sudamericana, 1988.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *El principio federativo*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2008 (1863).

RAMIL, Vitor. *A estética do frio*. Conferência de Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.

RECLUS, Élisée. *El Hombre y la Tierra*. 6 tomos. Barcelona: Escuela Moderna, 1906-1909 (1905-1908).

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. Londres: Pion, 1976.

REY, Ana Lía. Periodismo y cultura anarquista en la Argentina de comienzos del siglo XX: Alberto Ghirardo en La Protesta y Martín Fierro. *Hipótesis y discusiones*. Nº 24. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras - UBA, 2004.

ROCKER, Rudolf. *Nationalism and Culture*. The Anarchist Library, 1933.

_____. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007 (1921).

RODRIGUES, Glauco Bruce. A experiência da autogestão territorial anarquista durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939): legado, limites e possibilidades. In: *Boletim Gaúcho de Geografia*. V. 43, nº 1. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, 2016.

SALA DE TOURON, Lucia; DE LA TORRE, Nelson; RODRIGUEZ, Julio. *Estructura economico-social de la colonia*. Montevideu: Pueblos Unidos, 1967.

SAMIS, Alexandre. *Negras tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

SCHEIDT, Eduardo. Debates historiográficos acerca de representações de nação na Região Platina. In: *Revista eletrônica da Anphlac*. n.º 5. 2006. P. 1-26.

SILVA, Juremir Machado da. *História regional da infâmia*. A história dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). Porto Alegre: L&PM, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia: Conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou: sobre a necessidade de uma “teoria aberta” do desenvolvimento sócio-espacial. In: *Território*. nº 1. Rio de Janeiro: 1996.

_____. Território do Outro, problemática do Mesmo? O princípio da autonomia e a superação da dicotomia universalismo ético *versus* relativismo cultural. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. *A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.).

Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 2009.

_____. A Geografia e o pensamento libertário: Subsídios para um debate sobre tradições e novos rumos. In: *Território Autônomo*. nº 1. Rio de Janeiro: ReKro, 2012a.

_____. Challenging Heteronomous Power in a Globalized World: Insurgent Spatial Practices, "Militant Particularism" and Multiscalarity. In KRÄKTE, Stefan; WILDNER, Kathrin; LANZ, Stephan (orgs.). *Transnationalism and Urbanism*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2012b. pp. 172-196.

_____. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. *Dos espaços de controle aos territórios dissidentes*. Escritos de divulgação científica e análise política. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

_____. *Por uma geografia libertária*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS. *¡Ya Basta! Ten Years of The Zapatista Uprising*. Chico: AK Press, 2004.

_____. *Nem o centro e nem a periferia: sobre cores, calendários e geografias*. Porto Alegre: Deriva, 2008.

SURIANO, Juan. Capítulo VII - El Anarquismo. In: LOBATO, Mirta (org.). *Nueva Historia Argentina - Tomo V*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. pp. 291-326

THRIFT, Nigel. Towards a new New Regional Geography. In: *Berichte zur Deutschen Landeskunde* 72, Heft 1. 1998. pp. 37-46.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012 (1974).

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013 (1977).

VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento - O continente*. vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 (1949).

WALLERSTEIN, Immanuel. *Unthinking Social Science*. Cambridge: Polity, 1991.

WILLIAMS, Raymond. *Resources of Hope. Culture, Democracy, Socialism*. Londres e Nova Iorque: Verso, 1989.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*. Vol. 1: A ideia. Porto Alegre: L&PM, 2002 (1962).

ZILIO, Rafael. *Democracia, participação e espaço urbano fronteiro: da fratura sociopolítico-espacial ao ativismo transnacional de escala local em Santana do Livramento-*

Rivera. Dissertação (Mestrado em Geografia). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFRJ, 2012.

ZUM FELDE, Alberto. *Proceso historico del Uruguay*. Montevidéo: Arca, 1920.

ANEXO I

**LOS ANARQUISTAS (1902-1936) - ÁLBUM-COMPILAÇÃO DE
CANÇÕES ANARQUISTAS ARGENTINAS**

1 - HIJO DEL PUEBLO*(himno anarquista)**recitado:**Buenos Aires**primero de mayo de 1904**ya se acercan,**son las columnas anarquistas.**Vienen con sus banderas rojas y negras,**sus estandartes con los nombres de sus**gremios:**panaderos, marmoleros, carreros,**carpinteros, pintores.**Son miles y miles que avanzan,**setentamil calculará el diario la Prensa.**La manifestación más grande**de toda la historia argentina,**para un Buenos Aires**que no tiene más de un millón de habitantes.**El estandarte de la Federación Obrera**Argentina**se extiende de vereda a vereda.**Al frente,**la banda integrada por compañeros italianos**cantan: Hijo del Pueblo,**la más querida canción anarquista.**recitado:**Hijo del pueblo**te oprimen cadenas**y esa injusticia**no puede seguir.**Si tu existencia**es un mundo de penas**antes que esclavo**prefiere morir.**Esos burgueses**asaz egoístas**que así desprecian**a la humanidad.**Serán barridos**por los anarquistas**al fuerte grito**de la libertad.**Ah, rojo pendón**no más sufrir**la explotación**ha de sucumbir.**Levántate**pueblo leal**al grito de**revolución social.**recitado:**Marchan de Plaza Congreso a Plaza Mazzini,*
*pero la policía les saldrá al paso.**Se luchará a brazo partido**la represión es tremenda**a tiro limpio.**Un centenar de obreros heridos**quedan en el suelo.**El cadáver del marinero Juan Ocampo**es llevado en hombros por los anarquistas**hasta el local de la protesta.**Así serán todos los primeros de mayo.**Los porteños se esconden en ese día**porque saben que los anarquistas salen a la*

*calle
a recordar a los mártires de Chicago
ahorcados por luchar en pos
de las ocho horas de trabajo.*

*Pero no sólo cantan
Hijo del Pueblo, en estos actos,
también cantan su himno.*

2 - RECITADO

*(letra con que los anarquistas cantaban
al iniciar sus actos, a principios de siglo)*

recitado:

*Oíd mortales el grito sagrado
de anarquía y solidaridad.
Oíd el ruido de bombas que estallan
en defensa de la libertad.*

*El obrero que sufre, proclama
la anarquía del mundo a través,
coronada su sien de laureles,
y a sus plantas rendido el burgués.*

*El vil clero a la cara te escupe
y el que manda te aplique se ley.
Y el burgués tu sudor te arrebató
y te matan la patria y el rey.*

*Viva, viva la anarquía,
viva el pueblo productor.
Libertad, igualdad y armonía,
arte, paz, justicia y amor.*

recitado:

*Pero así como luchan por la redención social
los anarquistas no olvidan la parte cultural:
diarios, libros, conjuntos filo dramáticos,
revistas culturales.*

*E introducen una novedad:
El payador anarquista
que, cantando,
lleva sus ideas hasta el rincón
más olvidado de la Argentina.*

3 - MILONGA SOCIAL DEL PAYADOR LIBERTARIO

(anónimo)

1902

cantado:

*Grato auditorio que escuchas,
grato auditorio que escuchas
al payador anarquista
no háganse a un lado la vista
con cierta expresión de horror,
que si al decirte quien somos
vuelve a tu faz la alegría
en nombre de la anarquía
te saludo con amor.*

*Somos los que defendemos,
somos los que defendemos
un ideal de justicia
que no encierre en sí codicia
ni egoísmo ni ambición
el ideal tan cantado
por Reclus y los Graves
los Salvoechea y los Faures
los Kropotkin y los Tudor.*

*Somos los que despreciamos,
somos los que despreciamos
las religiones farsantes
por ser ellas las causantes
de la ignorancia mundial
sus ministros son ladrones
sus dioses son una mentira
y todos comen de arriba
en nombre de la moral.*

*Somos esos anarquistas,
somos esos anarquistas
que nos llaman asesinos
porque al obrero inducimos
a buscar la libertad,
porque cuando nos oprimen
golpeamos a los tiranos
y siempre nos rebelamos
contra toda autoridad.*

4 - MILONGA ANARQUISTA

(anónimo)

1906

recitado:

Sí, ya a principios de siglo
las ideas anarquistas han hecho pie
bien tierra adentro
y las cantan payadores criollos.

cantado:

Soy un nuevo payador
del territorio argentino
y voy buscando el camino
de nueva felicidad.

Solamente la verdad
es el arma que yo entono
y con mi canto pregonó
el sol de la libertad.

Abajo los usureros
mueran todos los rentistas
todos los capitalistas
y la religión impía.

Que ya se aproxima el día
de la paz universal
y del concierto social
bajo el sol de la anarquía.

5 - LA VERBENA ANARQUISTA

(anónimo)

1905

("El mantón de Manila", de
"La verbena de la Paloma", T. Bretón)

recitado:

Pero no sólo payadores
actuaban para expandir la idea anarquista
en medio de las asambleas obreras
irrupían muchachos y muchachos
que cantaban la Verbena Anarquista.

cantado:

¿Dónde vas con paquetes y listas?
Que de prisa te veo correr

Al Congreso de los anarquistas
por hablar y hacerme entender.

Explicadme un momento siquiera
anarquista, ¿qué quiere decir?
La inmensa falange obrera
que reclama el derecho a vivir.

El obrero que suda y trabaja,
¿Dime cómo es que puede estar mal?
Pues el burro que come la paja
lleva el grano para otro animal.

Es extraño, pero no lo entiendo
que pretende tu nueva alusión
Que lo mismo le va sucediendo
al obrero con su producción.

6 - ÉSTE Y AQUÉL

(F. Gualtieri)

febrero - 1923

recitado:

Primero de mayo de 1909
los anarquistas ocupan totalmente
la Plaza del Congreso.
Frente a ellos,
está nada menos que el coronel Ramón Falcón
al frente de su caballería,
los cosacos,
como serán llamados por los obreros.

La represión es cruel.
Caen ocho obreros muertos
y ciento cinco heridos.
Entre los manifestantes
está un adolescente,
un ruso llamado
Simón Radowitzky
y en el once de noviembre
de ese año,
hará volar por el aire
con una bomba
al coronel Falcón y a su secretario.

El país se conmociona,
el anarquista es apresado

*y pasará veintiún años en Ushuaia,
la Siberia argentina.
Será el mártir,
el santo de la anarquía,
cantado por todos los payadores libertarios.*

*cantado:
Simón nació en un tugurio
de un pueblo, de un continente
como nace una simiente
por una ley natural.
Sin patria como el progreso
como es el arte y la ciencia
el amor y la conciencia
sin patria como el ideal.*

*Falcón nació en un palacio
sonriéndole la fortuna
meciéndose en blanca cuna
de pequeño Napoleón.
Éste reconoció patrias
y misiones en la tierra
fue profesor en la guerra
coronel de la nación.*

*Simón como hombre de ideas
con conceptos libertarios,
divulgó en los proletarios
el amor y la igualdad
una universal familia
de cultos trabajadores
sin esclavos ni señores
sin leyes ni propiedad.*

*Falcón como buen soldado
con arcaicos oropeles
propagaba los cuarteles
a la patria nacional
y así requería patriotas
debajo de su manto
fueran a su voz de mando
una avalancha mortal.*

7 - GUAJIRAS ROJAS
(anónimo)
1918

*recitado:
Pero no sólo el ritmo de milonga
usan los libertarios para sus canciones de
lucha,
sino también la guajira.*

*cantado:
Deseo mi redención
y vivir sin vividores
que con los trabajadores
hacen vil explotación.
Política y religión
desaparezcan del mundo
y al abismo más profundo
caigan violentamente,
papa, rey y presidente
con todo el cortejo inmundo.*

*El pan que el obrero amasa
coma con dicha cumplida
y que el derecho a la vida
goce sin traba y sin tasa.
Que el albañil tenga casa,
y el sombrerero sombrero,
que nos e robe al obrero
el fruto de su labor
y que no haya explotador,
sacerdote ni guerrero.*

*Que dos seres que se aman
sean libres para amarse
sin tener que ir a humillarse
ante un zángano haragán,
deseo con gran afán
y en venturoso día
que urdiendo a la tiranía
en la poza del pasado
sea el amor libertado
implantando la anarquía.*

8 - MARSELLA ANARQUISTA
1907

*recitado:
Enero de 1919.
En los talleres metalúrgicos Vacena
luchan obreros contra el ejército.*

*El combate es sin cuartel.
Los trabajadores tienen cuantiosas
pérdidas de vidas.
En las barricadas
cantan la Marsellesa Anarquista.*

*recitado:
A la revuelta proletario
ya brilla el día de la redención
que el sublime ideal libertario
sea el norte de la rebelión.*

*Dignifiquemos del hombre la vida
en un nuevo organismo social
destruyendo las causas del mal
de esta vil sociedad maldecida.*

*¡Obreros a luchar!
¡A la revolución, con decisión!
A conquistar nuestra emancipación.*

9 - SEMANA TRÁGICA

(F. Gualtieri)

1919

*recitado:
La masacre de los obreros
será tema de los payadores
durante muchos años.
Así apostrofaban al culpable
de las reacciones,
que provocaron los sucesos
de la semana trágica.*

*recitado:
Oh, histriónico cretino
oh, satánico bribón
los clarines tocan notas
de vibrantes clamoreos
preanunciando los derrumbes
de tu casta y tu sistema
y ni leyes
ni poderes
ni las fuerzas equipadas
podrán nunca detener
la avasallante cometida
de la próxima revuelta proletaria*

*que fermenta en muchos pechos
ya cercana a reventar.*

*Barricadas
a millares se alzarán por esas calles
y a la música infernal de los fusiles
y a la voz alentadora
de la brava dinamita
reventando en arsenales
en palacios y en conventos
y doquier hay fuerza viva
defendiendo el tambaleante
simbolismo gubernal.*

*Verás rostros encendidos,
verás testas desgreñadas,
verás ropas destrozadas,
empapadas en la sangre
de su mismo cuerpo herido.*

*Verás puños levantados,
verás dientes afilados,
verás ojos llenos de odio
escrutando tu fortaleza
para ver si tu carroña
aún resiste a los embates
de la furia popular.*

*Para ti no habrá perdón,
para ti no habrá piedad.
Tus infames fechorías
no se borran, no se olvidan
ni se dejan de saldar.*

*Mefistófeles infame,
traficante de conciencias obreriles,
inservil, degenerado, libertino,
licencioso, disoluto, pervertido,
buhonero miserable
sin conciencia y sin pudor.
Vil chupóptero insaciable
de la sangre dulce y pura
de este pueblo laborioso.*

*Vil criatura indecorosa
que no vales lo que vale
el defecado de un obrero.*

*Hombre triste,
hombre malo,
hombre inútil,
hombre inmundo,
pernicioso, testafarro,
larva fétida y biliosa.*

*Yo te lanzo la blasfemia
de este siglo,
yo compárote al infame papa negro de la
Rusia,
yo te aplasto con la carga miserable
de otro nombre
yo te llamo, tenlo en cuenta,
con el nombre más inmundo,
yo te llamo:
¡Rasputín!*

10 - MALDITA BURGUESÍA

*(habanera)
(anónimo)
1907*

*recitado:
El ritmo de la habanera
también era bueno
para la canción revolucionaria.*

*cantado:
Ay, maldita burguesía
cuantos pesares haces sufrir
mientras exista tu raza
será imposible vivir.*

*Pero el obrero con decisión
va preparando la revolución
y a cada infamia gubernamental
surge un Caserio un Artal.*

*Venga pronto la anarquía
venga ya la libertad
que cuando llegue ese día
será la vida felicidad,
que cuando llegue ese día
será la vida felicidad.*

11 - MALDICIÓN DE UN MALDITO

*(F. Gualtieri)
1926*

*recitado:
Por los años veinte,
el poeta Fernando Gualtieri
conmocionaba a las reuniones anarquistas
con su "Maldición de un maldito".*

*recitado:
Desde un recóndito punto asimétrico
de este terráqueo mundo infernal
se oye el omnímodo grito de rápsoda
pregón ubérrimo del mal social.*

*Yo vengo grávido como una esférica
mujer simbólica llena de preñez
con miles mágicas palabras bíblicas
y un nuevo oráculo que yo forjé.*

*recitado:
Este fragmento es representativo
de la poesía anarquista
que buscaba dar a los obreros,
ansiosos de aprender nuevas imágenes
y uso de palabras no muy conocidas.*

*Era un tanto tremendista,
pero muy del gusto de la época.
La "Maldición de un maldito"
constaba, además, de cuarenta estrofas,
una verdadera maratón poética.*

12 - GUITARRA ROJA

*(Martín Castro)
1928*

*recitado:
En esos años
aparecerá el gran cultor
de la payada libertaria;
será el payador rojo
Martín Castro.*

cantado:

*Ven guitarra libertaria
libertaria y redentora
del que sufre
del que llora
del delincuente y el paria.
Tu acorde no es plegaria
el servilismo indecente
el bardo altivo y valiente
cuando te pulsen sus manos
ante todos los tiranos
sabe atacarlos de frente.*

*Guitarra que entre mis manos
vibras y ruges conmigo
fiel amiga de este amigo
pregón de versos humanos
y en tus trinos soberanos
del libertario cantor
se inspira en versos de amor
de rebelión y templanza
augurando una esperanza
en los hijos del dolor.*

*Guitarra, los payadores
hicieron de tu cordaje
palenque del caudillaje
para amasar electores
rutinarios, corruptores
en vez de hacerte valer
te hicieron envilecer
con caudillo de partido
guitarra, guitarra te han corrompido
como una débil mujer.*

*Guitarra, si en mi vejez
llegara a serte profano
quisiera ser un insano
sin vista y en la mudez
si pierdo la rigidez
del convencido varón
antes de hacerte un baldón
coyunda para tus notas
quiero, quiero ver tus cuerdas rotas
quebrado tu diapason.*

13 - GUERRA A LA BURGUESÍA

*(tango)
(anónimo)
1901*

*recitado:
El tango también tuvo letra anarquista
y se cantaba en los típicos picnic
que los anarquista hacían
en la isla Maciel.*

*cantado:
Querrá la gente burguesa
sin distinción de color
que chupa la sangre humana
del pobre trabajador.
Mientras los unos revientan
a fuerza de trabajar
otros se pasan la vida vagando,
sin cesar,
otros se pasan la vida vagando,
sin cesar.*

*Es un deber,
justo y leal
que el pueblo luche por la existencia.
Es un deber,
justo y leal
que el pueblo luche por la existencia.*

*Verán, al que más trabaja
no tiene ni que comer
y aquellos que nada hacen
disfrutan a su placer.*

*Ya que el derecho a la vida
los quita ese gran rival
¡obreros, tened conciencia!
y guerra al dios capital,
¡obreros, tened conciencia!
y guerra al dios capital.*

14 - EL DEPORTADO

*(anónimo)
1920
(Canción del vagabundo - de
"Alma de Dios", E. Serrano)*

recitado:

*Pero no sólo el peligro de la cárcel
tienen que enfrentar los anarquistas.
Sobre ellos, en su mayoría extranjeros
se cierra la 41-44,
la ley de residencia.
Expulsión del país.
Así cantaban a sus compañeros deportados.*

cantado:

*Es trabajar sin descanso
tu cruel destino,
o mendigar triste y manso
por el camino
Desesperado
ya de vivir
lucho abnegado
contra lo vil.*

*Canta deportado
miserable y martirizado
que tu ideal quizás
un día triunfará
dando a los hombres
amor y libertad.*

15 - EL HÉROE

*(de un payador patagónico
sobre el tema de F. Gualtieri)*

recitado:

*Veinticinco de enero de 1925.
El anarquista alemán
Kurt Gustav Wilckens
mata al teniente coronel Varela,
frente al primero de infantería,
en Palermo.
Lo hace para vengar la muerte
de mil quinientos obreros, en Santa Cruz,
fusilados.*

*En la Patagonia
todavía hoy se recuerdan estos hechos.*

*En una olvidada localidad cordillerana
escuchamos, cincuenta años después,*

*al octogenario Gabino Pérez,
entonar estas estrofas,
acompañándose con la guitarra.*

recitado:

*Bajo el mando de Varela
ésta hópita y gran capital
mil soldados partieron ufanos
con un aire solemne y marcial.*

*Y llegaron allí, donde muchos
proletarios repletos de afán,
con la huelga, que es su única arma potente,
defendían su mísero pan.*

*Emboscadas, traiciones, violencia
es la norma del buen militar.
Fueron armas corrientes que usaron
los que iban el fuego, a apagar.*

16 - SACCO Y VANZETTI

(Martín Castro)

1928

recitado:

*En 1927 un grito cruza el mundo entero:
¡Libertad para Sacco y Vanzetti!*

*Los dos anarquistas italianos
condenados en Estados Unidos.
Todo el mundo lucha por ellos.*

*Aquí, en Buenos Aires,
hay huelgas, mitines,
explotan bombas en la embajada de Estados
Unidos
y en la Ford.
Pero nada se puede hacer;
Sacco y Vanzetti son ejecutados en la silla
eléctrica.*

*Martín Castro, el payador rojo,
hará oír su protesta.*

cantado:

*Patria del rubio metal
patria del rubio metal*

*del oro diablo amarillo
país del yunque y del martillo
y patria del mineral.
Norte América es genial
en el arte de la guerra
es marca en candente hierra
que ha de surgir y arrastrar
como flagelo del mar
como azote de la tierra.*

*Por sobre sus fundiciones
y el organismo mecánico
sobre el armazón titánico
de remaches y bulones
se alzan, como dos pendones,
dos banderas de ideal
los gestos de alta moral
con un amor Espartaco,
dos nombres: Vanzetti y Sacco,
que irán al sillón fatal.*

17 - MARCHA "A LAS BARRICADAS"
(himno anarquista - Guerra Civil española)

*recitado:
Seis de septiembre de 1930
Uriburu toma el poder*

*y clausura locales y sindicatos anarquistas.
Centenares de libertarios
son encerrados en la cárcel de Ushuaia.*

*Severino di Giovanni y Paulino Scarfó
son fusilados en la penitenciaría.
Años más tarde, el presidente Justo
aplicará con mano férrea
la ley de residencia.*

*El anarquismo en la Argentina
comienza a declinar,
y en 1936 los anarquistas del mundo entero
se darán cita en España,
para defender la República Española.*

*Allí, su grito de guerra será
¡A las barricadas!
y así se llamará su himno.
En Madrid, en Teruel,
en Barcelona y en el Ebro,
se desangran las columnas anarquistas
que luchan contra Franco.
Hasta que todo se acabe.*

*Allá,
en la guerra civil,
quedaron los mejores.*

ANEXO II

ENTREVISTAS EM HISTÓRIA ORAL

As *charlas* com as/os companheiras/os das Federações Anarquistas estão precedidas de uma breve descrição do contexto espacial no qual foram realizadas. Antes vamos ao roteiro inicial que, obviamente, foi transgredido conforme o caminho que a conversa ia tomando.

ROTEIRO

- Origens pessoais (de onde é);
- Começo da militância e identificação com o anarquismo;
- Relações com as demais Federações Anarquistas;
- A fronteira;
- O *gaucho* e possível identificação pessoal;
- Relações possíveis entre o universo *gaucho* e o anarquismo / lutas sociais.

CHARLA 1 - MILITANTE DA FAG

21.07.2017

Local: Ateneu Libertário A Batalha da Várzea, entre os bairros Cidade Baixa e Azenha, Porto Alegre.

O local é a atual sede da Federação Anarquista Gaúcha e também de outros dois coletivos. Possui esse nome em alusão a um episódio de repressão de trabalhadores por parte da Brigada Militar durante a Greve Geral de 1917, que contou com forte participação dos anarquistas.

Idade: 37 anos

Ocupações: garçonete, costureira, florista, educadora social etc. Graduada em Geografia.

DE ONDE TU ÉS?

Eu sou de Alegrete, mas eu morei um tempo no Uruguai também, meu pai é uruguaio. Então essa coisa meio de casais da fronteira. Se juntaram por lá. Meu pai uruguaio, minha mãe brasileira de Alegrete. Depois eles se separaram quando eu tinha 13 anos, ele voltou pro Uruguai, fiquei um tempo com ele e a minha mãe ficou morando em Alegrete. Eu venho daí, de Alegrete.

E TU FOSTE MUITO PRA FRONTEIRA, PRO URUGUAI, PRA ARGENTINA?

Sim, inclusive quando eu era pequena porque o meu pai sempre foi trabalhador do campo, é trabalhador do campo até hoje, então a gente morou muito tempo na Campanha, entre Uruguai e Brasil - Artigas-Quaraí, Rivera-Livramento. Vivia cruzando ali. Depois quando eu tive idade pra começar a estudar eu fui morar com a minha avó uruguaia em Alegrete e eles ficaram no campo mais um tempo. Depois acabei reencontrando eles, voltaram pra cidade. O meu pai acabou se afastando de Alegrete porque teve uma ocasião em que ele bateu no patrão dele, mas foi justa causa, justíssima aliás. E sabe como é que é, ele falou mal do meu pai pra todo mundo, meu pai já não conseguia mais trabalho por lá, esse tipo de coisa. Sou filha de trabalhadores da fronteira, minha mãe é cozinheira e o meu pai trabalhador do campo. Agora ele tá pertinho de Montevideú, Minas-Lavalleja, como se fosse a serra do Uruguai, uns 130km.

COMO FOI A TUA VIVÊNCIA NA FRONTEIRA?

A minha infância toda foi no campo. Apesar de ter ido estudar na cidade as férias eram no campo. A gente morava em bairros lá em Alegrete que eram semiurbanos, então essa vivência da lida campeira eu sempre tive, de ser criada perto de rios, andar a cavalo. Meu pai, agora ele tá com oitenta e poucos anos, uma das figuras de Alegrete, continua no campo, um dos caras responsáveis por me ensinar bastante coisa dessa coisa que eu gosto bastante, música nativista de raiz. Ele escrevia poemas, até tem um livrinho com as poesias. Mas ele sempre foi um cara...minha família toda, sempre foram trabalhadores, nunca tiveram posse de terra, mas sempre foram muito agarrados à terra, essa coisa de trabalhar pros outros, gostar do campo, dessa vivência, dessa tranquilidade que o campo traz...TRABALHADORES SAZONAIS OU FIXOS? O meu avô tá a quase 50 anos numa estância. O patrão e a patroa já morreram, ele continua cuidando das coisas lá. Tem o pedacinho de terra dele, onde tem os bichinhos dele,

mas não é um fazendeiro. Então eu sempre gostei bastante do campo. O Alegrete eu vou de vez em quando e quando eu vou gosto de ir pra Campanha.

QUANDO TU SAÍSTES DE ALEGRETE?

Eu conheci Porto Alegre no primeiro Fórum Social Mundial, 2001. Fiquei no acampamento da juventude, uma loucura, nunca tinha visto nada igual em Alegrete. Pra mim foi algo fantástico. Aí tomei contato com a galera do MST. Voltei pra Alegrete e já estava envolvida com mais ou menos uma militância estudantil secundarista lá. A gente se movia em torno de atividades mais culturais. Idade de 13, 14, 15 anos, é o que tu tem mais vontade de fazer, atividades culturais. Depois teve uma ocupação do MST lá na cidade, eu fui apoiar junto com essa gurizada. Tomei mais contato e tive mais vontade de participar, e saí de Alegrete final de 2003, início de 2004, quando vim acampar no MST.

FOI MAIS OU MENOS O COMEÇO DA TUA MILITÂNCIA ENTÃO... E COMO ERA NA TUA CASA, TUA FAMÍLIA ERA ENVOLVIDA OU FALA DE POLÍTICA?

Eu acho que sempre foram de esquerda, mas nunca filiados ou militantes. Meu vô, por exemplo, esse que eu tava te comentando, ele abria o galpão dele pra fazerem comícios do PT. O que tinha mais de esquerda na época em Alegrete era o PT. Aí o vô sempre fazia uns carreteiros, trazia os candidatos do PT, e então eu acompanhava mais ou menos isso, mas sem muito vínculo com o partido, nem meu vô, nunca foi filiado, era mais simpatizante. Hoje ele já é bastante crítico e insatisfeito. Acho que consciência política, militância, eu fui adquirindo com essa gurizada, me envolvendo lá na militância secundarista. Tínhamos um grupo que se chamava Juventude Revolucionária, bem insignificante, mas era o nosso grupo. A gente fazia treinamento de pista de corda lá em Alegrete, a gente achava que ia fazer a revolução na cidade em algum momento. Também gostava de estudar textos, então nos nossos grupos de estudo que eram muito zoados passavam coisas desde Mao Tsé Tung a Bakunin, era uma bagunça, era o que tinha. Pra mim foi muito simbólico e importante quando um amigo meu, da mesma idade que eu, me apresentou o Bakunin e disse "olha esse cara aqui é muito interessante". E a Emma Goldman também. Aí a gente mandou uma carta pra FAG pedindo mais informações da organização. Porque a gente sabia que tinha existido um núcleo da FAG em Alegrete. Sei que nossa carta nunca foi respondida. Militar mais seriamente, por compromisso, foi quando fui acampar no MST. Fui acampar com 17. O primeiro acampamento onde fiquei foi em Nova Santa Rita, mas depois a gente rodou o estado todo

FICASTE ACAMPADA QUANTO TEMPO?

Fiquei acampada 6 anos em geral pelo estado. O setor que eu me vinculei no MST era o setor de frente de massa, e a frente de massa era o setor responsável por organizar os acampamentos e as ocupações. Tinha ocupações que a gente fazia fora da região metropolitana. CHEGARAM A OCUPAR EM ALEGRETE? Em Alegrete não. Aliás, só teve 1 ocupação de terra em Alegrete nesse período, uma que foi anterior a eu conhecer o MST. Depois quando uma ocupação do MST foi pra lá foi pra uma área cedida. Um pequeno proprietário, mas pequeno mesmo, ele tinha 1 hectare de terra, conhecido nosso, ele disse "eu tenho um hectare de terra, pode chamar os sem-terra que eles vão ficar aqui". E aí o acampamento foi e ficou, só que esse 1 hectare de terra estava no meio de vários latifúndios. Alvorçou a cidade inteira e os latifundiários. Foi tenso. Os fazendeiros instalaram um posto de vigília em torno desse acampamento, não deixavam ninguém dormir, botavam fogo em barraco, davam tiros. Foi numa época em que o Abril Vermelho do MST tava bem fortalecido

e o Maio Verde que a FARSUL⁴⁹ convocava pra fazer contraponto também tava fortalecido. Era 2002 por aí.

TU FALASTE QUE POR MEIO DE UM AMIGO CHEGASTE AO BAKUNIN. E COMO FOI ENCONTRAR OUTRAS LEITURAS ANARQUISTAS E MILITÂNCIA MAIS ANARQUISTA? COMO FOI DESSA EXPERIÊNCIA COM O MST ATÉ CHEGAR NA ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA?

A partir do momento em que aquele amigo meu me apresentou Bakunin pra mim já foi um marco..."esse cara é interessante. E por que ele ta falando isso?...ele ta fazendo um contraponto. Sabe aquelas coisas que a gente tava lendo do Marx e tal? pois é...". Depois eu tomei contato com uma companheira que também era acampada no MST, anarquista. Quando em vim acampar no MST eu já era estigmatizada como anarquista, independente se eu tinha as leituras ou não, se eu já tava na FAG ou não, eu já era anarquista. E aquilo pra mim já foi um baita incentivo pra dizer "então ta bom, eu sou mesmo". Eu não tinha sistematizado um roteiro de formação ideológica anarquista, fui fazendo isso com o tempo. Depois que eu vim acampar e já tava em contato com essa outra companheira, também anarquista e que é hoje da FAG também - nós ingressamos na FAG juntas em 2007. Estando dentro do movimento era como remar contra a maré em torno das orientações ideológicas, da formação política, porque basicamente eles tentam te colocar todas aquelas ideias do centralismo democrático. Na cartilha de formação do militante do MST anarquismo é um desvio, não é um valor. A gente tinha que lidar sempre com esse tipo de coisa. Por sorte o nosso agrupamento da frente de massa tinha muitos e muitas companheiras super valorosas que nunca foram preconceituosas. A direção do movimento era muito dura. Mas pra mim o mais importante no MST era ocupar terra, estar com as famílias, aprendendo com as famílias, ocupando, fazendo luta...isso sempre foi o mais importante. Naquele momento não me interessava muito o conteúdo do debate da direção desse movimento. Depois foi começar a ser mais pesado porque eu não entendia muito bem quando eles diziam que "tal fulano vai pra Sibéria por conta de tais comportamentos"...fui entender isso com o tempo.

POR QUE TU SAÍSTE DOS ACAMPAMENTOS?

Foi duro. Eu já estava em contato com a FAG. Saí em 2009. Nós tava numa peleia braba que era continuar fazendo ocupações de terra. É bom lembrar que nesse período as relações da direção do MST com o PT estavam muito próximas, era o auge das negociações com o governo petista tanto a nível nacional quanto a nível estadual. O Tarso já estava na jogada, e quando ele entrou ele fez um grande acordo com o MST de não haver mais ocupações de terra no Rio Grande do Sul e que ele iria ceder todas as áreas do estado para assentamentos do MST. E a direção do movimento aceitou, mas não aceitou sem ter resistências, muita resistência por parte da militância. Então o que eles fizeram foi praticamente desmobilizar toda a luta pela terra. Esse grande acordo, essa grande negociação foi isso. O meu acampamento de origem, o de Nova Santa Rita, foi desarticulado pra virar um assentamento lá em São Gabriel numa área super precária, numa área em que até hoje as famílias estão sem água, sem luz, sem estrada... Eu não fui pro assentamento lá e vim pra cidade. Rompi ali, e um mês depois que eu rompi com o movimento por conta desse tipo de discordância, 51 militantes a nível nacional saíram do MST, houve uma dissidência grande pelos mesmos

⁴⁹ Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

motivos. Foi bem significativo essa parte de sair do movimento e depois a gente se achar em outras coisas, porque pra mim era aquilo, eu só sabia militar fazendo aquilo: ocupação de terra, organizando acampamento... Vir pra cidade de novo... não que eu não tivesse tomado contato com as coisas da cidade, mas se adaptar de novo com a dinâmica da cidade não foi muito fácil. Tinha outras demandas e eu já estava organizada com a FAG, em 2007 a gente já tava em aproximação com a FAG fazendo algumas formações juntos, algumas lutas juntos, as militantes e os militantes da FAG estavam indo participar de atividades no MST, a gente convidava. Então quando eu rompi com o movimento eu já tinha uma organização política.

TU TENS UMA VIVÊNCIA DE CAMPO E DE FRONTEIRA QUE POUCOS POR AQUI TÊM. QUAL É A IMPORTÂNCIA, NA TUA FORMAÇÃO, DE VIVER A FRONTEIRA? O QUE É A FRONTEIRA PRA TI?

Pra mim é meio que um laboratório da minha formação cultural. Essa coisa da família misturada - um pedaço no Brasil, um pedaço no Uruguai. A fronteira pra mim sempre foi uma espécie de visita das famílias. "Vou lá ver a minha família do Uruguai, depois vou lá ver minha família do Brasil". Pra mim sempre foi muito divertida a fronteira, nunca associei a esse tipo de coisa. E sem falar que a linguagem da fronteira é muito específica, e como se identificam alguns códigos culturais muito fortes e marcantes. Em termos gerais claro, a gente vai fazer uma crítica grande às necessidades das fronteiras, também pensando um pouco da ideia da crítica da Geografia relacionada a isso. Mas pensar também nessa mistura toda tão específica do que ela proporciona eu acho um negócio muito fantástico. E não só pelo aspecto cultural, acho que é muito mais do que isso porque forma um sujeito diferenciado, esse sujeito da fronteira que cresceu em torno de um contexto peleado, muita briga...então "ah o pessoal da fronteira é meio briguento". Eu acho que até é briguento sim mas também têm os seus códigos de fraternidade que são muito importantes. Pra mim a fronteira sempre foi um pedaço de casa. Estar de um lado, estar de outro...eu me senti um pouco privilegiada com isso.

E A PARTIR DISSO, O QUE VEM NA TUA MENTE QUANDO OUVES A PALAVRA GAÚCHO OU GAÚCHA? TE IDENTIFICAS EM ALGO?

Sim, sim. Eu tenho a crítica a essa cultura do tradicionalismo, porque eu acho que formaram, forjaram a ideia de um gaúcho fictício, digamos assim. Essa coisa de vestimenta, a gente vê isso acontecer em 20 de setembro, se fantasiam de gaúcho, esse tipo de coisa. Então tem toda uma construção social em torno do que é ser gaúcho, que ta vendendo os Tche Music da vida, que ta vendendo altas coisas, e com isso eu não corroboro nem um pouquinho. Mas eu acho que ser um gaúcho está na constituição social desse sujeito misturado com índio, misturado com negro, misturado com essas peleias que foram marcando a história desse povo todo. Eu não acho que é ruim a gente se reivindicar gaúcho. O que é ruim é aquilo que construíram em torno dessa ideia do tradicionalismo, do CTG, dos fazendeiros, donos de terra...sou bem contra.

CHEGANDO À TUA MILITÂNCIA NA FAG... DESDE QUANDO TU COMEÇASTE ATÉ HOJE, COMO ESTÁ A RELAÇÃO COM OS URUGUAIOS, ESPECIFICAMENTE A FAU, E COMO ESTÁ A RELAÇÃO COM OS ARGENTINOS?

Da nossa parte muito boa. A formação da FAG tem um peso muito grande da FAU, é uma organização co-fundadora da nossa - a FAU já tem mais de 60 anos, a FAG mais de 20. É uma organização extremamente importante pra nós, então os vínculos que a gente mantém são de muita fraternidade, de muita responsabilidade de uma organização com a outra. A gente se

visita regularmente, a gente compartilha nossos materiais de estudo, nossos materiais de opinião política, a gente faz reuniões em conjunto. Somos praticamente a mesma organização só que em territórios diferentes. Claro, eles com uma bagagem diferenciada da nossa. A FAU tem um diferencial com relação a nós porque ela cultivava os velhinhos ainda, então tem vários militantes com oitenta e poucos anos e uma militância mais nova. Os nossos militantes mais velhos têm uns 37, 38 anos. Não se compara. Com a Argentina também é uma relação super fraterna e boa politicamente com várias organizações, principalmente com Rosário, onde foi fundada a Federação Anarquista de Rosário. É uma organização também irmã por conta da linha do especificismo. Tem outras organizações que são parceiras nossa na Argentina também, super solidárias, mas não necessariamente especificista. Nós temos um terreno de articulação muito fértil entre Uruguai, Argentina, principalmente pela questão territorial, a proximidade. As organizações aqui do sul têm mais contato com Uruguai e com Argentina do que as organizações mais pra cima. Nós fazemos parte da CAB, Coordenação Anarquista Brasileira.

QUE AÇÕES OU ATIVIDADES EM CONJUNTO COM A FAU QUE VOCÊS DESENVOLVERAM OU DESENVOLVEM TU DESTACARIAS?

No nível político, a formação é um dos elementos importantes porque uma das tarefas de qualquer organização política é sempre atualizar a formação e pensar desde onde ta atuando, porque nenhuma organização tem capacidade de ser efetiva numa conjuntura política se não estudar bem a conjuntura política que está vivendo...o sujeito social que ta trabalhando, qual é a constituição desse país, quais são as culturas com as quais estamos mexendo, o que levou essas culturas a serem formadas... São aspectos importantes de câmbio entre essas organizações. Então, a formação política e ideológica, no âmbito político, dos elementos mais do núcleo duro da organização do nosso marco teórico que demanda trabalho, demanda compromisso e militância. Esse intercâmbio da formação política e ideológica é uma das coisas fundamentais. No campo social, uma das ferramentas de articulação nossa e entre essas organizações é o ELAOPA⁵⁰ que a gente constrói a cada dois anos. O último foi em Montevideu, lá no bairro Cerro, reuniu delegações de diferentes países, e é um encontro bom pra marcar solidariedade com diferentes setores, marcar linha de atuação sindical, estudantil, comunitário...

EU VOU TE FALAR DE ALGUNS DOCUMENTOS E EXPERIÊNCIAS E QUERO SABER SE TU CONHECES...

E por que tu resolveu pesquisar isso?

BUENO, PRIMEIRAMENTE POR IDENTIFICAÇÃO POLÍTICA. E DEPOIS, PORQUE EU ACHO QUE A FRONTEIRA NUNCA SAIU DE MIM. PELA GRADUAÇÃO E ATÉ UM POUCO DEPOIS ISSO TUDO SEMPRE PARECEU MEIO SEPARADO, NUNCA CONSEGUI COLOCAR A QUESTÃO POLÍTICA NA PESQUISA COMO EU GOSTARIA. COM O AMADURECIMENTO E COM O DOUTORADO EU QUIS FAZER ALGO QUE EU REALMENTE TIVESSE PAIXÃO, JUNTAR MAIS OU MENOS A IDENTIFICAÇÃO POLÍTICA COM A REGIÃO DE ONDE EU VIM, DE CERTA FORMA A HISTÓRIA POLÍTICA DO LUGAR DE ONDE EU VENHO. ATÉ PORQUE FICAR QUATRO ANOS PESQUISANDO A MESMA COISA NÃO É SIMPLES. E NISSO TUDO

⁵⁰ Encontro Latino-Americano de Organizações Populares Autônomas.

EU ME DEPAREI COM ALGUMAS COISAS INTERESSANTES. TU CONHECES AS MILONGAS E AS *PAYADAS* ANARQUISTAS DA ARGENTINA?

Conheço alguma coisa, já ouvi falar. Mais as uruguaias do que as argentinas, as do Carlos Molina, que era um dos nossos, digamos assim, *anarco-payador*. E também essa coisas do mito do *payador* anarquista do pampa sem fronteiras, esse tipo de coisa. Porque a *payada* seria, se a gente trouxesse pra periferia hoje, seria um rap, um protesto que envolve poesia também, envolve vários sentimentos daquilo que tu vive transformando em melodia. Acho muito legal a *payada*. Mas não sou grande conhecedora dos *payadores* argentinos.

SABES O PERIÓDICO LA PROTESTA? JÁ OUVISTE FALAR NUM SUPLEMENTO CHAMADO MARTÍN FIERRO? NÃO A OBRA POÉTICA, UMA REVISTA...

Já ouvi falar, não tenho certeza, talvez tenha na nossa biblioteca.

DUROU POUCOS ANOS. UM CARA QUE ESTEVE NA COORDENAÇÃO DA LA PROTESTA ELABOROU UM SUPLEMENTO CULTURAL PRA DIALOGAR COM A PEONADA QUE VINHA DO CAMPO E ERA RECÉM CHEGADA NA CIDADE.

Olha só que interessante...porque o Martín Fierro é uma figura super importante pra isso que nós tava falando da cultura gaúcha.

FALAMOS DE ANARQUISTAS TENTANDO PEGAR ALGUNS ELEMENTOS DESSE UNIVERSO *GAUCHO* PRA DIALOGAR COM OS TRABALHADORES... E A PARTIR DA TUA VIDA, DA TUA VIVÊNCIA, O QUE TU ACHAS INTERESSANTE DE UNIVERSO PRA LUTA SOCIAL, PRA LUTA POLÍTICA?

Pois é, acho que não só o gaúcho mas tantos outros povos também tem essa marca da peleia cotidiana, talvez um pouco do que constitui esse sujeito brasileiro que não desiste nunca, ou do gaúcho de "não podemos se entregar pros homem, e não tá morto quem peleia"⁵¹, é mais ou menos por aí a coisa. Tem uma cultura política que facilita as coisas com o Uruguai e com a Argentina. Tem uma proximidade muito grande, aquelas coisas que depois a gente foi transformando ou adaptando...a gente se entende muito mais, e isso é interessante da fronteira porque a língua foi um elemento que teve suas transformações gigantes. Nós temos hoje, por exemplo, pessoas que reivindicam o portunhol como uma língua nativa da fronteira, tem palavras e códigos específicos que são daquela região. Tem coisas que nos aproximam muito. O mate, por exemplo. Essa cultura compartilhada entre os três. Cada um adapta ao seu modo e aqui no Rio Grande do Sul tomam mate com umas ervas que não têm fundamento...ou botam sal demais no churrasco e os uruguaios e argentinos ficam "p" da vida porque não é assim que a coisa tem que ser feita. Tem coisas que viraram rixas, aquela de argentinos são não sei o que...Acho que a gente tem mais coisas compartilhadas do que diferenças. As diferenças sempre foram impostas pelas elites. Esse povo todo aqui se cruzou muito. Com o Uruguai, talvez pela minha vivência, a gente seja mais próximo. E aí pros elementos que transfiguram pra política...interessante pensar isso, mas são coisas que nos facilitam...o clima tempera um pouco o nosso humor, tem coisas muito marcadas entre esses povos que passam muito frio eu acho... Mas então tu tá estudando a fronteira?

NA VERDADE O MEU PROBLEMA É A RELAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO LIBERTÁRIO E A IDENTIDADE *GAUCHA*... A FAG JÁ REDIGIU ALGUM TEXTO MAIS EXPLICITAMENTE CRITICANDO O TRADICIONALISMO?

⁵¹ Trechos da música *Não podemos se entregar pros home*, de Leopoldo Rassier (1982).

Não, especificamente o tradicionalismo não, mas se tu fores pegar por exemplo a própria declaração de princípios da organização ela vai trazer elementos do que é o sujeito gaúcho, vai separar o joio do trigo, digamos assim. Porque a história do gaúcho infelizmente ainda é contada pelos de cima, pela vitória dos de cima, pelos fazendeiros, pelos CTGs. Contar a história a partir do de baixo, desse sujeito mal quisto, pé sujo mesmo, grosso, a gente não vê com muita facilidade. Mas ele é fundamental, eu acho super importante. Conheces o Chito de Mello?

NÃO PESSOALMENTE. AINDA QUERO MARCAR UMA CONVERSA COM ELE EM RIVERA...

Pois é... E essa questão cultural é mesmo fundamental, né? E aquilo que eu tava te falando...uma das principais ferramentas de intercâmbio nossa com as demais organizações políticas hoje...ela tem um elemento que é a inter-relação, interdependência das esferas de relações. E é basicamente isso, porque fica tão alheio talvez o debate sobre a questão cultural e ideológica. Pra nós, a cultura é um dos elementos de fundamental importância pra determinar onde se quer agir. Se tu não conheces esse sujeito, como ele se formou, quais são os signos que são compartilhados, é muito difícil conseguir adentrar. Então o elemento ideológico-cultural pra nós é muito mais material do que qualquer outro, muito mais do que, sei lá, as relações de produção. Daí na corrente marxista, obviamente, o determinismo econômico é um grande fator. Já nós achamos que não, tem outras coisas que são muito importantes também. Nós estávamos falando do povo gaúcho. O que constitui esse povo gaúcho? O que leva esse traçado de elementos culturais que vai desde aquilo que se compartilhou e se compartilha ainda da cultura indígena e negra que é muito forte no nosso território pra dizer "ah, aqui nós temos uma cultura gaúcha"? Tem muita coisa importante pra tratar quando a gente tá falando de cultura, ideologia, esses elementos do imaginário social. Eu acho que de certa forma a gente se esforça bastante pra que isso não seja algo à parte, ao contrário, seja constitutivo daquilo que a gente quer estudar. E essas esferas se cruzam, tanto a esfera econômica, jurídica, política, ideológica, social...elas estão em constante interdependência. Em alguns momentos uma vai ser mais determinante que a outra. Não temos como negar que hoje a gente vive em um sistema capitalista, onde o dinheiro é determinante pra muitas coisas, mas tem outras relações que leva isso a ser determinante. A grande ferramenta de dominação do meio de comunicação, por exemplo...por que ela é tão poderosa? O poder simbólico assim... Mas que bom, a gente quer tratar dessa cultura como algo importante pra constituir a organização política, os elementos de debate.

SIM, SIM. E AINDA MAIS PRA ALGUÉM QUE VEM DO CAMPO, DA FRONTEIRA, E MILITA NA METRÓPOLE...

Bah, quando eu cheguei por aqui o pessoal já me colocava a pecha "ah tu é da fronteira"... Também pelo sotaque bem forte. Hoje eu já perdi um pouco. E eu ficava com essa sensação de que um pouco é preconceito e um pouco é ignorância ou sei lá... e... bem, de fato é bem interessante pensar nisso do gaúcho. É uma identidade de resistência e insubordinação bem forte. Apesar de que a cultura do peão tem esse lado insubordinado mas também tem um lado que é a fidelidade ao patrão. Tive um exemplo muito cedo que foi quando o meu pai bateu naquele patrão dele, e que não era bem por aí a coisa... Foi muito louco isso. Eu me lembro, a gente estava no interior de Artigas e na época não sei porque cargas d'água ele virava as taipas da lavoura com a pá, não era trator, era um trabalho super pesado. Tinha um corredor de água

e tinha que fechar pra botar água na outra lavoura. Eu sei que ele tava fazendo esse trabalho e o cara chegou e xingou ele, foi aí que ele bateu no cara. E aí ele chegou em casa e disse que nós iríamos embora, "vamos agora, nós vamos botar tudo no fusca". O que coube dentro do fusca foi nós e o resto meu pai botou fogo e nós fomos embora. O fazendeiro era um cara que tinha terra em Alegrete, era uns grandes, e sei que fizeram uma campanha bem forte contra o meu pai. Mas também tem um outro lado que é a subordinação. O meu vô, por exemplo, que trabalha ainda pra essa mesma família. Sei que é uma pessoa super íntegra, tem ideias próximas de esquerda... Quando teve aquele acampamento em Alegrete que eu tava te contando, foi num terreninho bem pequeno que os fazendeiros foram pro entorno dar tiros, chamaram o meu vô pra fazer essas coisas também, eles estavam chamando todos os peões da volta. Aí o meu vô disse que não porque tinha uma neta lá. E aí não foi. Pra mim foi muito importante isso que ele fez. Mas também ele tava se arriscando com o trabalho dele.

NO CONTEXTO DELE FOI BEM ARRISCADO...

Exato, só que ao mesmo tempo eu sempre via essa coisa nele "ah o meu patrão e não sei o que...". O meu pai já era um pouco diferente, não tinha muito "ah o meu patrão...". É um pouco isso, as elites sempre souberam fazer isso...tem aquele ditado também "em Alegrete quem não é fazendeiro é boi". Essa cultura do latifúndio é muito forte, muito presente, é uma cidade muito pobre, com pouco emprego, é meio esvaziada, pouca gente...90 mil habitantes no máximo. A juventude sai de lá, não tem o que fazer. Ou vira milico porque ta tomada de quartel a cidade ou vai ser pobre no campo. Mas ainda assim eu gosto muito de voltar pra Alegrete, de ir pro campo, comer uma carne de ovelha.

BAH UMA PALETA...

E teve uma vez que eu me inventei de virar vegetariana. Fui vegetariana por 3 meses. Aí teve uma vez que fui visitar o vô e ele tinha carneado uma ovelha. Ficou decepcionado em saber que eu tinha parado de comer carne, "como assim?"...Mas eu voltei a comer carne naquele mesmo dia... Isso é uma coisa interessante, famílias pobres e tal...mas carne nunca faltou, não passam fome. Podia faltar outras coisas mas carne sempre tinha. E quem não tem como comprar, o abigeato né... E foi o vô que me apresentou o Noel Guarany, o Jayme Caetano Braun, o Cenair Maicá.

ESSE POVO MEIO À MARGEM DO TRADICIONALISMO... PEDRO ORTAÇA TAMBÉM...

Bah Pedro Ortaça! Ótimo, ótimo. Gosto da voz de todos eles mas o Pedro Ortaça pra mim tem uma voz excepcional. Tem aquela música, Quilombo das Luzias...ele até levou um processo por essa música. Ele fez uma música em homenagem a um quilombo nas Missões, música fantástica, questionando o racismo nas Missões, e os fazendeiros da região processaram ele, a música teve que sair do ar durante um tempo. Depois ele ganhou o processo e a música voltou... bah, é um hino pro movimento negro...e...sabe, uma das coisas que eu fiz quando vim acampar foi gravar dos vinis do meu vô várias fitas cassete que por sorte tenho até hoje...tem músicas da Califórnia da Canção, do Noel Guarany, do Cenair Maicá que eu adoro... E tem várias músicas que viraram pra FAG hino, dessas músicas assim nativistas que são meio que hino da organização. Nas nossas confraternizações sempre tocam. Bueno, deixa eu te mostrar a biblioteca então...

CHARLA 2 - MILITANTE DA FAG

30.06.2017

Local: Restinga, periferia de Porto Alegre.

A Restinga é um marco da remoção da população pobre e majoritariamente negra do centro da cidade para uma área inóspita e longínqua durante a ditadura civil-militar nos anos 1970. Hoje a Restinga é um território símbolo da luta e da resistência das populações negras e periféricas.

Idade: 39 anos

Ocupações: Professor, formado em Artes, serígrafo, tatuador.

DE ONDE TU ÉS?

Eu sou de Alegrete, fronteira-oeste do Rio Grande do Sul, vizinho da sua longínqua Uruguaiana. Bem que eu falo com os meus alunos. "Bah como é longe sor!" E eu falo pra gurizada: "longe é Uruguaiana". Uns 700km de Porto Alegre. Minha família toda é de Alegrete. Tem minha mãe e meu pai, que se separaram na década de setenta. Hoje minha mãe mora no litoral e meu pai mora aqui em Porto Alegre, mas com o pai não tenho contato. Mas a minha origem é Alegrete, tenho lá meu avô, tios, primos. Meu irmão também saiu de lá. Tenho dois irmãos e uma irmã. Ele mora em Vacaria e ela sei lá onde está, vida loca total

TU COSTUMAVAS ATRAVESSAR A FRONTEIRA COM A ARGENTINA OU COM O URUGUAI? TEVE ESSE CONTATO?

Tive. Quando menor a gente tinha aquela coisa dos *free-shops* em Rivera. Então quando a mãe se separou, aí ela arranhou um namorado com o qual ela vive até hoje, e quando eu tinha uns 7 anos, a gente fazia umas idas à Rivera, "vamos consumir" e tal. Era bacana ver aquela atmosfera distinta. E esse companheiro da mãe era criador de gado na época, e daí ele tinha gado em Livramento. Ele arrendava uma terra, comprou uns bichos. Eu ia pra lá, a gente ia até a fronteira. Tinha aquela cultura do *gaúcho* já misturada, falando com umas expressões gaudérias, espanholadas, aquela mescla. Então eu cheguei a fazer algumas idas. Ia por Quaraí, estrada de chão, chegava ali na Barra do Quaraí, ou por dentro de Rosário do Sul, São Gabriel, Livramento. Estrada do interior mesmo. Aí tinha umas fazendas antigas. Me lembro do meu tio falar "olha aquela cerca de pedra". Era os escravos que faziam. Tem até hoje. É um registro, um documento aquilo ali. Sou muito nostálgico, quando eu volto pro Alegrete visitar os parentes, aquela geografia é bem saudosista.

TU MORAVAS NA CIDADE MAS TINHA MUITO CONTATO COM A VIDA NO CAMPO? COMO ERA ISSO?

Sim sim. Na verdade eu morava no fim da cidade, bem limítrofe. Com a gurizada a gente brincava na faixa, na BR, caçando preás, caçando passarinhos, roubando laranjas de tapera alheia. Eu me criei num campinho de futebol ao lado da casa da minha avó. E também, por tios, ia muito pra campanha, pra ver o costume que era de peão mesmo. Tem um irmão que virou mais gaudério que eu, mas eu cheguei a ir, e sei até hoje como se encilha um cavalo, ajudei a carnear ovelha. Ia pro galpão ficar com os peões, enquanto a casa do patrão (do meu

tio) era muito mais organizada, aquela coisa toda com teto, com lajota, e a casa dos peões com chão batido. Eu gostava daquilo, era legal estar lá, gostava de estar no meio dos velhos, tomando chimarrão no final da tarde.

QUANDO TU VIESTES PARA PORTO ALEGRE E POR QUÊ?

Na verdade eu nunca tinha pensado em fazer faculdade. Com 13 anos já tinha começado a trabalhar com serigrafia, e fui desenvolvendo no meu primeiro emprego, e saí em 95, e já montei uma serigrafia, chamada Proudhon Serigrafia. Mutualismo né... pequena propriedade. Montei uma serigrafia em Alegrete e desenvolvi. Tinha um companheiro, que foi meu colega no primeiro grau em uma escola estadual lá em Alegrete. A gente já estava organizado na FAG. Ele que me incentivou a me inscrever quando surgiu a UERGS no governo Olívio, em 2002. Acabei fazendo um vestibular, passei, e aí saí de Alegrete e fui morar em Montenegro, porque o campus era em Montenegro. Cheguei em Montenegro sem ter emprego, sem nada, sem ter lugar onde morar. Na mesma semana consegui emprego e lugar pra morar. Consegui emprego como serígrafo. Eu tinha algumas amizades na FAG aqui já a uns seis, sete anos, e esse foi o meu núcleo social. Estudava e trabalhava em Montenegro, e nos finais de semana vinha pra Porto Alegre pra cumprir alguma tarefa e pra começar a me inserir em Porto Alegre, na militância.

COMO FOI O COMEÇO DA TUA MILITÂNCIA?

Olha, eu tive uma infância bem de vila. Não tinha uma cultura política na família. Não me recordo de debates. Talvez a primeira coisa de política era meu avô, ele não tinha posses, era trabalhador rural vítima do êxodo. Ele gostava muito do Nelson Chiarelli, do antigo PFL. Foi um bambambã da década de 80, mas não tinha cultura política na família. Acredito que se envolver com política tenha a ver mais com uma veia de rebeldia. Comecei com o punk, mas na escola era um cara muito reduzido. Nunca participei de grêmio. Fui participar de grêmio depois de organizado na FAG, já grande, já entendendo como é que funcionava a coisa. Foi pela coisa da contracultura. Lá por 89, gurizada na esquina, começando a escutar rock 'n' roll, ah vamos fazer uma gangue, vamos montar uma gangue. E o que a gente faz na gangue? Ah a gente sai por aí, anda na noite e tal. Se alguém vier vai ter briga. Começou aí. Então começo a trabalhar e na serigrafia em que eu tava trabalhando também tinha rock, só que era um pessoal que tinha um pouco mais de grana, tinham dinheiro pra comprar um disco, "olha isso aqui", ah Ramones, Sex Pistols e tal. E aí a gurizada da vila também começou a ter acesso. Tinha uma rádio na cidade que colocava os rocks dos anos 80, Camisa de Vênus, Midnight Oil, The Cure. Era uma mescla muito loca, Ramones e tal. E começa por aí, por um agrupamento, por necessidade de juventude, de participar, de se identificar. Quando mais novo eu lembro do filme Warriors, e eu pintei uma jaqueta pra mim, "Guerreiros", então eu gostava dessa coisa da arte e da transgressão. Eu rememorando acho que isso tem um pouco a ver na essência, essa coisa da rebeldia. O punk me levou ao ponto de me manifestar de uma forma com estética. O anarquismo vem um pouco depois, ali por 92, 93. Ah, o punk é anarquista. Como assim? O que é anarquia? o que é anarquismo? Eu me lembro do cara que começou comigo, era mais velho: "anarquismo é uma ideologia". Mas o que é ideologia? "Ah tem uma anarquista aí, dizem que foi o maior anarquista do mundo, Bakunin". Vamos lá, vamos ler. No máximo tinha aquela coleção Primeiros Passos, "O que é Anarquia?". Mas o que puxou foi esse elemento cultural, de identidade de grupo. Minha família era super conservadora, imagina no interior, ah preservar o nome da nossa família. Mas nós não temos nada, tem que

preservar o que? Família separada. Era uma ofensa família se separar, década de 80. Desquitada. Aquela cobrança de sentar na mesa, o avô sentava na ponta da mesa e todo mundo quieto, não se falava na hora do almoço, não podia comer sem camiseta, de boné. Tinha uma vigilância muito grande.

TU VENS DO INTERIOR, TEM O ENCONTRO COM A CULTURA URBANA, E AO MESMO TEMPO VOLTA PRA LÁ E TEM ESSA NOSTALGIA. TU TENS CRÍTICAS MAS AO MESMO TEMPO GOSTA DE VOLTAR. COMO É ISSO?

Quando volto pra Alegrete gosto de andar a pé e de bicicleta. Eu digo que cada pedra de cada calçada de Alegrete me conta uma história. Tinha um lugar na avenida Bento Manoel que até hoje tem uma lacuna de uma falta de pedra numa calçada, e eu lembro que eu desviava pra ir pro trabalho. E existe até hoje e essas memórias voltam. Eu fico me perguntando: como é que eu volto pra uma cidade extremamente conservadora, que eu enfrentei e me expus como punk na época e depois como anarquista. A gente botou bronca na cidade ao ponto de a gente ter que se proteger da forma que fosse. Quando a gente fez uma ocupação grande lá a gente estava ameaçado, a gente se protegeu do jeito que tinha que ser. E agora eu volto e ainda é uma nostalgia absurda, comovente. Adoro caminhar nas ruas, porque a cidade é super vazia agora, saiu muita gente de lá. Mas caminhar naquelas ruas é muito gostoso. Na escola fui super reprimido, mas eu tenho vontade de voltar lá no Demétrio Ribeiro e ver qual é que é, encontrar o professor e mostrar que ah virei professor também. É uma mescla de sentimentos, confronto, repulsa na época em que se vivia e ter afeto com o lugar quando tu volta. Uma sensação curiosa, tu fica com dois corações, mas também de se perguntar. Eu estava conversando com a minha esposa até, eu estou fazendo uma coisa que eu jamais faria, jamais faria. Estou fazendo um curso de dança de salão de fandango - olha só onde eu me meti. Mas desprezo a cultura tradicionalista, desprezo assim porque é uma estupidez, é manutenção de uma cultura conservadora, machista, homofóbica, opressora, exploradora. Todos os conceitos, os valores talvez que reúnem o capitalismo estão ali. Só que a coisa tu voltar no passado e como que tu distingue a vida do campeiro, que vive no campo mesmo, e a cultura do tradicionalismo? O gaúcho que trabalha lá, que eu conheci, que eu vi de perto, que eu ajudei, que eu conversei no trabalho, não é arrogante como o patrão, o fazendeiro. Mal fala. Aqui o gaúcho é aquele gritão, que se impõe. Eu me lembro que tinha um peão lá no tio Juvelino, ele mal falava, ele só concordava, atendia, era de uma educação absurda. E aí o tradicionalismo prega esse "ah eu sou do tempo...". Tem até uma música que fala "ah eu sou do tempo em que os homem ainda gostavam de mulher". É legal a bailanta, o ritmo pra dançar, a gente têm se divertido nesse negócio. Eu volto a essa atmosfera mesmo repudiando os valores que o tradicionalismo produz. É uma estupidez. Mas é legal várias coisas. Tanto é que os ritmos que é da mescla, o chamamé, a milonga, esses aí me tocam mais do que aqueles que são de influência...tem a polca, o xote, que são mais europeus. A milonga é uma palavra africana. E o chamamé é do norte da Argentina, Corrientes. Tem um que é influência árabe.

A VANEIRA QUE É DERIVADA DA HABANERA CUBANA...

Sim, o tango também. Mas são coisas, como dizer, pós-modernas, essa confluência de coisas, tudo é válido. Eu fiz uma pós agora em estudos culturais, e eu achei bem interessante a forma de olhar que o estudo dava das particularidades. Cada situação tem uma particularidade, cada situação é uma situação. O jovem aqui da Restinga Velha se comporta de uma determinada maneira do da Restinga Nova e ele dá essa lente pra olhar. Agora, eticamente e

ideologicamente me posiciono e me coloco numa ação, eu não estou aqui só olhando e tem aquela isenção de pesquisa. Não, eu coloco ali minha opinião. Eu fiz na pós uma que era potência pedagógica na rebeldia. O que a rebeldia pode, ou a insubordinação, o que ela pode provocar, rupturas, enfim. Tem um conceito que eu resgato ali que é potência de verdade, Nietzsche vai desenvolver isso, o que tem ali naquela potência, potência de continuar, potência de transgredir ou de manutenção do que já está, às vezes só por desprezo mesmo. É uma ação que acontece e que ela pode abrir uma oportunidade de jogo, e aí vamos tratar dela, vamos tratar, vamos conversar, ou eu vou te repelir, reprimir. Inclusive no código penal, desobediência está dentro do código penal brasileiro, ainda.

TU AINDA VAIS A LIVRAMENTO-RIVERA OU SÓ IA NA ÉPOCA EM QUE TU MORAVAS EM ALEGRETE?

Mais quando eu morava em Alegrete. Já faz muito tempo que eu não vou. Muito tempo.

E TU FALASTE DA SENSÇÃO DE ESTAR LÁ. TE PERGUNTO O QUE É A FRONTEIRA PRA TI, O QUE É ESTAR NA FRONTEIRA?

Tu falaste isso e de repente veio a coisa do encontro. Nós não temos essa barreira aqui. E eu acho muito massa. E lá, e ao natural, já sai tentando falar em espanhol. Na primeira vez que eu fui já foi assim, lá por 88, 89, antes ainda, acho que 86, 87. Eu acho muito curioso, eu fico sempre encantado com o jeito dos caras falarem, a comida, o jeito dos prédios. Como que pode um espaço, não é uma fronteira, é um espaço em que aqui eu me comporto desse jeito e a partir daqui eu me comporto de outro. Como é que se estabeleceu esse limite? Como é que isso acontece? Que decreto é esse que consegue repartir? Só que ali tu consegue ver uma mistura, não é tão "aquí acaba, ali começa". Acho que por uma concepção de ver essas proximidades, essa necessidade de encontrar. Lá em Alegrete tinha muita gente que tinha um campeonato de futebol, o EFIPAN, que vinha a gurizada do Chile, da Argentina, do Paraguai, do Brasil, do norte, Minas Gerais, região sudeste, enfim. Alegrete tinha muitos eventos que misturavam. Dança em Alegrete onde vinha gente dançar de fora. Essa coisa do estrangeiro sempre me chamou atenção com muito encantamento, é meio romântico até essa coisa do estrangeiro perto de ti, acho bacana.

FALANDO EM ESTRANGEIRO, NESSE TEMPO NA FAG TU TEVES MUITA RELAÇÃO COM O PESSOAL DA FAU? JÁ FOSTE PRA MONTEVIDÉU? COMO FOI TUA RELAÇÃO COM O PESSOAL, O QUE VOCÊS FIZERAM?

Ah rolou esse encantamento mesmo. A gente estava com um grupo anarquista em Alegrete, o GAL - Grupo Ativista Libertário - e aí a gente chegou a trocar uma carta com a FAU, e depois começou os contatos com a juventude libertária aqui de Porto Alegre, e aí rolou uma ideia de formar uma federação de grupos. Viemos a Porto Alegre e aí teria um representante da FAU. E aí o representante da FAU não era uruguaio, foi uma frustração, como assim? quem é esse cara aí com esse sotaque? Mas aí veio a concepção, começamos a ajustar e aí rolou a primeira oportunidade de ir na FAU, isso em 97. Na hora me coloquei, "quero ir como delegado". E aí a gente pegou um de cada núcleo, e fui de Alegrete direto a Montevideú. Mas tem uma coisa curiosa, não avisaram Porto Alegre que eu estava indo. Cheguei no terminal Tres Cruces lá em Montevideú e ninguém me recepcionou. Vou me sentar e esperar, alguém vai aparecer. E ninguém sabia que eu tava lá. Minha primeira experiência internacional: tentar ligar, comprar cartão caríssimo, gastei todo o meu dinheiro pra ligar pro Brasil, pra avisar Porto Alegre que eu estava na rodoviária de Montevideú esperando alguém. Foi uma loucura. Aí quando eu vi

aparece um companheiro de Porto Alegre: -"o que tu ta fazendo aqui?" - "vim" - "mas ninguém avisou" - "não acredito". Aí encontrei o pessoal. Adentramos Montevideú conhecendo aquela geografia muito parecida com Porto Alegre, aquela coisa cinza, os prédios antigos, aquela rua úmida, e foi muito massa a sensação. E ainda sensação nostálgica de achar que estava tendo um momento revolucionário, porque a FAU, toda a história da FAU, 45 anos tinha na época, e todas as proezas que se fez. Aí eu vou direto pro Cerro, a gente não chegou a ir na sede. Aí a gente chega no Cerro e aí me aparece um caminhão vermelho e preto, daqueles caminhão antigo, parecia aqueles carros que tinha na Espanha em 36, aí eu vejo um caminhão daqueles e "peraí, onde que é que eu to? Eu to num processo revolucionário. To encantado". E os caras falando em espanhol, e aquela coisa toda, mas "nossa mãe, eu to no paraíso". E aí já conhecemos os velhos, os antigos, Juan Carlos, Juan Pilo. E hoje a gente já ta num estado de relação de amizade muito mais só do que de militância. Hoje o Juan (Carlos Mechoso) já ta mais devagar, questão da mobilidade. Mas a gente vai lá e não existe de a gente não ir na casa e visitar, e tomar um mate. Fico pensando na condição dele, que na época já era um senhor de idade, apostando numa gurizada de 16, 17 anos, no máximo 25, 26. E toda aquela tranquilidade de reconstruir lá e entender o que vão fazer. E hoje tu tem que atribuir isso pra ti. Eu continuo um guri, 39 anos é um jovem. Tenho o dever de ter paciência com quem ta chegando, um dever pedagógico, e de insignificância também de "o que eu sou?". Tenho muito o que ouvir, muito o que ajudar, o que colaborar. Frente à história que eles têm de aplicar toda essa energia. E muito afetuoso. Os uruguaios são de um afeto tremendo, eles te tratam com muito carinho.

DO TEU PRIMEIRO CONTATO AINDA EM ALEGRETE ATÉ HOJE, O QUE TU ACHAS QUE MAIS CONTRIBUIU PRA TI DESSA RELAÇÃO COM OS A FAU? O QUE TU DESTACAS DESSA RELAÇÃO? E COMO TU AVALIAS HOJE A RELAÇÃO DO PESSOAL DAQUI COM O PESSOAL DE MONTEVIDÉU?

Eu acho que a FAG tem dois momentos. O momento que foi construído para além da política, em que se colocou um elemento político orgânico. Mas aqui pra fundar a FAG a gente trabalhou muito no nível cultural, de identidade sem fronteira, de reconstituir aqui que se chamada de pampa grande. Metade do Rio Grande do Sul ou Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina, sul do Paraguai. Então a gente desenterrou uma cultura nativista missioneira, "olha, esse aqui é o nosso fundamento cultural", porque eles falavam duma pampa sem fronteiras, e a gente militou muito, a gente cultivava isso, cultivava demais isso. A gente tem uma cultura que a gente não ta fazendo tanto hoje: depois de um encontro, duma charla, duma luta, a gente tomava vinho e fazia tortilha. Não tinha a coisa do churrasco. Era um consumo do pobre, do lutador pobre. E escutando música castelhana, missioneira, nativista - Pedro Ortaça, Jayme Caetano Braun, Noel Guarany, de arrepiar assim, dá um negócio, era muito forte. E essa foi uma liga que foi pra além, e aí é o sentido de tu te sentir um continuador. Coloca o elemento político-histórico do que se fez, da importância e da ousadia que eles tiveram no país deles, como fizeram. A questão do estudo, do pau-pra-toda-obra. Um pouco nos atrapalhou isso, porque a gente exigia de uma forma da gente, que tinha que ser pau-ferro, é assim, é assim, senão não. Não tinha essa coisa contrarrevolucionária marxistóide, a gente não era apegado a uma determinada terminologia que condenava o outro, mas dum comportamento que imprimia uma cultura meio familiar, tamo junto e fechado. Quem não ta nessa vamo pro pau. Tinha um certo sectarismo. Muita agressividade ao se colocar em relação

a outras forças políticas. Em compensação deu essa identidade muito forte inter-fronteiras, gaudéria e latina.

TU ÉS DE ALEGRETE, CONHECES BASTANTE DA LIDA CAMPEIRA. TU ÉS ANARQUISTA. JÁ FIZESTE UMA CRÍTICA FORTE AO TRADICIONALISMO. CONHECESTE A PEONADA...DESSE UNIVERSO CULTURAL GAUCHO, SEM FRONTEIRAS, QUE ELEMENTOS TU ACHAS IMPORTANTE PARA CULTIVAR, PARA RESGATAR E PARA UTILIZAR NA LUTA SOCIAL, NA FORMAÇÃO POLÍTICA? QUE ELEMENTOS TU ACHAS QUE PODEM DIALOGAR COM O ANARQUISMO?

Olha, estou a quatro semanas que eu to nesse curso de fandango. A gente começou agora na milonga. Depois vamos pra milonga tanguada. Era onde eu queria chegar. Estava disposto a passar a vaneira pra chegar ali. Acho que tem um encontro cultural aí e elementos de comportamento que nos servem como anarquistas como *sujeto ingobernable*, que não vai aceitar imposição. O gaúcho é fruto do estupro, e o guasca que vivia trabalhando sem patrão e vivia do contrabando, e às vezes do roubo e do assassinato...eu volto a conversar com o meu avô, tentei gravar isso da última vez mas não rolou. Eu tinha uma gravação dele me contando a vinda do pai dele. Meu vô veio fugido do Uruguai, matou um cara lá, se insubordinou, e era milico e tal, cruzou a nado...ah é uma história fantástica. Ficou não sei quantos dias num cerro, fazia comida pra ele... olha, um negócio assim muito massa de ouvir. E eu olhando ele falando com aquele sotaque da fronteira é muito tri assim, tem que gravar isso. Mas essa demanda que tu ta colocando tem me aparecido e bah tu me deu uma luz assim, "cara, tem que falar isso aí", porque a RBS⁵² trabalha todo final de semana. Todo final de semana eles não desistem: "a nossa cultura do nosso pago, do gaúcho etc.", e a gente vacila nisso. O programa do Galpão Crioulo. Outros espaços a gente perdeu. Tem o Demétrio Xavier na TVE, que ta resistindo, ta ali né...é uma aula, uma coisa sem preconceito e com muita informação. Eu não tenho esse domínio da informação histórica mas eu trago essa coisa de colocar essa sensação de que parece que isto é uma luta importante. Até por ser das Artes, o universo da luta simbólica é fundamental. Tu criar a tua aldeia e essa aldeia gritar pra fora dos muros. Então eu acho que isso dá pra aproximar com a coisa do sujeito que não ta preso a uma demanda política, sabe. Que nem um casamento, tem a assinatura. Eu não dependo de uma assinatura pra me associar a uma pessoa. Eu não dependo dum limite político pra me solidarizar ou não com um sujeito humano que ta ali do outro lado da fronteira que até falar parecido comigo fala. Tenho uma amigo que é muçulmano e anarquista. Eu acho massa o Islã, aquela letra, e o conceito de Alá que é energia, que não é personificação. Aí os caras lá desenham e provocam porque são brancos. Provocam ações extremistas...acho que o debate é muito amplo. Acho que a cultura gauchesca ou *gaucha* pode se aproximar de algo que não tem tutela, que não tem certificado. Isso é próximo do anarquismo. O que não é uma criação estatal, um decreto, uma medida provisória, um documento autorizado por uma pessoa. Acho que isso é interessante, a quebra da burocracia entre as pessoas. São similaridades que acho que dá pra aproximar esses dois universos, da política anarquista e da cultura nativista, *criolla*, mestiça.

⁵² Filial da Rede Globo nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a RBS é o quinto maior grupo de mídia do Brasil, e o maior fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

INDO UM POUCO PRA ARGENTINA. TU CONHECES OU JÁ OUVISTES AS *PAYADAS* E MILONGAS ANARQUISTAS ALI DO FINAL DO SÉCULO XIX, INÍCIO DO SÉCULO XX?

Já ouvi falar, sei que tem mas...talvez alguma *payada* em algum filme como Patagônia Rebelde...Uma vez veio um cara pra Porto Alegre e fez uma cantata que falava da Patagônia a partir do livro do Osvaldo Bayer. Carlos Molina, era da FAU, fazia *payada* libertária, mas não sou um conhecedor.

JÁ OUVISTE FALAR NUM SUPLEMENTO QUE A LA PROTESTA DE BUENOS AIRES TINHA LÁ PELO INÍCIO DO SÉCULO XX CHAMADO REVISTA MARTÍN FIERRO?

Não, não tinha ouvido falar. Vinha dentro?

SIM, POR UM TEMPO, DEPOIS GANHOU UM POUCO DE VIDA PRÓPRIA MAS NÃO DUROU MUITO. ERA UM SUPLEMENTO CULTURAL QUE DIALOGAVA COM OS LEITORES, COM OS TRABALHADORES, USANDO VÁRIOS ELEMENTOS DA CULTURA DO INTERIOR, DA CULTURA *GAUCHA*.

Tem um companheiro que foi fundador da FAG...eu vi ele postando na internet...ele fala dum gaúcho pilchado se identificando como anarquista, acho que talvez da década de 20 ou década de 40. Caracterizado, gaudérioção, chapéu tapeado, bombacha, e se identificando como um anarquista, um anarquista gaúcho. Estava tendo um debate, alguém da FAG escreveu algo na internet, "belos anarquistas, como é que pode um anarquista estar reivindicando uma cultura conservadora que é o gaúcho...". Esse debate do que vendem da imagem do gaúcho, ao invés de resgatar algo mais *criollo* mesmo, mais mestiço. E tem também "ah como é que pode uma federação anarquista ser federação"... enfim... É um modelo pra se contrapor à centralidade, simples assim. Faziam um ataque ao federalismo da forma mais chula possível, de ignorância mesmo, e também do gaúcho mesmo, "ah como podem ser gaúcho?"...recorrer a uma cultura que machista...e todos os predicados do tradicionalismo.

FALAMOS DA RELAÇÃO COM O URUGUAI. E COMO ESTÁ A RELAÇÃO COM OS ARGENTINOS?

Sempre teve relação. A relação com os uruguaios é mais regular, mais intensa. Com o Uruguai atravessou aquela coisa orgânica e virou um grau de afetividade extremamente grande, então isso ajuda também a fortalecer. Sempre se teve contato com os argentinos, mas os argentinos têm uma característica de, não sei se é cultural ou da personalidade, eles racham, acabaram com organizações muito sistematicamente durante esses anos. Agora a gente de novo relação com uma organização que é a FAR, de Rosário, com estabilidade. Uma relação que se assentou. Inclusive tem antigos militantes anarquistas de outras organizações que estão ali, e se teve muita relação com companheiros argentinos, mas sempre teve isso - eles se dissolviam com muita facilidade. Então quebrava a continuidade de contato. CAIM de Rosário, OSL de Buenos Aires, Coyotes Rabiosos eram bem antigos... Depois, a partir do movimento dos piqueteros, mergulhavam numa dinâmica absurda de militância que a gente acabou experimentando aqui com os MTDs. Tu acaba envolvido naquilo de tal maneira que pra brigar é dois toques. É muita dinâmica sem ponto, sem tempo pra discutir a organização, pra pensar, pra planejar coisas... "tu não veio me trazer um martelo, tu tá contra". Era uma militância muito entregue, e tu não estar entregue da forma como se estava era motivo pra rachar, e os argentinos têm muito disso. A gente tinha uma coisa que era a CALA -

Coordenação Anarquista Latino-Americana, que coordenava principalmente Brasil, Uruguai, Argentina, e o Chile também tinha uma característica próxima de acabar organizações novas, e fundar novas... nem sei como está no Chile agora. Lá é uma coisa curiosa também, tem que estudar melhor... é da história deles flertar com a democracia burguesa. Mas agora a FAR está numa dinâmica muito regular de trabalho, muito forte, com muita imersão também.

E QUE TIPO DE AÇÃO CONJUNTA SE DESENVOLVE OU SE DESENVOLVERAM COM A FAR?

Se desenvolveu principalmente nos níveis sociais dentro do ELAOPA. A gente conseguia coordenar algumas datas de ação em conjunto, conseguia tirar vários momentos de intervenção coordenada em algumas *fechas*, e pra além disso em algum momento a gente sentava com as organizações específicas e discutia, fazia um balanço, uma análise conjuntural, como estava a vida orgânica, trocava umas figurinhas, sempre no sentido de troca. Com a FAU já é uma troca de construção teórica.

E COM A FAU, O QUE TU DESTACARIAS DE AÇÃO OU ATIVIDADES CONJUNTAS?

Acho que a primeira coisa foi uma questão, que a gente bate até, se é anarquista, tem uma questão de identidade. Isto eu acho que é um patrimônio que transcende o momento. O que vai afirmar talvez o marxismo, tomamos consciência a partir da realidade que a gente vive, quando se dá conta dos explorados e dos oprimidos, e a partir daí a gente se vira... Pra mim não é o econômico que vai definir isso, pra mim é uma questão de identidade, de ser um continuador da história que outros começaram, de tocar uma luta, de tu sentir ao ponto de que o que toca eles me toca, o que aconteceu com eles ou o que possa vir a acontecer me diz respeito. Transcende a questão econômica, é uma questão identitária mesmo, de tu se sentir continuador e partícipe daquela ação, daquele movimento. Isso eu acho que é um patrimônio que a gente conseguiu ter com os companheiros da FAU. O outro é importar um modelo de organização, que eu acho que foi a fortaleza da FAG durante esses anos, que é estarmos federados, nucleados. Organização de assembleia privilegia carisma - quem fala mais alto, quem fala bonito, quem consegue elaborar... e a FAU nos ensinou que tem que sermos nucleados, grupos pequenos, onde todos possam participar, onde eu não me constranjo em defender algo, garantir a voz do companheiro. Fazer isso acho que foi o que garantiu a existência da FAG, passar esses anos, superar os problemas que qualquer organização vai ter, de combater a coisa da vaidade, de combater o status "ah aquele ali escreve e esse aqui imprime cartaz, e aquele ali milita no bairro e aquele puxa carrinho de catador". É combater, fazer um franco enfrentamento a essas cristalizações. E isso até hoje existe na FAU, eles combatem isso. Eu fiz uma bronca há poucos meses em relação à cultura, que um quadro que a gente possa estar elaborando tem a mesma importância que a luta por direitos humanos, ou em relação a desaparecidos, é tão importante quanto a luta pelo dissídio de tal categoria. Não é nem um pouco menos importante. Fiz uma bronca forte que alguns não estavam compreendendo. Não tocou, não por desprezo, mas porque não tocou. E a FAU sempre teve esse elemento dos desaparecidos porque tem desaparecidos. Quando te tocam, aí sim, te colocar na condição do outro. E aí a gente discute até o conceito de justiça. Se eu cometo um delito, se tu não me conhece tu vai querer que eu seja condenado, e se eu estuprar talvez que eu seja morto, talvez tu sendo pai me mataria. Agora, e quando acontece com quem é próximo, como é que tu lida? Acho que é isso, de tu sentir que a luta do outro continua em ti,

é um exercício. Por isso acho que essas demandas não são nem um pouco mais importantes do que a militância de um e de outro, elas têm equivalência. Em algum momento elas podem convocar, mas se esquecer de um lado ou de outro tu vai fazer corporativismo. Isso eu vejo neles como uma colaboração e me toca profundamente. É um segundo item... continuidade, modelo de organização e continuidade de luta, até mesmo pelas lutas que são imateriais. Acho que o outro item, terceiro, seria a epistemologia do nosso anarquismo, esse conhecimento que a gente vem desenvolvendo. Colaboração teórica, leitura de realidade. E isso dá em pessoas que nem são anarquistas a contribuição que elas podem ter pra elaborar a teoria política. E isso pra mim a cultura do Uruguai me ensinou muito: a busca do estudo permanente, garantir o estudo que é tarefa do educador. Tem que ler o resto da vida, tem que se preparar. Eu chegar numa aula sem preparar, uma ou duas vezes até funciona, mas não toda hora. Olha só o que era o Camilo Berneri, a elegância dessa pessoa, a forma de elaborar, e homem de ação, antes de qualquer coisa, de ação. E a forma como ele coloca as coisas, é de uma elegância os textos dele. E desconhecido ainda da militância anarquista.

PRA FECHARMOS A NOSSA CONVERSA, COMO TU TE VÊS ENQUANTO ANARQUISTA GAÚCHO, OU *GAUCHO*?

No Uruguai e na Argentina o gaúcho é aquele que vive no trabalho, no campo e tal. Não sei se eu sou um *gaucho*. Eu sou...não sei...tu me falou e eu engoli quadrado, pensando se eu sou um anarquista gaúcho, mas a analogia que eu vou fazer é assim, com o funk. Eu moro num bairro de periferia, extremo sul de Porto Alegre. Aqui dentro eu faço combate ao funk pros meus alunos. A condição que coloca a mulher, a condição da ostentação, qualquer coisa "morre no pente". Eu to chocado com o que ta acontecendo aqui nessas escolas, os tiroteios que dão, aluno meu ficando à mercê do tiroteio e ex-aluno meu tiroteando. É um negócio que estou elaborando na minha cabeça ainda. Acho que o funk às vezes ajuda nessas coisas. Agora, pra fora da Restinga eu defendo o funk. Acho um máximo aquele canto desafinado metendo a mão no domínio cultural dos brancos, "ah eu também posso cantar com essa minha vozinha assim, estridente". Essa provocação eu acho muito boa. E a coisa da dança, tem batida ali que é muito divertida. É que nem o rap. O rap aqui...faço combate às vezes pra aqueles que pagam de malandro e... cara, eu não compro tênis Nike. O rap é o direito de tu também ter. Claro, eu não sou negro, eu não senti essa coisa de tu ser discriminado pela tua cor, pela tua existência. Mas com os meus alunos eu falo "bah cara o rap é massa, passa mensagem, uma história bacana. Agora, eu não gosto da ostentação do produto". Eu tinha a formação punk, que era combate à estética consumista. Só que a ideologia do consumo é muito forte. Machista também, de tratar a mulher como qualquer coisa. Mas é a coisa mais linda botar um rap pegado no meio da classe média. São dois espaços. Aí eu penso "anarquista gaúcho": pra cá não me afirmo, mas pra fora sim, a identidade gaúcha é ilegal. A que eu resgato, a que eu levo lá na bandeira da organização que eu to vinculado, ela resgata um outro sujeito que não é o que tá no Galpão Crioulo, é outro. É um muito mais rasteiro. Fico naquele conflito nostálgico e de origem. Na origem tu combate e no externo ou em lembrar tu resgata aquilo que te conforta. Talvez pela coisa urbana, eu gosto da cidade, de ter me misturado com a coisa do grafite, da pichação, eu gosto dessa selva, é interessante desbravar ela. Gosto da coisa da cidade mas também sei que a cidade é uma trava pra desenvolver o ser humano. Cada vez mais vamos pensar bem, cidade grande não consegue me dar uma qualidade de vida. Mas se eu for pra Piratini ou se eu voltar pra Alegrete...se eu morar em pequenas cidades... tenho

certeza que dá pra organizar uma vida comunitária com muito maior qualidade, com muito mais vida comunitária. Então acho que são esses confrontos, são os dilemas que eu estou vivendo. Tem uma frase da FAG com a FAU que era "certezas ideológicas e dúvidas filosóficas". Isso aí é o caminho: defender teus princípios..."anarquista é aquele que não quer explorar nem ser explorado"... "nem opressor nem oprimido"... E te questionar, que é uma ação pedagógica, te perguntar, eternamente te questionar. Muito mais provocações do que afirmações.

ENTÃO É ISSO, CHE. GRACIAS!

CHARLA 3 - MILITANTE DA FAU

08.11.2017

Local: *Rambla* de Montevideo, em uma sombra às margens do Rio da Prata.

Idade: 38 anos

Ocupações: Engenheiro Agrônomo e Educador.

DONDE ERES TU?

Yo nascí en Paysandú y viví ahí hasta los 17, 18 años y me fui a vivir a Salto hace la facultad de agronomía. Frente a la frontera argentina, a unos 100 o 150 kilómetros de Brasil, o más, 200kms. Allá viví 2 años y después vine a vivir en Montevideo. Y hoy yo trabajo como educador y como ingeniero agrónomo, algo que tiene que ver con agroecología urbana

COMO FUE SUS PRIMEROS CONTACTOS CON LA POLÍTICA Y EL INICIO DE SU MILITANCIA?

En mi casa se hablaba de política, yo creo que en Uruguay en general se habla de política en muchos lugares. Veo lo que la gurisada pone en Facebook y comenta con 16, 17 años que también comienzan a vincularse con la militancia, y también con los gurizes del barrio también se habla de política. Es muy difícil sacar la política de los asuntos cotidianos. Yo lo veo principalmente en el barrio donde vivo y trabajo. Pero mi comienzo fue en Paysandú vinculado a cuestiones más culturales y de derechos humanos. Las primeras movilizaciones que fui fueran vinculadas al rechazo, a la condena a la dictadura el año 94, 95, los primeros años que comencé a ir, por los derechos humanos, reclamando la aparición de los compañeros desaparecidos. Y también un poco vinculado a la movida rockera y de heavy metal. En los recitales de las bandas de heavy metal que toqué empezamos con charlas sobre derechos humanos, asuntos de represión, en aquél momento había razia como hoy ha también, y los milicos tacaban a palo como taca a palo hoy. Entonces había mucha rebeldía, efervescencia en ese grupito de amigos, y después armamos otros grupitos más políticos pero de expresión minúscula. Y en mi casa sí se hablaba de política como en cualquier casa de Uruguay y ahí comencé a hacer la lectura de los fanzines, de la movida de punk rock y de metal. En un puesto de fanzines, creo que en 94 o 95, me compré un libro de Chomsky por el título, creo que almo como "El anarquismo en nuestro tiempo", algo así, que tiene un reloj en la capa. Después leí a Galeano y como siempre toqué la guitarra desde niño comencé a cercarme a artistas espectaculares como Daniel Viglietti, Carlos Molina, también desde niño escuchaba música impresionante de la cultura uruguaya y del Rio de La Plata como Atahualpa Yupanqui, El Zabalero, Los Olimareños, bueno, todos esos que tocaban la guitarra. Esa cuestión de que hace de que uno va formándose, aprendiendo, asombrándose y generando nuevas dudas desde una dimensión más global de la que está el ser humano, las cosas que hace, las cosas que su nuevo hacer va generando en su pensamiento, que va rompiendo, un nuevo desafío que se va poniendo...creo que todo eso en mi caso tuvo que ver con eso, también en el asunto de trabajar de joven y haciendo plantas para vender en un vivero y trabajar en la frutería y, bueno, pienso que así fueran mis primeras armas para luego comenzar

una nueva vida que para mí fue riquísima que fue la militancia en la asociación de estudiantes de agronomía en la federación de estudiantes de Uruguay. Milité un buen tiempo también y desde ahí el resultado fue que llegué a Montevideo y fui a la FAU buscar vincularme con gente que era de la Federación Anarquista y yo era anarquista, yo me sentía anarquista.

SIMEPRE TE SENTISTE?

Nosotros por el rock y el heavy metal siempre nos definimos como anarquistas. No hay cabida en nuestra movida sectores oficialistas o conservadores, tradicionalistas...esos son excepciones. Siempre fuimos una cultura transgresora desde la estética...yo creo que mis mentores eran anarquistas y en ese sentido. Tuvo un tío que fue la primera persona que escuché que era anarquista, yo con 10 o 15 años, y por todo lo que planteaba y decía yo quería ser como él. Entonces ahí comenzamos a leer unos periódicos también de lucha libertaria de la FAU que llegaban a Paysandú, y fueron esos referentes que me influenciaron. Cuando vine a Montevideo me han dicho que la FAU era una referencia en anarquismo, que ahí la solidaridad no era tinta mojada en un papel, estaban constantemente en la lucha, con una grande historia. Y ahí comencé a conocer una historia y una vivencia que día a día cada vez es más asombrosa y me plantea un nuevo desafío. En algún momento pienso le puedo dar a la FAU 10% do que la FAU me da a mí.

TU QUE ERES DE PAYDANÚ Y VIVIÓ EN SALTO, VIVISTE MUCHO TIEMPO EN EL INTERIOR, TIENES VIVENCIA CON EL CAMPO...QUE TE PARECES LA PALABRA GAUCHO? QUE ERES EL GAUCHO PARA TÍ?

Bueno, creo que a nivel popular se honra la palabra gauchó. "Hacer una gauchada" es hacer un favor de buena fe, de voluntad, no porque lo piden, no porque otra persona lo está debiendo. Creo que es una homenaje a la idea y la representación de lo que significa gauchó. Gauchó no es ese criollo o ese español que vino a trabajar en el campo. El gauchó en estas tierras, claro, no se puede deja de dar una mirada agraria el asunto, pero una mirada propia, porque ahora me está viniendo en la cabeza los aportes de algunos pensadores sobre el asunto como Oscar Montañó, mi gran amigo, Daniel Vidart, y varios más que han escrito sobre el gauchó. Acá en Uruguay se produjeron muy buenos trabajos. El gauchó como formación, como sujeto si se quieren - bueno, yo soy agrónomo, no conozco mucho de la sociología y la historia -, se forma con las vertientes del lo criollo, de los indios, de los negros - de pueblos esclavos, mejor dicho - y daí se hace el sujeto de resistencia a todo el orden civilizatoria que se hacía luego, el orden de disciplinamiento de los cuerpos en el campo en general y a través de la obligatoriedad de la escuela pública y del alambramiento de los campos, cosas que en buena medida buscaran destrozár la cultura del gauchó. La cultura del gauchó era una cultura retobada... Recordemos una cosa: en Uruguay por lo menos en el año de mil ochocientos y ochenta y algo, la asociación ruralista de Uruguay, con la fundación de la ARU, propone al gobierno del dictador Máximo Santos eliminar el caballo para los labores y tareas del gauchó y colocar el burro o la mula. Eso era porque el gauchó era un gran jinete porque trabajaba todo el tiempo con el caballo y era mejor que los milicos con el caballo, luchando, combatiendo, metiéndose en los montes, escapando de las autoridades del momento. Entonces cuando la asociación rural propone que al gauchó se saque el caballo hubiera sido un quilombo de la puta madre, un lío, un gran lío, porque imaginarse... Yo no podría relatarte académicamente sobre eso pero en nombre del gauchó no desmembro las nociones y formaciones de la práctica y por qué no de las cuestiones filosóficas y políticas de la época, de

los pueblos esclavos y libertos, indios acá de Uruguay, charruas, arachanes, que sin duda también aportaron la composición política e ideológica de Artigas, que fue un líder que realmente tuvo mucho que ver con el gauchaje, intentos patrióticos, libertadores, bastante distintos de lo que querían San Martín, Bolívar y otros líderes. Hay muchas cosas del gaucho para leer en la poesía criolla. Otra cosa que quería decirte es que en estas tierras de Uruguay, de Rio Grande, no teníamos pueblos indígenas agricultores, con riego, ese tipo de sistema. Principalmente se manejaba los rodeos animales, la oferta floral y frutícola del año, seguramente sería otro tipo de formación con pueblos practicantes de agricultura. Pero el indio comienza a vincularse en el rodeo animal con el gaucho para trabajar en un campo que no estaba alambrado, que el gado era cimarrón, andaba suelto por el campo... Entonces tenemos que en Uruguay, por ejemplo, a nivel social y cultural en el campo no existe las culturas agrícolas indígenas. Acá tiene un fuerte componente de tecnología de punta española, italiana, portuguesa... Pero sí existen rastros de manejo ganadle y de identidades culturales de producción en ganadería con el conocimiento mesclado de la relación del gaucho con el indio.

PIENSAS QUE TIENE A VER ESA CULTURA Y ESE LEGADO DEL GAUCHO CON EL ANARQUISMO?

Algunas cosas, seguramente algunos vínculos deben existir. Yo en eso tampoco soy un erudito ni tampoco soy un atrevido para opinarte, pero existen poesías que reflejen la identidad, que contienen algunos simbolismos propios de los gauchos que a anarquía le gusta mucho, como Orejano de Serafín J Garcia, y hay muchos puntos de contacto con la poética anarquista y libertaria como los que están reflejados en las canciones de Carlos Molina y también en el arte de Chito de Mello a Rivera, es un artista de primera categoría cuanto a calidad de su canto y de su arte en la frontera de Uruguay con Brasil. Hay en eso, claro, un vínculo local, un rechazo de un orden que ha sido impuso, una negación de la autoridad disciplinadora y esclavista, una idea si se quiera anti-colonialista, porque en todos los pueblos de América los "gauchos" de cada lugar, los "gauchos" de Venezuela, los "gauchos" de Colombia, lucharan contra los españoles. Entonces vínculos con el anarquismo...yo creo que sí, de hecho. Las luchas obreras de Tucumán de 1920 liderados por la FORA anarco-sindicalista en Argentina tiene algo que ver con la resistencia de los pueblos originarios, muy cercano al chaco, donde hay el gaucho, tiene El Gauchito Gil, un montón de gauchos en Paraná, en Corrientes. Otra cuestión es que sí, cuando hablamos del gaucho hablamos del gaucho sin pensar en las barreras concretas de Argentina-Brasil o de Argentina-Uruguay o de Uruguay-Brasil. Entonces, bueno, La Patagonia Rebelde, eran trabajadores de la esquila, de la ganadería, eran pobladores locales que se alzaron contra la sangrienta, contra la asquerosa patronal de la Asociación Rural Argentina, y fue una lucha categórica de los anarquistas liderada y encaminada a través de la FORA que era una confederación anarco-sindicalista que canalizó e impulsó un montón de luchas populares de altísimo significado histórico en Argentina... Bueno, no sé si todo, pero yo soy anarquista y reivindico a Martín Aquino, El Último Matrero Uruguayo, lo reivindico por matrero, por rebelde, por su astucia...yo pongo eso con rudimentario conocimiento pero debe existir mucho más que no se conoce de rebeldía en el campo...Y CHARLAN SOBRE ESO EN LA FAU? Sí, por la idea que se tiene del gaucho, una idea rebelde, es un asunto un tanto común.

COMO VES LA FRONTERA?

Bueno, son límites administrativos que se ponen a repartir un pedazo de tierra, un tanto institucionalizados, naturalizadas, cerca de la noción de límite como herramienta disciplinadora de las mentes. Me fui mucho a Rivera. COMO TE SIENTES EN LA FRONTERA? Muy bien, me gusta mucho, no hay problema con las gentes, pero no me siento bien en la comisaría, en la delegación no me siento bien... La frontera es linda...Bella Unión, Rio Branco, Chuy...

COMO FUE CONSTRUYER LA RELACIÓN CON LOS COMPAS DE FAG, DE FAR, Y LA RELACIÓN HOY COMO ESTÁ?

Bueno...tenemos las páginas de Facebook, acompaño las cosas que se suceden en las ciudades. Siempre tenemos en la FAU un relacionamiento que se quiere ser mundial, con organizaciones de todos los cantos. Los vínculos son esfuerzos de interpretar al máximo lo que se suceden en los lugares donde hay propuestas rebeldes que no se reivindican anarquistas pero son propuestas de emancipación, de lucha de clases, ojalá son anarquistas no de la misma manera nuestra pero sí ramos de un árbol, y eso te obliga alegremente a llamarlos de compañeros porque efectivamente son compañeros. La naturaleza de las relaciones con la FAG son de una propuesta específica y concreta de una organización anarquista, que en varios momentos fue cobrando diferentes formas y propuestas para llegar a la FAG, donde yo tengo el placer de conocer a varios compañeros, compañeros queridísimos que fueron con seguridad y con contundencia ideológica armar una propuesta seria, una propuesta que no era una aventura ni una ocurrencia elaborada para el momento si no formar una organización que dé respuestas a las injusticias del momento y que tenga la capacidad de producir alternativas y colocarse a la altura de las circunstancias que está viviendo el pueblo trabajador, trabajadoras y trabajadoras, desocupados y desocupadas, los pobladores y pobladoras quilombolas de Porto Alegre y del estado de Rio Grande do Sul, y a su vez extender eso a otra propuesta reconociendo y dándole valor a otras propuestas que tenemos en este continente llamado Brasil. Yo no puedo decirte todo esto sin pensar en este momento porque a mí también en buena medida yo lo vi y continuo aprendiendo todo eso que es la capacidad de propuesta y de militancia que para mí es formación también, personal, que me produce una certeza enorme que es, por ejemplo, la actividad, la práctica de la propuesta, la capacidad admirable del compañero (*militante brasileiro*). Yo veo una foto de un artículo de FAU en la casa de compañeros más viejos que en esa época estaban a la frente de de la organización y que fueran referentes del inicio de mi militancia en la FAU...Hay todo un tiempo y muchas vivencias que han producido una interacción muy grande con la FAG. Van para 25 años. Seguramente se están incorporando a la FAG compañeros y compañeras que no tienen 25 años, que tienen menos, qué importancia esta otra generación! Eso es una cosa que debería ser anotada, las relaciones FAU-FAG, que propuesta, lo que acabó, lo que se llevó adelante... Acá nosotros sabríamos que pasaba algo con FAG y en 15 minutos estábamos en Brasil, sin problema. Con la FAG se arma una idea que luego son de las organizaciones sociales, y luego se construyó la propuesta de ELAOPA, primero una instancia dentro del Forum Social Mundial de Porto Alegre. Y no se trata de competición o de decir "mira lo que estamos haciendo", pero de decir "que buena cosa que se están haciendo en otros lugares!". Y así surge el vínculo con la Columna Libertaria Joaquín Penina. Es otro relacionamiento, importante, pero con una raíz y una naturaleza distinta de la FAG, por el tiempo, porque tienen otro tiempo de lectura, por el estilo y las tradiciones concretas, formación social distinta. De

Rosario lo conocíamos algunas experiencias de colectivos anteriores y que tuvieran vínculo con FAU, vínculo riquísimo. Aparecen con la actividad de una militancia barrial, nosotros nos conocemos en Buenos Aires, compañeros muy macanudos, y comenzamos los vínculos. Durante un buen discutimos, cambiamos materiales, armamos propuestas...Un día los compañeros vinieron con una propuesta de varios intentos, con varias organizaciones de Argentina, una propuesta que fuera para todo el país. Vamos armar una organización federativa, que busque un alcance de diferentes luchas de los pobres de la ciudad de Rosario, de la provincia de Santa Fe, y ahí los compañeros nos anuncian que van armar una propuesta de Federación Anarquista a Rosario y nos invitan a participar, y ahí comienza otro relacionamiento. Bueno, tienen etapas, historia e trayectorias distintas que la de la FAG, y por eso que eso de hablar de las relaciones FAU-FAG-FAR me parece una pseudoigualdad dónde no lo existe. Y no quiero con eso nivelar o hacer cosas como un segundo, tercero o cuarto nivel, si no simplemente ser justo, sin quitar el merito y sí rindiéndole honor.

BUENO, GRACIAS CHE!

CHARLA 4 - MILITANTE DA FAR

11.11.2017

Local: Centro Social Anarquista, Rosario.

O Centro Social Anarquista é a sede da Federação Anarquista de Rosario.

Em função de solicitação do entrevistado a *charla* ocorreu em português, porém a riqueza doportunhol foi mantida.

38 anos

Ocupação: municipalário.

DE ONDE TU ÉS?

Eu nasci aqui em Rosario em 1979. Venho de uma família de profissionais mas estudei só um pouco e depois trabalhei até hoje. Agora trabalho na municipalidade, sou municipalário, mas trabalhei em diferentes lugares do setor público e do setor privado.

COMO FOI O COMEÇO DA TUA MILITÂNCIA?

Eu acho que comecei com o anarquismo...fiquei perto no final dos anos 1990 de uma organização chamada OAR - Organización Anarquista de Rosario -, uma organização especificista. Era muito pequena mas era uma organização com ideias muito claras. Não militei dentro dessa organização mas fiquei perto com um trabalho social em um dos bairros de Rosario, um trabalho com povos originários, a comunidade Qom. Por outro lado empecei a ir a uma biblioteca anarquista depois de ter lido a relação entre Garibaldi e Bakunin. Eu sempre admirei a figura do Garibaldi e interei sobre a relação de amizade entre ellos, e assim me acerquei al anarquismo.

NA TUA CASA SE FALAVA SOBRE POLÍTICA?

Depois de alguns anos eu me interei que mi bisavô era anarquista, se chamava (*nome do entrevistado*) também, pero foi depois que eu me interei do anarquismo. Meu avô era do Partido Socialista, era trabalhador bancário e meus pais falavam de política. Minha mãe era cercana do Partido Radical e mi pai cercano ao peronismo. Se falava de política mas pouco porque eles militaram pouco.

O QUE ÉS A FRONTEIRA PARA TI? O QUE VEM À TUA CABEÇA QUANDO OUVES ESSA PALAVRA FRONTEIRA?

Eu viajei por algumas províncias da Argentina e por algumas passagens fronteiriças com outros países, entre eles a fronteira com Brasil, com Uruguai, Bolívia, Chile e Paraguai. Sempre notei que existem muitos pontos em comum entre as populações das fronteiras, e em caso de latinoamerica as fronteiras são muito mais virtuais que na Europa, são inventos dos Estados locais, das classes dominantes locais, são muito jovens as fronteiras cá em latinoamerica. Tive a oportunidade de conhecer a província de Misiones e fiquei por ejemplo na localidade de El Soberbio⁵³, uma localidade onde todo mundo falava português e poucas pessoas em espanhol.

⁵³ Cidade fronteira com o Brasil - RS.

CONTINUANDO COM ESSA RELAÇÃO ALÉM-FRONTEIRAS, MAIS ESPECIFICAMENTE FALANDO DOS VIZINHOS BRASILEIROS E URUGUAIOS, COMO SE CONSTRUIU E COMO É A RELAÇÃO DE VOCÊS COM OS COMPANHEIROS DA FAU E DA FAG?

Em princípio tem muita relação com o planejamento do anarquismo especificista. O anarquismo especificista tem a particularidade de que se fortalece através do crescimento dos diferentes lugares, através do nascimentos das organizações especificistas, das federações, e se debilita se não existem outras organizações em outros lugares do cone sul. O desenvolvimento do anarquismo especificista tem perta relação com o planejamento da FAU, da FAG, das outras organizações da CAB, e sua influência em outras organizações na Argentina e em outros países como Chile, Paraguai, Colômbia, Peru, está intimamente ligado com o desenvolvimento em outros países. As travas, as dificuldades, tem que ver muito com as barreiras culturais dos idiomas e com os diferentes níveis do desenvolvimento das organizações, diferentes momentos, diferentes anos de vida. A FAR tem 10 anos mas constituída como FAR, com esse nome, tem quase 3 anos. Mas é importante falar que a estratégia do especificismo tem relação direta com o desenvolvimento de organizações em diferentes países. Não existe centralidade da estratégia. Está muito ligada ao federalismo.

É POSSÍVEL FALAR EM UMA IDENTIDADE COMUM ENTRE AS ORGANIZAÇÕES?

Aqui Uruguai, Rio Grande do Sul e a pampa húmeda argentina tiveram as mesmas formas de produção, de trabalho no campo, as mismas culturas do trabalho, a mesma troca da produção...en ese sentido sim, há identidade, inclusive com el gaucho, a figura da identidade agrária, da identidade cultural do campo. No caso da Argentina pasa algo parecido com o caso brasileiro, fora do Rio Grande do Sul a cultura e a identidade são diferentes, como na Argentina. Você sai da pampa húmeda e tem outras culturas muito diferentes que as culturas nas províncias de Buenos Aires, Entre Ríos, Santa Fe e Córdoba. As outras províncias argentinas são diferentes, têm outras tradições e outra história. Em todos os casos em Argentina sempre tentando ocultar o passado dos povos originários. Eu não conheço bem o caso do Rio Grande do Sul...

É INTERESSANTE PORQUE SABE-SE QUE DEPOIS DA AMAZÔNIA O LUGAR COM MAIOR NÚMERO DE PESSOAS COM ASCENDÊNCIA INDÍGENA É O RIO GRANDE DO SUL. LÁ NO RIO GRANDE É UMA LUTA MUITO GRANDE PELAS DEMARCAÇÕES DE TERRA FRENTE O AVANÇO DAS MONOCULTURAS, PRINCIPALMENTE DA SOJA. AGORA TEMOS O PROBLEMA DO MARCO TEMPORAL. Sim, sim, já li sobre eso. QUE DEVE FACILITAR O DESPLAZAMIENTO DE MAIS POVOS ORIGINÁRIOS EM TODO PAÍS. TAL É O RETROCESSO HOJE QUE A LUTA NÃO É PARA CONQUISTAR DIREITOS, MAS É PARA NÃO PERDÊ-LOS, A LUTA É PELA PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA. BUENO, FALANDO NISSO, ALGO QUEM MUITO A VER, O QUE É O GAUCHO PARA TI? O QUE TU PENSAS QUANDO OUVES A PALAVRA GAUCHO?

Acá na Argentina, nesta região, o gaucho foi...existem várias interpretações, e depende do período histórico. Originariamente o gaucho não era um camponês, era um trabalhador que trabalhava para alguns senhores ou não. No século XIX e no princípio do século XX alguns colonos vindos da Europa, Itália, Espanha, França e outros países, haviam vindo para trabalhar a terra com promessas dos governos locais de prosperidade, de melhor vida do que

na Europa. Então alguns desses colonos assimilaram certos costumes da população gaucha local. Mas a identidade gaucha hoje tem relação direta com uma identidade inventada pela historiografia oficial dos fundadores do Estado Nacional, dos fundadores da pátria, de ideologia nacionalista, tradição... Também existiram no século XIX até o meio do século XX uma identidade gaucha vinculada às montoneras federalistas, federalismo dos povos das províncias, um federalismo de baixo, um tipo de federalismo, como dizer, mais igualitário. A identidade gaucha tinha essa relação com as montoneras gauchas, chamadas assim: montoneras gauchas. Ejemplo disso é a experiência histórica das montoneras das províncias de La Rioja, Catamarca, Santa Fe, Entre Ríos, que tinham figuras como Chacho Peñaloza, Felipe Varela, Facundo Quiroga, Pancho Ramirez, López Jordan, Estanislao López... Alguns deles tinham muita identidade com as pessoas do campo, com os gauchos. Em Uruguai também, com a figura de Artigas. Mas essa concepção, essa identidade gaucha o Estado centralista que ganhou as brigas internas impuso outra identidade gaucha que é muito superficial, que tem muito que ver com a pessoa que tem vacas, tem campo, se veste de uma maneira muito particular, o dono dos meios de produção digamos assim. **MUITO SEMELHANTE AO QUE SE PASSA NO RIO GRANDE DO SUL... ÀS VEZES É ATÉ UM POUCO DIFÍCIL DISTINGUIR O PATRÃO DO TRABALHADOR RURAL, E ESSA IDENTIDADE FOI CAPTURADA POR UMA IDEOLOGIA QUE NO CASO DO BRASIL É REGIONALISTA.** Um dato importante que tem que ver com o final do século XIX um escritor daqui, Jose Hernández, escreveu Martín Fierro, que é uma análise sociológica no gaucha nesse momento, inclusive com suas misérias, suas problemáticas e seus enfrentamentos com os povos originários. No meio do século XX um escritor anarquista, Ezequiel Martínez Estrada, publicou um livro com a reinterpretação do Martín Fierro e uma análise das questões que estavam nas entrelinhas da análise de Hernández, é muito interessante esse material⁵⁴. Ele é um intelectual que vem do anarquismo. E também existiu uma confluência da cultura gaucha tradicional e os trabalhadores rurais que vieram da Europa, que formou uma nova identidade, inclusive com o anarquismo. Tiveram muita relação com alguns processos e hechos históricos que aconteceram por ejemplo na Patagônia rebelde. Os trabalhadores rurais que foram assassinados pelo Estado tinham muita identificação com os gauchos. Mira a película La Patagonia Rebelde e vê o personagem Facón Grande que era um gaucha nascido em Entre Ríos - ele existiu de verdade. Muitos migraram do centro do país e da pampa húmeda, e também de Chile, para a Patagônia. No Chile também há regiões muito identificadas com isso, não se dizem gauchos mas são parecidos. Também o anarquismo ficou perto da identidade gaucha em El Grito Alcorta que foi uma rebelião popular dos pequenos agricultores das províncias de Santa Fe, Entre Ríos, Buenos Aires e Córdoba, com epicentro em Alcorta, uma localidade do sul de Santa Fe. Também aí tem muita relação com a identidade gaucha. Também teve relação com os bandidos rurais. Teve muita identificação a identidade anarquista com o ladrão gaucha. Houve muitos ladrões que foram influenciados pela ideologia anarquista, como Vairoletto, Mate Cocido e outros ladrões do campo, expropriadores. Acá se llaman historicamente cuatros, porque roubavam ganados. Também anarquistas escreveram algumas coisas em referência ao gaucha que quedó

⁵⁴ Referência a *Muerte y Transfiguración de Martín Fierro: ensayo de interpretación de la vida argentina*. (MARTINEZ ESTRADA, 1948).

desempregado no princípio da industrialização argentina. Com o gaúcho desempregado alguns anarquistas se identificaram, e um escritor produziu La Carta Gaúcha que teve esse ponto de contato com a identidade gaúcha. E depois há um autor que se chama Julio Mafud que escreveu um trabalho sociológico sobre as diferentes regiões produtivas e as diferentes realidades do trabalhador na Argentina. Ele diz que o anarquismo não soube interpretar a questão nacional - não nacional do Estado mas da identidade popular dos gaúchos - e que as montoneras gaúchas do século XIX não souberam interpretar e se identificar com a questão classista. Foram dois movimentos bem de baixo que não souberam interpretar isso, e que possivelmente mais adelante o peronismo viria a interpretar melhor⁵⁵.

PELO QUE TU FALASTE, APESAR DA SUPERFICIALIDADE E DA IDEOLOGIZAÇÃO NACIONALISTA DO GAUCHO, A IDENTIDADE TEM MUITOS PONTOS DE CONTATO COM O ANARQUISMO. ENTÃO, QUE COISAS, QUE ELEMENTOS DA IDENTIDADE GAUCHA TU ACHAS MAIS PRÓXIMOS DO ANARQUISMO?

Eu acho que tem certos pontos muito interessantes, como Martín Fierro, que tem uma identificação genuína com o povo local, mas hoje no século XXI eu vejo muito dificultoso continuar com esse resgate como era no meio do século XX. Hoje há muitas mudanças. Esse gaúcho de hoje é distinto daquele gaúcho do século XX e daquele do século XIX, inclusive do personagem Martín Fierro. Cá na Argentina gaúchos existem cada vez menos. Cada vez menos pessoas se identificam com a identidade gaúcha. Em algumas pequenas localidades de Buenos Aires, Santa Fe, Córdoba e Entre Ríos, mas é muito pouco. Acho que é isso, na Argentina é mais na história.

E UMA ÚLTIMA PERGUNTA: COMO TU VÊS O FUTURO DAS RELAÇÕES COM OS COMPANHEIROS DO RIO GRANDE DO SUL E DO URUGUAY?

Eu acho que tem muito que ver com a estratégia do especificismo que tem por um lado os encontros como ELAOPA, os demais encontros das organizações anarquistas do Cone Sul. Tem muito que ver com estar periodicamente em encontros - a estratégia do especificismo se fortalece com os encontros bilaterales ou multilaterales. Ambos os encontros e a multilateralidade. Acho que daqui pro futuro as lutas nas diferentes regiões vão ter que contar com uma solidariedade próxima entre as organizações. Você tem que ver que a FAG com Rosario tem pouco mais de mil quilômetros. Também tem uns 800 ou 900 quilômetros entre Porto Alegre e Montevideo. Também entre Montevideo e Rosario tem 600 quilômetros. Hay que aproveitar a cercanía da região pra edificar e construir esse anarquismo na região. Dentro do Cone Sul é perto para desenvolver o anarquismo, e isto estamos fazendo agora.

BUENO, ACHO QUE É ISSO...

Entonces hablemos ahora off-record.

DALE!

⁵⁵ Referência às obras *Psicología de la Viveza Criolla* (1965), *Sociología del Peronismo* (1972) e *La Clase Obrera Argentina* (1988).